Virtude e Verdade

Graus Simbólicos

Luiz Fachin

VIRTUDE E VERDADE

Graus Simbólicos

TOMO I

PORTO ALEGRE 2016

Dedico esta obra:

Pelo apoio, a Maria Fátima, Laércio e Thais, esposa e filhos.

Aos meus pais, que me ensinaram, ainda que implicitamente, todos os valores que este escrito contém, os quais, juntamente com as irmãs e o irmão, praticamos e mantemos, permitindo a ligação na plena harmonia, paz, concórdia, fraternização, razão pela qual merecem o tributo.

Aos Irmãos que compreenderam minha diligência e que vivem a Maçonaria dando liberdade à consciência.

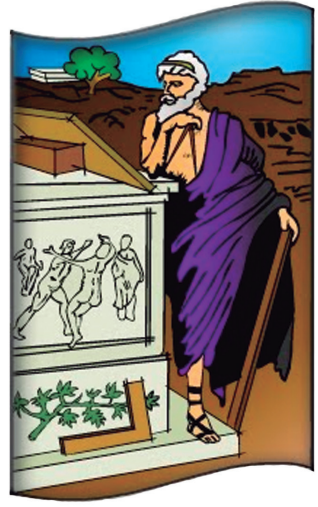
Sumário

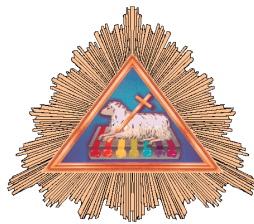
CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

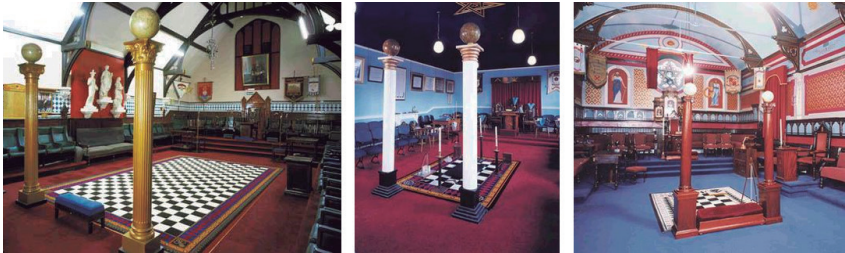
Ilustrações utilizadas no livro

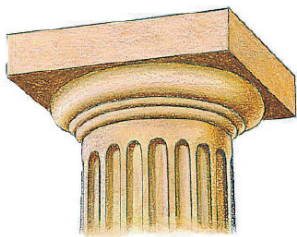
Aprendiz

Companheiro e

Mestre

As Joias usadas pelos Guardas: Interno e Externo do Templo.
Duas Espadas Cruzadas – Alfange e a Espada

Brasão do Maçonaria Adonhiramita e a Bíblia Sagrada

Pilares

Colunas do Templo de Luxor – no Egito

Colunas colocadas na entrada da Loja

Entrada no Templo de Salomão

Instrumentos que resumem o saber e facilitam o acesso ao conhecer

Rito Adonhiramita e Rito Escocês Antigo e Aceito

Painel de Companheiro

Rito Adonhiramita e Rito Escocês Antigo e Aceito

Painel de Mestre

Prefácio

Penso que vários motivos exerceram influência para que tomasse a iniciativa quanto ao propósito de escrever, no que tinha a oferecer, elaborando um trabalho sobre o simbolismo, a filosofia e conteúdo hermético dos Graus Simbólicos, embora sob uma reprodução muito pessoal ou particular.

Originariamente, foi quando o eminente Irmão Orci Paulino Bretanha Teixeira introduziu em meu ânimo motivação que determinou esta minha ação.

Sob essa concepção, veio a ideia de ser lógico que cada criador de obra maçônica siga o seu sistema, como também que o Maçom dos tempos atuais é o herdeiro do sistema constituído de filosofia da Antiga Maçonaria, mas lhe cabe reinterpretar a doutrina e reformular o método de acordo com as revelações ou pensamentos atuais, caso queira extrair, dessa herança, algum valor prático para si.

É verdade que, quanto mais próxima estiver a nascente, mais pura será a água do rio, e, assim, nessa analogia, para poder descobrir os princípios primeiros, deve-se ir à fonte-mãe. Mas, prosseguindo a imaginação primeira, um rio recebe muitos afluentes em seu curso, e estes não estão necessariamente poluídos. Se o desejo é descobrir se a água desses afluentes é pura ou não, basta compará-la com a corrente original. Feito isso, se ela obtém aprovação acerca de sua qualidade, nada impede que se misture com as águas principais e aumente sua força. Ocorre o mesmo com essa nossa transmissão de acontecimentos e lendas: o que não é antagônico deve ser assimilado. A fé morta não recebe influência do pensamento contemporâneo.

Quando se lê sobre os sete princípios atribuídos a Hermes Trismegistus toma-se conhecimento da Lei que rege todas as coisas manifestadas e que instruirão a humanidade para sempre. E, quando se lê que Salomão ajustou com o Rei de Tiro o fornecimento de homens e materiais para a

construção do Templo, aprende-se que os famosos mistérios de Tiro devem ter influenciado profundamente as atitudes de espírito dos hebreus.

A narrativa acima é outra das causas dessa intenção.

Entretanto, uma razão em especial foi fundamental para que eu começasse a dedicar tempo a isso e poder prestar alguma contribuição aos adeptos dessa corrente filosófica, qual seja, a tentativa de oferecer maior transparência à liturgia e facilitar a interpretação, como referido acima, para aumentar a sua força, no sentido do bem, útil e elucidativo, ou seja, para emocionar e acrescer na intensidade das palavras a respeito da simbologia, da liturgia e do hermetismo dos graus para que se obtenham novas revelações ou explicações e, consecutivamente, a constante evolução.

De igual modo, é intenção procurar desenvolver mais uma fonte destinada à consulta aos que têm de enfrentar as tarefas de apresentar as peças de arquitetura que são exigidas para acesso aos graus, justamente porque a redação deve obedecer aos princípios básicos dessa tendência doutrinária.

Num valor semelhante ao mencionado antes, importa ressaltar que todo leitor é amante do conhecimento ou daquilo que está muito além de seu domínio, **a verdade**. Logo, o enfoque desse valor espiritual é de buscar a sabedoria, relacionar-se com ela e dividi-la com os outros. Este, portanto, é o maior componente de estímulo que presta constantemente ao que gosta de estudar.

Diante disso, apoiado no pensamento crítico, o objetivo é servir de guia a outros e buscar em conjunto o discernimento do inexato e do verdadeiro, porém sem julgamentos nem de um lado nem de outro, nem afirmar este é melhor e outro é pior, nem especificar se o nome do arquiteto é "a" ou "b"; o importante é a essência da mensagem.

Particularmente, vivo a era do século XXI e, por essa razão, o que conheço é pelo que me foi transmitido, oralmente ou por escrito; não sou historiador; aliás, penso haver muita dificuldade em obter provas sobre esses fatos. Dos escritos com que tem aproximação, boa parte é somente pela aplicação das regras da lógica.

Lembre-se, também, que um estudo maçônico aberto ao público deverá conter "apenas" informações gerais, que possam ser facilmente obtidas em livros básicos de história, filosofia e simbologia maçônica. Re-

servamos aos membros da Ordem todo e qualquer ensinamento que seja de conhecimento "exclusivo" do Maçom, que deverá ser apresentado internamente e nos momentos adequados.

Dessa forma, cautelosamente, o que se revela nesta obra está de acordo com o devido "sigilo maçônico", objetivando apenas o aprimoramento moral e intelectual de todos aqueles que queiram beber desta fonte imensurável de Luz, a nossa Sublime Ordem Maçônica.

Diferentemente, as citações bíblicas têm como análise e interpretação a Bíblia Sagrada Evangélica, porque, quiçá, esta e a Maçonaria surgiram na mesma circunstância social, do que se deduz ser a razão de sua adoção nos trabalhos litúrgicos e, por consequência, as transcrições assentadas.

Sou católico de origem, onde recebi todos os Sacramentos possíveis e não tenho pretensões de abandonar a minha procedência, até porque Ele quis assim e eu não quero contrariá-Lo.

Quanto ao título: virtude, com os conceitos expendidos, é possível possa contribuir para a melhoria do comportamento pessoal; e verdade, evocando as palavras do Sumo Pontífice João Paulo II: *a fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade,* e assim, quem sabe, a concordância e a soma de ideias consigam estabelecer a verdade.

Sob esse atributo, creio no curso do tempo desaparecer o imaginário de haver incompatibilidade entre a Igreja e a Maçonaria, face à contradição que se revela no próprio tema e o estabelecido na Encíclica de 14.9.98, bem assim tendo em consideração que o verdadeiro Maçom crê na existência de um Ser Supremo e, por via racional, toma a defesa da investigação constante da verdade.

Introdução

A obra

Este livro é uma tentativa de compreender um pouco mais a Maçonaria, os seus Rituais ou apenas dar a conhecer os temas objeto dele.

Os assuntos tratados se desdobram, obviamente, pela pesquisa, mas também a partir da mais simples interpretação litúrgica até a mais acurada indagação filosófica a observar minuciosamente a literatura maçônica.

Do mesmo modo que se concebe da imaginação geral, eis que se diz: "não são as respostas que movem o mundo, mas sim as perguntas", também este trabalho segue essa acepção.

Certo é que "ninguém nasce sabendo". Sob esse aspecto, os assuntos não são inéditos, mas, ainda que incomuns não sejam, penso que cada vez que há ponderações sobre quaisquer deles, por consequência, terão eles, quase sempre, uma evolução.

Ocupei-me sobre alguns temas dos Graus Simbólicos e tentei afinar a observação acerca deles, tecendo-lhes considerações sem *firulas* e sem floreios. É nesse particular que o fiz a fim de melhor conhecer o significado e a "verdade" de cada ensinamento, sobre os quais se fez e se faz necessário compreender que a "instrução" é a ligação entre o texto e nossa mente, a ponto de se sentir no íntimo da matéria exposta, de forma que o seu entendimento ocorre quando se pode completamente dominá-la.

Na realidade, tentei escrever algo diferente sobre as proposições demonstradas, que não são muito ou tão analisadas e comentadas, como os conceitos que podem ser encontrados em qualquer *site* maçônico.

De qualquer modo, os textos contidos nesta impressão tiveram seu início já quando me foi entregue um questionário para responder, não só por escrito, mas, ao mesmo tempo, para saber ou conhecer de modo intuitivo as suas respostas com o propósito de submissão a prova oral e o fim definitivo para o acesso ao Grau 2. Mas, a efetiva dedicação para

o feito ocorreu a contar do momento em que, com o seu nobre gesto, o eminente Irmão Orci avigorou essa disposição que determinou a ação de compor sobre matérias maçônicas.

A partir de então, a correlação de ideias e conclusões são o resultado de pesquisas e, por evidente, vêm somadas a opiniões pessoais.

Fundamentalmente, o estudioso da Maçonaria dispõe de fontes que parecem inesgotáveis, devido à abundância de pontos de vista que podem ser produzidos sobre suas ideias e seus ensinamentos, que transmite através de símbolos, emblemas e alegorias e em virtude da universalidade e do ecletismo da Ordem.

Já atualmente, acerca de certos temas, é até embaraçoso opinar, pela própria fartura de interpretações. O objetivo, pois, nesta pequena apreciação das proposições que vão ser demonstradas e que exigem certa atenção, além de, talvez, aclarar ou dar outro sentido ou outra explicação ao que foi examinado, é tê-las à disposição como temas importantes para um Maçom, e a cada leitura avançar mais um passo em busca do aprimoramento pessoal. Essa marcha, das trevas para a luz, possibilitou a confecção deste despretensioso trabalho, dentro da máxima atribuída aos Sete Sábios (650 a.C. a 550 a.C.) inscrita no oráculo de Delfos: "ΓΝΩθι ΣΑΥ*TON*" – CONHECE-TE A TI MESMO.

Título I – Grau de Aprendiz

O Grau de Aprendiz é o primeiro Grau do progresso hierárquico da Maçonaria Simbólica. É o primeiro contato que o Maçom tem com os instrumentos do ofício de construtor que sintetizam o saber e facilitam o acesso ao conhecer.

A instituição e o Maçom

Lembro-me, ou procuro lembrar, sempre, que a liberdade de pensamento e o racionalismo são princípios fundamentais da Maçonaria, na qual há adeptos em todo o mundo e que apoiaram e apoiam os movimentos progressistas, tais como a Revolução Americana (1776), a Revolução Francesa (1789-1799)[1] e, no Brasil, como a sua Independência, a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República, assim como os direitos fundamentais do homem contidos em seu lema: **Liberdade, Igualdade** e **Fraternidade**.

Esforço-me por ter em mente, também, a definição da Maçonaria. É o preceito contido na Constituição do Grande Oriente do Brasil de 1991, em seu artigo 1.º, o que, atualmente, é um dos ensinamentos contidos no ritual da cerimônia de iniciação do Grau 1, nos Ritos adotados pelo Grande Oriente do Brasil.

> *A Maçonaria é uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista. Proclama a prevalência do espírito sobre a matéria. Pugna pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, por meio do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência*

[1] Ritual do Grau 32, *SCB p/REAA*, 2009, p. 39.

e da investigação constante da verdade. Seus fins supremos são: ***LIBERDADE, IGUALDADE*** *e* ***FRATERNIDADE.***[2]

Trago na memória, também, e objetivamente registro que o Grande Oriente do Brasil adota vários Ritos, como oficiais: Rito Escocês Antigo e Aceito, Rito Brasileiro, Rito Adonhiramita, Rito Moderno (também chamado Rito Francês), Rito Schröder (de origem alemã), Rito Escocês Retificado, e o Ritual de Emulação (conhecido no Brasil como Rito de York), de linha inglesa[3].

Diante dessa condição, logo me vem a concepção de duas virtudes que julgo da maior importância: **tolerância** e **humildade**. Na hipótese, ser tolerante é ter o respeito, a aceitação e o apreço à diversidade das culturas, dos diversos modos de expressão e das maneiras de exprimir a qualidade das pessoas. E ser humilde é ter ciência da nossa fraqueza. É a virtude dos sábios. Com a sua prática, abrem-se largas portas para a aquisição do conhecimento. Significa modéstia, respeito, reverência.

A alusão acerca de tais virtudes permite se registrem mais algumas palavras, quais sejam: o Maçom que se encontra no estágio em que já conhece a Maçonaria, segue uma corrente de pensamento representada pelas seguintes regras de proceder: honra os juramentos; honra os compromissos a que se submete; toma posse de seus propósitos; tem consciência de que ela é uma escola de conhecimento. Consequentemente, penetra no território das ideias ou pensamentos pessoais ou individuais; por certo, gradativamente se eleva espiritualmente no seu "Eu Sou", no interior de sua Cátedra Maçônica; e, genuinamente, como ainda conscientemente, pratica tais conhecimentos, o que o difere de uma cátedra comum pertencente ao mundo profano.

Se for verdadeira a assertiva de que o Maçom está dotado do livre-arbítrio e de inteligência é do seu dever buscar o aperfeiçoamento, continuamente. Essa é a intenção.

---

[2] Constituição do Grande Oriente do Brasil, artigo 1.º, 1991.

[3] http://www.gob.org.br/gob/index.php?option=com_content&view=arti-cle&id=217&Itemid=193.

Título II – O Processo Iniciático na Maçonaria

O processo iniciático trata-se da sucessão de estados do pensamento, obviamente depois do ingresso, que se sucede pelo convite de um Maçom que observa no candidato duas qualidades básicas: ser homem livre e de bons costumes, o que é comprovado com certidões expedidas pelos cartórios judiciais e de protestos, além de outros meios, inclusive o estado de sanidade física e mental do candidato.

Independentemente da maneira pela qual se realiza a admissão, é preciso ressaltar, tal como exposto no final do tema anterior, quando se trata de um Maçom verdadeiro, o livre-arbítrio e a inteligência levam-no à busca do aperfeiçoamento e, por consequência, ao intenso empenho para atingir a sua verdadeira acepção.

Com essa animação e por ilação, o processo iniciático reúne: a crença e a razão; o conhecimento empírico e a experimentação; a observação e a especulação; e é um processo sempre individualmente realizado, pelos caminhos e pela forma escolhidos por cada um, segundo as suas capacidades, necessidades e disponibilidade, mas também sempre com o auxílio, a força, a cumplicidade, a disponibilidade do grupo em que se insere. Atualmente, a Loja.

Para tornar mais compreensível, observe-se a narrativa sobre o sucedido com Platão:

> *Platão, aos 25 anos de idade, encontrou Sócrates quando este debatia com jovens sobre o "justo" e o "injusto", o "belo", o "bom" e "verdadeiro", momento em que se operou uma revolução completa no seu espírito. {...} E, mais, instantes anteriores à morte de Sócrates, este entabulou uma conversa com os seus discípulos sobre a imortalidade da alma, fixou-se no coração de Platão "como o mais belo espetáculo e o mais santo mistério". Foi a primeira e a grande iniciação de Platão. Assim,*

passou a estudar, entre outras ciências, física e metafísica. Fundou a sua Escola. Com o falecimento de Sócrates, Platão começou a viajar em busca de conhecimento. Visitou filósofos da Ásia menor e do Egito, entrou em contato com seus sacerdotes e passou pela Iniciação de Ísis. Depois, foi para a Itália meridional para se juntar aos pitagóricos, adquirindo, assim, as ideias-mães desse filósofo e o arcabouço de seu sistema filosófico. {...} A doutrina esotérica que é encontrada nos Diálogos de Platão, *dissimulada, moderada, com uma carga dialética argumentativa, contém uma bagagem disfarçada em lenda, em mito, em parábola. {...} Na obra de Platão "existe uma dialética ascendente, que liberta dos sentidos e do sensível, conduz às Ideias e, posteriormente, ascendendo de Ideia em Ideia, alcança a Ideia Suprema". {...} Platão distancia-se de seus antecessores pela via do conhecimento, por meio da dialética, do amor, da filosofia e das virtudes. Com isso, o ser humano transcende "o mundo sensível para o mundo inteligível, em busca daquilo que lhe é semelhante; as Ideias e o Bem". {...} A "dialética ascendente se eleva até à Ideia de todas as Ideias, ou seja, 'o Bem', que ultrapassa em majestade e em poder a própria essência e que se mantém, portanto, para além dela". Para Platão, buscando o Bem, o Justo, a alma se purifica e se prepara para conhecer a Verdade, sendo esta a condição indispensável para o progresso, pois, alargando a ideia do Belo, a alma atinge o Belo intelectual, aquela luz inteligível mãe das coisas e animadora das formas, das substâncias e órgão de Deus. {...} Platão, abrindo as grandes vias para o espírito humano, definiu e criou "a categoria do ideal, que devia substituir por séculos, e substitui até nossos dias, a Iniciação orgânica e completa". Segundo o filósofo, o conhecimento da Iniciação "nos dá a justificação e a razão de ser do Idealismo". {...} A Iniciação "é a penetração dessas mesmas verdades pela experiência da alma, pela visão direta do espírito, pela ressurreição interior"; no grau supremo, "é a comunicação da alma com o mundo divino"; o "Ideal é uma moral, uma poesia, uma filosofia".*[4]

Por meio da lição trasladada, percebe-se que a Iniciação é um processo essencialmente individual, mas mostra, com clareza, ser dependente do coletivo, que conduz ao aperfeiçoamento espiritual e, por via dele, ao maior grau de aptidão moral e social. Assim, cada um estará no seu estágio de aperfeiçoamento e seguirá no seu ritmo.

---

[4] TEIXEIRA, Orci Paulino Bretanha, citando Édouard Schuré, *Os Grandes Iniciados*, e Paulo Margarida Nichele, *Indagação sobre a Imortalidade da Alma em Platão*. ***Platão***. Trabalho apresentado na Academia Maçônica de Letras do Rio Grande do Sul. Nov. / 2014.

Vale recordar, também, que o método iniciático de ensino, adotado pela Maçonaria, segundo os historiadores, é baseado na interpretação de símbolos, emblemas e alegorias, originariamente dos Sumérios e Babilônicos[5] e creditam, igualmente, apanágio às Escolas Iniciáticas Pitagóricas e Egípcias, das quais recebeu a tradição simbólica que guarda intacta para transmiti-la até hoje aos seus Iniciados[6].

Ao mesmo tempo, a filosofia, o conteúdo litúrgico e o seu hermetismo têm origem nas antigas Fraternidades Iniciáticas, que, intuitivamente, vão permeando pelo desenvolvimento autodidático e pessoal, na medida em que não se dispõe de organizações metódicas de estudo, mas, em contrapartida, de instruções em conjunto, fazendo com que os impulsos de cada integrante e, esses, transmitidos aos demais, conduzam ao conhecimento necessário para a busca da iluminação individual interior.

Semelhante ideia é articulada quando as autoridades constituídas concedem o acesso ao estudo progressivo, que se materializa com o conjunto de conhecimentos revelados pelas Oficinas Litúrgicas. A elevação, "passo a passo", nessas classes iniciáticas, se sucedem à medida da satisfação dos pressupostos exigidos para a referida ascensão. Porquanto ao Maçom apresentam-se partes da liturgia e da doutrina maçônica, com as quais são veiculados fatores de transformação e de habilidades que provêm de conhecimentos adquiridos e de evolução.

Por isso que há de se agradecer, com reverência, ao Supremo Arquiteto do Universo o dom do saber e da inteligência para servir a Ele e ao próximo, que, por certo, os seus presentes serão sempre generosos.

A Iniciação

INICIAÇÃO, no sentido de *teleute* – "realização", é fazer morrer. Iniciar é, de certo modo, provocar a morte. Mas a morte é considerada uma saída, a passagem de uma porta que dá acesso a outro lugar. A saí-

---

[5] PERRY, Marvin. *Civilização Ocidental: uma história concisa*, 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

[6] CONTE, Carlos Brasílio. *Pitágoras, Ciência e Magia na Antiga Grécia*, 3.ed. São Paulo: Madras, 2008.

da, então, corresponde uma entrada. Iniciar é também introduzir. Assim, o iniciado transpõe a cortina de fogo que separa o profano do sagrado, passa de um mundo para outro, e sofre, com esse fato, uma transformação; muda de nível, torna-se diferente.[7]

Na sequência, expendem-se enunciações de vários escritores referentes ao significado e à importância da Iniciação, seja pela intensidade, pelo vigor na ação e na consciência e no que diz respeito a sua essência, tornando o seu sentido mais compreensível.

Primeiramente, entende-se por INICIAÇÃO a causa que gera uma mudança interior. A morte de um modo inconsciente de viver para um estado consciente de uma nova forma de ser. De maneira que INICIAÇÃO é porta pela qual se entra para a maior de todas as ciências, a do oculto. Profundamente vivida, nos faculta e nos habilita a penetrar nas profundezas do nosso ser e a descobrir a riqueza inexplorada de faculdades que ainda não foram postas em ação. É o ato de submeter a consciência a um processo de transmutação, de renovação, para um novo estado mental ou de espírito, para uma outra forma existencial; um outro padrão de comportamento da personalidade em relação ao mundo visível e o oculto.

Na mais remota antiguidade, somente os que adentravam nos emaranhados trajetos filosóficos recebiam a INICIAÇÃO. Porém, tanto no passado quanto no presente, ela representa a peregrinação do ser humano da vida mortal para a imortal e às experiências póstumas da Alma ou Espírito nos mundos subjetivos, como também representa as leis do aperfeiçoamento da consciência, pelo desenvolvimento progressivo de seus poderes internos, ou espirituais. Entretanto, poucos assim a compreendem: "Só para os poucos devidamente preparados e dispostos a *trilhar o caminho estreito como o fio da navalha,* ainda vigora, em sua plenitude, a lei, escrita por Mateus 22:14, de que ***muitos são chamados, mas poucos escolhidos***".[8]

Iniciação *é uma alquimia mental que transforma o ser na sua íntegra e não só na sua superficialidade. Uma Iniciação abre os portais da consciên-*

---

[7] CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos,* 24.ed, 2009.

[8] A Bíblia Sagrada, Antigo e Novo Testamento, traduzida ao português por João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil, Sociedade Bíblica do Brasil, RJ. Mateus 22:14.

cia em direção à própria casa da sabedoria divina. Uma Iniciação é plena quando o Iniciado é levado a um grande e impressionante impacto psicológico, que dali para frente tornar-se-á, sem dúvida, um ser diferente, pois conheceu e vivificou o primeiro lampejo da LUZ.[9]

Como se vê, a iniciação excita a parte espiritual do ser e permite o acesso à mais elevada compreensão metafísica do sentido da vida. *O homem se compõe não só de um corpo e de uma alma, mas de quatro partes distintas, às quais daremos seus nomes latinos: Spiritus, Animus, Mens, Corpus.*[10] ou seja, corpo, mente, alma e espírito. A pessoa que passa por tal Cerimônia se transforma e adquire uma Nova Personalidade. O Neófito (literalmente, um novo broto), começa uma nova etapa de sua vida.

Mircéa Eliade, internacionalmente conhecido, nascido em Bucareste, naturalizado norte-americano, numa monografia, assim define a Iniciação: "Por Iniciação, entende-se geralmente um Conjunto de Ritos e Conhecimentos Orais, que têm por finalidade a modificação radical da condição Religiosa e Social do sujeito Iniciado; filosoficamente falando, a Iniciação equivale a uma mutação de regime existencial. Ao final das Provas, o Neófito goza de uma vida totalmente diferente da anterior à Iniciação. Será outro".[11]

Segundo Jesod Bonum, citando Eliphas Lévi, *o Iniciado tem a lâmpada de Trismegisto, a razão iluminada pela ciência, o manto de Apolônio, ou seja, o completo autodomínio de si próprio, e o bastão dos patriarcas, significando o apoio das forças ocultas e perpétuas da natureza. O Iniciado é, portanto, um homem que se libertou das paixões, de constrangimentos e de superstições, pode avançar no desconhecido, nas trevas da ignorância, apoiado no conhecimento que ganhou sobre si próprio e sobre a Natureza, e depois partilhar com outros esse estágio de elevação da sua consciência. O Iniciado é, pois, alguém que atingiu a Luz, a compreensão de si, dos outros e da Natureza, e assim goza com discrição do saber e o poder adquirido, antecipa o futuro, trabalha o presente e recorda-se do passado. O verdadeiro Iniciado não se abate, não desiste, não se rende aos homens sem espiritualidade.*[12]

---

[9] GIRARDI, João Ivo, *Do Meio-dia à Meia-Noite,* 2006.

[10] Ibid.

[11] ELIADE, Mircéa, *Nascimentos Místicos*, Ed. Gallimard, 1975.

[12] LEVI, Eliphas, *Segredos da Magia*, Ed. Laffont, 2000.

"A finalidade de toda Iniciação é induzir o Neófito a 'iniciar' uma nova vida, ao mesmo tempo em que lhe são ministrados novos conhecimentos que se diferenciam completamente dos que formam as ciências oficiais". "O conjunto desses conhecimentos forma uma ciência que o Iniciado adquire progressivamente". Assim, ao referir-se ao método iniciático utilizado e aconselhado pela Maçonaria, o escritor explica: *O novo Iniciado está sempre livre para escolher a matéria e a qualidade de ensino que lhe será oferecido e é por esta livre escolha que há de se tornar o artífice do seu próprio desígnio, ao seguir o caminho que lhe é próprio, entre outras disciplinas que encarnam vários pontos de vista da pesquisa humana.*[13]

Logo, a INICIAÇÃO real somente há de se processar quando o Iniciado conseguir romper a película mental que se formou no decorrer de sua vida, e, principalmente, quando conseguir alcançar um estado de transcendência. E este estado ele só o conseguirá pelo estudo, o qual, tal como referido antes, há de lhe abrir as portas. Porém, não deverá se limitar às definições morais. As ciências, tão necessárias para o conhecimento e a melhor compreensão da vida material, pode mesmo ajudar a ampliar os horizontes; estas, entretanto, jamais poderão proporcionar o aperfeiçoamento espiritual, que se adquire por uma iluminação interior.

Paul NAUDON, historiador maçom, observa: *Pode-se dizer que a iniciação ritual só confere uma* ***graça eficiente****, que se limita a colocar no caminho da verdadeira iniciação,* ***graça eficaz*** *única para ter acesso ao conhecimento absoluto ou, em outras palavras, ao* ***divino****, no sentido metafísico do termo. Isso supõe, para a franco-maçonaria, que o homem traz em si o "divino" e que a iniciação se explica pela noção da* ***imanência****. É a lição de São João. "O reino de Deus está dentro de vós".*[14]

Com o fim de melhor esclarecer a ideia, **imanência** tem o sentido de que Deus está presente e ativo dentro de sua criação, de tudo que é. Esse conceito é bem desenvolvido nas tradições orientais. Por exemplo, a fórmula sânscrita: *Tat Tvam asi* ou *Tu és isso*[15] advoga que Deus é o "Eu

[13] Loc. cit. 9.

[14] NAUDON, Paul. *A Maçonaria.* Tradução de Octavio Mendes Cajado, São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968. p. 100.

[15] HUXLEY, Aldous. *A Filosofia Perene*. Tradução de Octavio Mendes Cajado, São Paulo: Cultrix, 1991, p. 16.

Sou" eterno imanente, o Princípio Absoluto de toda a existência. Deduz-se daí que a causa final de todo ser humano é descobrir o fato de si mesmo, é descobrir quem realmente é. Logo, a Iniciação não tem outros limites senão o próprio iniciado. Cabe a ele procurar saber o mistério.

Efetivamente, com a proposição afirmativa da fórmula sânscrita: *Tu és isso.* Não há outra conclusão senão a de que cabe ao Iniciado descobrir o segredo. É uma chamada para rever as quatro preocupações: Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? E qual é o meu dever? O Iniciado, por sua vez, por seus próprios meios, sem auxílio, terá de procurar a Iniciação real, visto que para ela não existem Mestres. Desse modo, os que pensam ser a Maçonaria apenas uma sociedade fraternal de socorros mútuos, nela perdem fatalmente seu precioso tempo.

Verifica-se, assim, que o sistema de ensino Iniciático, em última análise, e sem a necessidade de esmiuçar, permite uma revisão de modos de agir e o desenvolvimento integral de toda a personalidade do Iniciado, e, inevitavelmente, adquirirá não só o costume, mas, também, o caminho de desenhar a beleza, a sublimação do espírito, levando-o a galgar, de degrau em degrau, a 'escada' para alcançar aquele fim derradeiro da Iniciação: o encontro com a Divindade Suprema.

Pelos três estágios simbólicos, bem como das demais sucessivas etapas, pode-se verificar que a Iniciação não se limita nem se conclui naquele ato cerimonioso e altamente solenizado. Ao contrário, o maior, mais claro e mais simples significado não é outro senão o de ponto de partida, "abertura da porta" que mostra os caminhos a serem percorridos, sempre íngremes e tortuosos, exatamente como convém aos homens que optaram por vencer suas paixões porque puderam compreender, num momento qualquer de suas existências terrenas, que existe "algo mais" muito acima e para além da vida.

Em conclusão, pode-se afirmar que o PROCESSO INICIÁTICO é longo e cada palavra deve ser absorvida e digerida, e isso demanda longo tempo, por certo um período maior do que um curso superior. A Iniciação é permanente e contínua, mesmo estando em lugar comum, por exemplo, quando no recesso do lar, o maçom está descobrindo novos significados, novas interpretações e novos conhecimentos. O ingresso na Maçonaria é para se aprender.

Para vos tornardes verdadeiros Iniciados, podeis ler pouco, mas pensai muito; meditai sempre e, sobretudo, não tenhais receio de sonhar. (...) Os Iniciados se distinguem pela penetração de espírito e pela capacidade de compreensão. Filósofos célebres e grandes sábios têm permanecido profanos por não terem compreendido o que obscuros pensadores conseguiram por si próprios, à força de refletirem no silêncio e no recolhimento.[16]

Com essa distinção, pela capacidade de compreensão ou a elevação progressiva do espírito, o Iniciado chega ao discernimento, domina as paixões, elimina os vícios e, por coerência de raciocínio, afirma-se e aperfeiçoa o espírito. Portanto, o significado e a importância da Iniciação revelam-se no conhecimento que a Escola Iniciática transmite, e no que nela se faz. Na Maçonaria, levantam-se templos à virtude e cavam-se masmorras ao vício. Em outras palavras, aconselha ao Iniciado a prática das virtudes e eliminar os vícios, e ensina a distinguir o que é preciso destruir e o que é preciso construir.

A Iniciação Maçônica

O ensino iniciático da Maçonaria, além dos princípios já expendidos, tem como sua meta e finalidade a Verdade Infinita sem pretender a sua posse, embora ofereça elementos e meios para possibilitar o acesso. É o momento da consciência, atributo no qual há uma fagulha que, se ativada, pode se transformar numa esplêndida luz.

A procura dessa Luz é a Iniciação, que põe o iniciado em contato com um notável instrumento de pensamento. Por isso faculta a afirmativa de que é mais um convite às pesquisas que à revelação sistemática do resultado das pesquisas. Ou melhor, o iniciado precisa descobrir o que se oculta nas profundezas do seu espírito.

A esse respeito, torna-se a assinalar que os ensinamentos das antigas organizações de caráter social, educacional, religioso, filantrópico, filosófico, eram ministrados ou revelados somente àqueles já preparados para melhor assimilação, e às pessoas em geral eram transmitidos em forma de parábolas. Essa é a razão da assertiva de que a Maçonaria é podero-

[16] Ritual do 2.º Grau – *Companheiro Maçom* – Grande Loja, 1983.

sa e prevalecerá no mundo pelo seu segredo, miraculosamente guardado, que, por vezes, mesmo seus iniciados de elevada graduação ignoram.

Não foi por causa diferente, aliás, sabedor da existência de grande quantidade de pessoas desprezíveis e de pouca inteligência, que Jesus, dirigindo-se aos seus discípulos, afirmou: "Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para não acontecer que as calquem aos pés e, voltando-se, vos despedacem".[17]

O segredo não revelado, pois, não só é uma forma de se sentir poderoso, por ter uma informação de compreensão difícil e muito valiosa, mas, também, porque se trata de preservar o conhecimento verdadeiro, que há de ser guardado para não ser mal interpretado.

Esse é o motivo das lições do sigilo, da discrição, da fidelidade, porque ser Maçom, no mais genuíno significado, é ser iluminado para seguir o caminho da virtude e da verdade.

Infere-se, daí, que o objetivo da Maçonaria é de despertar a capacidade permanentemente escondida em cada Iniciado, e convertê-lo em um ser perfeito, consciente de sua natureza divina, e que pode levá-la a efeito sem dúvidas e limites.

Assim, a construção do Templo Individual, bem como a do proveito acerca da evolução e do progresso universal, por certo é um auxílio que o Maçom presta a Deus, reflexo da execução de sua obra a um padrão ideal.

O Princípio da Correspondência, que nos é oferecido como um magnífico brinde para o conhecer, na obra dos Três Iniciados, O Caibalion, assim é o ensinamento: "O que está em cima é como o que está abaixo, e o que embaixo é como o que está em cima."[18] Sob essa mesma Lei, Jesus disse: "(...) o Reino de Deus está dentro de vós."[19] O coração, por conseguinte, é o portal da verdadeira Iniciação, através do qual é possível atrair o Reino de Deus na parte mais íntima do ser.

A Igreja Católica, por exemplo, em boa parte de suas cerimônias sagradas, dedica devoção ao Sagrado Coração de Jesus e de Maria, com o propósito, quem sabe, de que seus fiéis, com a cuidadosa aplicação da

---

[17] Loc. cit. 8. Mateus 7:6.

[18] TRÊS INICIADOS, *O Caibalion: estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia*. Tradução Rosabis Camaysar, Ed. Pensamento, p. 21.

[19] Loc. cit. 8. Lucas 17:21.

mente, consigam integrar no domínio das suas atividades sentimentais e volitivas e, consequentemente, se ligar ao Reino de Deus.

Sob esse mesmo princípio, o Templo Maçônico é representado sob dois aspectos, a saber: no macrocosmo, a própria Terra situada no Universo, e, no microcosmo, o Corpo Humano. Assim, ao corpo humano há de se tributar grande respeito em todas as suas particularidades, e estas devem ser compreendidas nos diversos modos como podem ser vistos, observados ou considerados.

Isso porque se entende que dentro do corpo encontram-se as representações das coisas espirituais e das concernentes à divindade. Desse modo, para entender a Verdade deve-se estudar a parte de cada um dos membros e órgãos do corpo e o seu valor místico ou simbólico, que constitui o caminho mais rápido para a sabedoria.

Jorge Adoun afirma:

> *Há uma lei, apoiada cientificamente, e muitos não a percebem: Para onde se dirige o pensamento, dentro do seu corpo, para lá aflui maior quantidade de sangue.*[20]

Observado o assunto sob o caráter de generalidade, com o fim de alcançar a sua significação, pode-se imaginar ser possível dominar todas as partes do corpo e, especialmente, compreender a função de cada um dos seus órgãos e membros e haver verossimilhança com o altar ou lugar das colunas, ou ocidente ou oriente, em que cada Maçom desempenha suas funções nos trabalhos Maçônicos.

Importa registrar que a distribuição ordenada dos Maçons que exercem cargos, no ambiente do trabalho Maçônico, é o modelo semelhante às demais instituições da mesma natureza existentes, ou seja, é a representação abstrata da árvore da vida, ou *sefirot*, que expressa os dez atributos primordiais do Divino.

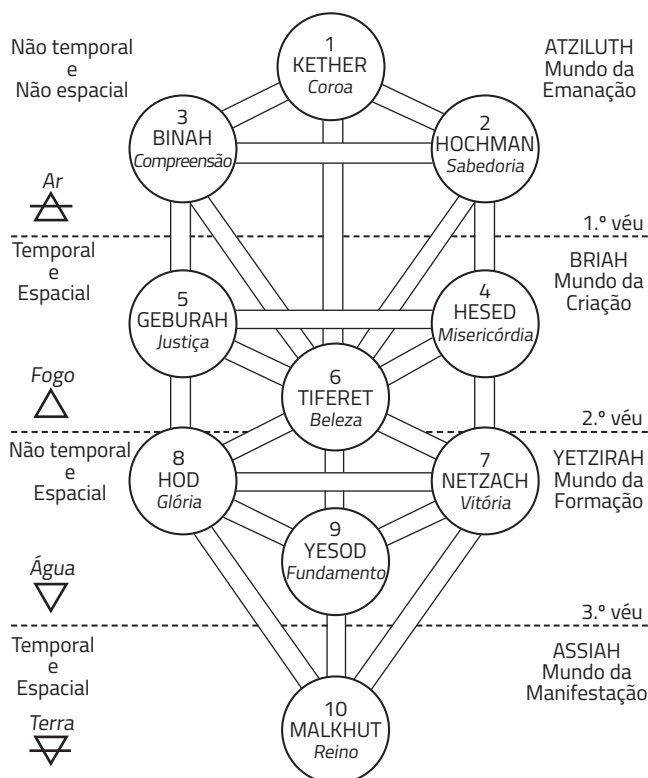
Sefirot são as emanações de Deus, do "Todo-Poderoso", da tradição filosófico-religiosa hebraica, compreendido como um princípio que permanece não manifestado e é incompreensível à inteligência humana. Nessa concepção é a reprodução da Árvore da Vida, constituída pelos seguintes Princípios Divinos: Coroa; Sabedoria; Entendimento; Mise-

---

[20] ADOUN, Jorge. *Grau do Aprendiz e Seus Mistérios*, São Paulo: Ed. Pensamento, p. 30.

ricórdia; Julgamento; Beleza; Vitória ou Eternidade; Esplendor ou Reverberação; Fundação e Reino.

Em outras palavras, são "canais" através dos quais a energia Divina flui, permeia e se torna parte de cada coisa que existe, criando assim uma "corrente espiritual" que liga e vivifica todas as coisas, impregnando-as da Essência Divina.

É a teoria, pois, cujo fim é ligar o relativo ao absoluto; o particular ao universal; o finito ao infinito; a terra ao céu. Essa relação de causa e efeito, estabelecida através dos dez *Sephiroth*, reservadamente dentro do templo, tem-se: Coroa – Venerável; Sabedoria – Orador; Compreensão – Secretário; Graça – Hospitaleiro; Rigor – Tesoureiro; Beleza – Mestre de Cerimônia; Vitória – 1.º Vigilante; Glória – 2.º Vigilante; Base – Experto; Reino – Cobridor.

[21]

[21] LEVI, Eliphas, *Os Mistérios da Cabala*. Tradução Frederico Ozabam Pessoas de Barros, São Paulo: Ed. Pensamento, p. 34.

As leis que regem o fluxo dessas energias foram estabelecidas durante o processo da Criação, que pode ser vista como uma progressiva transformação de níveis de energia espiritual.

O homem, na condição de ser livre para as ações e a vontade, por meio delas, pode intervir no fluxo das Energias Divinas, criando mudanças de grandes proporções em outros mundos. Com isso poderá aperfeiçoar a universalidade das coisas e fazer com que a Criação se vá aproximando de sua meta Divina.

As duas *sefirot* superiores: Sabedoria, à direita, e Compreensão, à esquerda, representam o princípio do Intelecto Divino. Já a Misericórdia e o Julgamento são a expressão do Divino Sentimento. As demais *sefirot* atuam como aspectos funcionais, tais como braços e pernas, cérebro, coração e mãos, que servem o eixo central da consciência e da vontade.

Sob a mesma acepção, o Templo Maçônico, especificamente, quando é formada a unidade de organização dos trabalhos, no seu interior, simbolicamente, reproduz imagem do universo, no mesmo aspecto similar ao corpo físico do homem.

O lado direito do homem, o Sul da Loja, é o lado positivo. O hemisfério direito do cérebro é o instrumento da Mente Divina; por consequência, todo e qualquer pensamento originário da conduta que gera amor ou interesse ao próximo surge desse lado.

O lado esquerdo, ou o Norte da Loja, é o lado negativo, o lado sombrio, o hemisfério esquerdo do cérebro, o qual tem a significação da desordem, confusão, tumulto, tal como a Bíblia Sagrada cita a Babilônia, (Babel).[22] Também representa o lugar onde a ignorância é quem domina, razão pela qual nada é gerado; ao contrário, o espaço é ocupado pelos desejos infames e egoístas.

Por esse motivo a conclusão de que o pensamento é a passagem estreita ou a trajetória íngreme e sofrida que leva ao Reino de Deus, e que circula como se fosse dentro do corpo, o que deve ser promovido com muita responsabilidade porque a via que leva a desgraça, a desonra e o descrédito é vasta. Nesse aspecto Jesus recomenda: *Porque Deus é para todo o sempre; Ele será nosso guia até a morte.*[23] Nesse caso, o Guia é a dis-

[22] Loc. cit. 8. Jeremias 51 e 52 e Gênesis 11:1.9.

[23] Ibid. Salmos 48:14.

posição favorável à prática do bem ou o desejo intenso de alcançar esse objetivo, e o sujeito dessas ações é o próprio homem (Iniciado).

Levada a efeito essa citada disposição, sob a mesma identificação ou relação estabelecida, cogita-se que a Luz originária do processo mental do conhecimento permite imaginar o risco quando o pensamento é inclinado para a terrível propensão às tentações dos vícios e desejos, porque isso conduz não só à ruína, mas a uma condenação a ser cumprida em duração indefinida. Em contrapartida, uma vez vencida a disposição de praticar coisas censuráveis, o homem sustenta o gozo de uma posição de ver a Luz e, dessa maneira, prepara a alma para receber a revelação dos mistérios da natureza humana, isto é, a do Reino de Deus.

Seja quem for que consegue ultrapassar esse estágio, toma o caminho ascendente para a virtude e a verdade, enquanto que aqueles que se detêm nas aspirações do egoísmo, das paixões, do orgulho, da ambição, continuam na escuridão ou em estado numa série de relações sucessivas com a ignorância.

Por outro lado, o pensamento do **instruído** neste aspecto, nota, vê e sente os hábitos do bem no íntimo misterioso do corpo, e em sentido inverso, o leigo, que apenas os mantém no capricho da imaginação, nele ficarão sempre escondidos.

Esse é o fundamento ou justificativa para João Batista, para aqueles que foram até o rio Jordão, a fim de serem batizados por ele, dizer-lhes:

> *Eu, na verdade, vos batizo em água, na base do arrependimento, mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu, que nem sou digno de levar-lhe as alparcas; ele vos batizará no Espírito Santo, e em fogo.*[24]

Como um rito penitencial de purificação, em obediência a Deus e, especialmente, a fim de servir de modelo para todos os que acreditam na sua Palavra e receber o perdão pelo batismo, Jesus, como Iniciado nos superiores mistérios, os quais transcendem a compreensão humana, é o próprio Fogo da Sabedoria, desenvolvida na genuína iluminação espiritual.

---

[24] Id. Mateus 3:11.

Saiu logo da água; e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito Santo de Deus descendo como uma pomba e vindo sobre ele.[25]

Com o exemplo prestado por Jesus tem-se o ensinamento de que com a Sabedoria Divina, que é obtida por meio da irradiação de luz no espírito, pois, segundo Santo Agostinho, com a comunicação da luz divina à alma, a inteligência se torna capaz de atingir um conhecimento verdadeiro.

A verdade é que só se consegue dominar o pensamento depois que já se dominam os instintos e as emoções, isto é, com o processo iniciático consegue-se atingir níveis superiores de vibração e consciência. Assim será exitoso o processo quando, nesse teste, a partir do instante em que se consegue penetrar no íntimo do Templo iluminado, atingindo o coração, o altar divino, e, então, o Maçom se antecede e recebe o Sumo Pontífice, símbolo do Mestre Perfeito. Por conseguinte, o seu efeito é obter a pureza de pensamento, aptidão de se abster dos prazeres sensuais, ou, do fervor que excita e destrói o indivíduo, mesmo que involuntariamente, e consegue deixar apenas a sua Luz, com a qual é capaz de influenciar nos fenômenos da natureza.

Evidentemente, nesse percurso iniciático com a corrente espiritual, que transita por dentro, aprende-se a conceber a sabedoria, liga-se o símbolo com a mente a ponto de compreendê-lo, entende-se o sentido do conjunto das práticas consagradas ou a ritualística, há o reconhecimento à magia dos números e letras, tem-se consciência do poder das palavras, e, ainda, da força do pensamento e seus efeitos.

O Iniciado ou Maçom, por certo, compreende-se e para ele há evidências de que o Universo é o Templo de Deus, igual ao seu próprio corpo. "Não sabeis vós que sois o santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós."[26]

Jesus disse: "Deus é Espírito, e é necessário que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade".[27]

É fácil compreender daí que o verdadeiro *Sanctum Sanctorum*, que literalmente significa "o santo (lugar / coisa) dos santos (lugares / coisas), está dentro do homem, e que para se materializar ou realizar esse

[25] Id. Mateus 3:16.

[26] Id. I Coríntios 3:16.

[27] Id. João 4:24.

trabalho, é preciso estar num lugar de dimensões em proporções exatas, que é a Loja, um símbolo no qual se procura e se obtém a inspiração ou estímulo à atividade criadora.

Nesse lugar, que é o ambiente próprio do trabalho Maçônico, apresentam-se objetos que se relacionam com o ofício dos construtores. Mas, essa arte de construir, na hipótese, se insere no cérebro, ou melhor, no conhecimento e discernimento e, em especial, se reflete no coração.

Os símbolos que exibe são infinitos em número; basta apenas percebê-los. Cercando a Loja, por exemplo, há doze colunas que, na interpretação universal, representam os doze signos do zodíaco. Em ilação ao citado modelo, principalmente, como quando são colocados cercando o sol, observando-se que cada um por seu turno, é visitado durante o ano, simbolizam as doze faculdades ou partes naturais dentro do homem, que se postas em funcionamento o influenciam na evolução do espírito. Na mesma proporção, o ano tem doze meses; Jacob teve doze filhos, Jesus doze discípulos, e o homem, sob esse enfoque, possui as mencionadas doze faculdades do espírito para passar por favoráveis transformações sucessivas.

É o ponto de vista em que o homem, por si mesmo, deve girar e buscar em torno de seu sol espiritual todos os seus poderes e sentimentos e expressá-los em pensamentos e ações.

Evidentemente, a inteireza de caráter moral é o guia ou a companhia, existente no âmago do ser, que conduz o Maçom, em suas particularidades, no anseio de seguir o caminho da verdade.

Toda e qualquer instrução proferida não terá fundamento senão naquilo que é assimilado e usado como regra aceita e a precisa maneira de agir para criar ou prestar a justiça. O exemplo mais consistente é a Palavra Sagrada enunciada em voz baixa ao ouvido. Trata-se de ter ciência que a verdadeira luz do saber que é recebida procede do interior de sua alma. Se assim compreendido, cuida-se do exercício que o torna habilitado para o Magistério da Verdade e da Virtude.

Forma-se a ideia, daí, que tal como é nas religiões, o objetivo da Maçonaria é preparar e ensinar a faculdade cognitiva e fazer com que o Maçom se comunique com o EU SOU, definido em Êxodo 3:14, sempre ansioso para se instruir e se iluminar.

A idade de três anos e as três viagens que o Aprendiz é obrigado a realizar, respectivamente, representam o decurso de tempo e os estágios de estudo, cujo efeito é a sua condição propícia de desenvolvimento.

Essa atividade de se dedicar à apreciação, análise ou compreensão das lições que lhe são apresentadas, uma vez que apenas exerce a leitura e a escrita soletrando as letras, desenvolve nele o Poder da Palavra, que, inevitavelmente, dominará as ciências da gramática, lógica e retórica. Ao mesmo tempo, no período em referência, estão, também, intimamente relacionados com os três primeiros números: (1) um, símbolo da unidade Universal, (2) dois, a dualidade da manifestação, e (3) três, a Trindade ou a perfeição.

Deduz-se pelo raciocínio das considerações acima que a Maçonaria é um sistema constituído de filosofia que tem por objetivo despertar o homem da situação de sua ignorância para o cumprimento do dever, que, em síntese, consiste no respeito a Deus, amor ao próximo e dedicação à família.

Ao abrigo da observação introdutória de que o Templo Maçônico, a partir do instante em que se torna recinto de trabalho Maçônico, conclui-se que tem a mesma grandeza do corpo humano. Assim, cumpre repetir que "(...) vós que sois o santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós".[28] Em outras palavras, nas circunstâncias referidas, os Maçons tomam a forma do Templo do Espírito Santo, bem como o reino de Deus, em marcha gradativa, permanece compreendido dentro deles.

O concludente raciocínio é no sentido de que o significado e a importância da Iniciação revelam-se no princípio básico e indiscutível, atribuído aos Sete Sábios (650 a.C. a 550 a.C.) e inscrito no oráculo de Delfos: "CONHECE-TE A TI MESMO".

Primeiras provações da Iniciação

Com as considerações acima produzidas, viram-se a importância e os efeitos da INICIAÇÃO MAÇÔNICA. Temos ciência, no entanto, de que tudo se move, tudo trabalha, tudo caminha, tudo evolui e, por essa ra-

[28] Id. I Coríntios 3:16.

zão, também a Iniciação permitiu influências dos vários ocultistas (herméticos ou alquimistas, rosa-cruzes, teosóficos, e outros), que ingressaram na Ordem e, gradativamente, a enriqueceram com princípios, símbolos, ritualísticas e costumes superiores, a simples arte da construção, mas a Maçonaria sempre conservou o sentido simbólico hoje observado.

Todos os Ritos da Ordem possuem um ritual de admissão e é praticado com seriedade. Trata-se da cerimônia que corresponde à passagem de saída e, ao mesmo tempo, a porta que dá acesso a outro lugar, ao nascimento do homem maçom; um HOMEM SUPERIOR, responsavelmente comprometido com um código de ética, de alto nível, e desejoso de se aperfeiçoar e contribuir para a evolução da humanidade.

A Iniciação pode ser dividida em diversos momentos distintos: 1) a Câmara de Reflexões; 2) a Cena da Traição; 3) a Introdução do Candidato; 4) as Provas; 5) a Luz; 6) a Consagração; 7) a Revelação dos Segredos do Grau.[29]

Não cabe abordar os detalhes ritualísticos de cada passagem, pois nosso objetivo pende-se mais ao simbolismo de cada momento. A ritualística deve ter seu aprendizado em Loja e estudada individualmente; é na meditação que o Maçom deve buscar sentido pessoal para todo o simbolismo maçônico. Contudo, a seguir, dá-se uma pequena descrição dos ritos mencionados da Iniciação.

I) A **Câmara** representa a caverna onde as antigas Fraternidades Iniciáticas encerravam os Neófitos para meditação, e tem, obviamente, por **finalidade** a **Reflexão**, primeiro com as mensagens com que lá se depara: a sigla **V.I.T.R.I.O.L.** *Visita Interiora Terrae Rectificandoque, Invenies Ocultum Lapidem*, que significa: visita o interior da terra e retificando, encontrarás a pedra bruta. A **postura do galo** é sinal de estar sempre atento combatendo a ignorância e o erro, como, também, elogiar as boas ações; o **Cálice**, símbolo da plenitude e da alegria da existência; o **enxofre**, o **sal**, representando o princípio essencial dos corpos e o símbolo de equilíbrio e permanência, respectivamente; a **Ampulheta** nos ensina como medir o tempo e as nossas ações; a **Água** é um símbolo de purificação, de transformação, a energia vital, por extensão, a alma; o **Pão** representa a fraternidade, a beneficência. **Caneta** e **Papel** são elemen-

---

[29] Ritual do 1.º Grau – *Aprendiz-Maçom* – Adonhiramita, GOB, 2009.

tos que representam a memória. E a **Caveira** nos faz lembrar: *Lembra-te, homem, que és pó e em pó hás de tornar.*[30] Segundo, com as obrigações que o Neófito tem para com DEUS, com a Pátria, com a Família, com o Semelhante e Consigo mesmo.

II) Na Maçonaria ADONHIRAMITA, antes de ser levado à porta do Templo, o aspirante passa pela Cena da Traição. A cerimônia, como as outras, é de caráter simbólico e consiste na proposição do Traidor em livrar o Neófito dos perigos da Iniciação e a oportunidade de obter tudo o que deseja por simples negociata. Em outras palavras, tenta persuadi-lo e percorrer um atalho que o leve a um lugar seguro ou não. Lugar sem perigo ou instável, porque, na hipótese, leva o Neófito a nunca aceitar a proposta, e caso ele vier se comportar de forma contrária, a mensagem da Ordem Maçônica torna-se, naturalmente, sem importância e o alijará para sempre da possibilidade de ser um de seus Obreiros.

Antes de tudo, porém, tem o candidato a noção das tradições INICIÁTICAS; os requisitos para ingresso na Maçonaria, tais como honestidade, coragem, discrição; sobre as provas e seus perigos, a que são submetidos os candidatos; bem como os elementos: terra, ar, fogo e água, que deve dominar. Enfim, a demonstração desses valores morais e éticos que deve adotar para as suas ações na condução da vida. Em contrário, se a hipocrisia estiver em seu caráter, os valores morais e éticos serão apenas um leve revestimento que encobre tal natureza e, na primeira oportunidade, ocorrerá a sucumbência às tentações e vantagens, e a obtenção de coisas com facilidade, desonestamente e, em consequência, com prejuízo de outrem.

A Cena da Traição, portanto, ensina que é dever do Neófito ter integridade de caráter, fidelidade nas próprias convicções, com os pensamentos, ideias, sonhos, propósitos e os verdadeiros objetivos, honestidade no trato das coisas e pessoas, sob pena de pesar na consciência e afetar a paz de espírito.

III) O ingresso do Candidato ao Templo somente assim ocorre depois da demonstração de ser livre e de bons costumes, mas com a certeza dos oficiais de que nada pode ver, cuja simbologia funda-se no dever de aguçar todos os demais sentidos: sentir e ouvir, principalmente. As

---

[30] Loc. cit. 8. Gênesis. 3:19.

vendas são o emblema das trevas em que vive a alma e, por isso, a busca da luz e o conhecimento espiritual. E só se consegue isso deixando de lado as ideias que perturbam.

IV) Conduzido à porta do Templo e anunciado aos quatro cantos do mundo que deseja ser admitido nos Augustos Mistérios, o Neófito é esclarecido sobre os princípios da Ordem, além de a Loja fazer-lhe uma Oração; inclusive é advertido a respeito dos compromissos que está assumindo, o de sigilo, por exemplo; enfim, é submetido a um interrogatório e a provas, entre as quais se incluem a da Câmara Ardente e a da Taça Sagrada, em que o Neófito prova a doçura da bebida e esgota o amargo dos seus restos, demonstrando-lhe que o sábio e justo deve gozar os prazeres da vida, mas com moderação, não fazendo ostentação do bem que goza, para não ofender o infortúnio.

Também, lhe é oferecida a oportunidade de desistir e, daí, então, inicia as três viagens simbólicas.

A **primeira viagem**, que é um dos símbolos das paixões e emoções, representa a vida humana comum, envolvida no tumulto das paixões, e os obstáculos que se apresentam na evolução material e espiritual. Tudo na evolução requer atenção e esforço. A **segunda viagem**, como elemento relativamente não palpável ou invisível, está relacionada com os valores morais e éticos da vida; representa a importância de persistir no Caminho da Virtude. Essa prova, na qual se ouvem ruídos, também se relaciona aos sentidos, por meio dos quais se percebem muitas coisas existentes ao derredor. A **terceira viagem** simboliza o espírito e a alma (relacionados ao aspecto divino do homem); simboliza que a persistência pelo Caminho Justo leva à purificação e que a Ordem confia ter acendido no coração do Neófito o verdadeiro Amor aos seus semelhantes. A terceira viagem é concluída no mais absoluto silêncio, o que leva à interpretação de estar assim representada a vida no nível espiritual.[31]

V) Chega o momento de o Neófito receber a Luz, tendo o sentido de estar recebendo aquilo que o esclarece, a Verdadeira Luz. A da Verdade. A que nunca mais se apagará e que no processo de sua evolução tem consciência dos acontecimentos. O Neófito depara-se, como raios de sol que o abençoam, com as espadas que são a ele apontadas, testemunhos

[31] Loc. cit. 29. p. 234.

da proteção que terá em suas legítimas e justas necessidades, e o castigo que receberá se o merecer.

VI) Em sequência, é realizada a Consagração.

VII) E, em conclusão, é procedida à instrução do Grau.

Fazendo-se uma pequena reflexão sobre a cerimônia de Iniciação, importa registrar que, sob o aspecto místico, o verdadeiro INICIADO é aquele que ultrapassa o círculo limitado do lugar-comum, que possui certo conhecimento e domínio das leis e princípios naturais, e que no decorrer da cerimônia, extensiva ao percurso da vida, percorreu e percorre a via interior do EU SOU ou a via da Iniciação, vencendo suas paixões ou tendências primitivas do aspecto material humano. Os que passam por essas provações e vencem sua natureza inferior, superando os vícios, revelam a ampla visão da existência e são os Grandes Iniciados porque alcançaram a elevação do espírito de forma progressiva através do conhecimento. Uma das características de todos os Iniciados é a harmonia estabelecida com a consciência de si mesmo, que o conduz a se identificar com o Ser, com o GADU. Entre os Grandes Iniciados, lembra-se Moisés, Zaratustra, Platão, Jesus, Buda, Ghandi.

Reitera-se, o Iniciado que já adquiriu certo conhecimento goza da faculdade do discernimento, domina as paixões, elimina os vícios e vai aperfeiçoando o espírito. Logo, a Maçonaria ensina a distinguir o que é preciso destruir e o que é preciso construir.

Título III – Autoconhecimento
"Conhece-te a ti mesmo"

Como é esse processo?
SAMAEL AUN WEOR nos oferece a seguinte resposta.
Resumo, interpretação e tradução da página 1 a 35.

O processo de autoconhecimento é um processo de mudanças, de dissoluções. Deve ser metódico, didático e também dialético. É preciso ser autoconsciente de nossos próprios pensamentos, de nossos próprios sentimentos e dos efeitos que os outros produzem em nós.
A personalidade deve se equilibrar com a essência do nosso ser, caso contrário haverá desequilíbrio. Se não houver equilíbrio entre o ser e o saber, não pode haver compreensão perfeita. Quando o ser é maior que o saber, nessa pessoa encontramos um santo estúpido, e quando o saber é maior que o ser, nessa pessoa encontramos apenas um pseudointelectual.
O equilíbrio entre o Ser e o Saber é a base para a meditação, mediante a dialética íntima do ser e mediante a dialética da consciência.
Uma correta observação de si mesmo é premissa indispensável para adentrarmos na Morte Psicológica. Só com Morte (ou seja, com o processo da iniciação) alcançaremos uma nova vida. Dar origem a uma nova vida é um processo de criação. E toda criação é sexual. Tal como foi aquela força que nos trouxe a este mundo. Por isso, somente uma força consciente será factível a uma grande mudança em nós.
Temos que avivar a chama do espírito com a força do amor.
Ao mesmo tempo, a atenção consciente exclui isso que se chama identificação. Quando nos identificamos com as pessoas, com as coisas, com as ideias, vem a fascinação, e esta produz o sono da consciência. Não se pensa realmente; deixamo-nos levar pelas impressões.

Os alquimistas da idade média falavam da transformação do chumbo em ouro. Sempre aludiam à questão metálica meramente física. Normalmente queriam indicar com a palavra a transformação do Chumbo da personalidade em Ouro do Espírito. Assim, pois, convém que se reflita sobre todas essas coisas.

É óbvio que se o grão não morre a planta não nasce. Um homem que nasce outra vez tem de passar por uma transformação. ***EM TODA A TRANSFORMAÇÃO EXISTE MORTE E NASCIMENTO.***

Na Gnose se considera o homem como uma fábrica de três pisos que absorve normalmente três alimentos:

1. ***O alimento comum****. Normalmente corresponde ao piso inferior da fábrica, e a questão está no estômago.*

2. ***O ar****. Este está no segundo piso, que se encontra relacionado com os pulmões.*

3. ***As impressões****. Indubitavelmente estão intimamente associadas ao cérebro, ao terceiro piso.*

Assim, temos; IMPRESSÃO-CÉREBRO, AR-PULMÕES, ALIMENTO-ESTÔMAGO.

A vida em si entra em nós, em nosso organismo, em forma de meras impressões. Alguém não pode transformar sua vida se não transforma as impressões que chegam a sua mente.

Não existe realmente tal coisa como a vida externa. Estamos falando algo muito revolucionário, pois todo mundo crê que o físico é o real. Ora, se vamos um pouquinho mais a fundo, sobre o que realmente estamos recebendo a cada momento, a cada instante, são impressões. Se enxergamos uma pessoa que nos agrada ou desagrada, por primeiro obtemos impressões dessa natureza. A vida é uma sucessão de impressões.

A realidade da vida, portanto, são só impressões. Claro está que as ideias que estamos emitindo resultam muito difíceis de captar, de aprender. A pessoa que vemos sentada, por exemplo, em uma cadeira com tal ou qual traje, a pessoa que nos cumprimenta, que nos sorri, etc., são para nós coisas reais? Verdadeiras? Pois, se meditamos profundamente em todas elas, chegamos à conclusão de que o real são as impressões. Estas, naturalmente, chegam à mente pela janela dos sentidos. Se não tivéssemos os sentidos, por exemplo, olhos para ver; ouvidos para ouvir; boca para degustar os alimentos, existiria para nós isso que se chama corpo físico? Claro que não, absolutamente não. A vida nos chega em forma de impressões e é ali onde existe a possibilidade de trabalhar sobre nós mesmos.

Mediante a compreensão desse trabalho, podemos aceitar a vida como um trabalho realmente. Então estaremos em um estado constante de lembrança de nós mesmos. Esse estado de consciência em nós mesmos nos levará ao terrível realismo da transformação das impressões.
Transformar as impressões da vida é se transformar mesmo. Essa forma inteiramente nova de pensar pode realizar-se.
Todas essas reações formam nossa vida pessoal. Mudar a vida de alguém não é mudar realmente nossas próprias reações. Pois a vida exterior nos chega como meras impressões que nos obrigam a raciocinar.
A vida consiste principalmente em uma série de sucessivas reações negativas que se dão como resposta incessante das impressões que chegam à mente. Logo, nossa tarefa consiste em transformar as impressões da vida de modo que não provoquem esse tipo de resposta. Para lograrmos êxito nisso é necessário estarmos nos auto-observando de instante em instante, de momento em momento. É urgente, pois, estudarmos nossas próprias impressões constantemente.[32]

Na intimidade de nossas reuniões já foi pronunciado o seguinte enunciado: "Quem consegue dominar a mente pela imaginação adquire um poder com o qual é capaz de dominar todas as forças do universo e poderá dominar os fenômenos da natureza".[33]

Pode-se afirmar: o autoconhecimento é fruto da introspecção.

Para tanto, é preciso ter acesso e conhecer os próprios pensamentos. Requer seja executada essa ação com humildade, que está associada à simplicidade e à lucidez. Com humildade, perceberemos que temos muito a aprender, por mais informações que tenhamos obtido, mas necessária se faz a confiança em si mesmo e a consciência do valor pessoal. Portanto, com o autoconhecimento tem-se a capacidade de perceber, de forma gradativa, tudo que necessitamos transformar e aquilo que nos causa conflito e sofrimento, e, por consequência, aumenta nosso potencial adormecido, para que possamos vir a ser aquilo que somos em essência.

É simplesmente fantástico!

---

[32] WEOR, Samael Aun, *Didáctica del Autoconocimiento*. Espanha, Primera Edición, 1980.

[33] ADOUN, Jorge. *Do Mestre Secreto e Seus Mistérios*, São Paulo: Ed. Pensamento.

Título IV

Símbolo, emblema e alegoria

As ideias ou ensinamentos levados a efeito aos que pertencem à Maçonaria e o estímulo para a elevação daqueles que buscam os conhecimentos ocorrem através de um sistema de moral que se confunde com o do direito. Os princípios de ambos respeitam a vida, a liberdade, a integridade física, psicológica e espiritual dos homens, a propriedade legitimamente obtida, a igualdade de direitos, como também a preocupação com o estudo de normas reguladoras da vida social.

O ensinamento ou ideal Maçônico, entretanto, é discreto, porque transmite isso tudo num sistema velado por alegorias e ilustrado por símbolos, e de forma peculiar porque somente os iniciados sabem ou saberão a dimensão deles, porque ocultos.

Mas, o que realmente é o símbolo, o emblema e a alegoria? E como eles se manifestam dentro deste *sistema maçônico* que se encerra na premissa da busca do aperfeiçoamento, pelo conhecimento, e o torna secreto ou discreto aos olhos dos que não pertencem à Maçonaria?

Importa ressaltar, por primeiro, que, não obstante a liberdade de pensamento e, por consequência, a interpretação desses três princípios analógicos, é bom prevenir que eles têm uma origem definida e têm significados específicos. Assim, não é lícito que em nome de pretensa doutrina esotérica, ligada ao ocultismo, se lhes outorgue outras, sem atentar para um mínimo de lógica, tradição, coerência e bom-senso. Portanto, a referida liberdade deve acompanhar a necessária responsabilidade.

A *alegoria* (do grego, *allêgoria)* pode ser traduzida literalmente pelas palavras "falar" e "outro", isto é, "falar de outro modo". Podemos citar como exemplos de alegorias o *apólogo (apo,* sobre, e *logos,* discurso) uma alegoria moral e a *parábola (parabolê,* comparação) uma alegoria religiosa.

O *emblema* (do latim *emblema,* ornamento que se usa) é a representação simples de uma ideia. O boi, por exemplo, é considerado o emblema da força.

O *símbolo* é mais amplo, mais extenso, e sua compreensão relaciona-se intimamente com os conhecimentos já adquiridos por quem o estuda.[34]

A esse respeito, não é difícil compreender a explicação dada pelo dicionário Larousse: "O símbolo é constante, o emblema é variável. O símbolo é tido como de origem divina ou desconhecida; o emblema é inventado por alguém. O símbolo tem como objeto a que está ligado uma analogia fácil de ser captada; assim, a tartaruga é o símbolo da lentidão. O emblema, pelo contrário, exige muitas vezes um esforço de inteligência para ser compreendido, porque, em geral, ele associa várias ideias diferentes: assim, uma pomba, fazendo seu ninho num capacete, é o emblema da paz que se segue à guerra".[35]

O que parece ser **veemente** nas definições acima, importando em destacar mais ainda, é que "o símbolo é constante e é tido como de origem divina ou desconhecida, enquanto o emblema é variável e inventado por alguém".

Seguindo essa orientação, ainda que haja outras vertentes que gozem de aceitação, o propósito é descrever a distinção entre símbolo, emblema e alegoria.

Símbolo é aquilo que, por um princípio de analogia, representa ou substitui outra coisa.[36] Por isso que símbolo é a informação condensada; sua linguagem é universal e pode ser entendida ou aprendida por qualquer pessoa em qualquer tempo.

Para conhecer o significado de um símbolo é necessário compreender que a informação não é a imagem em si, mas a ligação entre o símbolo e nossa mente, a ponto de sentir-se ligado a este, onde seu entendimento ocorrerá ao possuí-lo em sua totalidade.

É bom trazer a lume a seguinte observação:

> *Saber não é conhecer. O saber é o instrumento que nos leva ao conhecer das coisas. A fé é apenas o saber que se aceitou sem conhecer. Os símbolos são instrumentos que resumem o saber e facilitam o acesso ao conhecer. Do saber ao conhecer se chega pela razão.*[37]

---

[34] BOUCHER, Jules. *A Simbólica Maçônica*. São Paulo: Ed. Pensamento, 10.ed. 1997, p. 11.

[35] Ap. 34. p. 17.

[36] *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 2.ed. 1986.

[37] PETERS, Ambrósio. *Maçonaria História e Filosofia*, editado pela APLM e GOE, Paraná, 1999.

A declaração "saber não é conhecer" está ligada à informação condensada dos símbolos, que se manifesta na alma, razão pela qual é o saber, relativo à representação destes, oculto no pensamento dos que os observam atentamente.

Em outras palavras, é a sabedoria que está inseparavelmente unida ao símbolo. Para atingi-la basta apenas pensar e formar a ideia sobre essa relação, ou senti-la.

Logo, não há necessidade de estudar gramática, lógica e retórica com o objetivo de transmitir a imagem do símbolo aos outros, mas somente atribuir-lhe alguma conotação.

Imagine-se, ainda que analfabeta, uma pessoa religiosa praticante, de atitudes propensas à prática do bem, caritativa. De modo óbvio, a avaliação que se faz sobre ela é a de ser um exemplo. Logo esse modelo não precisa conhecer para evidenciar sabedoria.

Por outra, mesmo que a referida pessoa tenha as qualidades antes referidas: virtuosidade, benevolência e disposição religiosa, se nunca experimentou aquela penetrante paz interior, efeito da fé de que o Reino de Deus está dentro dela, não vive na plena harmonia.

Em sentido contrário, se goza desse sossego profundo, pela referida presença de Deus, se converte repleta de paz. E mais, enquanto fiel a essa concepção, com esse dom natural, consegue se comunicar diretamente com Ele e, assim, desfruta da paz que passa pelo que é o mais íntimo de sua alma.

Pela análise feita, não resta dúvida que a sabedoria está em Deus, seja pela atividade criadora para obter o particular significado dos símbolos, seja pela persuasão íntima a respeito da exemplar pessoa antes descrita, seja por sua singeleza e, por evidente, ser um dos eleitos para o reino da paz, o indicador da morada celestial.

É a lógica de que saber não é conhecer.

Também cumpre tornar bem evidente que, para ocorrer a possibilidade de compreender a linguagem dos símbolos, é necessário, além de um exercício introspectivo, estar na mais perfeita tranquilidade mental, ou seja, acessível à informação e na mesma sintonia desse processo de comunicação, para conseguir fazer a interpretação do seu significado implícito e atribuir-lhe determinada conotação. Sem isso, jamais conseguiremos a familiarização com eles.

Ademais, mais uma vez, registre-se que o Iniciado distingue-se dos outros homens pelo saber hermético. Não conhece nem pode conhecer a satisfação espiritual e intelectual, pois ele sabe que a Verdade de hoje pode não ser a Verdade de amanhã.

Alguns exemplos de símbolos:

A balança é o símbolo da justiça.
O sol é o símbolo da vida.
A água é o símbolo da purificação.
A cruz é o símbolo do cristianismo.

Os símbolos Maçônicos, derivados dos símbolos primitivos, foram aplicados à arte de construir ou à maçonaria operativa. Eis alguns dos símbolos em referência:

O **compasso** é o símbolo do espírito, do pensamento nas diversas formas de raciocínio, e também do relativo (círculo) dependente do ponto inicial (absoluto). É um símbolo de perfeição.

O **esquadro** é o símbolo da retidão, equidade, dever, justiça, lembrando ao Iniciado que deve sempre ter um comportamento direito, correto, produtivo e sábio.

O **nível** simboliza a igualdade social, base do direito natural.

*A **régua** simboliza o aperfeiçoamento; sem régua, a indústria seria uma aventura, as artes seriam defeituosas, as ciências só ofereceriam sistemas incoerentes, a lógica seria caprichosa e desordenada, a legislação seria arbitrária e opressiva, a música seria discordante, a filosofia não passaria de uma obscura metafísica e as ciências perderiam sua lucidez.*[38]

O **cinzel** é o símbolo que aperfeiçoa, serve para desbastar a pedra bruta da personalidade.

A **trolha** é o símbolo do amor fraterno, que deve unir todos os Maçons e que é o único cimento que os operários podem usar para a edificação do Templo.

O **avental** é o elemento principal das insígnias Maçônicas, sendo o símbolo do trabalho.

---

[38] RAGON, *Rituel de Apprenti Maçon,* 1860, p. 68.

Como se vê, os símbolos tomam emprestado um sentido moral, espiritual e filosófico.

Emblema é a representação simples de uma ideia. É, por exemplo, um distintivo ou insígnia de uma instituição, sociedade, associação, que se usa na roupa, ou em objetos a ela pertencentes.

Alguns exemplos de emblemas:

> A enfermeira usava na lapela o emblema da Cruz Vermelha.
>
> O envelope traz impresso o emblema do clube.
>
> O desenho impresso nos livros maçônicos e que aparece, inclusive, no frontal dos Templos, do Esquadro sobre o Compasso é o emblema da Maçonaria.
>
> Os **três pontos** do Triângulo, ou este, é o emblema da Divindade.
>
> O **malho**, emblema do trabalho e da força material, ajuda a derrubar os obstáculos e a superar as dificuldades.
>
> O **cinzel** é o emblema da escultura, da arquitetura e das belas artes; seu uso seria quase nulo sem o concurso do malho. Representa o intelecto e sugere o trabalho inteligente.
>
> **Fio de prumo** é o emblema da busca – em profundidade – da verdade, do equilíbrio.
>
> O **pelicano** é um emblema da figura da mãe que realiza todos os sacrifícios para amparar e alimentar os filhos, para propagar a própria espécie.

Alegoria é a exposição de um pensamento sob forma figurada. Ficção que representa coisa para dar ideia de outra. Sequência de metáforas que significam uma coisa nas palavras e outra no sentido. História mais ou menos longa, que ilustra uma lição de sabedoria e, em regra, a moralidade é expressa como conclusão. A mensagem filosófica que, pela imagem, apresenta o recado verbal.

A Bíblia Sagrada está repleta de alegorias. O próprio Jesus Cristo proferia seus ensinamentos por meio delas.

> *Uma **alegoria** é uma figura de linguagem, mais especificamente de uso retórico, que produz a virtualização do significado, ou seja, sua expressão transmite um ou mais sentidos que o da simples compreensão ao literal. Diz-se algo para significar ou dar ideia de outra coisa. Uma alegoria não precisa ser expressa no texto escrito: pode*

dirigir-se aos olhos e, com frequência, encontra-se na pintura, escultura ou noutras formas de linguagem. (...) A alegoria tem sido uma forma favorita na literatura de praticamente todas as nações. As escrituras dos hebreus apresentam instâncias frequentes dela, uma das mais belas sendo a comparação da história de Israel com o crescimento de uma vinha no Salmo 80: "Prece pela restauração de Israel".[39]

"A lenda do Mestre Construtor [Hiram Abiff – Adonhiram] é a grande alegoria maçônica. Na realidade, a sua história figurativa é baseada numa personalidade das Sagradas Escrituras, mas os seus antecedentes históricos são de acontecimentos e não da essência; o significado reside na alegoria e não em qualquer fato histórico que possa estar por detrás."[40]

Estátua Alegórica é aquela que, pela expressão, pelo traje, ou por atributos vários, evoca uma ideia, um ser moral ou coletivo ou um acontecimento.[41]

Alguns exemplos de alegorias:
– Estátua da Liberdade.
– Estátua da Justiça.
– A Lenda de Hiram Abiff – "Adon-Hiram".
– A Reconstrução do Templo de Zorobabel.
– A Lenda da Caverna de Platão.

Em síntese, enquanto o **símbolo** quer dizer sinal de reconhecimento, ou a representação gráfica de uma ideia, o **emblema** é uma peça artística que reproduz, por exemplo, o distintivo de uma instituição, o Grau do Maçom, e a **alegoria** é a expressão de um pensamento sob a forma figurada, uma ficção que se representa uma coisa para dar ideia de outra.

Por exemplo:

O **cinzel** é o **símbolo** que aperfeiçoa, e, ao mesmo tempo, o **emblema** da escultura, da arquitetura e das belas artes, e, inclusive, na Maçonaria, pode-se interpretar que com ele a obra pode alcançar o ideal, **alegoricamente**, a beleza.

[39] pt.wikipedia.org/wiki/Alegoria

[40] Waite, Arthur Edward, *A New Encyclopaedia of Freemasonry*, New York, 1994.

[41] Loc. cit. 36.

Título V

Interpretação do início nas Sessões Maçônicas

O desígnio pretendido com a análise deste assunto é verificar o modo como se processam as Sessões na Maçonaria ADONHIRAMITA e no Rito ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO, e formar ideias para que se possa assimilar suas semelhanças e suas diferenças, especialmente na abertura dos trabalhos, e atingir uma melhor concepção da Maçonaria.

Primeiramente, é importante destacar que, sob a observação das autoridades e oficiais da Loja, em especial, somente evocando suas insígnias, o cerimonial que segue logo no início dos trabalhos, numa singela interpretação, traduz-se da seguinte forma:

O Venerável Mestre é a autoridade máxima na Loja e no lugar que compõe o Templo. Representa o padrão ideal da natureza, em todas as suas manifestações e reflete a expressão das intenções com absoluta justiça, equidade e igualdade. O esquadro, joia a ele confiada, constitui o emblema mais expressivo em defesa da inteligência e melhoramento moral da humanidade. É a imagem da retidão de ação e de caráter porque a linha e a régua que distinguem a citada joia indicam o caminho a ser percorrido no exercício que leva à efetivação das virtudes, por meio de retos e harmoniosos pensamentos, ações e palavras que colocarão o homem mais perto de Deus. Esse valor imaginário compreende dois sentidos: de um lado, é a correlação da ação do homem sobre o semelhante, a família, a pátria, e as coisas em geral; de outro, a ação dele sobre si mesmo, sempre inclinado na vontade de praticar o bem.

O esquadro constitui um artefato de capital importância para o processo de transformação da "pedra bruta" em "pedra cúbica". Simboliza o próprio Aprendiz no seu esforço para se aperfeiçoar e polir seu caráter, a sua retidão e a sua integridade; enfim, é o próprio símbolo de aperfeiçoamento na Maçonaria. Por esse motivo, deve ser confiado àquele que

tem a missão de criar Maçons perfeitos – o Venerável Mestre –, que tem a obrigação de ser o Maçom mais reto e justo da Loja por ele presidida.

A joia reservada ao 1.º Vigilante é o nível. O nível é o instrumento destinado a determinar a horizontalidade de um plano. Ao inseri-lo no desígnio simbólico, provoca a reflexão acerca da igualdade, base do direito natural. Não permite aos Maçons esquecer que todos são filhos da mesma natureza e que a interação deve ser com igualdade fraterna. Todos são dignos de igual respeito, desde aquele que ocupa o mais elevado cargo até aquele que exerce as funções menos qualificadas, inclusive daquele que está iniciando no conhecimento Maçônico. O nível lembra que ninguém deve dominar os outros.

A joia confiada ao 2.º Vigilante é o prumo. Este artefato simboliza a profundidade do conhecimento e a retidão da conduta humana, segundo o critério da moral e da verdade. Incita o espírito a oscilar, para a ascensão e para o descenso, já que a introspecção permite a descoberta dos próprios defeitos e, até mesmo, a elevação acima da qualidade habitual. O propósito dessa alegoria é a instrução de se marchar com firmeza pela estrada da virtude, e, não só reprovando, mas não ser propenso à avareza, injustiça, inveja e perversidade, e delas se deixar dominar, valorizando, afinal, a retidão de julgamento e a tolerância. O prumo é considerado como o emblema da estabilidade da Ordem.

O Mestre de Cerimônias está sempre operando mentalmente a expansão da Luz, levando por onde percorre essa claridade da Divindade, e, de forma fictícia, abre um canal de comunicação que verte incessantemente a energia vinda desse "Plano Superior".

Apenas cedendo destaque aos oficiais mencionados, que mais se ocupam no ofício da abertura dos trabalhos, pelas suas próprias prerrogativas, têm eles o dever de zelar pela regularidade da condução da cerimônia inicial, cuidando para que a riqueza das alegorias seja proferida de forma a iluminar o desígnio dos presentes e para que a Sessão prossiga com ordem e exatidão.

Os oficiais em referência, sob a responsabilidade litúrgica, representam a tripla manifestação da Divindade: "Sabedoria, Força e Beleza", que permanece em comunicação incessante pelo movimento do encarregado de orientar o cerimonial, o Mestre de Cerimônias.

Rito Escocês Antigo e Aceito

O início dos trabalhos nas Sessões do Rito Escocês Antigo e Aceito possibilita seja ilustrado ou representado pela seguinte alegoria:

Antes de se aplicar a atenção nos detalhes da abertura dos trabalhos, importa tomar em consideração a interrogação do Venerável Mestre: *Para que nos reunimos aqui, Irmão 1.º Vigilante?* Ele então responde: *Para combater a tirania, a ignorância, os preconceitos e os erros, e glorificar o Direito, a Justiça e a Verdade; para promover o bem-estar da Pátria e da Humanidade, levantando Templos à Virtude e cavando masmorras ao vício.*[42]

Combater a **Tirania** é a oposição aos métodos autoritários, de um governo constituído na ilegalidade, e que oprimem, são injustos e cruéis.

Combater a **Ignorância** porque ela é o maior de todos os vícios, manifestando-se por meio do pleno desconhecimento, falta de instrução, falta de saber. Classifica-se em três espécies: ou por nada saber; ou por saber mal o que se sabe, ou por saber coisa diversa da que se deveria saber.

Ela arrasta o homem a propósitos prejudiciais ao bem e à perfeição. De regra, os ignorantes posicionam-se contra o aprendizado e, para levar vantagem, afugentam as luzes e intensificam as trevas.

Trata-se de uma imposição o combater a ignorância e exige um trabalho incessante para conseguir a emancipação progressiva e pacífica da humanidade, com os propósitos favoráveis ao bem de todos.

Combater os **preconceitos** porque conservam oprimidos os espíritos e as consciências de enorme parte da humanidade.

Combater os **erros** porque são os desvios do bom caminho; ou as medidas indecisas, incertas, associadas a uma regra que convém a outrem.

Para glorificar a **Verdade**, que é a que está em conformidade com o certo, exato, real. Aliás, para se encontrar a verdade é preciso renunciar aos desvios e viver a plenitude da vida moral e o exercício prático que leva à efetiva realização da virtude. Portanto, a verdade é a própria simplicidade, a própria singeleza, a enunciação de pensamento com franqueza, com sinceridade, a própria lógica natural. E a **justiça** se constitui na necessidade de defender o direito e a moral, vivendo segundo

[42] Ritual 1.º Grau – *Aprendiz-Maçom* – REAA, GOB, 2009.

os ditames da honra, no amor ao próximo e dando a cada um o que for justo, de acordo com sua capacidade, obras e méritos, porque, no mínimo, a pena pela omissão será o risco do sofrimento eterno. Empenhando esforços para melhorar a existência, se estará promovendo o bem-estar para a humanidade. Contribuindo para a "obra da luz e do conhecimento" e sendo um construtor social, o Maçom estará levantando "Templos à Virtude". E enfrentando, se necessário, aqueles que ainda não se convenceram quanto à verdadeira finalidade da vida, "cavam-se masmorras ao vício".

Feitas essas considerações, a fim de se aclarar o sentido e o significado do conjunto de formalidades do início dos trabalhos, há que se avocar a função do Diácono:

A palavra *Diácono* deriva do grego e significa servidor. Os Diáconos, em número de dois no Rito Escocês Antigo e Aceito, exercem a função de verdadeiros mensageiros. O 1.º Diácono é encarregado de transmitir as ordens do Venerável Mestre ao 1.º Vigilante e a todas as Dignidades e Oficiais, de sorte que os trabalhos se executem com ordem e perfeição; já o 2.º Diácono deve executar a mesma tarefa, sendo que as ordens partirão do 1.º Vigilante e serão transmitidas ao 2.º Vigilante, zelando para que os Irmãos se conservem nas "Colunas" com respeito, disciplina e ordem. A joia confiada aos Diáconos é a pomba, uma alusão à simbologia de mensageira a ela inerente.

Todos nós temos um Diácono em nosso interior que leva as mensagens a outros órgãos do nosso corpo. Um exemplo que contém um grau de exagero, mas que facilita a memorização: qual a mensagem que o nosso cérebro envia para que se movimente qualquer membro? Quantos receptores temos nós?

Há que se ressaltar que o 1.º Diácono tem acento à direita e abaixo do sólio, e, guardadas as devidas proporções e dimensões, trata-se da mesma posição do Arquiteto da Maçonaria ADONHIRAMITA.[43]

[43] Posição do magnetismo da Terra, justamente onde a energia cósmica é recebida no nordeste e se movimenta para o sudoeste, inclusive, é a direção do local onde é assentada a Pedra Fundamental do Templo.

No início dos trabalhos, o 1.º Diácono, para chegar ao trono da "Sabedoria", é obrigado a subir os três degraus, que simbolizam a pureza (de sentimento), a luz (da verdade) e a verdade (cristalina), e, aí, recebe o "Verbo".

Todos nós conhecemos o axioma Bíblico: *No início era o Verbo e o Verbo era Deus. A Criação é obra do Verbo.*

O 1.º Diácono desce ao ocidente e o "Verbo" é manifestado ao 1.º Vigilante, que representa a força, um dos lados do nosso "Templo Interior", que é a parte em que está também na persistência, determinação, na energia e apoio para orientação e solução dos problemas materiais, morais e espirituais.

Por sua vez, o 1.º Vigilante transmite o "Verbo" ao 2.º Diácono, que o leva até o 2.º Vigilante, ou do outro lado do nosso "Templo Interior", parte que é vista como o símbolo do equilíbrio e da estabilidade que deve existir dentro de todos os Maçons e na Ordem.

Feita a circulação e a verificação das "Colunas", ou a "Força e a Beleza", há a certeza do equilíbrio das energias que se opõem aos nossos anseios e, assim, a contemplação da "Sabedoria".

Em resumo, o Venerável Mestre envia o seu mensageiro (1.º Diácono) com o "Verbo" ao 1.º Vigilante, e esse envia o seu mensageiro (2.º Diácono) com o mesmo "Verbo" ao 2.º Vigilante. O "Verbo" não é falado em voz alta, pois o ensinamento esotérico revela que "Ele" é de posse dos três dirigentes da Loja. Como já foi referido, nesse momento é chegada à hora de se iniciar os trabalhos, razão pela qual é comunicado que está *tudo justo e perfeito*.

O *justo e perfeito* é o templo interior construído, o "homem-pedra". Ao atingir a perfeição, pode conhecer a verdadeira palavra perdida, o verdadeiro nome do Supremo Criador dos Mundos que se encontra dentro do Delta. A "Sabedoria, a Força e a Beleza" representam o perfeito equilíbrio entre os três aspectos da Divindade, a tríade sagrada: Pai, Filho e Espírito Santo. No núcleo do Maçom estão escondidas as virtudes que foram cultivadas durante o desenvolvimento espiritual de seu ser. Então ele pode se sentir justo e perfeito.

Maçonaria Adonhiramita

De igual modo, nas Sessões da Maçonaria ADONHIRAMITA, o início dos trabalhos pode se tornar mais compreensível através da exposição de pensamentos pelas seguintes metáforas.

Evidentemente, antes de qualquer movimento, na Loja, não só para a Maçonaria ADONHIRAMITA, mas para todos os Ritos oficiais que o Grande Oriente do Brasil adota, exceto o Rito York, o Arquiteto do Templo há de realizar a preparação do Templo com seus ornamentos e providenciar todo material necessário para a realização da Sessão designada para aquela data.

Revigoramento da Chama Sagrada

Verificado o acabamento da preparação referida no subtítulo anterior, a Comissão para o Revigoramento da Chama Sagrada adentra no Templo, composta de quatro Irmãos: o Mestre de Cerimônias, o Arquiteto, o 2.º Experto e o Cobridor Interno, armados de espadas embainhadas. O último posiciona-se no seu local de ofício e os três primeiros tomam posição diante do Candelabro, no Oriente, formando um triângulo e revigoram a Chama Sagrada, de acordo com o procedimento do Ritual. A Chama Sagrada, produzindo a luz, simboliza a presença do Divino, que pode ser ilustrada com as seguintes alegorias:

A partir deste momento o Templo se transforma em Loja.

Os quatro Irmãos, tal como o próprio número 4, possuem significações que se ligam: ao quadrado; os quatro braços da cruz; os quatro cantos do mundo; os quatro pontos cardeais; as quatro cores primárias; os quatro pilares do Universo; as quatro fases da lua; quatro estações; quatro elementos; quatro humores; quatro Evangelistas; quatro letras no nome de Deus (YHVH).[44]

---

[44] Loc. cit. 7. p. 758 / 762.

Aparecem com evidência na liturgia da Maçonaria:

a) **O quadrado, que** foi sempre considerado como a imagem de um Templo perfeito, de regra, designando o Templo de Salomão, edificado segundo a Cabala, de acordo com o *Adão Kadmon*.

b) **Os quatro cantos do mundo, referidos, no Livro Apocalipse, da Bíblia Sagrada:** *"Depois disto, vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, conservando seguros os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma".*[45]

Veja-se que os anjos não são identificados, mas a tarefa deles fica evidente. Por sua vez, os quatro cantos e os quatro ventos representam os quatro pontos cardeais, que é a designação comum às direções da rosa dos ventos que apontam para norte, sul, leste ou oeste.

Aliás, no momento em que o Candidato se encontra junto à porta do Templo para a cerimônia da Iniciação, o Mestre de Cerimônias é indagado pelo Venerável Mestre, quanto a indiscrição daquele em lá conduzi-lo: Que quereis? Que pretendeis? Assim é a resposta que oferece: *Anunciar aos quatro cantos do mundo e apresentar a esta Assembleia que deseja ser admitido em nossos mistérios.*[46]

O significado é a convicção da Iniciação do Candidato aos mistérios da Maçonaria e o fato é anunciado para o conhecimento de todos os componentes desta.

c) **As quatro letras no nome de Deus (YHVH).** Tetragrama Sagrado que se refere ao nome do Deus de Israel em forma escrita, e JHVH na forma latinizada. O vocábulo deixou de ser utilizado há milhares de anos na pronúncia correta do hebraico original, uma língua quase extinta. As pessoas perderam ao longo das décadas a capacidade de pronunciar de forma satisfatória e correta, pois a língua precisaria se curvar (dobrar) de

[45] Loc. cit. 8. Apocalipse 7:1.

[46] Loc. cit. 29. p. 213.

uma forma em que especialistas no assunto descreveriam hoje em dia como impossível.

d) **Os quatro elementos:** *terra, ar, fogo e água*, que é a referência ao que seria essencial à vida humana no planeta, ou as suas quatro energias que recebem e se integram à energia do Universo.

Observado isso, cabe repetir que o Mestre de Cerimônias, o Arquiteto e o 2.º Experto, em tomando posição formando um triângulo, invocam a graça da presença Divina entre os Irmãos, com **a seguinte oração:** *Que o G.A.D.U. nos conceda a graça de revigorarmos a luz aqui adormecida, mas flamejante em nossos corações, para iluminar os nossos trabalhos.*[47]

O Arquiteto, posicionado a Nordeste, acende a chama. Por que nesta posição? Porque sua posição mantém o magnetismo da Terra, justamente onde a energia cósmica é recebida no nordeste e se movimenta para o sudoeste, inclusive; é o local onde é assentada a Pedra Fundamental do Templo.

A posição da Pedra Fundamental da edificação do Templo Maçônico é no canto nordeste da fundação do prédio, ou seja, no local que fica entre o canto norte e a metade da parede leste, do Oriente obviamente, que é a trajetória do Sol no solstício de verão no hemisfério norte, que se inicia no dia 21 de junho.

Ressalte-se que no lado nordeste, durante o verão, na estação do ano que é a mais comemorada por todos os povos, o Sol nasce com todo o seu esplendor derramando seus raios de luz sobre o planeta.

No curso anual do Sol, o solstício de verão é o ponto norte mais extremo, e os dias desse período são os mais longos do ano. Diferentemente dos equinócios de primavera (a partir de 20 de março) e do outono (iniciando em 23 de setembro), nos quais os dias e as noites têm a mesma duração e no solstício de inverno (começando em 21 de dezembro), cujas noites são mais longas que os dias. Todos esses detalhes tendo por base o hemisfério norte, de onde a Maçonaria se origina.

Essa direção traçada pelo Sol, consistindo a linha natural de energia que flui do nordeste para o sudoeste, sem dúvida, é o movimento circular onde se pode obter o máximo de benefícios das energias cósmicas.

---

[47] Ibid. p. 78.

É a razão do posicionamento do Arquiteto do Templo, quando é formado o triângulo para revigorar a Chama Sagrada.

Reitere-se que a partir desse momento o Templo se transforma em Loja, local Sagrado, com a presença da Luz Divina e, por isso, a Circulação do Grau, de acordo com o símbolo do "infinito" (∞), torna-se obrigatória.

Por fim, o Revigoramento da Chama Sagrada, no Rito ADONHIRAMITA, simboliza a continuidade e junção dos trabalhos ou a ligação do anterior com o atual, e, em especial, a conexão com o **G.A.D.U**, em consciência, é compartilhada entre os Irmãos uma mesma sintonia, encontrando-se em estado de plena harmonia, de igualdade e frequência espiritual.

Ingresso dos Obreiros no Templo

Colocados nos lugares ordenados no Ritual, antes da Entrada no Templo, por meio da reflexão e da introspecção necessárias, os Obreiros deixam no lado de fora os sentimentos negativos da vida profana, e se preparam no íntimo de suas almas, para que nada venha interferir no trabalho a ser realizado.

O Cobridor, por sua vez, aponta a Espada para o plexo solar do Mestre de Cerimônias, que está relacionado com as emoções, ou onde se armazena a Energia Vital Física e permite a entrada.

Incensação

A incensação tem como valor alegórico a associação do homem à divindade, do finito ao infinito, e libertar as negatividades. Ao espargir a fumaça, a cerimônia purifica o ambiente, tanto no sentido físico, por se tratar de substância com propriedades antissépticas, quanto o espiritual, porque o incenso tem a incumbência de elevar o pensamento ou a prece ao divino. A incensação gera, pois, uma atmosfera de aroma agradável e magnetiza com fluidos benéficos os obreiros e o ambiente, contribuin-

do para a formação da egrégora e propiciando a reflexão, além de estabelecer a condição necessária à boa realização do trabalho.

Durante a Cerimônia são invocados os poderes do G.A.D.U. *Sabedoria, Força e Beleza*. E são mentalizadas, pelo Mestre de Cerimônias, na sequência, enquanto incensa, com a quantidade respectiva de dutos, mais os seguintes atributos do Ser Supremo:

Orador:	Justiça.
Secretário:	Memória.
Do Oriente para as Colunas:	Liberdade, Igualdade, Fraternidade.
De entre Colunas para Oriente:	Que a paz reine em nossas colunas.
Cobridor Interno:	Diligência.
Mestre de Cerimônias:	Harmonia.
O Exterior da Loja:	Paz e Amor.

Cerimonial do Fogo

O Cerimonial do Fogo, que sucede ao da Incensação, sob o sentido alegórico, tem o propósito de transportar, com outra vela ativada, além da energia cósmica recebida no nordeste, a Luz Divina que aquece e ilumina os pilares, as três grandes "Colunas", sustentáculo da Loja, as quais, ao revigorar as respectivas chamas, invocam, mais uma vez, a "Sabedoria, a Força e a Beleza", atributos do G.A.D.U., tendo por fim atrair esse fluxo de energias e Luz Divina para iluminar todo o orbe.

O Mestre de Cerimônias, no decorrer do cerimonial, opera mentalmente a expansão dessa Luz, levando por onde percorre essa claridade da Divindade, e, de forma fictícia, abre um canal de comunicação que verte incessantemente a energia vinda desse Plano Superior.

No final desse cerimonial é feita a súplica de que a Luz Divina habite perpetuamente entre todos, representando, assim, alegoricamente, a tripla manifestação da Divindade: o poder da Sabedoria, que orienta o caminho da vida; da Força, que ensina e sustenta em todas as dificuldades; e da Beleza, que adorna nossas ações, nosso caráter e nossa alma.

Por derradeiro, observe-se que o conjunto das duas cerimônias, isto é, do revigoramento da chama sagrada e do Cerimonial do Fogo, ence-

nam a mais bela ritualística do avigorar das velas na Maçonaria, constituindo o fundamento para a busca e manutenção da harmonia, da paz e da concórdia.

Verificação se a Loja está coberta

A verificação é feita pelo 2.º Experto, que, armado de Espada, dirige-se ao Vestíbulo e, após as devidas verificações, volta, fecha a porta e comunica ao 1.º Vigilante que a Loja está coberta; a mesma enunciação é feita para os demais.

A observação do exterior do Templo não significa só guardar ou proteger a Loja e confirmar se há ou não pessoas do mundo profano no Átrio. O ato é apenas uma representação.

Além de outras interpretações, pode-se dizer que tem o sentido de que a Loja está coberta pelo manto sagrado do G.A.D.U., em toda sua extensão, dos maus fluidos e de tudo o que é ruim. Representa que cada Obreiro está protegido das influências profanas, a fim de evitar que energias sentimentais e mentais indesejáveis encontrem guarida em seus corpos.

Portanto, a Loja está composta de pensamentos positivos e que a evolução, como indivíduos, já passou pelo físico, pelo mental e se encontra no espiritual, a fim de melhor desenvolvimento dos trabalhos.

Verificação do Sinal

O Sinal, na verdade, faz parte do aspecto sigiloso da Maçonaria e visa à comunicação breve, inteligível e definitiva. O Sinal habilita os presentes a permanecerem na Loja. Evoca o poder do Grau que ativa e estimula a faculdade do Chakra, para que cada membro possa expressar plenamente o poder que lhe foi conferido.

Wirth diz: *A mão d∴, colocada em Esquadro sob a g∴, parece conter o fervilhamento das paixões que se agitam no peito, preservando, assim, a cabeça de toda exaltação febril, suscetível de comprometer nossa lucidez de*

espírito. O sinal do Aprendiz significa, dentro desse ponto de vista: Estou de posse de mim mesmo e me proponho a julgar tudo com imparcialidade.[48]

Para que nos reunimos?

"Para levantar Templos à Virtude, forjar algemas ao Vício e cavar masmorras ao Crime". Não é mera locução. É o mais forte chamamento para os que querem trabalhar com essa Energia que existe dentro de cada um de nós. A maçonaria propõe uma metodologia de controle do Eu Interior.

Vibrações Argentinas

As doze batidas, como mantras, através da vibração do som, quebram as negatividades que ainda possam perdurar no Templo, fazendo com que os maus pensamentos e sentimentos sejam afastados, e a harmonia e a concentração prevaleçam.

O toque das doze badaladas dissemina externamente, até onde o som possa chegar, uma vibração que influencia e atua naquele que o recebe. É o som que gera um diapasão ou cria um estado de plena igualdade e frequência espiritual e estabelece a Egrégora, em sintonia única.

Razão do horário de Trabalho ser "do meio-dia à meia-noite"

Relativamente a isso, J.M. Ragon ensina: "A explicação corrente, apenas aceitável para um homem que tem espírito crítico, é que o homem aprende durante a primeira parte de sua vida e é somente quando chega ao meio-dia de sua existência que ele se torna útil à comunidade. Mas então, meia-noite corresponde à morte; as horas antes do meio-dia são visivelmente mais fecundas e úteis que os anos enfraquecidos da velhice."[49]

---

[48] Wirth, *Le Livre de l´Aprenti*, p. 148.

[49] RAGON, J.M. *Ritual do Grau de Aprendiz*, São Paulo: Ed. Pensamento, 1997.

Ao mesmo tempo, a tradição chinesa, como a escola de Zoroastro, considerava a metade do dia, de meia-noite ao meio-dia, como o período em que o ar é ativo. E do meio-dia à meia-noite como período em que o ar é passivo. Sendo este último período o mais indicado para o desenvolvimento intelectual e espiritual, é a razão por que tais escolas como a Maçonaria "trabalham de meio-dia à meia-noite".

Por essas duas lições pode-se deduzir que há dois ciclos energéticos no período de 24 horas, considerado como unidade de medida de tempo. No tempo determinado entre a meia-noite e o meio-dia é o ciclo de restauração energética (recuperação de energia). E no tempo determinado entre o meio-dia à meia-noite é o tempo em que a energia está restaurada (com toda energia). Razão pela qual, neste último horário, com a energia recuperada, o trabalho é realizado com resultado mais proveitoso.

Também no horário em que começa ao meio-dia, o sol está a pino, e, não há sombra. Sendo, portanto, igual para todos, porque ninguém "faz sombra" em ninguém.

Formação do Pálio

O Pálio é formado no Altar dos Juramentos, com espadas na mão direita, e se trata de um dos momentos mais sublimes da Sessão. A forma piramidal, que é criada, é considerada como poderosa e concentradora de energias oriundas de planos superiores, concentrando-as no Ara referido.

Formam, ao mesmo tempo, uma proteção contra as influências e energias negativas, uma cobertura para que o Orador possa abrir o Livro da Lei, que representa a Consciência da "Força-Pensamento Coletiva" que é formada.

Nas antigas cerimônias místicas, os Sacerdotes abrigavam-se sob o Pálio.

Abertura do Livro da Lei

O Livro das Sagradas Escrituras é o Livro da Lei Moral para os Ritos teístas, representando o caminho da retidão a ser seguida. O Orador, ao

ler em voz alta o versículo designado, oferece o seu sopro, iniciando com a sua vibração os mistérios ocultos da Maçonaria, numa ação criativa, que se oferece sempre diferente para cada reunião que se inicia.

*Momento em que é **declarada aberta** a Loja*

Aclamação

Vivat! Vivat! Vivat!

Tem o mesmo significado da saudação hebraica *Huzzé! Huzzé! Huzzé!* Que traduzida é *Viva! Viva! Viva!* Que em francês antigo corresponde a *Vivat! Vivat! Vivat!*

Constitui uma aclamação e, por isso, é pronunciada com voz firme e forte. Sem dúvida, deixa os presentes mais alegres e confiantes, formando uma corrente de otimismo. Na Idade Média, quando um católico se encontrava com outro, dizia: DOMINUS VOBISCUM (O Senhor esteja convosco); *ET CUM SPIRITU TUO* (E convosco (tigo) também).

Conclusão

O conjunto de procedimentos utilizados para ultrapassar a subjetividade do cerimonial Maçônico, através da liturgia dos seus Rituais, busca transmitir conhecimentos para o aperfeiçoamento do princípio espiritual do Maçom, ou o lugar mais íntimo da alma dele, que, pela efetivação das atividades e princípios adotados, favorecem uma melhor compreensão, possibilitando a melhoria no processo iniciático e, gradativamente, com mais consistência, enfim, o entendimento de que tudo está interligado à "Energia Divina" ou a uma grande rede de luz, a "Verdadeira Luz", que, em sendo devidamente percebida, iluminará e guiará por todos os caminhos a serem percorridos.

Título VI

Cobridor interno ou guarda do templo e a espada

	A Joia do Cobridor Interno ou Guarda do Templo é Duas Espadas Cruzadas.

Primeiramente, importa observar que o COBRIDOR Interno ou Guarda do Templo, ao ser empossado no cargo, é revestido com a Joia representada em Duas Espadas Cruzadas. Assim é o explicitado formalmente pelo Venerável:

> *Vosso dever é só permitir o ingresso no Templo àqueles que possam tomar parte em nossos trabalhos. (...) as Espadas cruzadas indicam que estão em guarda para o combate e ensinam-nos a pormo-nos em defesa contra os maus pensamentos e ordenarmos moralmente nossas ações.*[50]

De acordo com o Ritual de Investidura dos Oficiais para o cargo de COBRIDOR Externo, a Joia é a Alfange para o REAA e a Espada para o Rito Adonhiramita, conforme as imagens abaixo:

[50] RITUAL, *Investidura dos Oficiais Eleitos e Nomeados*, GOB, 2010.

O Cobridor Externo, tal como o Interno, tem obrigações bem específicas. As palavras do Venerável são:

> *Sua função é não permitir que curiosos e indiscretos se aproximem do Templo. Sua joia, simbolicamente, alerta-vos que devemos impedir que se aproximem de nosso espírito os maus sentimentos, tanto quanto a fraqueza e a traição.*[51]

Pode-se deduzir daí que o Cobridor Externo é o mensageiro de Deus e é o que vem anunciar ao Cobridor Interno aqueles que vêm se apresentar e que pedem suas admissões. O Deus prudente que prefere os lugares sóbrios é o Cobridor Interno.

Importa registrar que o Cobridor Externo é um Oficial que está sendo relegado e abandonado pelas Lojas, pois raramente é observado ou posto em prática. Um exemplo que se pode citar, tal como é em quase todos os locais, na sede do GOB-RS atualmente há o Porteiro que cuida ou presta os serviços de segurança da edificação e, com isso, garante o rigoroso silêncio nas cercanias do Templo e zela para que não haja evasão sonora durante a realização dos trabalhos em Loja.

Ao mesmo tempo, a função do Cobridor Externo, armado de Espada ou de Alfange, como sentinela ou Guardião, devendo permanecer no vestíbulo do Templo, não participa diretamente dos trabalhos que se desenvolvem, o que gera a perda de estímulo ao exercício da função.

Espada – símbolo, emblema e alegoria

Antes de qualquer outro encadeamento de pensamento, a fim de efetiva compreensão sobre a Espada, cumpre registrar que se trata de *arma branca, formada de uma lâmina comprida e pontiaguda, podendo ser de um ou de dois gumes.*[52] Cuida-se, pois, de forma convencional, de objeto que indica o símbolo do poder, em especial, no meio militar. E, sob esse aspecto, a Espada, também, é o símbolo da guerra e do soldado. Por extensão, o respeito, o "terror", na alma do inimigo, e nesse sentido,

---

[51] Op. cit.

[52] Loc. cit. 36.

incluem-se os criminosos, a fim de demonstrar que a força social está a serviço da Justiça.

Feito tal juízo, cumpre indagar: por que duas espadas e, ainda, cruzadas, correspondendo a joia ou emblema do Cobridor? O que representam? A definição está no Ritual. Tal como transcrito acima. Mas, por certo, em Maçonaria, a Espada possui um simbolismo e alegorias em grande número. E, tal como é, de regra, para as pessoas em geral, a Espada é na Maçonaria o instrumento usado no cerimonial como símbolo de poder e autoridade.

Procura-se saber, então, poder e autoridade sobre o quê?

Primeiramente, a imposição de respeito e a energia física contra a intrusão e a força dos profanos. Esta, talvez, seja a representação de uma delas. Para ilustração cabe trazer a lume a alegoria pertinente aos israelitas, que, liderados por Zorobabel, retornaram a Jerusalém para a reconstrução do Templo e, para tanto, trabalhavam armados com suas espadas para repelir eventuais ataques inimigos. Aliás, é a razão pela qual receberam o título de "Cavaleiros da Espada".

Por outro lado, a duplicidade das espadas representa, obviamente, uma segunda oculta, utilizada quando realizamos nossos trabalhos, que é a "Espada da Luz ou do Espírito" e é a verdadeira e a que possui o significado mais intenso, porque é mais penetrante do que qualquer lâmina afiada e brilhante. Ela funciona como um para-raios, impedindo e combatendo as energias negativas que buscam ingresso no Templo. É símbolo, também, da dissipação das trevas e da ignorância que nos cercam.

Essa espada oculta, invisível, representada no mundo físico por aquela outra visível, é a efetivamente utilizada nos trabalhos em Loja.

Ao mesmo tempo, vale lembrar que esse é o sentido do processo Iniciático, individualmente realizado para o aperfeiçoamento espiritual e, por via dele, ao moral e social.

Por esse expediente, já na Iniciação, ao candidato, após ter sido declarado livre e de bons costumes, é lhe concedido o direito de adentrar no Templo.

Na **Maçonaria Adonhiramita**, o 1.º Experto aproxima-se e encosta-lhe a ponta da Espada, no peito, do lado esquerdo, até que o Venerável

esclarece *que a arma, cuja ponta sente sobre o coração,* ***simboliza*** *o* ***remorso*** *que vos perseguirá se fordes traidor à sociedade a que desejais pertencer.*[53]

No **REAA** o Experto coloca sua Espada sobre o coração do candidato, que, apesar de vendado, percebe e reage com um leve tremor, respondendo que a impressão que tem é de uma arma apontada em seu peito.

O Venerável esclarece que é *a arma, cuja ponta sentis, simboliza o remorso que há de perseguir-vos, se fordes traidor(es) à instituição a que desejais pertencer.*[54]

Porém, além de simbolizar o remorso e a punição aos perjuros ou traidores, no mesmo sentido dos conhecimentos obtidos pelo processo Iniciático, é possível arrolar as seguintes alegorias:

I) Além da primeira, nas demais cerimônias de iniciação, elevação e exaltação, assim como nas subsequentes, da série dos altos graus, o Malhete e o Cetro que o substitui são utilizados para soar sobre a **espada** a bateria da consagração que com a vibração sonora e o efeito dos eflúvios constituem a criação, ou seja, aquilo que impregna e penetra definitivamente. Representa o Poder e Unidade que se manifesta na Inteligência (mão esquerda) como sabedoria, e na Vontade (mão direita) como capacidade e efetividade de domínio.

II) A Espada é, na Bíblia, um emblema da **palavra**, ou da exteriorização do pensamento. Em Apocalipse, 1.16, consta: *e da sua boca saía uma aguda* ***espada*** *de dois gumes.*[55] Além de que, *sai da boca da Imagem do Filho do Homem uma* ***espada*** *de duas lâminas afiadas, circundada por sete velas douradas, e tendo em sua mão direita sete estrelas.* Ó Senhor, diz Isaías, "fez minha boca como uma espada afiada". "Eu os matei", diz Hosea, "com as palavras de minha boca". "As palavras de Deus", diz o escriba da carta apostólica aos Hebreus, "é rápida e poderosa, mais afiada do que qualquer espada de duas lâminas, dissecando até à divisão entre a alma e o espírito". "A espada do Espírito, que é a Palavra de Deus"[56] em Efésios escrito aos Cristãos; "e contra eles batalharei com a espada da

---

[53] Loc. cit. 29. p. 215.

[54] Loc. cit. 42. p. 106.

[55] Loc. cit. 8. Apocalipse 1:16.

[56] Ibid. Efésios 6:17.

minha boca",[57] está dito no Apocalipse ao anjo da Igreja, em Pérgamo. *Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas a que seja boa para a necessidade da edificação, a fim de que ministre graça aos que ouvem.*[58]

Como se vê, na hipótese, a palavra verdadeira é uma **espada** de dois gumes. A língua, também, foi assim considerada porque ela pode ferir ou bendizer. De forma que a **Espada** exerce um fascínio especial sobre a mente humana, por seu significado ativo, viril, impetuoso e másculo. Todo o misticismo que existia sobre a **Espada**, antes incompreendido em bases racionais, foi absorvido pelos conhecimentos psicológicos, devidamente interpretados.

Sob esse pensamento, pode-se afirmar que a palavra ou qualquer boa proposição verbal é mais poderosa que a coerência lógica proferida com a destreza engenhosa para impulsionar os corações. Em outras palavras, quando surge um profeta para incitar o insensível, suas palavras vêm diretamente de Deus e retumbam para dentro da consciência. Logo, essa pessoa que prediz o futuro, seguindo o caminho de sua vida na força da justiça, com sabedoria e com poder "da **espada**", como referido acima, consagra-se na lógica vigorosa do senso comum, não o do ignorante, mas o senso comum dos sábios.

III) Por último, cumpre notar que num dos encerramentos do trabalho, na Maçonaria, os presentes estendem ao Presidente a sua **Espada**, em sinal de respeito e obediência, numa comprovação de que estão dispostos a lutar pela causa dos que estão mergulhados nas trevas; pela causa do ensino; e de sua luta contra a ignorância.

Conclui-se, daí, que têm dupla representação as duas **Espadas Cruzadas**; obviamente, uma refere-se à imposição, pela energia física, contra os intrusos, se porventura aparecerem; e, a outra, com seus múltiplos significados, está relacionada com a própria vontade do Maçom, cujo sentimento deve aplicá-lo com todas as forças, objetivando prosseguir avançando na estreita senda do aperfeiçoamento. "*A **espada** do Espírito, que é a Palavra de Deus.*"

Depois de analisar a representação das Espadas Cruzadas, atenta-se ao tema proposto.

---

[57] Id. Apocalipse 2:16.

[58] Id. Efésios 4:29.

Da segurança dos trabalhos da Loja

Na hipótese de haver a assunção de ambos os cargos, isto é, o COBRIDOR Externo e o COBRIDOR Interno ou Guarda do Templo, eles se compõem em verdadeiros zeladores, de forma que, caso haja suspeita quanto a posturas e atitudes, bem como de intromissões externas de profanos ou a percepção de que possa acontecer algo que comprometa os trabalhos em Loja, eles detêm o poder de informar um ao outro e ao 2.º Vigilante, implicando, se for o caso, o encerramento dos trabalhos e a Loja Fechada, por, apenas, um Golpe de Malhete do Venerável Mestre.

Não é diferente na hipótese de interpretação hermética da Maçonaria. São os guardiões dos nossos pensamentos, e de qualquer natureza de energias que possam conspirar contra a realização dos trabalhos.

Portanto, o Cobridor Externo e o Cobridor Interno ou Guarda do Templo devem despender muita atenção e ter uma visão aguçada de antever o que outros não conseguem ou não sentem, inclusive a tudo que pode estar acontecendo aos outros, que, por vezes, podem estar assistindo ou vendo, sem notar, e permanecer sofrendo em silêncio.

Nenhum dos presentes, portanto, há de absorver forças negativas ou indesejáveis, porque, além de não estar só, evitará o grande incômodo e o desconforto em prol dos demais, graças ao **inefável** valor da sabedoria do Cobridor Interno ou Guarda do Templo. Uma das duas espadas cruzadas é utilizada de forma desembainhada, porque ela representa os Anjos de Luz que repelem com Espadas reluzentes os espíritos indesejáveis.

Logo, a Espada portada com a postura adequada e firme, não só assusta, mas repele qualquer mal que deve ficar fora dos trabalhos em Loja.

Porém, como referido acima, geralmente não há a ocupação do cargo de Cobridor Externo, razão pela qual o Cobridor Interno ou Guarda do Templo executa as funções, concomitantemente, de zelar a Loja pela sua incolumidade; pelo sigilo dos trabalhos; pela segurança na entrada do Templo; pela fiscalização da indumentária dos obreiros; pela identificação das pessoas que chegam depois e que a ele se dirigem; anunciar a presença daqueles que ele julgou dignos de entrar e participar dos augustos trabalhos; reportando-se ao 1.º Vigilante, o qual transmite as in-

formações ao Venerável Mestre, ou referir-se diretamente a este, de acordo com o constante do Ritual.

O COBRIDOR Interno ou Guarda do Templo

A denominação de Cobridor, segundo Nicola Aslan, vem da Maçonaria Operativa, porque um edifício em construção só é terminado quando o teto se encontra coberto de telhas. Na Maçonaria Especulativa, o Cobridor cobre o recinto dos trabalhos de toda a intrusão profana com telhas, que significa *Telhar*. Daí a confusão entre *Trolhar,* que é passar a *Trolha*, e *Telhar*, que é cobrir, impedir que estranhos se introduzam em nosso meio.

Até hoje se questiona qual a expressão mais adequada, *Trolhamento* ou *Telhamento*. Uns entendem mais apropriado o anterior, eis que desde Portugal, origem da nossa Maçonaria, o *Trolha* era o consertador das telhas que passava a argamassa com a própria trolha quando aparecia alguma goteira ou vazamento.

Cobrir o Templo é, de um lado, cuidar de sua segurança e impedir qualquer ingerência externa; e, por outro lado, participar dessa segurança ao deixar o Templo. Por extensão, a expressão "*Cobrir* o Templo" tornou-se sinônimo de "sair".

Observado isso, *Cobrir* e *Telhar*, pois são expressões especificamente maçônicas; no sentido próprio, é colocar o Templo no abrigo das intempéries; no sentido figurado, é protegê-lo contra a intrusão dos profanos.

Caso um profano consiga entrar numa Sessão, logo que isso é constatado, o Cobridor diz: "está chovendo", isto é, o Templo não está coberto.

Telhar um Visitante é interrogá-lo para verificar, por suas respostas, se ele é mesmo Maçom e se seu grau corresponde àquele em que se realizarão os trabalhos da Loja em que quer ser admitido.

O procedimento ao telhamento, na Maçonaria Adonhiramita, a fim de verificar se se trata de um bom, legítimo e fiel Irmão, antes de efetuar a marcha, o 1.º Experto, tendo-se colocado junto à porta do Templo, pedir-lhe-á o Toque e, ao ouvido, a P.P. a P.S. e a P. Sem., depois anunciará, se for o caso, que a P.S. está justa; a P.P. está perfeita; e a P. Sem. está regular.[59]

[59] Loc. cit. 29, p. 48 a 50.

No Rito Escocês Antigo e Aceito, a verificação da existência ou não de Visitantes é realizada pelo 2.º Experto e, em havendo, para o cumprimento do ato, são apresentados ao Orador para o necessário exame.

Posições recomendadas de segurar a Espada ao Cobridor Interno ou Guarda do Templo e demais Cargos

Sempre armado de espada, até mesmo antes do início dos trabalhos, junto à porta, fica no interior do Templo para a guarda que lhe foi confiada, e o acesso só é permitido aos que podem participar da Sessão, tal como se viu acima. E, por isso, deve mantê-la sempre fechada, o que representa o limite de união entre o mundo externo e a Loja, razão por que só ele pode abrir ou fechar a porta.

Isso, obviamente, obedece às regras reservadas aos Iniciados e à ritualística, contida nas tradições, cuja orientação está acompanhada dos movimentos simbólicos que por convenção são denominados "Cobridor", o que registra, além dos sinais e palavras, os toques, a idade, a marcha, a bateria, a saudação e a aclamação ligada a cada grau, como também a P. S.

O Cobridor Interno ou Guarda do Templo, no exercício de suas funções, deve segurar a Espada com a mão direita, na direção do ombro esquerdo, com o braço em esquadria, porque, dessa forma, estará protegendo o lado esquerdo, e a espada passa a receber todas as influências negativas, neutralizando-as ou transformando-as do lado direito por onde elas passam e são expelidas. Infere-se daí que, se posicionado corretamente e com a espada em riste, como uma antena de captação e transmissora das energias que circulam em Loja, está em pleno exercício de suas funções.

O lado esquerdo é o lado receptivo, onde se recebem as energias que emanam no Templo, tanto as positivas quanto as negativas. E, em contrapartida, o lado direito é o lado pelo qual se emitem e se irradiam as Energias captadas.

O Cobridor Interno ou Guarda do Templo, quando sentado, mantém a Espada com a ponta sobre o solo, segurando-a com a mão esquerda, no punho, colocando a mão direita sobre a esquerda. Empunhada

com a mão esquerda, torna-se um instrumento de transmissão e, assim, com a ponta sobre o solo, transmite as energias negativas captadas para o solo, neutralizando-as.

Em hipótese alguma poderá se afastar do seu lugar em Loja junto à porta do Templo, para o que deve cobrir a Oficina às vistas profanas, verificar a identidade dos Obreiros e comunicar ao Venerável Mestre todos os acontecimentos que interessarem ao bem da Ordem em Geral e particularmente à Augusta Assembleia que está sob a sua segurança ou guarda.

No Rito Escocês Antigo e Aceito, de acordo com a planta do Templo, ao Cobridor Interno a palavra é concedida pelo 2.º Vigilante; e, da mesma maneira, recebe as ordens e instruções por meio desse Vigilante. E, quando da abertura dos trabalhos, é o 1.º Vigilante quem ordena a verificação se o Templo está coberto, mas quem faz essa verificação é o próprio Cobridor Interno.

Na Maçonaria Adonhiramita, ao Cobridor Interno é concedida a palavra pelo 2.º Vigilante; também recebe as ordens e instruções por meio desse Vigilante. E, quando da abertura dos trabalhos, é o momento em que o 1.º Vigilante ordena a verificação se o Templo está coberto e quem faz essa verificação é o 2.º Experto.

Outra particularidade da Maçonaria Adonhiramita é a formação do Pálio, sobre o Orador, quando da abertura do Livro da Lei, e na medida do possível é formado por um Mestre da Coluna do Sul e outro Mestre da Coluna do Norte, a convite formal do Mestre de Cerimônias, os quais formarão o Pálio postando suas espadas com seu braço estendido, em ângulo de 52.º, sobre o Altar dos Juramentos, com a espada deste por baixo das demais, dando sustentação, e no encerramento, por cima, sobrepondo-as.

Desse modo, sobre o Orador e o altar do Livro da Lei forma-se uma cobertura em forma de trapézio, de maneira que, no aspecto do imaginário, o Pálio é para a proteção das energias negativas e atrair as positivas e espirituais.

De característica não menos importante, e isso é em todos os Ritos, o Cobridor Interno tem a posição da terceira e última ponta do triângulo com o vértice para baixo. O venerável e os vigilantes formam o primeiro triângulo com o vértice para cima, o orador secretário e guarda do

templo formam o segundo triângulo com o vértice para baixo, quando sobrepostos, formam a estrela de seis pontas ou Selo de Salomão, que simboliza a unidade do Espírito e Matéria cósmica, Deus manifestado em Seu Universo, o Macrocosmo. Repita-se, o hexagrama, que é a sua representação gráfica, corresponde a dois triângulos entrelaçados, dos quais o de vértice para cima simboliza, no Macrocosmo, o Espírito, e o de vértice para baixo, a Matéria.

O Cobridor Interno, posicionado no seu devido lugar e de costume, está perfeitamente alinhado com o Trono de Salomão, estabelecendo conexão direta com o vértice do Triângulo Supremo, dele recebendo toda a energia dele emanada, que se concentra, se reforça e se purifica entre colunas e é canalizada e distribuída a todos os recantos da oficina, devendo, pois, circular de forma igual e segura. Observe-se, como exemplo, que uma bateria elétrica carece de dois polos opostos para que a corrente de energia possa fluir livremente e de forma equilibrada. Logo, exerce função fundamental para o bom desenrolar dos trabalhos.

Conclusão

Para concluir, a inspiração vem do escritor Nicola Aslan, que ministra com propriedade a seguinte lição:

> *Em certas Obediências francesas, este cargo era confiado ao ex-Venerável que passa do Oriente ao Ocidente, das funções mais elevadas às mais humildes, dando a todos os Irmãos o exemplo da modéstia e da dedicação.*[60]

Esse ensinamento autoriza sustentar que as funções de Cobridor são tão importantes e necessárias, para a Loja, quanto às atribuídas ao Venerável. Os antigos Rituais, tal como narra Nicola Aslan, mostram-se perfeitamente sábios quando davam esse posto ao Venerável que deixava o seu lugar de Presidente. Essa tradição, que é uma lição despretensiosa, deve ser conservada.

---

[60] ASLAN, Nicola. *Comentários ao Ritual de Aprendiz: Vade-Mécum Iniciático*, Ed. A Trolha, 1995.

Por isso que, em se tratando de um cargo de muita importância, deve ser confiado a um Maçom que já tenha certo grau de conhecimento e aperfeiçoamento Maçônico, para que as atribuições do Cobridor sejam realizadas com aptidão, e, no sentido imaginário, de qualquer dos Obreiros, o Templo esteja protegido de intrusos e, com o saber e o seu Pálio, lance uma camada impermeável, entre os extremos do Ocidente e o Oriente, evitando que a ação do mal ingresse no recinto dos trabalhos.

Título VII

Dos deveres do homem para com Deus, Pátria, família e consigo mesmo

A Ordem Maçônica acha-se interligada na sua universalidade através de Tratados de Reconhecimento Mútuo, a partir da Grande Loja Unida da Inglaterra, a fim de **recíproca amizade, fraternal convivência, estreita colaboração e mútuo socorro.**

Tem suas estruturas básicas alicerçadas em preceitos morais, secularmente aceitas e praticadas. O Maçom não poderá ser detentor da qualidade e da condição do Ser Maçônico se não aceitar, cultivar e desenvolver preceitos e princípios que o torne digno dos postulados que formam o perfil social e político da Maçonaria.

Como Ordem perfeitamente constituída, rege-se por uma lei fundamental que, dentro do universo maçônico, é a maior e onde estão lançadas as bases legais para seu desenvolvimento, através da aplicação e disciplina entre seus membros. Na hipótese dos Obreiros da Loja a que pertenço é a Constituição do Grande Oriente do Brasil (GOB) de 2007, em pleno vigor. O referido Diploma Legal, em seu Título I, Capítulo I, ao tratar "Dos Princípios Gerais", expõe que é uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista:[61]

Iniciática – Porque é sociedade discreta. O Maçom é admitido ao conhecimento de coisas misteriosas, desconhecidas.
Filosófica – Porque é uma instituição racional e lógica. Estuda incessantemente a compreensão da realidade. É o estudo que tende a reunir uma ordem determinada de conhecimentos.

[61] Constituição do Grande Oriente do Brasil, 2007.

Filantrópica – Define-se pelo amor à humanidade através da prática da beneficência.
Progressista – Significa que é adepta do progresso, o que vem a fortalecer o ciclo da economia. Com o progresso ganham todos e, assim, vão às compras, para satisfazer suas novas necessidades.
Evolucionista – Está baseada na ideia da evolução. Fazer e ensinar para que se passe por transformações e modificações.

Com essas características proclama os princípios universais dos Direitos do Homem, já proclamados pela Revolução Francesa e instituídos em todo o mundo ocidental, quais sejam os da Fraternidade, Igualdade e Liberdade (artigo 1.º, *caput*). E, além desses preceitos fundamentais, o mesmo dispositivo legal contém outras regras, como fontes de ação a que o Maçom está sujeito, de que se pode destacar:

– a liberdade e a política do homem (inc. III e IV e V);
– o direito ao trabalho (inc. V);
– condena a exploração do homem pelo homem (inc. XII);
– condena o sectarismo político (intolerância e intransigência) (inc. XIII),

Recomenda, assim, o aperfeiçoamento moral, social e intelectual do Homem e, consequentemente, da Humanidade, o que será conseguido pelo cumprimento indeclinável dos deveres políticos e sociais.

Fundamental e ontologicamente, o Maçom é um ser religioso. Só a religião, em qualquer de seus múltiplos e diversificados ramos, pode humanizá-lo, submetendo-o ao reconhecimento de sua fragilidade e temporalidade na terra e despertando-lhe o Amor e a Caridade, tão necessários na vida fraternal que deve existir. Para tanto, a existência de um princípio criador é, além de outros, um postulado universal da Instituição Maçônica, sobre o que é impositivo que o Maçom aceite a existência de um Ser superior, Deus, "Javé" (transliteração do Nome de Deus) (**Jeová, Tot, Elohim, Eloah, Alá, Brahma**), que na Maçonaria é conhecido como Grande Arquiteto do Universo (G. A. D. U.), pois toda a filosofia maçônica fundamenta-se na afirmação de que o Maçom é um pedreiro

/ construtor, cujo objetivo é construir seu Templo interior. Nessa concepção, a Constituição de Anderson, em seu artigo 1.º, assim preceitua:

Um maçom é obrigado, por sua conduta, a obedecer à lei moral. Se compreende bem a Arte, ele nunca será um ateu estúpido ou um libertino não religioso.[62]

Dentre os vinte e cinco "sagrados preceitos que estruturam o pensamento filosófico da Sublime Ordem", o XIX Landmark, considerado um dos mais importantes, assim prevê:

A crença na existência de Deus como Grande Arquiteto do Universo.[63]

Jules Boucher, citando Fulcanelli, ressalta que "esse DEUS Amor encarna-se eternamente em cada ser, já que tudo o que existe no universo tem sua centelha vital".[64] Logo, a faculdade de amar é um reflexo de Deus, porque só podemos amar se estivermos purificados dos males maiores que nos afligem, ou seja, os defeitos morais e espirituais com os quais nos envolvemos.

São João Evangelista, no prólogo de seu Evangelho, deixou um verdadeiro monumento esotérico:

No começo era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava, no começo, com Deus. Tudo era feito por ele e, sem ele, nada se fez de tudo o que foi feito. A Vida estava nele, e a vida era a luz dos homens, e a luz brilhava nas trevas, e as trevas não o receberam.[65]

Das transcrições acima, deduz-se que para poder ser um bom Maçom é indispensável que seja um crente da existência de um Ser Superior. Imprescindível, pois, que admita e respeite um Poder Superior.

Tanto ao candidato quanto ao neófito é indagado se crê em um Ente Supremo. A resposta é no sentido de que desde o momento em que ocorre

---

[62] FERRÉ, Jean. *A História da Franco-Maçonaria (1248-1782)*, São Paulo: Madras, Tradução: Eni Tenório dos Santos, p. 190.

[63] Loc. cit. 9, p. 335.

[64] Loc. cit. 34, p. 66.

[65] Loc. cit. 8. Evangelho Segundo São João 1:1.5.

a consciência de existência e o reconhecimento de que não se existe por si mesmo, faz com que o indivíduo se prostre ao Criador. Em seguida, a pergunta quanto à virtude que é o sublime impulso da alma na prática do bem, porque somente assim o Maçom se eleva à perfeição moral e espiritual que se busca. Desse postulado ou das obrigações para com DEUS surgem os demais, conclamando ao amor à Pátria, à Família, ao Semelhante e Consigo mesmo.

Pátria e Família são dois universos que se integram indissoluvelmente no mundo maior do universo maçônico, porque o Maçom, como ser gregário e político, só pode viver e sobreviver desses mundos. Como existe um dever político para com a Pátria e outro, moral-jurídico, para com a Família, a Ordem Maçônica verbera energicamente o dever de o Maçom ser um patriota convicto e dedicado que mereça a mais absoluta confiança no bom conceito que todo bom cidadão deve merecer das autoridades legitimamente constituídas e de seus concidadãos.

A **Pátria** é a procedência mais valiosa e nos dá a condição de Ser político. Por isso mesmo, através dos tempos, a Maçonaria tem participado, ativamente, de movimentos que visem a resguardar e reafirmar os princípios políticos das nações para que o Maçom possa trabalhar dentro dos parâmetros da legalidade. Além do repúdio aos atos de violência e de intolerância política, igualmente, a Ordem repele e condena a perfídia, a traição e a rebeldia para com o Governo e os poderes políticos legalmente constituídos, proclamando a Constituição do GOB ser dever essencial do Maçom "servir com fidelidade e devotamento à Pátria e obedecer à lei" (inc. VII).

Com a **Família** deve o Maçom ter, permanentemente, a maior preocupação no sentido de edificá-la e conservá-la dentro dos princípios morais e cristãos. Sendo ela a "*celula mater* da sociedade", deve estar protegida de influência malsã que a corrompa ou a enfraqueça. Só o casamento livre, monogâmico e indissolúvel é recomendado e melhor aceito, pois suas espécies contrárias tendem a enfraquecer a família nos seus aspectos conjugal, filial, fraternal e paternal. De maneira que, sendo o homem uma projeção da moralidade familiar, só poderá ser bom Maçom aquele que conviver dentro de uma família sadiamente constituída.

Por fim, nesta breve abordagem analítica, considera-se ter o Maçom deveres **para consigo mesmo** que a Maçonaria exige como ponto de sustentação de toda sua pregação, pois se trata do próprio homem em todo o sistema institucional.

A busca da Verdade deve ser o objetivo primeiro na concretitude de sua afirmação pessoal. Afirma a Lei Maior maçônica que a prática "da investigação constante da verdade" (inc. II) é condição essencial para o aperfeiçoamento moral, intelectual e social da Humanidade, pois só conhecendo a Verdade, que integra as ações de toda a mecânica universal, é que ele terá condições de se realizar maçonicamente. Em razão do que deve o Maçom estar sempre buscando através da instrução e da cultura tanto profana, como maçônica, a compreensão do mundo que o rodeia. Prática da caridade; do respeito a si e aos Irmãos, bem como às cunhadas e aos sobrinhos e, ainda, aos irmãos profanos; do apoio de qualquer ordem ou espécie à família maçônica; da altivez perante tudo e perante todos; da não submissão a não ser à Consciência própria à Verdade, à Lei e à Ordem; do cultivo de um sólido caráter e de uma personalidade respeitável; da humildade no sentido de admitir e reconhecer suas limitações como pessoa; do altruísmo; da prática do bem, da tolerância e da solidariedade humana; do exercício com responsabilidade dos deveres maçônicos, frequentando com regularidade sua Loja e participando dos trabalhos que lhe forem deferidos, são os meios e os instrumentos de que dispõe o Maçom para uma maior grandeza da Maçonaria.

Título VIII

A postura do Maçom

Primeiramente, cumpre dizer que, antes mesmo de ser iniciado, o Maçom contém em seu âmago valores agregados ao caráter que referendam as atitudes em qualquer lugar ou situação, nas mais variadas circunstâncias. Ao mesmo tempo, esteve, está e estará obrigado a obedecer à lei moral e, para tanto, nunca será um ateu estúpido, nem um libertino não religioso. Isso, obviamente, diz respeito ao G.A.D.U. e inclusive na concepção de Religiosidade.

A própria Ordem defende sua Constituição, Leis, Regulamentos, as autoridades constituídas, como também *landmarks*, códigos, mandamentos e os próprios costumes que regem o comportamento maçônico; enfim, mantém a indicação que norteia as atitudes, ações e reações do Maçom, tanto dentro dela quanto no meio social.

Igualmente, deve o Maçom obedecer à lei moral e, por isso, será um cidadão de conduta ilibada, respeitoso, e de atitudes moderadas e inteligentes, e, assim, fará ouvir a sua voz, sincera, prudente e racional, perante qualquer situação em que é chamado para opinar ou decidir.

Em Loja

São impeditivas as controvérsias sobre religião, etnias ou nacionalidades e sobre política. Relativamente à primeira, porque o Maçom segue a que melhor lhe convém, mas não deve professar mais que a Maçonaria, que, inegavelmente, é universal e composta de homens de to-

das as nações, de todos os idiomas, de todas as raças. E exclui a política porque ideias divergentes podem causar dificuldades de relacionamento ou ligação afetiva.

A Liberdade, Igualdade e Fraternidade, assim como a filosofia, a filantropia, o progresso, a ordem, a evolução, enfim o amor são a causa e o objetivo das Sessões. Assim, quando examinados os conceitos da Ordem, vislumbra-se a necessidade do cumprimento do Ritual, meticulosamente seguido e, em especial, a ritualística bem executada, de maneira que fique demonstrada a unicidade e as condições de compreensão, por todos, da liturgia da filosofia e do conteúdo hermético. O oposto seria a anarquia.

Para poder participar dos trabalhos, além do dever de estar com a vestimenta própria, portanto trajado adequadamente: com terno, sapatos e meias e cinto pretos, e camisa e luvas brancas, e a gravata em qualquer das cores, dependendo do Rito. Precisa portar o Avental correspondente ao Grau, insígnia sem a qual não poderá participar dos trabalhos e/ou adentrar em Loja.

Baseado nessas premissas, independentemente de quaisquer que sejam as convicções religiosas e ideológicas que o constituam, em síntese, é suficiente para a Ordem que o Maçom seja um homem leal, honrado e probo, e que busque constantemente o bem pelo cultivo das virtudes e pelo abandono dos vícios e defeitos. Nesse aspecto cabe observar que a autodisciplina torna-se exemplo para seus pares, e colabora para o progresso moral daquele com quem interage.

A Maçonaria, por conseguinte, é um local de esmero, requinte e precisão, meio para estabelecer um convívio de perfeita igualdade de seus integrantes, intimamente unidos por laços de recíproca estima, confiança e amizade.

Expendidas as razões preliminares acerca da conduta do Maçom dentro e fora do Templo, nas cerimônias ritualísticas é recomendável que os problemas da vida profana nunca passem do portal da Loja; e, ainda, especificamente, a postura ou a posição que o Maçom deve assumir ou se comportar dentro da Loja, quando executa a marcha, quando sentado, quando em pé, quando em cerimônia, na procissão, na entrada do Templo e na Sala dos Passos Perdidos, é a seguinte:

Na Sala dos Passos Perdidos

Antes de dizer algo acerca do comportamento dos Maçons na Sala dos Passos Perdidos, é importante ressaltar que todos devem se compor para os trabalhos fora do Templo, sendo proibida a utilização deste para quaisquer finalidades diversas das Sessões previstas no regulamento, especialmente depois de o arquiteto ter realizado seu trabalho. Não deve, por lógico, o Templo ser profanado. Logo, na Sala dos Passos Perdidos, o Maçom é livre para fazer o que lhe convier.

Em procissão

Em procissão, deverá ter uma posição perfeitamente vertical, altivo e mantendo o devido silêncio e o respeito, compondo a fila indiana correspondente a sua Coluna, ingressando no Templo de acordo com a circulação do Grau, mantendo a postura ereta até que todos atinjam suas posições.

Em pé

O Maçom, quando "em pé e a ordem", deve estar em uma posição aprumada, e quando faz o sinal "gutural" de modo imperfeito, a tireoide não será beneficiada, a paixão e a emoção não serão controladas e o equilíbrio ficará abalado. Todas as pessoas possuem uma força vital a serviço de sua saúde, inteligência e espiritualidade. Quem souber dirigir corretamente essa força, estimulando ao máximo o seu livre fluir, obterá grandes benefícios. As posturas maçônicas, em particular, são destinadas a esse estímulo.

O retardatário, de regra, entra em Loja com a Marcha, que se consubstancia com a posição do Sinal do Grau, efetua os cumprimentos e aguarda, até que seja autorizado a ocupar o seu lugar em Loja. A postura a ser tomada para a marcha lembra a noção da equidade, correspondente a igualdade e retidão, que deve servir como exemplo de conduta.

O estar de pé expressa, sobretudo, respeito, prontidão, disposição de ação; com a coluna ereta e com membros superiores e inferiores nas posições adequadas e, nesse perfil, não deve o Maçom apoiar-se sobre um só pé, e sim estar com uma postura equilibrada e fidedigna.

Em circulação

No que diz respeito à circulação, na Maçonaria Adonhiramita, por exemplo, é sempre feita de acordo com o símbolo do "infinito", e sempre com o sinal do grau, tal como é a circulação do mestre de cerimônias, salvo quando estiver portando espada ou qualquer material litúrgico: documentos, livros e certificados. E, sempre que se cruzar a linha imaginária que delimita o sul e o norte, como também, antes de ingressar no Oriente e dele sair, fará reverência com a cabeça ao Venerável Mestre.

O andar litúrgico, por sua vez, não é mera finalidade de locomoção de um lugar para outro. Significa ou consiste em atrair ou transmitir as energias existentes e que aí circulam e, por isso, há de ser respeitoso, com desprendimento e sem agitação ou correria, inclusive com as paradas nos locais adequados para saudação.

Sentado

A postura do Maçom sentado não representa somente uma tradição. Vê-se que tanto nos afrescos egípcios quanto nas estátuas esculpidas na Índia, na China e no Japão, os seus moldes são em posições esotéricas. Quando um hindu senta e pratica *yoga*, o faz na posição chamada de "flor de *lotus*", pois imita essa flor sagrada. Dessa maneira, portanto, o Maçom deve se sentar com o dorsal em posição ereta, no encosto da cadeira, com as mãos postas em cima das coxas, as quais com as pernas dobradas formam um ângulo de 90º graus.

O estar sentado exprime o dever de recolhimento, meditação, alinhamento dos pensamentos e harmonização do espírito, que consiste em se voltar para si mesmo e analisar aquilo que se passa na mente. Daí o to-

mar assento para ouvir. Jamais cruzar os braços ou os membros inferiores durante as Sessões.

Como se concentrar

Embora concentração seja objeto de estudo a partir dos Altos Graus, para esse efeito, como é óbvio, literalmente é aplicar a atenção maior possível ao assunto enunciado ou lido; meditar profundamente sobre ele, ou seja, absorver o máximo da sua essência. Concentração, pois, tem íntima relação com o Templo de Deus vivo que é o corpo humano. A chave do mistério é a que está confiada para o Maçom abrir o seu coração. Este contém as leis, a consciência, o pensamento com seus recursos, como a meditação, a concentração, a imaginação, enfim o poder do pensamento que abre a porta do saber. Logo, só através da concentração é possível avançar passo a passo na estreita senda do conhecimento e do aperfeiçoamento.

Comunicação

Ademais, cabe referir que o homem se comunica com o Grande Arquiteto do Universo e com seus semelhantes de diversas formas. Importante é que o faça bem feito, de modo uniforme, para que tenha um significado adequado. Tais mensagens são realizadas através de posturas e atitudes do corpo, como:

As inclinações de cabeça e do corpo – são fundamentalmente posturas de reverência, de respeito, de devoção ou de saudação.

Elevar os olhos ao céu – é usado em momentos solenes de intensa expressão de fé, como se estivesse vendo G.A.D.U., face a face.

O ósculo – (beijo) sinal que demonstra afeto, reverência de comunhão e de amor.

A genuflexão – (dobrar o joelho) é, por excelência, um ato de respeito e humildade, como também no momento de oração e, em algumas oportunidades, de adoração. Pode ser com um ou os dois joelhos.

Comportamento inadequado

Inconveniente é o murmúrio que, por vezes, ocorre, no Ocidente e até mesmo no Oriente, durante o uso da palavra e nas instruções ou apresentações das peças de arquitetura, porque, além de atrapalhar o desenvolvimento, prejudica o aproveitamento das lições expendidas, como também reproduz a imagem de péssimos exemplos. Nesse caso cabe ao presidente dos trabalhos solicitar ao responsável pela disciplina que verifique o burburinho, o qual, posteriormente, deve anunciar que o embaraço não mais persiste e que a reunião prosseguirá reinando o mais absoluto silêncio.

Conclusão

O Maçom que assistir a uma cerimônia, por mais longa que seja, mantendo-se corretamente nas posturas ritualísticas, sairá da Loja aparentemente cansado, mas o aparente esforço físico transformar-se-á em verdadeiro relaxamento muscular, e notará no dia seguinte uma grande disposição para as suas atividades costumeiras. Porém, se permanecer em posição defeituosa, sentir-se-á realmente esgotado e sairá da Loja com a impressão de que a reunião foi maçante e sem interesse.

A Maçonaria, como conjunto de atividades científicas, não teria introduzido para os seus obreiros as posturas como atitudes meramente estéticas ou místicas. Ao contrário, em postura correta, o Maçom reproduzirá do seu Eu interior a energia necessária para o seu bem-estar, irradiando, ainda, o que lhe sobra, em benefício de seu companheiro. Assim, haverá sempre uma constante troca de benefícios mútuos.

É preciso, pois, apreciar a beleza das formas, a magia das cores combinadas, a integração dos sons em harmonia, a poesia no reino da imaginação, considerar as ideias sublimes, ter a visão do Uno, compreender a história da evolução e a integração social; por consequência, é possível entender os sábios, admirar os artistas, os cientistas, os inventores, verdadeiros benfeitores da humanidade.

A verdade é que as palavras, os gestos e as atitudes representam a manifestação do comportamento, seja ela correta ou incorreta. Certo é também que "não se deve julgar ninguém pelo tombo e sim pelo modo como aquele que foi ao chão se levanta". Por essas razões pode-se afirmar que essa linguagem comum e esses valores éticos hão de ser praticados e se tornar parte do comportamento do verdadeiro Maçom.

Que o G.A.D.U. proteja e ilumine, com um raio da divina sabedoria, aqueles que cuidam desse assunto e com isso se preocupam para a realização dos sonhos, bem assim uma postura exemplar ante a invocação das lições imortalizadas que contribuem para uma perspectiva evolucionista de um estágio cada dia mais avançado da humanidade.

Título IX

A preparação do Recipiendário

Quais as razões do seu ingresso vendado, seminu e descalço?

A história revela que era uma regra entre os hebreus que nenhum homem entrasse no Templo com seu bastão, nem com sapatos nos pés, nem com vestimentas exteriores, nem com dinheiro nos bolsos.

Antes de ser admitido no Templo interior, representado pelo Templo exterior na câmara de reflexões, na solenidade da consciência, o candidato é preparado de forma que, depois da privação de seus "metais" (cinto, cordão, anel, relógio, pulseira, moedas), é despojado de parte de sua indumentária e se apresenta do seguinte modo:

– Com os olhos vendados.
– Com o lado esquerdo do peito e perna direita até o joelho nus, de forma que o tórax do lado esquerdo, o joelho e o pé direito ficam descobertos.
– Com o pé direito descalço.
– Com o sapato do pé esquerdo substituído por um chinelo.
– E, com um cordão vermelho ao redor do colo ou da cintura.

I – Ao ser despojado dos metais, o Recipiendário é livrado das vaidades e do luxo da condição de leigo, porque não deve se apegar aos bens materiais. Como também os metais perturbariam o campo magnético formado no interior do Templo, o que não lhe permitiria estar de acordo com as vibrações nele existentes. O exemplo é no que ocorre com qualquer semente espalhada na terra, que perde seu revestimento, morre e renasce para um novo ciclo de vida. As partes descobertas significam que o Recipiendário é destituído de seus vícios, defeitos, vai-

dade e orgulho. Significam, ainda, a morte do profano e o nascimento do Maçom limpo e puro e, por conseguinte, a sua passagem de uma condição para outra.

II – Vendam-se os olhos do candidato pela notória razão de que não deve ele ver a Loja, nem nenhum dos ornamentos, até que tenha prestado o solene juramento de não os revelar de modo algum a nenhum profano.

A venda é o estado de ignorância, ou cegueira, alheia ao universo maçônico, de qualquer indivíduo comum. O estado de obscuridade mental do candidato. O estado pelo qual não se dominam totalmente os demais sentidos. Simboliza o dever de aguçar o tato, o paladar, a audição e a percepção do aroma, perfume, fragrância. Por exemplo, as impressões sentidas no corpo, a doçura da bebida, os ruídos, o cheiro agradável do ambiente, e, mais, o que revelam tais cerimônias em seus significados.

Noutro sentido, a venda é o emblema das trevas em que vive a alma e, por isso, a busca da luz e o conhecimento, o que é atingido deixando de lado as ideias que perturbam.

Entrar no Templo com os olhos vendados significa, no âmago da sabedoria, que os sentidos não podem servir e que a luz interna do saber é sentida e não é notada pela visão, simbolizando por fim a inconsciência que segue à passagem pelo portal da morte, antes do desprendimento da parte sutil da alma de um estado para outro, que se reflete não só no espírito, como também no corpo físico.

Jules Boucher ministra a seguinte lição:

> *Vendados os olhos, (...) quer significar que o profano, se não sabe ver, está demasiado atento aos ruídos do mundo e às palavras dos outros. (...) assim são marcadas as concepções filosóficas de todas as ordens que resultam, não de uma livre escolha, mas do meio social no qual o profano está colocado.*
> *A iniciação leva à iluminação. (...) e é esse o rumo tomado por todas as formas de iniciação, sejam elas rituais ou não.*
> *O simbolismo da venda, que parece tão elementar, é um dos mais profundos de toda a Maçonaria.*[66]

[66] Loc. cit. 34. p. 56.

Citando Oswald Wirth, o mesmo Boucher, enunciando-o como mais simbolista e mais profundamente iniciático, registra:

A região do coração é posta a descoberto como alusão à absoluta sinceridade do Recipiendário.

III – Assim, o coração descoberto configura sinal de dever de lealdade e franqueza ao preconceito, ao ódio, ao convencionalismo, enfim ao orgulho intelectual, que impedem a manifestação sincera dos sentimentos. É o símbolo de simplicidade e inocência, desprendimento, renúncia, humildade e perdão. Assim, de peito aberto, nada esconderá no novo grupo social, e não dará abrigo aos maus pensamentos nem à falsidade de propósitos.

IV – Igualmente, o triângulo da nudez (tórax do lado esquerdo, o joelho e o pé direito), que constitui o quarto elemento dessa simbólica preparação, é um novo despojo voluntário de tudo o que não é estritamente necessário, que constituiria um obstáculo ao progresso posterior.

Jules Boucher explica o triângulo da nudez da seguinte forma:

1.º – O coração descoberto em sinal de sinceridade e franqueza.
2.º – O joelho direito desnudo para marcar os sentimentos de humildade que devem ser os do Iniciado.
3.º – O pé esquerdo descalço, em sinal de respeito.[67]

É possível traduzir, assim, que a nudez do lado esquerdo do peito é a rejeição de todo procedimento social que impede a sincera manifestação dos sentimentos e das aspirações mais profundas; que a nudez do joelho direito aponta o orgulho intelectual, que impede o reconhecimento da Verdade; e que a nudez do pé indica a insensibilidade moral, que impede a prática da Virtude.

A **sinceridade** nas aspirações acerca do conhecimento das coisas misteriosas, portanto, é a primeira condição de todo progresso; mas se faz necessária a sua conjugação com a **humildade**, a qual não deve ser confundida com inferioridade ou indignidade, nem desconsiderando as di-

[67] Ibid. p. 54.

vinas possibilidades que se possui, tendo em conta que o progresso deve se desenvolver num plano superior. Com a primeira dessas duas qualidades abre-se o coração, e com a segunda manifesta-se a inteligência ao sentimento e à percepção daquela realidade que Jesus a designou *o Reino dos Céus*, meta de toda iniciação.

A nudez do pé, que é o instrumento de se romper a marcha para frente, indica a faculdade do discernimento de cada passo no caminho a ser percorrido e que permite reconhecer a verdadeira natureza dos obstáculos e provas do percurso, nos quais se pode tropeçar.

Com esse preparo, o candidato encontra-se em condições de bater à porta do Templo, de pedir, buscar e encontrar a Luz da Verdade.

Ao mesmo tempo, o cordão que rodeia o colo lembra o cordão umbilical, que une o feto ao ventre materno, isto é, que o candidato não é um "ser" singular ou individual, mas deriva e está na dependência da qualidade da coletividade, além de indicar o estado de escravidão para com suas paixões e preconceitos, e a ignorância em que permanecerá até a iluminação. Por outro lado, o domínio da fatalidade que o oprime gera o desejo, a vontade e a capacidade de se libertar dessa sujeição e dessa escravidão, aceitando voluntariamente as provas da vida e o auxiliando na sua disciplina. Assim, os próprios obstáculos, dificuldades e contrariedades convertem-se em graus e meios de progresso.

Além do preparo, seja no aspecto da apresentação, seja no sentido da moral, com prolongado tempo que permanece em reflexão, o Recipiendário também passa por uma preparação espiritual.

Finalmente, uma vez tenha ultrapassado incólume as provas, o candidato adquire o direito de receber a Luz e o privilégio de ser admitido às revelações dos Augustos Mistérios.

O apogeu da cerimônia, portanto, está intimamente ligado a esse instante, ou seja, na recompensa da Luz, que é solenemente simbolizada pela retirada da venda: "FAÇA-SE A LUZ... E A LUZ FOI FEITA... QUE A LUZ SEJA DADA AO NEÓFITO". Para aquele homem que emerge das trevas e do caos, este é o seu momento mais glorioso. A grandiosidade desse momento parece explicar um texto bíblico que cita: "Para abrir os olhos dos cegos, para tirar da prisão os presos e do cárcere os que jazem em trevas".[68]

---

[68] Loc. cit. 8, Isaías 43:7.

TÍTULO X

Por que a indumentária preta?

De modo geral, incluindo-se as diversas organizações, a uniformização da indumentária visa à harmonização do ambiente e à igualdade das pessoas, gerando um clima psicológico favorável na busca da disciplina, do controle e da integração. E, para o caso, por evidente, cita-se como exemplo as Forças Armadas, os órgãos militares, as escolas, as empresas, e os demais grandes ou até pequenos organismos constituídos que se adaptam aos pensamentos referidos.

A escolha da cor é desenvolvida na proporção da capacidade de perceber suas interações, nos efeitos das diferentes combinações, enfim em diferentes níveis de complexidade, sob o entendimento de seus fundamentos básicos.

A teoria das cores surgiu da sistematização da física identificada pelo fenômeno da refração dos raios solares; essa concepção das cores deu-se pela primeira vez com o físico Newton.[69]

Segundo essa compreensão, a cor percebida pelos olhos é aquela refletida pelo objeto no qual o raio solar incide. O ensinamento é de que o branco consiste na mistura de todas as cores, ao passo que o preto não é cor, e sim um estado de negação ou ausência de cores, razão pela qual as superfícies pretas são as mais absorventes de energias de qualquer natureza, o que, dessa forma, permite a recepção e absorção do bem que emana de qualquer corpo organizado ou de qualquer interação.

Na Maçonaria os aspectos favoráveis que dizem respeito ao uso da cor preta, além de ter os mesmos benefícios mencionados na introdução, esotericamente, dentre outras coisas, a indumentária preta torna o Maçom mais receptivo e captador de energias do universo; dos fluidos

[69] Isaac Newton, físico inglês, no ano de 1666.

positivos; das forças astrais superiores; do bem que emana da integração dos componentes da Loja, e mais circunspeto. Assim, em acumulando essa energia ou essa influência benéfica, que se expande por todo o recinto, tem o Maçom o poder de convergir essas vibrações para o fortalecimento espiritual e, com a atração desse vigor, interferir diretamente nos acontecimentos deste mundo, com a sua fé, com o pensamento positivo ou com o poder da mente.

Diversamente, toda indumentária que não seja preta, ainda que escura, não é maçonicamente adequada, de forma que se o vestuário fosse ou for com outra cor, ela se refletiria, não ajudando o participante da Loja a se transcender, juntamente com os demais.

Portanto, o resguardo formado pela roupa preta faz com que as prováveis energias negativas que eventualmente possam acompanhar os Maçons no ingresso e permanecer dentro do Templo não sejam transmitidas aos outros participantes. Em contrapartida, cumpre observar que a cor branca, compreendida na camisa, também absorve, mas reflete todas as cores e, por decorrência, tais energias negativas emergem em neutralidade.

Há quem afirme que as cores emitem uma energia própria que influencia o estado de espírito das pessoas, daí a cromoterapia, isto é, a terapêutica que utiliza luzes de várias cores na cura de doenças.

Importa ressaltar, também, que o Maçom consciente dessa sua condição está propenso a se sentir inserido num ente fraternal criado a partir de emanações das energias e vibrações dos demais e, com o vestuário preto, permanecem descobertos os *Chakras*: **laríngeo**, situado na região da garganta, centro da capacidade de expressão, a comunicação e a inspiração; **frontal**, por óbvio, localizado na fronte, também conhecido como a terceira visão; e o **coronário**, que se localiza na parte superior, no cérebro e é o *Chakra* de ligação com o mundo espiritual.[70] Assim, através desses centros de força, porque destapados, o Maçom pode emitir, receber e refletir em energias ou vibrações diretamente. Em compensação, os *Chakras* mais sensíveis estão protegidos de enviar ou refletir vibrações.

---

[70] Sharamon, Shalila e Baginski, Bodo J, *Chakras*, Ed. Pensamento, 1998.

A propósito, no Rito Adonhiramita, por indicação do próprio Ritual, na abertura da Bíblia Sagrada e nas orações, o Mestre Maçom retira o seu chapéu, justamente para receber as energias divinas.

Entende-se, pois, que a Maçonaria adota a indumentária de cor preta sob o fundamento de que o preto atrai a "LUZ". A Luz da Divindade ou da Sabedoria, do conhecimento, da ciência; da Força, que requer ânimo, coragem, motivação a fim de realizar o ideal maçônico; da Beleza, que tem o propósito do aperfeiçoamento, as quais traduzem o tríplice maçônico, indispensável à formação da força-pensamento coletiva que se irradia e irradiará para a evolução e o progresso do todo.

Título X

Bíblia Sagrada – Católica, como Livro da Lei nas Sessões Maçônicas

É a indagação que muitos fazem frente à acurada pesquisa que se infere da admirável obra *Maçonaria e Igreja Católica*, de João Evangelista Martins Terra. O autor, como se pode verificar no referido livro, realizou minuciosa verificação nos fatos que dizem respeito aos preceitos canônicos e nas declarações da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, quando chamada para se manifestar a propósito de rever sua posição em relação à Maçonaria, entre outras coisas, sobre a inconciliabilidade entre os princípios teóricos da Maçonaria e a fé cristã.

João Evangelista afirma:

> *O texto completo está publicado no livro de Valério Alberton, já citado, p. 270-284. Aqui será dado um resumo das nove razões que comprovam a incompatibilidade entre Catolicismo e Maçonaria.*
> *1.* ***O relativismo e o subjetivismo*** *são convicções fundamentais na cosmovisão maçônica. Exclusão de todo dogma.*
> *2.* ***O conceito maçônico de verdade****: nega-se a possibilidade de um conhecimento objetivo da verdade. Relatividade de toda verdade.*
> *3.* ***O conceito maçônico de religião é relativista;*** *a verdade divina é, em última análise, inatingível. Somente a linguagem polivalente dos símbolos maçônicos pode interpretá-la. "O conceito da religião com a qual todos os homens concordam implica uma visão relativista da religião", incompatível com o cristianismo.*
> *4.* ***O conceito maçônico de Deus*** *(Grande Arquiteto do Universo) é marcadamente deísta: um "Ser" neutro indefinido e aberto a toda compreensão possível e impessoal, minando o conceito de Deus dos católicos e da sua resposta ao Deus que os interpela como Pai e Senhor.*

*5. **A visão maçônica de Deus** não permite pensar numa revelação de Deus, como sucede na fé e na tradição de todos os cristãos.*
*6. **A ideia maçônica de tolerância** deriva de seu relativismo em relação à verdade. Tolerância das ideias, mesmo que sejam contraditórias. Semelhante conceito de tolerância abala a atitude do católico na sua fidelidade à fé e no reconhecimento do magistério da Igreja.*
*7. **A prática ritual** manifesta, nas palavras e nos símbolos, um caráter semelhante ao dos sacramentos. Provocam a aparência, como se aí, sob as atividades simbólicas, se produzisse algo que objetivamente transformasse o homem.*
*8. **O aperfeiçoamento ético do homem** é absolutizado e de tal modo desligado da graça divina, que não resta mais espaço algum para a justificação do homem (pela graça) segundo o conceito cristão.*
*9. **A espiritualidade maçônica** pede de seus adeptos uma total e exclusiva adesão para a vida e para a morte, que já não deixa lugar à ação específica e santificadora da Igreja. Esta fica sobrando.*
Conclusão da declaração:
As oposições indicadas tocam os fundamentos da existência cristã. Os exames aprofundados dos Rituais e do mundo espiritual maçônico revelam claramente que está excluída a possibilidade de se pertencer simultaneamente à Igreja Católica e à Maçonaria.
O conhecimento profundo dos fundamentos da autocompreensão da maçonaria mostra sua oposição com os fundamentos da existência cristã.[71]

Levadas a efeito as razões que se entende de relevante importância e que demonstram serem insolúveis entre Catolicismo e Maçonaria, cabe lembrar que algumas autoridades eclesiásticas já se dirigiram à CNBB pedindo estudos para uma mudança de posição em relação à Maçonaria.

O Cardeal D. Vicente Scherer, em novembro de 1972, endereçou à CNBB o pedido de se estudar a possibilidade de uma mudança de atitude em relação à Maçonaria brasileira.[72] Até hoje não se têm notícias de alterações positivas.

Ao mesmo tempo, mesmo diante da expressa declaração de incompatibilidade e inconciliabilidade entre os princípios teóricos da Maçonaria

[71] Martins Terra, João Evangelista, *Maçonaria e Igreja Católica*, Ed. Santuário, 1996.
[72] Ibid. p. 86.

e a fé cristã, lançada pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, da própria Igreja ou Santa Sé, ainda assim cabe a indagação: por que as Lojas utilizam a Bíblia Sagrada (a Bíblia Católica) nas Sessões Maçônicas?

Primeiramente cumpre trazer à observação os seguintes preceitos.

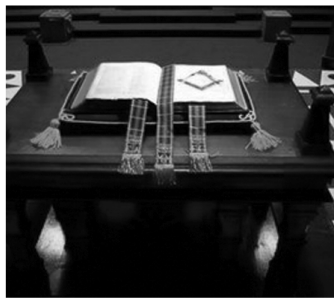
No 21.º Landmark da Classificação de Mackey consta que:

> *É indispensável a existência no Altar de um **Livro da Lei**, o Livro que **conforme** a **crença** se supõe conter a verdade revelada pelo G.A.D.U., não cuidando a Maçonaria de intervir nas peculiaridades de 'fé religiosa' dos seus membros, esses Livros podem variar de acordo com os credos.*

Enquanto que na Constituição do Grande Oriente do Brasil, no seu item VIII, do Artigo 2.°, tem-se:

> *Artigo 2.º São Postulados Universais da Instituição Maçônica:*
> *...*
> *VIII – a manutenção das Três Grandes Luzes da Maçonaria: O **Livro da Lei**, o Esquadro e o Compasso, sempre à vista, em todas as Sessões das Lojas.*

Como se vê, a Bíblia Sagrada ou o Livro da Lei é a primeira e mais importante das três Grandes Luzes que iluminam simbolicamente a Loja e, desse modo, a própria Maçonaria.

Pode-se mencionar também, por exemplo, que o Brasão do Maçonaria ADONHIRAMITA é *composto de um resplendor dourado representativo do sol no zênite, e no centro deste resplendor há a figura de um cordeiro com a cruz repousado sobre o Livro fechado e lacrado com sete selos*.

No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.[73]

O cordeiro é o símbolo da pureza, do procedimento pacífico e da inocência. É também, segundo o Livro de Êxodo, o ser que era oferecido ao sacrifício como sinal da purificação, ensinamento que deve ser imitado com a intenção de ajudar ao próximo; evidentemente que com esse hábito recebe-se da divindade a justa recompensa.[74]

A Cruz é a que exalta a fé, a esperança e o amor.

Os Sete Selos representam as três virtudes teologais: Fé, Esperança e Caridade; e as quatro virtudes cardeais: Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança. As primeiras têm como origem, motivo e objeto imediato o próprio Deus, através das quais o homem supera a si mesmo. As últimas são ligadas aos hábitos adquiridos por intermédio da complexidade dos padrões da conduta social em que o homem se encontra inserido, mas, independentemente do modelo a que se submete, deve ele procurar desenvolvê-las porque elas é que podem gerar a luz da perfeição.

Como já é do conhecimento de todos os Maçons, o Livro da Lei representa o livro divino por excelência, o Código Moral que individualmente cada integrante respeita e segue, que pode ser entendido como a *filosofia* que cada um adota, sendo enfim, a *sua fé que governa e anima*, em busca do próprio *crescimento espiritual*.

Registra João Ivo Girardi, no seu livro *Do Meio-Dia à Meia-Noite*. Não é apenas um símbolo; é a vontade revelada do G.A.D.U. O Ritual Emulação enfatiza várias vezes. Limita-se, tal autor, a duas citações:

1) As Santas Escrituras devem dirigir a nossa fé;
2) Nossa qualidade de maçom, eu vos recomendo meditar muito seriamente sobre o conteúdo do Livro da Lei Sagrada. Considerai-o como guia infalível da verdade e da justiça, e regrai as vossas ações pelos preceitos divinos que ele contém. É assim que podereis aprender quais os vossos deveres com relação a Deus, com relação ao vosso próximo e com relação a vós mesmos.[75]

---

[73] Loc. cit. 8. João 1:29.

[74] Ibid. Êxodo 29:38.41.

[75] Loc. cit. 9. p. 62.

Sabe-se, igualmente, que na Iniciação é prestado o Juramento com a mão direita sobre o Livro da Lei, sendo que é para Deus que é prestado, prometendo cumprir sua vontade.

Daí se pode concluir que a Maçonaria quer que o Juramento feito comprometa a consciência religiosa daquele ao qual é deferido.

Por outro lado, uma das *Leis Fundamentais da Maçonaria* é a que o XIX Landmark prescreve:

> *Exige a crença no G.A.D.U., e numa existência futura.*[76]

E assim, o Maçom deve assumir e adotar apenas a sua religião, não desprezando a crença de seus pares.

Sob o abrigo desse sábio conselho, todos, sejam eles cristãos, judeus, protestantes, espíritas, budistas, maometanos, brâmanes, podem unir-se ao redor do Altar dos Maçons.

Tão amplos são os aspectos da religião na Maçonaria e tão cuidadosamente foram dela excluídas as *Doutrinas Sectárias*, que os integrantes das religiões antes mencionadas, e nas demais Seitas e Divisões, podem combinar harmoniosamente em seu trabalho Moral e Intelectual.

> *AQUELE que é a Verdade Fundamental, a Realidade Substancial, está fora de uma verdadeira denominação, mas o sábio chama-O "O TODO".*
> *"Tudo está n'O TODO. O TODO está em TUDO".*[77]

Assim, conscientes de que Deus está em Tudo, consequentemente seja em qual for o Altar Escolhido, Ele sempre está presente!

Então, tentando esclarecer sobre as razões do uso, pelas Lojas, da Bíblia Sagrada – Católica, em suas Sessões, fundado nas normas Maçônicas e verdades morais máximas, acima transcritas, os Rituais Maçônicos adotam o Livro da Lei porque constitui parte indispensável do aparelhamento da Loja, sendo que em todas elas, em **países cristãos**, o Livro da Lei se constitui no Antigo e no Novo Testamento – **a Bíblia** – enquan-

---

[76] Aslan, Nicola. *Landmarques e Outros Problemas Maçônicos*. Ed. Aurora, 2011.

[77] Loc. cit. 18.

to que num país em que o Judaísmo é predominante, apenas o Antigo Testamento será suficiente, e ainda nos países maometanos devem empregar o Alcorão, e assim por diante.

O Livro da Lei, portanto, deve ser para o Maçom como se fosse um instrumento sem o qual não pode trabalhar, pois esse livro deve estar diante de seus olhos nas horas de trabalho, sempre, para que seja a regra e a diretriz da própria conduta.

No que se refere aos trabalhos, a Bíblia Sagrada do Cristianismo não é melhor guia do que o Alcorão para os maometanos, e de maneira análoga quanto às demais religiões e seitas.

2) No que tange à incompatibilidade e inconciliabilidade entre os princípios teóricos da Maçonaria e a fé cristã, lançadas pela Igreja para com a Maçonaria, estão fundadas em princípios desta que não estão de acordo com a doutrina daquela; dentre esses preceitos, podem-se, resumidamente, destacar os seguintes:

- A laicidade da Maçonaria e, também, porque reporta, em sua doutrina, autonomia em face da religião, tanto que adota certos ritos deístas ou agnósticos (laicismo).
- O reconhecimento de que o homem resulta da natureza e de suas leis (naturalismo).
- Sua filosofia baseia-se na relatividade do conhecimento (relativismo).
- Em sua doutrina nada existe que não tenha uma razão de ser, ou seja, observa as coisas baseado em método exclusivo na razão. Liberalismo do sobrenatural (que a Igreja entende ser tudo o que é ligado à ação da graça divina, por estar acima da essência e do agir do homem). A ideia ou doutrina que visa a assegurar a liberdade individual no campo da religião, dentro da instituição, isto é, a indiferença religiosa (racionalismo).
- A negação da verdade dogmática (que é o ponto fundamental e indiscutível da doutrina da Igreja, que é uma verdade definitiva, imutável, infalível, inquestionável e absolutamente segura sobre o que não pode pairar nenhuma dúvida, a qual já fora por ela definida como expressão legítima e necessária de sua fé).

Dos dogmas proclamados pela Igreja Católica é possível dar realce a três, relativamente aos quais pensa-se serem os mais conhecidos:

– Em Deus há três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo; e cada uma delas possui a essência divina que é numericamente a mesma.
– Cristo ressuscitou dentre os mortos e subiu ao céu em Corpo e Alma.
– O Romano Pontífice é o sucessor do bem-aventurado Pedro e tem o primado sobre todo o rebanho. Sujeito à infalibilidade.

Infelizmente, para os Maçons, em 1983 foi publicada uma Declaração sobre a Maçonaria, pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, em que se dá a interpretação do Cânon 2.335 pela Igreja: "... permanece imutável o parecer negativo da Igreja a respeito das associações maçônicas...".

Mas, sobre esse parecer, filio-me à opinião do Ir. João Lucas de Oliveira, que é ligado ao Grande Oriente do Brasil – GOB e registra em seu portal maçônico: *depois de feita a leitura na ordem cronológica dos documentos eclesiais publicados, referentes à Maçonaria, pode-se observar e afirmar, com segurança, que o Cânon 2.335 ensina que este afeta somente os católicos inscritos em associações que, de fato, conspiram contra a Igreja, o que não é o caso da Maçonaria*.

Comungo, também, da ideia de que a relação entre a Maçonaria e a Igreja Católica não é a mesma em todos os lugares, e que depende da orientação de seus responsáveis ou dirigentes. Citando como exemplo casos em que se realiza alguma celebração maçônica há umas autoridades que se opõem radicalmente. Em contrário, há os que o permitem, inclusive, em certas oportunidades; quando convidados, Bispos e Padres marcam presença e dão o seu recado em tais celebrações. Portanto, dentro da própria Igreja Católica, em questões não conclusivamente definidas pela doutrina ou autoridade da Igreja, a orientação ou decisão dos Bispos não é sempre a mesma.

Logo, penso que as Lojas Maçônicas podem continuar adotando a Bíblia Sagrada Católica nas sessões que realizam, em especial quando os componentes, em sua maioria, são da Religião Católica, confiando que o entendimento para a conciliação tenha evolução e que um dia possa-

mos comungar sem olhares desconfiados e, em especial, com a Lei Canônica totalmente revogada nesse sentido.

Acredito, no entanto, que nenhuma autoridade eclesiástica tem o condão de interferir ou negar a prática pessoal de ato religioso de qualquer Maçom, e mesmo de outrem, dentro de um Templo Cristão, salvo aquele que desonre a própria Igreja. E na hipótese de isso ocorrer, qualquer dos Maçons, sob o respeito das autoridades constituídas, cumprirá a determinação.

Creio, no entanto, não mais existir suspeição sobre a fé dos Maçons católicos a ponto de submissão a privações de rezar ou demonstrar a reverência para com Deus nas Igrejas.

Título XII

Abertura do Livro da Lei

A abertura do Livro Sagrado sinaliza o início oficial dos trabalhos na Loja Maçônica, o que é feito em nome do G. A. D. U. e de São João, Patrono da Maçonaria. Trata-se de ato que termina ou completa o uso dos meios para alcançar ou ativar o pensamento coletivo à Divindade que promove os mistérios ocultos, simbolizando, assim, a presença do Grande Arquiteto do Universo.

Nas Lojas em que é praticada a Maçonaria Adonhiramita, ao abrir o Livro Sagrado, o Orador leva a efeito a leitura dos versículos 6 a 9 do capítulo I do Evangelho de São João.

6 – Houve um homem enviado por Deus que se chamava João.
7 – Este veio por testemunha, para dar testemunho da Luz, a fim de que todos cressem por meio dele.
8 – Ele não era a Luz, mas veio para que desse testemunho da Luz.
9 – Era a Luz verdadeira que alumia todo homem que vem a este mundo.[78]

O Evangelho de João é considerado o mais místico e mais profundo dos quatro Evangelhos, que no emprego das palavras significa "Boa Nova".

São João Batista é assim chamado pela importância que dava ao batismo, um ritual de purificação corporal onde a imersão na água simbolizava a mudança interior de vida. É, também, designado precursor, porque, tal como é o significado da palavra, iniciou sua pregação antes de Jesus, mas anunciando sua chegada.

[78] Loc. cit. 8. Evangelho de São João 1:6.9.

Com a vinda de Jesus, o plano do Pai se concretiza e sua missão é a de revelar o Reino de Deus, salvar a humanidade e permanecer entre nós através da fé.

Jesus Cristo é o próprio Deus e, também, o homem enviado por Deus, a Luz verdadeira que alumia, protege e guia os homens livres e de bons costumes, ou os homens de boa vontade.

Jorge Adoum afirma:

Nessa grandeza, o dever do Maçom é ir à busca da iluminação, ou seja, da Verdadeira Luz, um espírito cheio de amor. O "Eu Sou".
Quem consegue dominar a mente pela imaginação adquire um poder com o qual é capaz de dominar todas as forças do universo e poderá dominar os fenômenos da natureza.[79]

Segue o mesmo autor, em outras palavras, afirmando que quando se consegue entrar em contato com a mente provinda do Ser Supremo, por decorrência, os poderes são divinos.

Deduz-se, daí, que é possível alcançar a Verdadeira Luz se houver dedicação da faculdade cognitiva para o conhecimento de si mesmo e, assim, pelas capacidades adquiridas e aptidões obtidas, resplandecer essa Luz através de paz, alegria e muito amor, ainda que, por vezes, não compreendida, o dever do ser é irradiar as virtudes.

(A humanidade aguarda o próximo enviado por DEUS a fim de que venha a demovê-la dessa perversidade e malvadez que predomina e para se viver na plena paz.)

No Rito Escocês Antigo e Aceito, ao abrir o Livro Sagrado, também, o Orador procede à leitura do capítulo I do Evangelho de São João, mas os versículos 1 a 5:

1 – No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.
2 – Ele estava no princípio com Deus.
3 – Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.
4 – Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.

---

[79] Loc. cit. 33. p. 15.

5 – E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.[80]

Esses versículos representam na realidade a vitória da Luz sobre as Trevas. No sentido de que a Luz é o símbolo da Verdade e do Conhecimento.

A Luz que resplandece não é a material que dissipa a escuridão e sim a Luz que a mente e o espírito esperam receber, a claridade e a iluminação do intelecto que afasta o obscurantismo da ignorância, que tem por fim o conhecimento das sublimes verdades da Moral, da Filosofia e da Ciência.

A Maçonaria, portanto, tem proporcionado esse nobre simbolismo: o da Luz e o das trevas, que, com essas últimas recorda-se a ignorância e que se desvanece ou não com os ensinamentos da liturgia oficial da instituição, cuja obscuridade perdura até o aperfeiçoamento intelectual e moral.

A Luz, assim, é o símbolo da autópsia; da visão dos mistérios; da revelação; do completo conhecimento da verdade e da sabedoria.

Dessa forma é permanente fator de progresso a serviço da humanidade.

No Brasil, quando da cisão de 1927, pelas Grandes Lojas ocorreu à adoção do Salmo 133, que, posteriormente, foi adotado igualmente por outras Potências.

Salmo 133:

Oh! Quão bom e suave é que os irmãos vivam em união! É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão, e que desce à orla de suas vestes. Como o orvalho do Hermon, que desce sobre os montes de Sião, porque ali o Senhor a bênção e a vida para sempre.[81]

É conhecido como o Salmo da Fraternidade. Trata-se, pois, de estímulo para uma convivência de união e ligação, e que serve de base de conduta para o Maçom, bem como de suporte das relações na sociedade, seja entre Maçons, seja com o próximo. É a Palavra Sagrada ou o ensinamento a ser seguido para se viver na mais perfeita fraternidade, tal

---

[80] Loc. cit. 8. Evangelho de São João 1:1.5.

[81] Id. Salmos 133.

como é o rigor da oração poética do cânon bíblico, pois a mesma fonte ensina a "amar ao próximo como Eu vos amei".

Para o Rei David, autor da maioria dos salmos, a união entre os "irmãos" devia ser a garantia de prosperidade e de satisfação. O Salmo, que é alusivo à concórdia, nos ensina não só que é bom, suave, que se viva em união, mas, também, que é agradável sentir a sensação do santo óleo escorrer pela fronte. Tanto o óleo como o orvalho, no caso, vêm do firmamento. Entende-se, assim, que não há qualquer obstáculo entre o céu e o homem, eis que essa sensação que causa "arrepios" pelo amor, amizade, fraternidade, deve preponderar entre todos, sem reservas, barreiras ou sofismas. E que, somente assim, há a certeza de que Deus lança Sua bênção para todos e sempre.

Feitas essas pouco extensas interpretações, cabe ainda observar que:

A leitura em voz alta, dos Versículos ou do Salmo, oferece o som que promove: a continuidade da vibração; os mistérios ocultos; o plano espiritual dos integrantes da Loja, numa ação de criatividade e sempre diferente para cada reunião.

As pontas do compasso, ocultas sob as extremidades do esquadro, demonstram que o Aprendiz Maçom deve ser paciente no trabalho porque com serenidade e perseverança conseguirá a saúde moral e espiritual, porquanto a obra divina a ser executada é ele próprio.

Há que se afirmar, por fim, que a abertura do Livro Sagrado, com o esquadro sobre o compasso, representa a medida justa que deve presidir todas as ações em Loja, sejam individuais ou conjuntas, de forma que hão de se efetivar Justas e Perfeitas, com a Retidão que rege todos os atos de quem tem plena consciência de que recebeu a Luz.

Título XIII

O Saco de Propostas e Informações

Primeiramente, é bom observar a forma correta de conduzir o *Saco de Propostas e Informações*: o Mestre de Cerimônias levanta-se de seu lugar, deixa a sua Espada, apanha a bolsa e a segura com ambas as mãos, colocando a esquerda na altura do coração, e dirige-se entre as Colunas. Após a determinação, inicia o giro explicitamente estabelecido, obedecendo à ordem hierárquica do Ritual. Terminado o giro, retorna à posição entre Colunas, faz nova saudação e após o comando dirige-se ao Altar da Sabedoria para a entrega.

Aparentemente, o cerimonial apresenta-se simples e despido de maior interesse, tendo em vista que se destina a coletar alguma proposta ou informação, e frequentemente percorre o Oriente e o Ocidente sem nada colher.

Contudo, a cerimônia reveste-se de transcendental importância, pelos movimentos sequenciais realizados pelo Mestre de Cerimônias, que tem a missão de preceder e propiciar a geração da Loja, que em sua miniatura simboliza o universo, além de sua circulação harmônica, levada a efeito na forma preconizada, gera os fluxos e a organização das energias formadas na própria Loja.

É importante ressaltar também que todos devem colocar a mão direita dentro da bolsa, embora nada tenham para depositar. O Venerável Mestre, que inicia a formalidade, ao colocar a sua mão direita, emitirá seus fluidos. Os demais, pela ordem hierárquica: quem estiver sentado ao seu lado, os Vigilantes, os Oficiais, os Mestres, Companheiros e finalmente os Aprendizes, procedem na mesma sucessão de afluências, que reúnem na bolsa a força misteriosa que emana dos Maçons presentes em forma de energia.

Fluidos, pois, é a designação convencional do poder físico que cada Ser emite; as suas forças vitais; a potência mental; a transmissão de poderes psíquicos e espirituais.

Sem ser preciso nada colocar, o *Saco de Propostas e Informações* segue coletando as influências da imposição da mão direita, mas dentro dele esses fluidos somam-se e dividem-se, sendo distribuídos ao mesmo tempo que depositados; assim, o que mais tem, mais dá; o que pouco tem, mais recebe, havendo uma troca que passa a formar o equilíbrio.

Já se conhecem vários exemplos sobre os poderes que emanam de pessoas, como no caso de Moisés com as suas intervenções em favor do povo fugindo dos egípcios; do próprio Jesus, ao fazer curas, impondo as mãos ou tocando os enfermos; enfim, já a ninguém se admite ignorar a força que emana dos homens e, mormente, dos Maçons.

No decorrer do ritual, estão submetidos a experiência vários atos da mesma natureza, ainda que em grau menor, quais sejam: a transmissão da Palavra Sagrada através de um *sussurro*; os toques; a coleta de propostas e informações; e a de maior potencialidade, indiscutivelmente, a *Cadeia de União* ou a *Corrente Fraternal*.

Trata-se, pois, de um cerimonial à primeira vista simples, mas que contém lições esotéricas, místicas e altamente maçônicas no seu sentido filosófico. Eis porque, não se poderia coletar de forma desordenada, fugindo à ordem preestabelecida da hierarquia de cargos.

Quando o Venerável Mestre recebe a bolsa, e a despeja sobre sua mesa, jamais poderá afirmar, como sói acontecer em algumas Lojas, que o Saco de Propostas e Informações nada colheu. Se não colheu papéis, colheu, obviamente, os bons fluidos, como explicitado antes. Será correto o Venerável Mestre anunciar que o Saco de Propostas e Informações não colheu nenhuma proposta ou informação, tendo, porém, atingido o seu principal objetivo:

"Colheu os bons fluidos dos Amados Irmãos".

Título XIV

Beneficência

Duas indagações preliminares a que se pode atribuir muita importância. **Para que** e **por que** a Maçonaria, em um de seus procedimentos, determina a circulação do Tronco de Solidariedade ou de Beneficência?

Por ocasião da construção do Templo de Salomão, o "tronco", em miniatura, girava para colher o óbolo que era passado pela fenda no cimo do fuste. E esse costume passou a ser praticado pela Maçonaria, cuja função caritativa tornou-se tão destacada que se identificou como filantrópica, e com a imagem de Ordem Fraterna e de Caridade. Resumidamente, as contribuições eram **para** socorrer os congregados, entre os quais se encontravam todos os trabalhadores e serviçais, e se estendia a viúvas, órfãos e inválidos.

Pensa-se que o motivo desse procedimento transcende os fundamentos antes assentados.

Vale observar que o beneficiário, consciente, por certo, não se sente à vontade e com prazer de estar momentaneamente carente, ou de viver como necessitado, e ter que usufruir da vantagem. Ao contrário, seguramente gostaria de gozar do sentimento de estar dando ao invés de receber. Embora se saiba que, neste mundo, há quem quer levar vantagem até neste particular (pedintes que podem muito bem trabalhar ou se disfarçam de impotentes, doentes ou inválidos). Sem medo de errar, pode-se afirmar que esses precisam de outra espécie de beneficência, qual seja, a palavra bem dirigida, o bom exemplo.

Sob tais justificativas, pode-se entender que a Maçonaria instituiu o "Tronco de Beneficência ou Solidariedade" tal como ela é na sua essência, "para a formação do homem", sob todos os aspectos. Logo, o ato solene, que, aliás, é obrigatório em todas as sessões maçônicas, tem por finalidade essencial o próprio beneficente, que, com a prática habitual,

terá consciência de que é uma frágil criatura e que, com seu semelhante, deve ser paciente, tolerante, humilde, abnegado, fraterno, solidário, caridoso, piedoso, amoroso e, especialmente, bondoso.

Acerca da prática do bem, vem à lembrança a oração de São Francisco, que, em sua parte final, é a prece: *fazei que eu procure mais consolar, que ser consolado; compreender, que ser compreendido; amar, que ser amado; pois é dando que se recebe...*

Assim, quer seja agasalho, alimento, dinheiro, a disponibilidade de tempo, ou a devida atenção, ou apenas uma palavra amiga, estar-se-á investindo ou ajudando a alguém necessitado, com a expressão de fé, que ressoa num coração compassivo, e a crença na generosidade Divina que brotará em abundância com dividendos, através das bênçãos e a garantia de proteção.

Importante ensinamento da Bíblia Sagrada aconselha: *Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando vos deitarão no regaço; porque com a mesma medida com que medis, vos medirão a vós*[82] Outro: *Quem se compadece do pobre ao Senhor empresta, e este lhe paga o seu benefício.*[83]

A palavra bíblica permite inferir, tal como é o ditado popular, que quem dá ao próximo empresta a Deus, e, muitas vezes, Ele retribui com mais do que a própria doação. Recebe-se, posteriormente, ao que se dá, de maneira sobrenatural, e nem sempre a recompensa vem em coisa material, mas de outra forma, como por exemplo, pelo amparo de infortúnios.

Infalivelmente, ganha-se o inestimável: a paz de espírito, o poder da oração de outrem que reconhece, ama e protege. Passa-se a sentir reações agradáveis e a sensação de que se encontrou uma riqueza interior que não se conhecia; a fé que afasta todos os temores; a promessa de um lar celestial maravilhoso quando se passa para a outra vida; e muito mais. Tem-se contentamento pelo que se ganhou em valor incalculável.

Infere-se, pois, que a razão pela qual a Maçonaria inseriu a beneficência, em todas as suas reuniões, é o efeito que ela produz ao próprio beneficente, mais profundo e significativo que ao próprio beneficiário.

---

[82] Loc. cit. 8. Lucas 6:38.

[83] Ibid. Provérbios 19:17.

Depois de lançar tais pensamentos, com a franqueza e coragem que Deus me outorgou, examina-se o tema sob a lógica dos fatos.

A prática de beneficência

Não há dúvida que as opiniões divergem até quando a conversa envolve este assunto, porque se trata de um tema que sempre sensibiliza e impressiona a pessoa, em especial os que empenham maior relutância para conseguir o dinheiro. Há que se tentar, sempre, equilibrar as ações quando o assunto é provocado.

Uma das características da beneficência é que todo propósito tem um componente de altruísmo, de solidariedade, de fraternidade.

No entanto, quando alguém – pessoalmente – se propõe a ajudar os outros, em primeiro lugar identifica o público-alvo:

- menores carentes;
- mulheres que foram violentadas;
- deficientes;
- outros.

Sempre vai estar relacionado com uma das seguintes questões:

- talento da pessoa;
- suas habilidades;
- tem que ter a satisfação e a motivação para fazer esse tipo de assistência.

O mais importante é que:

- tudo se relaciona com o que a vida lhe trouxe, ou seja, o que a sua vida encaminhou ou ofereceu dentro de sua trajetória. Isso lhe dá a orientação. Este é o indicador principal.

A partir disso, vem a pergunta:

O que realmente incomoda mais ao que pratica a beneficência? É a violência? É a pobreza? É só com as pessoas mais próximas? É o quê? Na verdade, cada um se identifica com o problema social que mais mexe com ele. A partir dessa definição chega-se à chamada identidade interassistencial.

Outros aspectos: fazer a caridade sem saber a quem, isto é, só contribuindo com o dinheiro, ou tem que realizar isso diretamente? É despender de algum tempo e contribuir com a palavra, o afeto, o carinho, a atenção, a instrução? O pastor, o padre não oferece nada em objeto.

Com o nosso "tronco", por exemplo, fazemos caridade e a maioria dos Irmãos sabe a quem? E, se preocupam com isso?

Como se vê, o assunto é polêmico, porque há várias identidades interassistenciais. Em razão disso, penso que um não pode querer impor a outro a opção que mais lhe comove, porque cada um tem uma alternativa de filantropia.

Um preceito que o Maçom tem que observar, quando faz a oferta, é a lição antiga que diz: "a esquerda ignore o que faz a direita";[84] justamente esse desapego é uma das explicações do legendário segredo maçônico.

A mão esquerda é receptora e absorve com maior facilidade as energias. **A mão direita doa** mais facilmente. As energias trabalhadas são de dois tipos: a **magnética**, quando os opostos se atraem e os iguais se repelem; e a **espiritual**, quando os opostos se repelem e os iguais se atraem.

É um dos interessantes ensinamentos bíblicos: **Digo-vos, em verdade, que eles já receberam sua recompensa. –** ***Quando derdes esmola, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a vossa mão direita*****; – a fim de que a esmola fique em segredo, e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará**.[85]

Portanto, *Não saber a mão esquerda o que dá a mão direita* é uma imagem que caracteriza admiravelmente a beneficência com ausência de vaidade.

Como referido antes, há várias formas de fazer a beneficência ou a caridade. Porém, sempre nos dispomos a fazer doações com base nos seguintes princípios:

- Amai a Deus sobre todas as coisas.
- Amai o próximo como a vós mesmos.
- Fazei o bem sem olhar a quem e sem esperar resultado.

---

[84] Id. Mateus 6:3.

[85] Id. Mateus 6:1 a 4.

Nas Lojas, certamente, já houve alguns que se posicionaram quanto às preferências, e outros ainda não o fizeram. O importante é a existência do espírito caridoso e fraterno e, quando surge a ideia, seja ela na forma de caridade ou na forma de ação social, todos são solidários a ela, ainda que não seja a opção, no íntimo de cada um, de consentimento pleno.

A frase Bíblica "Fazei o bem sem olhar a quem e sem esperar resultado" ordena um ato de amor incondicional e, quando não há nenhum vício, une as pessoas, une aquela que doa com aquela que recebe.

Pode-se citar como atos de fazer o bem:

Doação que significa a obra dotada de vontade de transmitir gratuitamente algum bem a outrem.

Beneficência é ato, hábito ou virtude de fazer o bem.

Benevolência traduz-se na boa vontade para com alguém. Ter complacência, condescendência.

Caridade é o amor que move a vontade à busca efetiva do bem de outrem e procura se identificar com o amor de Deus.

Filantropia, também, é definida como amor à humanidade. Mas, será que o ato não tem outro significado? Por exemplo: Dou-te alguma coisa, mas fica quietinho no teu canto, não me incomoda. Segundo opiniões de alguns sociólogos, na atualidade, a definição de filantropia tem maior amplitude, que, em sentido metafórico, é "ensinar a pescar", isto é, ajudar o homem a despertar para a sua verdadeira natureza divina. Por exemplo, para bem educar um filho, começa em casa dando-se trabalho a realizar. Para isso precisa tempo.

Assim, se para o filho precisa-se de tempo, como podemos ajudar o próximo? Com o **autoconhecimento** (através da ação consciente, seus dons e talentos) através da ideia de **cidadania**, ou seja, de responsabilidade social – pela **educação** (começar comigo para passar aos outros).

A ação consciente torna cada ser humano cocriador da sua própria realidade e da sociedade. Tem-se que criar de forma consciente. O desejo é uma ordem.

Quando se emprega, ao mesmo tempo, o pensamento, o sentimento e agimos, atingimos uma realidade. Significa que, pensamento, sentimento e ação são iguais à realidade.

O despertar da consciência em massa pode transformar. Não é?

Ajudar com comida? Sim. Mas ajudar o próximo em seu nível de consciência, através de educação, saúde, cultura e arte, esporte e lazer, trabalho... talvez, tenha um efeito muito melhor.

Como fazer? Por meio do incentivo. Incentivar através das oficinas de artesanato e programas de: reciclagem, educação ambiental, esportes, reeducação alimentar, boa convivência. Com a participação nas campanhas quanto a: paz, direito à vida, sobriedade, alimento, alegria. Tem de ser um agente de transformação.

Por se falar em políticas públicas, pode-se afirmar que o político que encerra seu mandato e, ao fazer a prestação de contas, revela que distribuiu mais cestas básicas que no mandato anterior e se, na hipótese, diminuiu o emprego, é um político fracassado.

Diz-se que não há que se doar mais, só por doar. Há que se promover ações sociais, ou seja, dar oportunidades aos carentes. Pode-se doar uma cesta básica, mas exigir, sempre, em contrapartida, por exemplo, que o filho vá à escola, uma melhor limpeza na casa, aprendizado em algum trabalho, frequência ao ente que instrui... Sempre, por primeiro, tentar promover a autoestima do carente, promover uma mudança na ação social do indivíduo, melhora nas condições sociais do indivíduo e, principalmente, da população.

Daí se deduz que a ação social deve estar ligada sempre com a responsabilidade do avanço social, por isso o nosso dever de cobrar compromissos nesse sentido. Aquele que desfruta do benefício tem que ser cúmplice ou partícipe da ação social.

Obviamente, não estão compreendidos nesses conceitos as crianças inocentes e os deficientes.

Por fim, cumpre reiterar que, modernamente, a filantropia, seja beneficência, seja benevolência, seja caridade, seja esmola, tem que ser realizada para ajudar o próximo, no sentido de fazer crescer a pessoa que recebe o benefício, para que ela, daqui a pouco, saiba enfrentar as adversidades da vida. Esta é a orientação dos profissionais da área, que entendem do assunto. Ao contrário, se é simplesmente dar esmola e não saber como é aplicada pode acomodar o pedinte e fazer com que ele sempre espere por ela, torna-se uma pessoa de conduta censurável porque não faz mais nada e não procura fazer algo para superar os obstáculos da vida e ja-

mais vai despertar para a sua verdadeira natureza divina. E, mais, na hipótese de a esmola não ser mais praticada, o pedinte se revolta com ele mesmo, pela sua impotência de conseguir se livrar da situação e, o que é pior, além de demonstrar ressentimento hostil ou raiva contra aquele que sempre o serviu.

Portanto, embora se saiba que muitas vezes a beneficência faz alguma diferença para quem a recebe, ela deve ter uma boa razão de interesse social a fim de que surta o efeito de melhoria na sua condição social, senão teremos que conviver com um número de carentes e pedintes cada vez maior.

A sociedade deve, aos poucos, acabar com o assistencialismo, obviamente, repita-se, exceto nas questões relativas às crianças inocentes, aos deficientes e aos doentes.

Título XV

Ágape

Ágape – palavra de origem grega[86] que significa amor. O citado amor é aquele em que a pessoa se entrega, é o amor incondicional, é o amor desprovido do seu aspecto carnal. Foi usado de várias maneiras diferentes entre os gregos, em passagens da Bíblia, pelos romanos, inclusive em cartas, em correspondências entre amigos, era usado, semelhante ao que nos dias de hoje se coloca no inicio do texto, “Prezado”.

No grego antigo, havia três palavras que significavam **amor: eros, phileo, storgé** e mais **ágape**. A palavra era usada de acordo com o tipo de amor a que estavam se referindo.

A palavra **eros** se referia aos sentimentos baseados na atração sexual e desejos ardentes. Relação entre homens e mulheres.

A palavra **phileo** significava o amor que existia entre familiares e amigos. É o amor de amizade, fraternidade. O termo foi muito utilizado pelos filósofos, como Platão, significando o amor a um membro da família.

A palavra **storgé** diz respeito ao mais benéfico dos afetos; acontece especialmente com a família e entre seus membros, normalmente afeição de Pais aos Filhos.

Por último, temos o amor **ágape** que é o mais profundo e o mais sublime de todos. Este amor é incondicional; é aquele que não espera nada em troca, que sempre caracterizou Deus.

> O Novo Testamento fornece um número de definições e de exemplos de ágape que geralmente expandem os usados nos textos antigos, denotando o amor entre irmãos, o amor de um esposo com as crianças, e o amor de Deus para com todos os povos.

[86] Loc. cit. 36.

O uso cristão de **ágape** vem diretamente dos Evangelhos. Quando perguntado qual era o maior mandamento, Jesus disse: *Amai (ágape) ao senhor vosso Deus com todo vosso coração e com toda vossa alma e com toda vossa mente*. Este é o primeiro e maior de todos os mandamentos. E o segundo é: *Amai (ágape) vosso próximo como a vós mesmos. Toda a lei e os Profetas residem nesses dois mandamentos.*[87]
No Sermão da Montanha, Jesus diz: *Ouvistes dizer: "amarás (ágape) teu irmão e odiarás teu inimigo", mas eu vos digo: amai (ágape) vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, e orai por aqueles que vos perseguem e maltratam, pois deste modo sereis filhos de vosso Pai nos céus, aquele que faz com que o sol se levante sobre o mau e sobre o bom, e faz chover sobre o justo e sobre o injusto. Se amais apenas aqueles que vos amam, que recompensa tereis?*
Os escritores cristãos descreveram geralmente o *ágape*, como exposto por Jesus, como uma expressão do amor que é incondicional e voluntário, isto é, não discrimina, não tem nenhuma pré-condição, e é algo que se decide fazer voluntariamente. O Apóstolo Paulo descreve o amor como segue: *O amor (ágape) é paciente, o amor é amável. Sem inveja, ele não tem ostentação, ele não é orgulhoso. Não é rude, ele não é interessado, ele não se irrita facilmente, ele não mantém nenhum registro dos erros. O amor não se deleita com o mal mas rejubila com a verdade. Protege sempre, confia sempre, sempre tem esperança, sempre persevera. O amor nunca falha.*[88]
O ágape foi explanado por muitos escritores cristãos em um contexto especificamente cristão. Thomas Jai Oord definiu o ágape como "uma resposta intencional para promover o bem-estar em resposta a quem gerou um mal-estar".[89]

O Papa Bento XVI também utilizou a ágape em sua encíclica *Deus caritas est* ou *Deus é Amor"*,[90] lembrando que o amor **oblativo** (que se

[87] Loc. cit. 8. Mateus 22:37.41.

[88] Ibid. I Coríntios 13:4.8.

[89] http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81gape.

[90] ttp://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents-/hf_ben-xvi_enc.

oferece a Deus) é aquele que procura o bem e a paz para todos os seres humanos.

> *(...) o Antigo Testamento grego usa só duas vezes a palavra **eros**, enquanto o Novo Testamento nunca a usa: das três palavras gregas relacionadas com o amor – **eros**, **philia** (amor de amizade) e **ágape** – os escritos neotestamentários privilegiam a última, que, na linguagem grega, era quase posta de lado. Quanto ao amor de amizade (**philia**), este é retomado com um significado mais profundo no Evangelho de João para exprimir a relação entre Jesus e os seus discípulos. A marginalização da palavra **eros**, juntamente com a nova visão do amor que se exprime através da palavra **ágape**, denota sem dúvida, na novidade do cristianismo, algo de essencial e próprio relativamente à compreensão do amor (...)*[91]

Traduz-se, daí, que o Pontífice atribui à ágape o amor pleno, completo, absoluto, e que ele é generoso, altruísta e infinito. É dado livremente, independente do que se recebe em troca.

Por outro lado, lê-se em diversas fontes da internet e, geralmente, destas não há citação da autoria ou origem, contendo a seguinte ilustração: *os povos egípcios e gregos celebravam banquetes sagrados; os romanos celebravam **lectisternium**, ou festim, os judeus reuniam-se em refeições religiosas prescritas por Moisés; os primeiros cristãos suas ágapes ou suas refeições de amor e caridade, e davam-se mutuamente o ósculo de paz e fraternidade*, o que denota, daí, um rito comunial e, mais precisamente, o da Eucaristia, símbolo da comunhão dos puros, ou seja, da beatitude celeste através da partilha da mesma graça e da mesma vida. Aliás, o objetivo real da ágape, desvendado somente aos INICIADOS, por certo, era com o desígnio de adoração do DEUS único. E, os **Maçons**, nos seus banquetes, preservam tais característicos em toda a sua pureza.

Verdadeiramente, a ceia litúrgica, quando sóbria e fraternal, pode ser comparada à última ceia de Jesus. Tem como objetivo, acima de tudo, festejar a Fraternidade e estreitar o laço da Solidariedade.

---

[91] Ibid.

Portanto, a finalidade dos Trabalhos de Ágapes é para fortalecer e estreitar os laços de amizade, união e companheirismo entre os participantes.

Os banquetes maçônicos são essencialmente místicos, quer por suas formas e valores filosóficos quer por seus princípios. A tradição não nos legaria uma cerimônia que tivesse um fim sem importância.

Nossas ágapes completam uma grande alegoria.

A forma de nossa mesa lembra o Zodíaco, em forma de uma ferradura, cujos pontos equinociais são ocupados pelos Vigilantes e os solsticiais pelo Venerável no verão, correspondendo ao superior e, no inverno, ao inferior.

A Corrente Fraternal caracteriza o grande vínculo de plena fraternidade que une todos os participantes. A ágape, portanto, é a alma da Oficina, é o relacionamento de compromisso mútuo entre Irmãos, razão pela qual a melhor tradução de ágape é a solidariedade.

No que diz respeito ao nosso organismo, é que se deve sustentá-lo com os melhores alimentos. É o mesmo que se pode dizer sobre o rendimento do nosso carro. Se colocarmos apenas água suja no seu tanque, certamente ele não andará. Mas se for colocada gasolina seu rendimento será outro. E que seja, de preferência, gasolina "azul".

Ao mesmo tempo, em qualquer refeição, inclusive no banquete ritualístico, deve-se ter sempre em mente que "tudo me é permitido, mas nem tudo me convém, tudo me é permitido, mas nem tudo me edifica".[92]

Por outro lado, se levada a efeito essa interpretação para o lado espiritual, nos perguntamos: O que desejamos para nossa vida? Saúde, harmonia, paz, amor, tranquilidade. A lei da atração nos diz que os acontecimentos somos nós que os produzimos. O que se pensa se atrai. Quando nos sentimos alegres e felizes, em todos os níveis, emitimos comandos de alegria e felicidade. Em síntese, tudo é resultado do que pensamos e do que ocorre dentro de nós. Deve-se, portanto, comer alimentos bons e pensar coisas boas para o nosso bem e para com as pessoas do nosso meio. A lei da ação e reação é o grande exemplo.

---

[92] Loc. cit. 8. 1; Coríntios 6:12.

Título XVI

Egrégora

Nos ensinamentos das escolas iniciáticas, diz-se que o termo *egrégora* tem origem do grego *egrêgorein*, que significa velar, vigiar.

Efetivando-se um processo sistemático a fim de conhecer mais sobre o tema, o primeiro passo é a consulta ao dicionáro, no qual pode-se constatar que nele não há essa palavra.

Em contrapartida, um dos primeiros textos citados, pois a autora nasceu em 1831 e faleceu em 1891, está registrado no *Glossário Teosófico* de H. P. Blavatsky, Ed. Ground, com o seguinte apontamento: *"egrégores", do grego "egregoroi". Eliphas Levi denomina-os: "Os príncipes das almas, que são os espíritos de energia e ação".*[93]

Jules Boucher apresenta o seguinte conceito a respeito: *A iniciação, tal como a concebiam as antigas "Sociedades de Mistérios"(...) "abre portas" até então proibidas ao recipiendário. Além do mais, a transmissão ininterrupta dos "poderes" integra o impetrante ao Egrégoro do grupo e o faz participar, apesar dele, da vida mística e profunda da própria essência dos símbolos.*[94]

Em nota, citando o Livro de Henoch, é a lição: *13. Egrégoros (do grego "egrêgorein", vigiar); essa palavra designa, no Livro de Henoch, os anjos que haviam jurado vigiar sobre o monte Hermon e se traduz pelos vigilantes. Chama-se de "egrégoro" uma entidade, um ser coletivo saldo de uma assembleia. Cada Loja tem o seu egrégoro: cada Obediência tem o seu e a reunião de todos esses egrégoros forma a grande Egrégora Maçônica. (Pensamos*

---

[93] BLAVATSKY, Helena P. *Glossário Teosófico*. Ed. Ground, p. 162.

[94] Loc. cit. 34. p. 16.

que o costume de escrever "egrégoro" com dois "g" é errado e não tem nada a ver com a etimologia.)[95]

Nicola Aslan, em seu *Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia,* à página 353, do volume II, consta: "Egrégoras – Segundo Rhéa, são entidades ocultas resultando de uma força-pensamento coletiva".[96]

Infere-se das assertivas transcritas que quando reunidos, em torno de um elevado objetivo comum, desenvolve-se uma consciência grupal, ou melhor, como assentado acima, uma *força-pensamento coletiva*, que é unificação formal de todas as consciências individuais dos integrantes do agrupamento.

Sob maior inspiração, pesquisando a Bíblia Sagrada, comprova-se que o Mestre de Nazaré ensinou: "Porque onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles".[97]

Jesus Cristo, também, em outras palavras, afirmou que "a fé remove montanhas", da seguinte forma: "Porque em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito".[98]

No Livro de Mateus consta: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei e abrir-se-vos-á. 8. Pois todo o que pede recebe; e quem busca, acha; e ao que bate; abrir-se-lhe-á".[99]

Com base nesses textos sagrados pode-se afirmar que o sentido da palavra *egrégora* já tinha sido ensinado pelo Homem de Nazaré e, como se vê da conjugação textual dos versículos, além de oferecer a interpretação ou tradução da força-pensamento coletiva, são o guia ou servem de orientadores para concluir que:

a) Com as palavras da tríplice súplica, em oração: pedir, buscar e bater deduz-se que Jesus aconselha à confiança em Deus, na certeza de que Ele jamais deixará de atender o desígnio que se pretende atingir, des-

---

[95] Ibid. p. 18.

[96] ASLAN, Nicola, *Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia*, vol. II, p. 353.

[97] Loc. cit. 8. Mateus 18:20.

[98] Ibid. Marcos 11:23.

[99] Id. Mateus 7:7.8.

de que se acredite, haja grande interesse e persistência para a sua obtenção. Certo é, também, que com esse ato de humildade e de fé, confessa-se carência, fraqueza e, por ilação, a indispensável condição de receptividade para que a graça divina possa atuar sobre o agente ou a causa da súplica em oração.

b) A respeito da parábola “a fé remove montanhas, claro está que não pode ser uma fé sem vigor ou sem energia, ou insignificante; há de ser uma fé intensa e fervorosa que assim, por certo, consegue-se atingir a intenção designada.

A fé é a certeza da recompensa divina do que se está à espera. A fé é a mola propulsora de todas as coisas. A fé é o método de se estabelecer comunicação com o G.A.D.U. Propicia tudo o que é benévolo; a morada da paz; talvez, a morada dos eleitos; o lugar dos herdeiros do céu; o povo escolhido por Deus; o Templo de Luz; “a Cidade Celeste”; enfim, o Reino Divino.

c) Quando duas ou mais pessoas estiverem reunidas em um esforço dotado com essa personalidade, de uma ação com harmonia, emoção amorosa, pensamento verdadeiro e vontade justa, ou seja, de fé e oração, em prol de algo sublime e supremo, criam algo maravilhoso, a denominada *egrégora,* capaz de intervir diretamente nos fatos ou ocorrências do conjunto de tudo quanto existe.

Independentemente de ser de origem grega e, porventura, de outra língua, a verdade é que o sentido da palavra *egrégora* está bem propagado no universo Maçônico, e, sem dúvida, trata-se de um ato de amor que, na cerimônia em que é realizada e praticada, seja na Cadeia de União ou Corrente Fraternal, de regra, no final das Sessões, nivela todas as forças existentes.

Como se viu antes, parece não ser um segredo de Deus. Quanto mais, em união, ocorrer a aproximação com o Divino, num elo com pensamento permeado por emoções, partículas astrais que acompanham as mentais, há a formação de um potente foco, uma energia acumulada ou uma força altamente poderosa. Tais particularidades são relatadas por pessoas dotadas de faculdade sobrenatural, como entidades vivas, dotadas de cores e sons, além das formas.

Desse modo, nos Templos Maçônicos quando da formação da Cadeia de União ou Corrente Fraternal, com o encontro de muitas ou poucas pessoas voltadas para promover um mesmo fim, invocando o Ser Supremo, seja para a cura de alguém, para a solução de um problema ou a superação de uma perda, tem grande poder.

Concluindo, a *egrégora* ou a *força-pensamento coletiva* se constitui com o nivelamento de todas as boas mentes, ajustadas na mesma frequência ou numa mesma sintonia de pensamento e vontade consciente, encontrando-se, portanto, em estado de completa correspondência e plena harmonia. Assim, nesse padrão exemplar de igualdade e *espírito*, cria-se algo maravilhoso que emana energias, vibrações e forças criativas, construtivas e poderosas, que, com a invocação ao Ser Supremo e por sua intercessão, conseguem direcionar certas coisas, inclusive mudar a vida das pessoas.

Observação

Sem as consistentes e intensas características da força-pensamento coletiva, antes referidas, as quais têm muita possibilidade de êxito em seu propósito, por vários autores de peças de arquitetura publicadas na internet, a *egrégora* é citada como aquilo que supomos existir, mas menos ativa, o que impende deduzir a existência de acentuadas diferenças entre as *egrégoras*.

Na hipótese, os fatos relatados com os quais se pode tirar lição é quando há o propósito de analisar as sensações produzidas nos ambientes, cuja experiência se apresenta bem nítida e contagiante, do que se observa que se tem grande responsabilidade ao emitir pensamentos. Tais sensações acontecem, nos fiéis presentes em culto religioso, na celebração de uma Missa, por exemplo, dentro de igrejas.

De outra maneira, no ambiente hospitalar, o principal objetivo dos circunstantes é promover a cura, independentemente do êxito e, assim, o hospital está imbuído de uma *egrégora* que se situa no seu espaço, influenciando o *espírito* de seus frequentadores, médicos, enfermeiros, fun-

cionários, pacientes e visitantes. Muitas mentes voltadas para um único objetivo pode gerar essa sensação e concentração para obtenção da cura.

Em outro enfoque, num estádio de futebol quando a torcida vibra com um gol; nos ouvintes perante um político carismático e de oratória eloquente; nos fãs que assistem a um *show* musical; promovem uma concentração para a unificação de pensamentos e sentimentos. Esses fenômenos de grupo seriam exemplo de formação de uma *egrégora*?

A interpretação não está sujeita à correção do professor, do mestre ou do sábio, porém consiste no conceito individual dos que acreditam nessa força vibratória.

TÍTULO XVI

Pilares ou Colunas

A indagação surge quando se leva em conta que no *Dicionário Aurélio* as palavras *pilar* e *coluna* constam como sinônimos; por consequência, a interpretação sob a forma de expressão pela linguagem, a palavra *pilar* pode ser usada tal qual *coluna*.

Sabe-se, no entanto, que, para o universo Maçônico em especial, os pilares servem de suporte e sustentação e a função das Colunas é simplesmente decorativa, ornamental ou representativa. É a interpretação.

Pilares

Abstraindo-se o conceito sob o ponto de vista Maçônico, importa lembrar que, na prática e pelo seu próprio sentido, pilar é um elemento estrutural vertical usado normalmente para receber os esforços também verticais de uma edificação e transferi-los para outros elementos, como as fundações. Costuma estar associado ao sistema laje-viga-pilar. Portanto, recebe e transmite carga, tem por finalidade servir de suporte e sustentação das grandes vigas de cimento ou de madeira.

Abaixo o exemplo de base da edificação de um prédio ou ponte.

Sob esse fundamento, os três grandes pilares que sustentam a Loja são representados pelo Venerável Mestre e pelos dois Vigilantes, como a firmeza de uma estrutura, símbolos da autoridade, sob os três principais Oficiais da Loja ou as seguintes luzes do Templo:

Sabedoria, que dirige os obreiros e os ilumina com suas luzes; Força, que paga salário aos obreiros, que é o vigor e a manutenção de existência; Beleza, que faz com que os obreiros repousem a fim de que os trabalhos prossigam com ordem e exatidão.[100]

Em outras palavras, Sabedoria que ajuda os obreiros e os ilumina com as suas luzes, e Força e Beleza, que observam a passagem do Sol pelo meridiano, ajudam a abrir a Loja e comandam as respectivas Colunas.[101]

Pilares, portanto, simbolizam a administração da Loja, que impede a queda, protege do que possa ser nocivo e dá o indispensável ânimo na continuidade dos trabalhos.

Incoerência entre afirmações

Não há como negar, no entanto, que na edificação com característica clássica, isto é, aquela que possui elementos decorativos que derivam direta ou indiretamente do vocabulário arquitetônico do mundo antigo, segundo a qual a construção é fundada sobre uma estrutura de pilares, estes se confundem com as particularidades das colunas, contendo, pois, os assim definidos pilares, por servir de sustentação, capitel, com o respectivo ábaco, équino e cristas, volutas, folhas de acanto, caneluras cavadas. Os exemplos que se podem apontar das construções em Porto Alegre são: o Palácio Piratini, o Museu de Belas Artes, o Edifício do Santander Cultural. Ainda que real tal constatação, há que se manter a distinção.

---

[100] Loc. cit. 42. p. 47 e 48.

[101] Loc. cit. 29. p. 95.

Colunas

As Colunas, no entanto, tendo em conta que o Universo é o Templo da Divindade a Quem servimos, e que nele a Sabedoria é infinita, a Força é onipotente, e a Beleza resplandece na simetria e na ordem de toda a criação, são, por certo, representativas. Têm significado de grande extensão, variando em forma, simbologia e nexo causal de acordo com cada Rito praticado.

Elementar a observação de que, teoricamente, as colunas são de origem egípcia, devido ao Palácio de Luxor, construído na época de Amenhotep III, faraó da XVIII dinastia egípcia, período estimado de governo entre 1389 a.C. e 1353 a.C. e aumentado mais tarde por Ramsés II, só foi acabado no período muçulmano. É o único monumento do mundo que contém em si mesmo documentos das épocas faraônica, grego-romana, copta e islâmica. Diz-se, também, que não possuía teto; suas grandes Colunas cresciam para o céu como vigorosos e gigantescos Lírios.[102]

Vista do Templo de Luxor

As três colunas, das três ordens arquitetônicas gregas (Dórica, Jônica e Coríntia) são as que, simbolicamente, alicerçam a Loja de Aprendiz, sendo, por isso, assimiladas ao Venerável Mestre e aos Vigilantes.

[102] http://pt.wikipedia.org/wiki/Templo_de_Luxor.

Dórica, Jônica e Corintia

A ordem dórica é a mais rústica das três ordens arquitetônicas gregas. Surgiu no sul, no início do século VII a.C., e se apresentou em seu auge no século V a.C. A ordem jônica surge a leste da Grécia oriental e seria por volta de 450 a.C. A ordem coríntia é a mais ornamentada das três ordens arquitetônicas gregas e romanas. O mais antigo exemplo da coluna coríntia é o Templo de Apollo Epicurius em Bassae, na Arcadia, entre 450 e 420 a.C.[103]

A cronologia delas desperta para se pensar sobre os estágios da inteligência. A assertiva é de que tudo se move, tudo trabalha, tudo caminha, tudo evolui. Ativa o Aprendiz para os altos conhecimentos, estimula o seu pensamento sobre a existência de uma luz invisível, fonte de forças e energias desconhecidas.

À medida que avançamos no pensamento e, por consequência, na interpretação e, de forma mais acurada, no conhecimento, compreendemos que atingimos certo nível de sabedoria, a qual, sem a Iniciação jamais alcançaríamos, e, dessa forma, podemos distinguir o sentido de Pilar e Coluna.

A quem vencer, eu o farei coluna no Templo do meu Deus, e dele nunca sairá.[104]

Penso que baseado, exatamente, nessas palavras bíblicas, que Joaquim Gervásio de Figueiredo afirma: "Considera-se cada maçom uma Coluna de sua Loja, e esta, um símbolo do Universo".[105]

---

[103] http://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_d.

[104] Loc. cit. 8. Apocalipse 3:12.

[105] Figueiredo, Joaquim Gervásio de. *Dicionário de Maçonaria*. 1998, p. 106.

Nessas observações não se podem omitir as duas Colunas Efetivas (J. e B.), situadas à entrada do Templo, representando as Colunas de Salomão.

> *Depois levantou as colunas no pórtico do templo; levantando a coluna direita, pôs-lhe o nome de Jachin; e levantando a coluna esquerda, pôs-lhe o nome de Boaz.*[106]

Jachin, isto é, "ele estabelecerá"; *Booz* (hebraico *Boaz),* isto é, "nele está a força"; as duas palavras reunidas significam: Deus estabeleceu na força, solidamente, o templo e a religião de que ele é o centro.

Jachin era descendente de Benjamim através de Sema (Simei), incluído na lista dos cabeças das casas paternas que moravam em Jerusalém.[107] *Boaz* era filho de Salmom (Salma) e de Raabe, e pai de Obede.[108] Foi um elo na linhagem familiar do Messias, o sétimo na linhagem de descendência de Judá.[109].

> *Quanto às duas colunas, ao mar, e aos doze bois de bronze que estavam debaixo das bases, que fizera o rei Salomão para a casa do Senhor, o peso do bronze de todos estes vasos era incalculável. Dessas colunas, a altura de cada uma era de dezoito côvados; doze côvados era a medida da sua circunferência; e era a sua espessura de quatro dedos; e era oca. E havia sobre ela um capitel de bronze; e a altura dum capitel era de cinco côvados, com uma rede e romãs sobre o capitel ao redor, tudo de bronze; e a segunda coluna tinha as mesmas coisas com as romãs.*[110]

Tais colunas correspondem a Vitória e a Glória, ou seja, os dois grupos de Maçons colocados longitudinalmente à direita e à esquerda que se tornam, por decorrência, símbolo da força e da beleza. Em sendo algo aprendido pelo sentido ou pela imaginação, a verdade em exibição demonstra definitivamente que não há que se confundir Pilares e Colunas porque, como referido acima, os primeiros servem de sustentáculo e estas são decorativas ou ornamentais e representativas.

---

[106] Loc. cit. 8. 1, Reis 7:21.

[107] Ibid. 1, Crônicas 8:1.

[108] Id. Mateus 1:5.

[109] Id. 1, Crônicas 2:3.11.

[110] Id. Jeremias. 52:20.21.22.

Colunas colocadas na entrada da Loja

Para finalizar, importa enunciar que, uma vez aberta a Loja, os obreiros passam a celebrar os trabalhos em nome de um Templo Interno (consciência do homem), que não corresponde a um edifício material, porque o homem, criado à imagem e semelhança do G.A.D.U., há de ascender rumo a Ele. E para isso, diferentemente dos demais seres, anseia evoluir.

Em sendo assim e se as três colunas simbolizam as qualidades e os atributos da Divindade, tal como consta do Capítulo 3, Versículo 12, do Livro Apocalipse, conhecer a quarta coluna é tarefa dos Maçons que aspiram à aproximação com o G.A.D.U. e que concebem Suas obras, valendo-se de Sua infinita Sabedoria, de Sua Força, que assiste a obra, e de Sua Beleza, que nela se manifesta.

Logo, quando o Venerável Mestre ou o Rei Salomão, cuja sabedoria encantava a todos os seus súditos, o Rei de Tiro ou Primeiro Vigilante, cuja Força possibilitou a Salomão a construção do Templo, e, ainda, com o Segundo Vigilante ou Hiram Abif ou Adonhiram, com sua habilidade transformava o bruto em belo e a todos maravilhava, resta de uma clareza palmar o significado daquilo que serve de sustentáculo (Pilar) ou quando significa representar algo (Coluna).

Os três Pilares não devem ser conhecidos pelos Maçons senão no grau de Mestre. A razão mais simples e mais forte para tanto, diz Louis Guillemain de Saint-Victor, “é que um Aprendiz só deve conhecer a Sabedoria designada pela coluna J.; um Companheiro só deve conhecer a Sabedoria e a Força, emblema das duas Colunas; e só o Mestre deve conhecer a Beleza, isto é, o preço das coisas sublimes”.[111]

Independente das considerações acima, cada Maçom é pilar de seu próprio templo e, por consequência, sustentáculo imaterial da Maçonaria.

[111] *Recueil Précieux de la Maçonneire Adonhiramite*, Filadélfia, ed. Philarethe, rue de l‘Equerre-à-1’ Aplomb, 1787, p. 93.

Título XVII

O significado da Marcha

Marcha – são os passos dados à entrada do Templo e que variam conforme os Ritos e Graus. Todavia, a execução de tais passos é sempre de acordo e em harmonia com os ensinamentos dos próprios graus.

O Aprendiz, que é o primeiro Grau da hierarquia Maçônica, dá três passos morosos em linha reta e em direção ao Altar, iniciando o combate às superstições, fruto da ignorância, e em busca da Luz do conhecimento, até ficar entre Colunas.

Tem-se, por certo, que em qualquer movimento é preciso que se comece com o pé direito ou com o pé esquerdo. Contudo, sobre isso há opiniões divergentes; de um lado defendem que deve ser com o pé esquerdo e de outro com o pé direito. De ambas as partes, tratam de descobrir recursos ou procuram justificar que o correto é a forma de rompimento da marcha que está de acordo com as suas argumentações.

No Rito Escocês Antigo e Aceito é sustentado que se deve romper a marcha com o pé esquerdo, pois este é o lado espiritual, enquanto que o lado direito é o lado material, e, especialmente, o lado esquerdo é o lado do coração, da imaginação, do sentimento, da emoção, que gera e impulsiona a criação, e o direito é o lado da razão. Na verdade, cada passo que se avança com o sentimento da emoção, juntava-se ao da razão. Assim, para que algo exista, a emoção e razão devem estar sempre em equilíbrio.

No entanto, há quem afirme que, em 1730, na Inglaterra, quando foi publicado o livro *Maçonaria Dissecada*, de autoria de Samuel Pritchard, o próprio autor, em 13 de outubro do referido ano, praticou ação que consistiu numa traição perpetrada pelo depoimento juramentado prestado perante um magistrado, no qual relatava detalhes das práticas na Maçonaria e todo o acervo sigiloso, inclusive sobre as marchas. Essa

traição obrigou a Ordem a processar algumas mudanças necessárias a confundir os curiosos profanos “bem informados”, que, utilizando-se de tais informações, demandavam a invadir as Lojas como se fossem verdadeiramente iniciados. Renomados autores veem nessas mudanças a origem das diferenças existentes entre os Ritos Adonhiramita e Moderno em relação aos demais Ritos no que se refere, inclusive, ao rompimento da marcha. O Rito Adonhiramita e Moderno permaneceram fiéis às antigas tradições e costumes.

Essa, talvez, seja a razão pela qual, no Rito Adonhiramita, a marcha é rompida com o pé direito e porque o entendimento é de que é o lado ativo, positivo, criativo, masculino e representa o poder de realização, enquanto o lado esquerdo é passivo, negativo, receptivo, feminino. Romper a marcha com o pé direito representa, assim, que o poder criativo, masculino, positivo, que se sobrepõe aos aspectos negativos, que devem ser submetidos à nossa vontade e superados com a prática das virtudes.

Além disso, há opiniões de que o pé direito é o membro mais forte das extremidades inferiores, razão por que se deve ter a certeza, a segurança e o cuidado a fim de que por precipitação ou falta de reflexão, escudado em falsa segurança, se resvale para o abismo. A ação de um homem de pouca instrução, de um modo geral, é precipitada, sem a calma, fruto da razão e do conhecimento. Os que agem sem a devida reflexão são os menos sábios, enquanto que ao maçom se exige um perpétuo treinamento de equidade com base na razão e na justiça. Diz-se, por isso, uma vez dado o primeiro passo não se deve voltar atrás, o que se pressupõe que se deve marchar para o bem, não tendo assim a necessidade de remediar o mal que se possa causar com os passos em direção ao erro.

Pode-se interpretar, no entanto, que tudo isso tem a ver com o sentimento de cada um, que é induzido ao conhecimento concebido no imaginário, e que deve ser respeitado, seja os que defendem que é correto o rompimento da marcha com o pé esquerdo e os que defendem que é adequado seu rompimento com o pé direito. E, bem assim, as posturas guardam um sentido simbólico.

Será que romper a marcha com o pé esquerdo ou com o pé direito é apenas uma especulação?

Jules Boucher, citando Plantageneta, ensina que:

(...) essa marcha ritual é penosa: brutalmente interrompida por três vezes, ela quebra o nosso impulso; a cada vez ela nos constringe a um novo esforço para reiniciar a caminhada.
Não foi por acaso que a marcha se introduziu em nosso ritual. Não se trata de uma invenção, de um símbolo construído com todas as peças ao sabor da feliz inspiração de um espírito familiarizado com abstrações. Com efeito, a marcha, e suas três etapas, não correspondem, como ritmo e significação, com os três primeiros signos do zodíaco?
Estes são, como sabemos, o Carneiro, o Touro e Gêmeos. Eles correspondem aos meses de março, abril, maio e junho, isto é, à primavera, e estão de acordo com o ano maçônico, que começa no primeiro dia de março.
A astrologia nos diz que o signo do Carneiro está sob a influência do planeta Marte e, por consequência, evoca a ideia de "luta", que é confirmada pelo renascer do sol. Touro, que inspira o segundo passo, exprime o trabalho perseverante e desinteressado. Quanto a Gêmeos, que está sob a influência planetária de Mercúrio, é considerado o signo da fraternidade.[112]

Sob tal assertiva, considera-se que:

O primeiro passo simboliza a ideia de lutar com disposição para se ter a concepção clara dos ensinamentos do Grau.

O segundo passo simboliza a perseverança, o que indica o dever de ser vigoroso e prudente no trabalho, sem nada temer.

O terceiro passo simboliza o amor fraterno no convívio, acima de tudo, entre todos os homens.

Assim, completada a marcha, isto é, o alvo sendo atingido, significa que com os esforços aplicados atinge-se a vitória, e, por esse motivo, mais afastado das trevas e iniquidades do desconhecido. De forma que a marcha inicia na Porta do Templo em direção, única, do Ocidente para o Oriente, no eixo da loja, por três passos completos com os pés em esquadria, sinalizando a necessária e obrigatória retidão de conduta, que a partir de então deverá servir de norma à prática de todos os atos.

Adiante, o mesmo Boucher leciona:

[112] Loc. cit. 34. p. 337.

> *Os três degraus do Templo maçônico no grau de Aprendiz mostram os esforços que este deve fazer para se libertar do plano físico, primeiro e, depois, do plano "astral", que ele deve ultrapassar e, enfim, sua ascensão aos planos superiores.*[113]

Além disso, cabe ainda ponderar que o conceito de linha reta nos passos é também a consagrada diminuição da distância, significando que deve ser breve o estado do aprendizado.

Também que os três passos propõem a representação do nascimento, da vida e da morte, em correlação com as provas físicas do cerimonial, através das viagens iniciáticas.

A marcha revela, pois, a firme decisão de seguir o caminho da Luz e, até mesmo, a consciência de que na sua execução há o significado de disposição para o estudo que o guia ao alvo final, ou seja, à aptidão ao aperfeiçoamento ético, moral e espiritual.

Lembre-se, por fim, que a evolução iniciática repousa inteiramente sobre a intensidade do trabalho pessoal, consciente e decisivo.

---

[113] Ibid. p. 164.

Título XIX

Onde senta o Aprendiz

A Maçonaria Adonhiramita, na oportunidade em que o Cobridor responde a interrogatório do Venerável Mestre, precisamente a pergunta a respeito de onde é o lugar deste, enuncia a instrução com o seguinte teor:

> *Assim como, por vontade do GADU, o Sol aparece no Oriente para principiar a sua carreira e romper o dia, o Venerável Mestre ali tem assento para abrir a Loja, ajudar os Obreiros com seus conselhos e iluminá-los com as suas luzes.*[114]

O Ritual do Rito Escocês Antigo e Aceito é mais incisivo na abertura ritualística, especialmente quando o 1.º Vigilante responde, ante a pergunta do Venerável Mestre, onde é o lugar dele:

> *Assim como o Sol nasce no Oriente para iniciar sua carreira e romper o dia, ali é colocado o Venerável Mestre para abrir a Loja, dirigi-la e esclarecê-la com as luzes da sabedoria.*[115]

Infere-se daí que a luz procede da sabedoria.

De maneira concisa, sabedoria ou ser sábio é ter grande conhecimento, compreendendo a noção das ciências que a Maçonaria distingue. Sabedoria ou ser sábio é alguém que tem qualidade de vida e está sempre propenso a praticar o bem e, nessa dimensão, é capaz de pensar, tem iniciativa, realiza os sonhos e está em constante busca da luz, da verdade, do bem e da perfeição.

Diante da sábia e admirável inspiração litúrgica, antes transcrita, pode-se depreender que:

- a caminhada de um Maçom deve ser em busca da iluminação, que é alcançada de modo gradual;

---

[114] Loc. cit. 29. p. 95.

[115] Loc. cit. 42. p. 48.

- o Aprendiz deve se assentar no lugar, em caráter simbólico, distante do ponto donde provém a luz maior, do Oriente, para que pela sua inexperiência não venha a se prejudicar com o feixe dos raios da sabedoria dali provenientes;
- é a razão por que recebe os primeiros ensinamentos do Vigilante, que obedece e cumpre as ordens do Venerável, e porque está em posição de iniciar os trabalhos.

Obviamente que todos os lugares em Loja são simbólicos; o Maçom é quem valoriza ou deprecia o seu assento, ou é quem o glorifica ou desonra. Todos os lugares são engrandecidos ou desprezados segundo o padrão de comportamento dos que neles tomam posto. Assim, mesmo que se ocupe um lugar modesto, mas a atitude é de acordo com que lhe é compatível, todos a acatarão com admiração.

Na hipótese, no entanto, o Aprendiz Maçom senta num lugar contemplativo onde se formam as suas irradiações mentais e emotivas, também onde recebe as mesmas energias magnéticas de todos os demais Irmãos, porque, com ou sem intenção, a Loja trabalha para instruí-lo.

Nessa acepção, observe-se que o novo Aprendiz tem assento, a nordeste, próximo a balaustrada, não só para obter as primeiras instruções do Orador, mas, também, porque será sempre o primeiro a ingressar no Templo; e, principalmente, por ser o Aprendiz que antecede todos os demais Aprendizes na recepção dos raios do Sol que aparecem no Oriente para principiar sua carreira e romper o dia, e para ficar na posição mais próxima do Venerável Mestre, que o ajudará com seus conselhos e o iluminará com suas luzes.

O Ritual da Maçonaria Adonhiramita, quando o 1.º Vigilante é interrogado sobre o motivo de os Aprendizes terem assento no Setentrião, exprime o seguinte:

> *Porque é a parte menos iluminada, e um Aprendiz que apenas recebeu mui fraca luz, não está em condições de suportar maior claridade.*[116]

Vê-se, pois, que a Luz deve ser real, verdadeira, concreta, e o aprendiz tem que conseguir lançá-la em si, de acordo com os preceitos e o

[116] Loc. cit. 29. p. 96.

conjunto de matérias apresentadas pela Maçonaria, que têm diretrizes e um programa perfeito que possibilita, num período equivalente a dez anos, a passagem por todos os graus, ou seja, ter como resultado a formatura nessa escola.

Aliás, pode-se deduzir que, se o Aprendiz não aplicar esforços para avançar no conhecimento, não terá condições de suportar uma maior ciência, isto é, discernir ou apreciar lições de maior complexidade mais adiante.

De outro lado, a busca da iluminação é gradativa porque, tal como é o método pedagógico de ensino nas escolas, tem uma forma específica de organização dos conhecimentos para a obtenção da eficiência desejada, tendo em conta os objetivos do seu programa de formação e o perfil de seus integrantes.

Diz-se que a escassa Luz que ilumina a Coluna em que tem assento o Aprendiz representa a ação gradual da ciência que nele reflete, para que não malogre com a difusão de falsas teorias e diante de errados ensinamentos. Alegoricamente, essa fraca Luz o protege contra o raciocínio perturbado com o qual pode acontecer o fraquejo aos erros e às coisas vis.

O Aprendiz é um rudimento do saber assentado no caminho da esperança ao seu desenvolvimento, no que se refere à mente e aos sentimentos, sem descuidar da fé em um Ser Supremo, que significa sua evolução percorrendo o caminho da disposição e da conquista ao conhecimento e, por consequência, ao aperfeiçoamento.

A senda do triunfo do íntimo particular não é simples. Requer o emprego da sabedoria, da força e da beleza, iluminando e irradiando as virtudes que permitem maior aproximação à verdade.

O fato é que, pelo conhecimento, o Aprendiz poderá alcançar a plena liberdade, tornando-se, assim, um homem de ideias ou opiniões avançadas e de maior capacidade criativa, intenso na prática do bem e de uma vida com muitos momentos de felicidade.

Diante das evidências apontadas, a conclusão é no sentido de que o importante do lugar onde senta o Aprendiz não seja o ponto geográfico, tampouco a beleza dos aspectos do seu assento, mas sim o espírito e o ânimo dele no espaço que ocupa, pois, de forma figurada, é o arquiteto do seu próprio Templo e, por suas próprias mãos, coloca os alicerces da sua estrutura, e pelas suas próprias ações atingirá a iluminação.

Título XX

Nome histórico

Há que se admitir que a adoção do nome histórico é de origem e de essência iniciática. Na própria Igreja Romana, logo após ser eleito no Conclave e aceitar sua eleição, o novo Papa escolhe seu nome pontifício. A tradição de troca de nomes iniciou com o Papa João II, no século VI, cujo nome de batismo era Mercúrio, designação de um deus pagão. Durante séculos os Papas mantinham seu nome de batismo, mas, a partir do século X, passaram a escolher um outro nome, que, geralmente, indica a linha de sua administração, assim como denota outros significados especiais. Na Bíblia Sagrada assim é o texto: *Jesus... designou, pois, os doze* discípulos*, a saber: Simão, a quem pôs o nome de Pedro*.[117] Vê-se, portanto, quando Deus muda o nome de alguém, Ele está dando-lhe uma função especial. Ao indicar o "primeiro papa", ele mudou o nome do pescador Simão para Pedro, dizendo-lhe que ele seria a pedra sobre a qual se ergueria a Igreja.

Na Maçonaria Adonhiramita a outorga de outro nome ocorre com o batismo que é levado a efeito num momento próprio da Iniciação, com a seguinte enunciação:

> *E, para que de profano, nem o vosso nome vos reste, eu vos batizo com o Nome Histórico de (...)*[118] De modo que a iniciação para o Maçom é a porta que dá acesso a um estado consciente para uma nova forma de ser, motivo por que lhe é dado outro "papel de representação", até para ele melhor compreender o significado.

---

[117] Loc. cit. 8. Mateus 10:2 e Marcos 3:16.

[118] Loc. cit. 29. p. 248.

Além disso, em síntese, pode-se atribuir os seguintes fundamentos para a sua adoção:

De regra, é conferido o nome de pessoa, já falecida, que teve atuação notável, virtuosa e, por isso, importante, na prestação de serviços em benefício da Pátria, da sociedade, ou, em âmbito maior, da humanidade.

Assim, em todo o decurso de sua existência, especialmente como Maçom, recebe a influência, a guarda, a proteção e o exemplo do espírito de luz dessa entidade, inclusive para a inspiração e disposição firme na prática do bem, como se fosse um anjo da guarda e mensageiro fiel dos desígnios da divindade.

Igualmente, o Nome Histórico deixa ver de forma clara que a condição social do Maçom perde toda a importância no interior do Templo e lembra que ele, a contar de então, deve se transformar para um outro padrão de comportamento, mudar de nível, tornar-se diferente, e a cada dia melhor.

No passado o procedimento tinha, também, caráter de segurança e sigilo, isto é, de preservação da identidade civil, tanto na hipótese de registros nos livros de presença quanto nos demais documentos da Loja. Tal maneira de agir era uma precaução de na eventualidade de posições contrárias exercerem o poder de governo, facultar-lhe-iam a perseguição e até a represália. Desse modo, a troca de nomes pressupõe dificultar a identificação para esses oponentes.

Disse-me o saudoso Domingos Fernandes Dias, Grande Patriarca Regente do ECMA, no período entre 2003 a 2007, que é recomendável conceder um nome que constitua todas as vogais em conjugação com o nome civil. Atentar para esse conselho é bom porque, em estágio de aprendizado mais elevado, tal como ensina Jorge Adoun, compreende-se que vocalização consciente, com aspiração, respiração e concentração, pode-se adquirir tudo o que é relativo à vocalização das referidas letras, e possuir seus poderes no mundo espiritual, mental e físico, tendo em vista que o sangue flui numa das partes do corpo, de acordo com a letra vocalizada.[119]

---

[119] Loc. cit. 33. p. 52 e 53.

Título XXI

Potências Maçônicas

A Maçonaria conhece três sistemas de organização política: o sistema de obediência do Grande Oriente do Brasil; o sistema de obediência da Grande Loja, cada um com suas características próprias; e o sistema da Confederação Maçônica do Brasil – COMAB.

O sistema do Grande Oriente do Brasil se assemelha ao de uma nação instituída nos padrões democráticos ditados por Montesquieu, a qual compreende as obediências Maçônicas Simbólicas constituídas e organizadas na forma de governo do estado democrático em que todo o poder emana do povo e em seu nome será exercido.

Compõe-se, assim, do Poder Executivo, exercido pelo Grão-Mestre, assessorado pelo Conselho Federal, constituído pelo Gabinete do Grão-Mestrado e mais as Grandes Secretarias; do Poder Legislativo, exercido por uma assembleia composta de Deputados eleitos por voto direto dos Maçons de Lojas Jurisdicionadas; e do Poder Judiciário, constituído por operadores do direito nomeados pelo Grão-Mestre, sendo dois terços indicados pelo próprio Grão-Mestre e um terço pela Mesa Diretora da Assembleia Legislativa. Os três poderes são distintos e harmônicos entre si.

Trata-se de um sistema federativo onde o Grão-Mestre Estadual tem autoridade limitada e, por consequência, em caso de desentendimentos de qualquer natureza, permite invocar proteção ao Poder Central, para reparar possíveis injustiças reais ou imaginárias; o relacionamento com os demais Grande Orientes Estaduais segue a ordem regular e espontânea e não depende de tratados de amizades; tem uma Assembleia Legislativa Federal e uma Assembleia Legislativa Estadual para cada Grande Oriente Estadual federado; tem duas Constituições (Federal e Estadual), garantindo, assim, a plena democracia, porque não é possível, indefinidamente, a manutenção de poder por alteração da Constituição.

Além da Constituição, tem um Regulamento Geral da Federação e Legislação Ordinária, que regem seu ordenamento jurídico.

Os Grandes Orientes do Brasil dos Estados e do Distrito Federal são administrados através de uma estrutura organizacional similar à do GOB.

As Grandes Lojas Estaduais, constituídas pelas respectivas Lojas, formam as Obediências estaduais, independentes umas das outras.

O sistema da Grande Loja – estadual – tem na chefia do governo um Grão-Mestre e os poderes legislativo, administrativo e litúrgico a uma Grande Loja ou Assembleia Geral, representada pelos Veneráveis e Vigilantes das Lojas a elas jurisdicionadas.

Com o propósito de projeção nacional, as Grandes Lojas Estaduais criaram uma entidade denominada Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil – CMSB, que se constitui de dois órgãos deliberativos, um executivo e outro de fiscalização. Os deliberativos são a Assembleia Geral, órgão soberano, e a Conferência de Grãos-Mestres. O poder executivo é representado pela Secretaria-Geral, responsável pela gestão da entidade, e também formada pelas Secretarias de Finanças e de Relações Exteriores. O órgão fiscalizador é denominado Conselho Fiscal, responsável pela análise e aprovação do movimento contábil da entidade.

Entre outras, a CMSB tem as seguintes finalidades: a) incrementar a difusão, pelas confederadas, da doutrina e dos postulados da Maçonaria Universal e do ideal maçônico; b) estudar e coordenar medidas que possam interessar às confederadas, no sentido da ação maçônica conjunta; c) sugerir e estimular instruções maçônicas entre as confederadas; d) ativar as relações das confederadas entre si e destas com outras instituições maçônicas regulares; e) manter cursos nos campos educativo, científico e assistencial, diretamente ou por intermédio das confederadas; conceder bolsas de estudo e promover programas assistenciais voltados para o indivíduo como pessoa humana útil e produtiva; f) manter, em sua sede, biblioteca que contenha departamentos público e maçônico e estimular a criação e o desenvolvimento de organismos similares pelas confederadas.

A Confederação da Maçonaria Brasileira – COMAB, através de seu Colegiado, constituído em plenário de seus Grãos-Mestres, é um órgão representativo e promotor da unidade normativa acerca das diretrizes comuns aos Grandes Orientes Independentes e Autônomos. A ação, portanto, é pelo consenso, sem privilégios ou distinção, sem a imperatividade de uma vontade soberana, senão a de seus Grãos-Mestres em suas respectivas jurisdições. Destaque-se, porém, que, por via de regra, todos seguem a orientação das deliberações do mencionado órgão dirigente.

Torna-se a registrar que cada Grande Oriente Independente goza de plena autonomia e não tem a figura do Poder Central. Nesse ponto de vista o Grande Oriente se assemelha com a Grande Loja, promove uma assembleia por semestre, com a representação das Potências filiadas, a fim de colaboração recíproca e de coordenar a ação maçônica em torno de problemas que lhes sejam comuns.

Os Grandes Orientes Independentes tornaram-se híbridos porque além do sistema de governo de confederação, como herança do Grande Oriente do Brasil, adotaram o nome e o sistema administrativo com os Três Poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário, independentes e harmônicos.

Título XXII

Regularidade

É fundamental assinalar que a Maçonaria é uma Ordem que se constitui de forma Universal e se interliga através de Tratados de Reconhecimento Mútuo, a partir da Grande Loja Unida da Inglaterra, que é considerada a Loja-Mãe da Maçonaria internacional, renomada assim não só por razões históricas, mas ainda porque através dela foram recolhidos grande parte dos documentos e normas pertencentes à Maçonaria Operativa e realizada a sua consolidação, com a designada Constituição de Anderson, afirmando-se, posteriormente, como a "Magna Carta" da Maçonaria regular.

A correlação de regularidade e irregularidade aplica-se aos Maçons, às Lojas e às Obediências.

Um Maçom, segundo a lei Maçônica, terá seus direitos suspensos quando: não tiver um comportamento de homem de bem e de bons costumes; não cumprir com suas obrigações pecuniárias; e deixar de frequentar a Loja sem justa causa. Obviamente, ao contrário, é afirmativamente considerado regular. Observe-se também que há de ser iniciado e devidamente admitido numa Loja regular.

Por sua vez, uma Loja é regular se fundada, pelo menos, por sete mestres maçons, originariamente membros de Lojas Regulares, quer dizer filiadas a um Grande Oriente ou Grande Loja reconhecida como regular. Um Grande Oriente ou Grande Loja podem ser considerados regulares se formados (as) pela união de, no mínimo, três Lojas regulares.

Na hipótese, pode-se citar o atual Grande Oriente do Brasil, que, em 1822, como Grande Oriente Brasiliano, surgiu de três Lojas Regulares – Comércio e Artes; Esperança de Niterói; e União e Tranquilidade.[120]

[120] Boletim do GOB, número 6, 48.º ano, junho de 1923.

O mesmo Grande Oriente do Brasil foi reconhecido, pela primeira vez, pela Grande Loja Unida da Inglaterra em 1880, quando, através de carta datada de 10 de janeiro de 1880, foi feito um pedido de reconhecimento pelo então Contra-Almirante Arthur Silveira da Motta, representante do Grande Oriente e do Supremo Conselho junto às Potências Maçônicas do mundo. O pedido foi dirigido a Sua Alteza Real, o Príncipe de Galles Charles Edward, Grão-Mestre da Grande Loja Unida da Inglaterra. A referida carta foi então respondida pelo Grande Secretário da Grande Loja Unida da Inglaterra, Tenente Coronel Shadwell Clark, a 30 de janeiro de 1880, informando que o pedido havia sido aprovado pelo Grão-Mestre da Inglaterra. Este foi o primeiro Reconhecimento Oficial, não configurando ainda um Convênio ou Tratado, o que ocorreu em 21.12.1912 e se consolidou em 06.05.1935.[121]

A Grande Loja Unida da Inglaterra publicou um documento com seus oito princípios de regularidade, ou seja, com as suas imposições para reconhecer outras Obediências, sob o título "Princípios Fundamentais para o Reconhecimento". São os pontos:

> ***1.º*** *Uma Grande Loja deverá ser regularmente fundada por uma Grande Loja devidamente reconhecida ou por, pelo menos, três Lojas Regularmente constituídas.*
> ***2.º*** *A crença no GADU e em sua Vontade revelada são condições essenciais para admissão de novos membros.*
> ***3.º*** *Todos os Iniciados devem prestar sua Obrigação sobre o Livro Sagrado.*
> ***4.º*** *A Grande Loja e as suas Lojas, particularmente, serão compostas apenas por homens; também não poderão manter relações com Lojas mistas ou femininas.*
> ***5.º*** *A Grande Loja exercerá seu poder soberano sobre as Lojas de sua jurisdição, tendo autoridade incontestável sobre os três graus simbólicos, sem qualquer subordinação a um Supremo Conselho.*
> ***6.º*** *As três Grandes Luzes (Livro da Lei, Esquadro e Compasso) serão sempre expostas nos trabalhos da Grande Loja e das lojas de sua Jurisdição; a principal Luz é o Livro da Lei Sagrada.*
> ***7.º*** *As discussões de Ordem Política e Religiosa são interditadas nas Lojas.*

---

[121] http://www.freemasons-freemasonry.com/galdeano_tratado.html Autor: Lucas Francisco GALDEANO. Ex-Grande Secretário Geral de Educação e Cultura do Grande Oriente do Brasil (1993-2001). Matéria do autor extraída do *Anuário da Loja de Pesquisas Maçônicas do GOB*, vol. 1 (págs. 25 a 40).

__8.º__ Os antigos Landmarks*, costumes e usos da Maçonaria, serão estritamente observados.*[122]

Os fatos evidenciam que a Grande Loja Unida da Inglaterra é a Loja-Mãe, até porque muito se houve acerca de Obediências que vão até a Inglaterra postular esse reconhecimento e regularidade. Sob esse ângulo, o artigo 1.º é de clareza palmar: Qualquer Potência / Grande Oriente / Grande Loja deve ser regularmente fundada por uma Grande Loja ou Grande Oriente devidamente reconhecido. Em outras palavras, na hipótese de um grupo de Maçons regulares pretenderem fundar uma Potência hão de obter o reconhecimento pela Maçonaria a que estão vinculados, na forma como determinado no artigo referido, ou seja, conseguir o reconhecimento pela Maçonaria ligada a GLUI, que é a Grande Loja-Mãe, a Originária, a Primeira, o Início (ou qualquer outro adjetivo que queira conceder ou lhe definir), tendo assim uma Regularidade de Origem.

Assim procedendo, os primórdios atos da Maçonaria legalmente constituída serão honrados e, por consequência, haverá a regularidade. Ao contrário, haveria Grandes Orientes ou Grandes Lojas, independentes, em número sem limites, com suas próprias regras, até porque com cada três Lojas é possível formar um Grande Oriente ou uma Grande Loja, o que, no mínimo, não recomenda.

Um exemplo prático a ser exposto para análise é a criação de qualquer curso universitário sem a preocupação de ter o reconhecimento do Ministério da Educação – MEC. A consequência lógica é de que o diploma apresentado pelo aluno desse curso, para os efeitos de prova de habilitação, a propósito de exercer a atividade dessa formação superior, ou a fim de aprovação em concurso público, impossibilita a aceitação por falta de reconhecimento do MEC.

Na Maçonaria é a mesma coisa. Também, se não houvesse esse controle os caracteres próprios e exclusivos de ser Maçom perdem significância e consideração, além da hesitação e tumulto que causaria nessa esfera social. Se bastassem apenas três Lojas para fundar uma Grande Loja, sem dúvida haveria inúmeros Grandes Orientes e Grandes Lojas,

---

[122] Loc. cit. 76 e 9. p. 241.

cada um ministrando os seus rituais, dando-se o direito de instalar nova Lojas, a critério e finalidades de seus mandatários, especialmente para a obtenção de recursos financeiros. A consequência, como referido antes, é inconteste: a identidade será sensivelmente prejudicada.

É necessário referir que, em 24 junho de 1717, quatro Lojas Maçônicas de Londres, das tavernas *Goose and Gridiron, Crown, Aple Tree e Rummer and Grapes*, reuniram-se na taverna "O Ganso e a Grelha", no adro da igreja de São Paulo, para formarem a primeira Grande Loja de Londres, independente e soberana. Inicialmente, ela se resumia a uma festa anual para as referidas Lojas, mas, em 1721, por meio de uma "publicação periódica trimestral" que editava, estabeleceu princípios proporcionais a um corpo regulador, atraindo para suas reuniões lojas além do complexo demográfico de Londres.[123]

Considerada como a 1ª Obediência Maçônica Regular do mundo, fundiu-se em 1813 com a Grande Loja dos Antigos Franco-Maçons da Inglaterra (Antigos de York que aderiram ao sistema obediencial em 1751), dando origem à Grande Loja Unida da Inglaterra. São, pois, os motivos da necessidade do reconhecimento pela Primeira Obediência Maçônica do Mundo.

Observe-se, também, que ninguém nasce sabendo, e, desse modo, em princípio, o consecutivo, ou seja, quem segue os ensinamentos conservados desde a origem, deve respeito a quem lhe deu esse conhecimento específico.

São os fundamentos no devido rigor dos preceitos que regem a Obediência Maçônica.

Entretanto, há que se admitir que a Maçonaria está cada dia que passa mais fragmentada, seja pelas dissensões apoiadas nas peculiares razões, seja para atrair admiração. E os bons e legítimos Irmãos Maçons, sejam do Grande Oriente do Brasil, sejam da Grande Loja, sejam dos Grandes Orientes independentes, não resignados e preocupados, permanecem no silêncio ou não protestam, mas um pouco além de suas unidades administrativas, ou no âmbito das relações que compreendem as Potências regulares e que se aceitam legitimamente, propagam os princípios do ideal Maçônico: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

[123] Loc. cit. 121.

Essa insatisfação pode ser saciada e os antagonismos corrigidos, não com a eliminação da autoridade da G.L.U.I., mas, com a disseminação à grande coletividade maçônica, preservando essa harmonia, paz e concórdia e, através dos meios próprios e numa linguagem acessível, mostrando a todos a conveniência dessa necessidade de mudança e, para tanto, criar mecanismos de submissão a esse ideal e vontade da maioria dos homens de bem.

Alternativa diversa é a obtenção do respeito à igualdade de direito, independente da lei positiva, mas através desse sentimento que se considera justo. Sob esse enfoque, nas próprias instituições jurídicas de nosso País, já tivemos um movimento identificado sob o nome de "direito alternativo", com o propósito de mudar ou usar o arcabouço legal da Justiça mais flexível. Com tal citação, é possível pensar que em determinado momento as normas antes citadas possam ser analisadas de outra maneira, isto é, com princípios ou padrões sociais então aceitos, sob a interpretação de um direito moderno oriundo da própria comunidade de Maçons (conquista popular).

Notadamente, bom seria que todos os Maçons estivessem filiados em Potências reconhecidas, podendo conviver, sem divergências ou cisões, em perfeita igualdade, intimamente unidos por laços de recíproca confiança e amizade, em plena fraternidade, portanto.

De resto, importante observação a se fazer é a de que quando é recebida a proposta de admissão o convite é formulado para ingresso na Maçonaria (una) e não é prestado nenhum esclarecimento acerca da Obediência de filiação e das Dissidências ocorridas: a primeira no ano de 1927 com a criação das Grandes Lojas Brasileiras, e a segunda em 1973 com o surgimento da Confederação Maçônica do Brasil – COMAB. O Obreiro ingressa na Maçonaria e na Potência de filiação segundo os desígnios de Deus? Ou é por outras razões?

Muitos, e eu me incluo, gostariam de viver uma Maçonaria una e, por consequência, ser uma possante e poderosa "egrégora". Mas, salto os olhos: "Vaidade de vaidades, diz o pregador, vaidade de vaidades! Tudo é vaidade".[124]

---

[124] Loc. cit 8. Eclesiastes 1.2.

Penso, também, que além de eliminar esse negativo vício, os Maçons haveriam de banir outros sob o provérbio que diz: “Não faças ao outro aquilo que não gostarias que ele te fizesse”, inclusive restabelecer a sua total discrição, sem a exposição, como se vê, em alguns locais, em atos públicos.

Na verdade, existem Maçons e Maçons, quanto a essa questão, dependendo com quem se encontra inesperadamente, ou se fica com sentimento de torcida por uma Maçonaria Una, ou se tende para uma defesa radical da regularidade de origem; claro, observados com a mais escrupulosa atenção os princípios da Ordem. Isso deve ser recíproco, de parte a parte, independente da procedência. O critério de escolha, talvez, deva ser um pouco mais rigoroso.

Cumpre mencionar, também, que a Maçonaria congrega homens com concepções mentais, emocionais, espirituais e comportamentais semelhantes, e que se reúnem em Lojas às quais são livres e soberanas e, por isso, pode-se dizer, não são obrigadas a obedecer a orientações, com as quais não concordem, da Potência a que estão filiadas. Fator este que contribuiu para a formação de cisões e dissidentes ligados aos Grandes Orientes / Grandes Lojas regulares e reconhecidas. É assim. Ocasionalmente ouve-se falar ou se tem notícia de que uma e outra das Potências Maçônicas, instituídas pelo efeito das cisões, requerem a outorga de reconhecimento junto à Loja Unida da Inglaterra. Isso é inegável.

O que importa, no entanto, é que o Maçom é livre em Loja livre e a filosofia a mesma. A ideia é a essência.

Quem sabe, um dia ocorra um Congresso com esse projeto de união e num debate positivo, dentro das qualidades adequadas a sua natureza, a Maçonaria alcance o propósito do reconhecimento e da regularidade de todos os Maçons de bem e de bons costumes.

Título XXIII

Quem pode ser convidado a ingressar na Maçonaria

Viu-se no item anterior que a Maçonaria congrega homens com concepções mentais, emocionais, espirituais e comportamentais semelhantes. E, se assim não se apresentam as circunstâncias, algo pode estar inadequado.

Ainda que os membros da congregação assim não sejam, de regra, são convidados para serem Maçons todos aqueles homens, maiores de idade e com duas qualidades fundamentais, quais sejam: **homens livres** e de **bons costumes**.

Na concepção maçônica, ser livre e de bons costumes pressupõe o seguinte:

A qualidade de ser um **homem livre** (antes de ingressar na Ordem Maçônica, porque logo adquirirá, para ele, uma dimensão mais profunda), entende-se ser no sentido de independência de critérios que um homem adulto deve possuir para tomar suas próprias decisões na vida.

De nada servirá a maçonaria ao indivíduo se nela ingressar envolvido de condicionamentos, por exemplo, de ordem familiar, moral, social ou religiosa. O Maçom é um homem pleno, que sobre nada e a ninguém deve prestar contas acerca de suas ações e de sua condição de Maçom, porque ser Maçom deve ser sempre sinônimo de honorabilidade, cavalheirismo, perspicácia e sensatez.

A Maçonaria não quer entre seus membros os fanáticos, fundamentalistas e nem sectários de nenhuma classe, senão homens de espírito livre, compreensivos, e que cultivem, sempre, o ideal maior de tolerância nas ideias e no amor fraternal que deve haver entre todos os homens, na busca constante de construir, cada dia, um mundo melhor.

Ser livre não é só no sentido da isenção da pressão de forças relativas à ordem moral, como prêmio, punições, leis, ameaças ou, simplesmen-

te de constrangimento, mas, principalmente, estar com a liberdade de consciência que tem o significado de libertação, estado em que jamais fica privado à opinião de outrem ou que, em alguma circunstância, fica sujeito à manipulação.

A qualidade de ser um **homem de bons costumes** subentende que todo o aspirante a ser Maçom deve viver em sociedade, sendo um exemplo de comportamento; sejam quais forem as circunstâncias de vida ou o seu modo de viver, sua honestidade e honorabilidade jamais devem estar sob julgamento. Tem de se tratar de um cidadão íntegro, disposto a cumprir, sem reservas, seus deveres para com o seu Deus, para com seus semelhantes, para consigo mesmo, para com a família e para com a Pátria, sendo para isso Senhor das próprias decisões na sua vida individual e social.

Deve ter uma organização econômica definida, que lhe permita suportar os gastos que implica sua filiação e as obrigações de ordem filantrópica a que se comprometa para o futuro.

Por fim, não que seja um requisito determinante, porém é recomendável se convide para o ingresso candidato que possua dotes de inteligência, porque na Maçonaria faz-se necessária a leitura para a sua compreensão e seguimento, e aquele que não tem hábito de leitura e não possuir aptidões para a interpretação nunca irá entender seus ensinamentos; consequentemente, não avançará no conhecimento, não irá contribuir para o aperfeiçoamento moral da humanidade, com retidão de propósitos, transparência, serenidade de juízo e pureza em seu coração.

Título XXIV

Lições básicas para o Aprendiz Maçom

Sem a intenção de revelar as instruções que devem ser ministradas tempestiva e oportunamente, nos respectivos programas de cada Loja, sob a persuasão íntima e do entendimento geral que o Aprendiz Maçom deve ter os conhecimentos especiais e básicos para avançar e melhor compreender os ensinamentos litúrgicos e doutrinários da Maçonaria, além daqueles pertinentes aos sinais, aclamação, palavras, toques, bateria, marcha, circulação e muitos outros contidos no próprio Ritual, que são autoexplicativos, é importante que, objetivamente, também se componham as seguintes informações elementares, detendo obviamente feição interpretativa:

Os sinais de Ordem e o Gutural

Os sinais e toques, tacitamente aceitos pelo modo convencional, sempre foram utilizados pelos Maçons para se reconhecerem entre si ou para identificação junto aos demais. O sistema visa a uma comunicação inteligível e precisa.

O sinal de aprendiz, pelo seu gesto, dá a entender a preservação da cabeça de qualquer excitação capaz de impedir o domínio da lucidez de espírito, significando, assim, que o Maçom está de posse de si mesmo e que se propõe a julgar tudo com imparcialidade.

Obviamente que o referido sinal deve ser executado no modo tradicional e com a energia que o ato requer.

Por outro lado e de forma que compreende um todo, o sinal é uma demonstração de um pensamento, ou de uma intenção, por meio de um aceno, um gesto, ou vocabulário secreto.

É verdade! Ocupam o seu lugar no tempo e no espaço lendas ou fenômenos com aparência de curiosidades e mistério. Acerca disso e tendo em conta os sinais, há quem acredite que nada é por acaso e que alguns fatos que ocorrem, de natureza peculiar ou geral, se manifestam antes mesmo de se concretizarem, por meio de sinais que poderiam ser pressentidos. Quando passam despercebidos é porque não há as especiais aptidões resultantes do aprimoramento dos sentidos.

Sob outro ponto de vista, registre-se que o sinal do cristão é o sinal da cruz. Geralmente ele é feito antes de qualquer oração, antes de entrar e sair da igreja, antes de iniciar a refeição, ao deitar, ao levantar, e em muitas outras ocasiões em que o cristão se benze fazendo o sinal da cruz, como um gesto de confiança e amor a Deus, que corresponde, presume-se, com a sua proteção.

Sobre o que o Maçom deve saber e praticar, Jorge Adoun, em seu livro intitulado *Do Mestre Secreto e Seus Mistérios*, dispõe que:

> *Toda pessoa, antes de comer, deve abençoar o alimento invocando o Eu Sou com as mãos estendidas sobre o alimento, ou traçar, com a direita, o símbolo da cruz, porque a bênção emite raios de luz que, impregnando o alimento, afugentam os átomos malignos que por outros pensamentos penetram.*[125]

Por analogia, a aclamação que se pratica nos trabalhos maçônicos reproduz o símbolo ou o sinal da cruz, o que dá a entender que a ovação referida segue a mesma lei da bênção sobre o alimento, vista antes, isto é, dá a bênção sobre a nossa sede do planejamento, da produção de sensações, da razão, enfim do nosso Templo.

É proficiente trazer à memória também que, segundo os ensinamentos de Jules Boucher, citando Gédalge, *as partes do corpo, postas a nu, constituem uma aplicação do Zodíaco fisiológico, e, portanto, a garganta é considerada regida pelo signo do touro, símbolo complexo da ação irrefletida passional, suscetível de não ser vencida, mas de ser evitada de seus fins grosseiros, e convertida, sob a influência do construtivo processo mental.*[126]

[125] Loc. cit. 33. p. 97.

[126] Loc. cit. 34. p. 53 e 54.

Logo, a significação do sinal é do mais alto grau porque, pelo gesto, o Maçom afirma que pôs em isolamento tudo o que o cérebro produz das más influências, ou seja, que nenhuma perturbação procedente dos órgãos inferiores poderá ultrapassar o sinal e subir à sua mente.

Demonstrado está, pois, que certas práticas são de um poder inimaginável e, se as mãos são usadas com o pensamento genuíno, característico de uma criança, quer dizer, com o verdadeiro *Eu Sou*, o fim a que se visa será alcançado.

No sentido intrínseco, simboliza a disposição do Maçom em colocar sua cabeça para ser decapitada em caso de perjúrio. Consiste numa inviolável fidelidade, juramento, e como pessoa honrada jamais revelará o segredo.

Palavra Sagrada

Na Bíblia Sagrada, em seu Livro II Crônicas 3:17, lê-se: *E levantou as colunas diante do templo, uma à direita, e outra à esquerda; e chamou o nome da que estava à direita de Jachin, e o nome da que estava à esquerda de Boaz*[127].

Segundo a Enciclopédia Judaica, "Jachin" significa "Ele estabelecerá" e "Boaz" significa "Nele está a força".

A Maçonaria, através do sistema inglês e escocês, seguiu exatamente como descreve o Livro Sagrado. As disposições das colunas J. (ao sul) e B. (ao norte) do Templo, correspondem respectivamente às colunas do 2.º e 1.º Vigilantes, como se observa no sistema adotado pelo Rito Escocês Antigo e Aceito.

A Maçonaria Adonhiramita, no entanto, inverteu a posição das colunas J. e B. e dos próprios Vigilantes, sob a justificativa de que quando das primeiras "revelações dos segredos da maçonaria", ou seja, em 1730, tempo em que foi publicado na Inglaterra o livro *Maçonaria Dissecada*, de autoria de Samuel Pritchard, obrigou a instituição a efetuar algumas mudanças para confundir os curiosos espertalhões, que utilizando-se de tais informações ingressavam nas Lojas como se legítimos Maçons fossem.

[127] Loc. cit. 8. Crônicas 3:17.

Sobre a obra referida há a informação de que surgiu em consequência da traição cometida pelo próprio autor prestando depoimento juramentado perante um magistrado, por meio do qual relatava detalhes de sua iniciação bem como outras informações, fato este ocorrido em 13 de outubro de 1730, e que impôs à Maçonaria, como referido antes, alterar a realização de certos procedimentos para fazer a distinção entre os legítimos e os astuciosos, e, naturalmente, dessas antigas tradições a Maçonaria Adonhiramita permanece fiel.

Necessário se faz registrar que, mesmo comparativamente haver a inversão das colunas, os aprendizes têm assento no hemisfério norte, igual aos ritos tradicionais, no tempo em que o Sol faz o seu giro do oriente para o ocidente inclinado ao sul, indicando que os aprendizes permanecem no inverno do hemisfério norte, época em que as noites são maiores que os dias, situação pela qual a escuridão prevalece sobre a luz.

Relativamente à maneira de ser dada a *Palavra Sagrada* é aquela peculiar em que quem a pede pronuncia a primeira letra. Não é pronunciada por inteiro porque faz alusão ao que não se pode manifestar. Por isso que o Aprendiz deve se esforçar no estudo, porquanto nada lhe é ditado nem revelado. Incumbe a ele descobrir o mistério.

Acerca da designação bíblica "Jachin" ou "Boaz", a tradição facultou apenas a opção de servirem como enunciação de palavra referente às coisas divinas, ou ao sacrossanto; puríssimo; sagrado amor; profundamente respeitável; venerável; que não deve ser tocado; e abrigo para se ter a segurança de que o Templo está na presença do Senhor. Em geral, as *Palavras Sagradas* representam a intenção e o consentimento à ação e à permanência da presença d'Ele na vida daqueles que as pronunciam.

Para João, o *Verbo* (a Palavra) estava em Deus; preexistente à criação; ele veio ao mundo, enviado pelo Pai, para desempenhar uma missão: transmitir uma mensagem de amor.

O Antigo Testamento conhecia o tema *Palavra de Deus* e o da sabedoria, que existia antes do mundo, em Deus; pelo qual tudo foi criado.

Lembre-se: a sabedoria está em Deus e a *Palavra Sagrada*, também, é um dos atributos d'Ele.

Palavra Semestral

A palavra Semestral é uma senha elaborada pelo Grão-Mestre e enviada semestralmente a cada uma das Lojas de sua jurisdição. É passada por sua pronúncia em voz baixa de ouvido a ouvido, transmitida de maneira especial e litúrgica, em ato denominado Cadeia de União. Transforma-se em Palavra de Passe, ou seja, de permissão para ingresso em Lojas em que não é filiado, porque o conhecedor é considerado membro ativo. Serve, portanto, para reforçar a segurança e indica a regularidade ou não dos visitantes.

A forma de uma Loja Regular Justa e Perfeita

Preliminarmente, importa assinalar que a decoração do Templo é codificada. Há a parte fixa e alguns outros elementos mudam, é claro, dependendo do Rito e Grau praticado. Em geral, dentro do Templo é inevitável a existência do equipamento necessário ao funcionamento "justo" da Loja. As partes da decoração referidas a seguir nada têm de definitivo nem conclusivo. A intenção não passa de indicar a instalação da Loja, em sua essência, para a realização de suas atividades.

Consegue-se compor o Templo para o funcionamento da Loja, com os seguintes elementos: Corda de 81 nós; Dossel; Trono do Venerável Mestre; Delta Luminoso; Bandeiras: Nacional, Estadual e do Grande Oriente ou Grande Loja; Estandarte da Loja; Altares: 1.º Vigilante, 2.º Vigilante, Orador, Secretário, Tesoureiro e Chanceler; Altar dos Juramentos, sobre o qual deve repousar a Bíblia, o Esquadro e o Compasso; Altar dos Perfumes e sobre ele há de conter o Turíbulo, o Acendedor e o Apagador; Pavimento de Mosaico, Balaustrada; Bancadas: Norte, Sul e Oriente; Pedras: Bruta e Cúbica; Coluna da Harmonia; Tímpano ou Sino; Colunas J. e B.; Abóboda Celeste; Espada Flamejante; Castiçal da Chama Sagrada e Candelabros das três "Grandes Colunas"; Malhetes; Bastão.

Evidentemente que, para a realização dos trabalhos, no interior de uma Loja, além do cumprimento rigoroso quanto ao fato de que os Ma-

çons devem entrar revestidos de suas insígnias e trajados conforme o Ritual, hão de existir os seguintes materiais, em especial: espadas; livro de atas; livro de presença; canetas; naveta com incenso; velas; fósforos; um exemplar da Constituição, um Regulamento Geral da Ordem, um Regulamento da Loja, Rituais.

A forma ou configuração da Loja, porém, é de um quadrilongo ou retângulo e as suas dimensões devem ser na proporção equivalente a 1 x 1,618. Essa geometria é equivalente à soma de três retângulos. Um desses retângulos é separado dos demais por uma balaustrada, cuja área se denomina Oriente, a qual o Maçom acessa somente com a mobilização de forças para subir os quatro degraus denominados Temperança, Justiça, Coragem e Prudência.

Uma Loja Regular, Justa e Perfeita diz-se daquela regularmente constituída e instalada. É *regular* se possui a Carta Constitutiva expedida por um Grande Oriente ou Grande Loja ou Suprema Corporação que conserve intacta a linha de sucessão da autoridade da Maçonaria. É *justa* se a Bíblia Sagrada estiver aberta, a fim de seguir a verdade no amor em busca do aperfeiçoamento e colocado sobre ela o Esquadro e o Compasso para que, enfim, tudo se realize na justa medida. É perfeita se contém sete Mestres Maçons ou mais. Infere-se daí que, para que uma Loja seja Justa e Perfeita, é preciso que três a governem, cinco a componham e sete a completem. Em outras palavras, três a dirigem; cinco a iluminam; sete a tornam justa e perfeita.

O que deve haver sobre a mesa do Venerável Mestre na realização de trabalhos

Na realização de trabalhos, sobre a mesa do Venerável Mestre, deve haver um castiçal com uma vela de pura cera vegetal, ou Candelabro de Três Luzes, um Malhete, uma Espada Flamígera, um Esquadro, um exemplar da Constituição, um Regulamento Geral da Ordem, um Regulamento da Loja, um Ritual do Grau e um exemplar dos demais Ritos adotados pela Potência.

Altar dos Juramentos

Denomina-se Altar dos Juramentos onde está repousada a Bíblia Sagrada ou o Livro da Lei, o Esquadro e o Compasso. Tem a forma de prisma triangular, medindo um metro de altura e sessenta e seis centímetros de cada lado. É o local mais sagrado de uma Loja, onde o neófito, quando de seu juramento, assegura vencer seus vícios e paixões.

Há quem sustenta que o referido Altar deve estar posicionado sobre o eixo principal e no centro geométrico do Templo, local correspondente ao mundo das trevas, do materialismo, e, por isso, reflete o lugar onde ainda não se alcançou a plena luz.

Porém, tanto no Rito Escocês Antigo e Aceito quanto na Maçonaria Adonhiramita, de acordo com os Rituais de 2009, ao contrário, situa-se no Oriente, sob o princípio de que o Templo Maçônico é a representação do macrocosmo. Assim, observando-se o nascer do sol e a sua marcha ser do Oriente para o Ocidente, naturalmente, advém do local de domínio do Venerável Mestre, inclusive vertendo-se para o sentido alegórico, o da cabeça do homem e da sua consciência, o que evoca o Livro Sagrado depositado sobre o Altar dos Juramentos, com a justaposição do Esquadro e do Compasso, que regulam o modo de agir. E, na circunstância Adonhiramita, iluminado pela Chama Sagrada de onde emana toda a Luz.

Em ambos os Ritos, no momento litúrgico da Abertura da Loja, a Bíblia Sagrada e o Esquadro e o Compasso incorporam-se num só símbolo, significando a retidão e a justiça conquistadas por meio da palavra sagrada.

Pavilhão Nacional

O Pavilhão Nacional é hasteado, obrigatoriamente, ao fundo do Oriente, ao lado direito do Venerável Mestre, no mesmo nível da sua plataforma, ficando a Bandeira do Grande Oriente Estadual ao seu lado. A Bandeira da Obediência ou Potência e o Estandarte da Loja hasteados à esquerda do Venerável, simetricamente ao Pavilhão Nacional.

Os principais deveres do Maçom

Para com Deus: nunca mencionar Seu Nome em vão, propagando sua existência como o criador do Universo e em todas as circunstâncias louváveis. Amá-Lo sobre todas as coisas e prestar-Lhe honras e agradecer sempre nas boas ações que pratica.

Essa fé lembra que a prática do bem deve ser feita no devido silêncio e discrição e que essas ações beneméritas são feitas sempre em glória Dele e sem a existência de vaidades.

O Maçom, com o persistente trabalho e a consequente evolução, mental e espiritual, compreende melhor a influência de Deus em seu íntimo, e introduz cada vez mais a crença de que, através das preces e do conhecimento, Deus intervém diretamente no destino e em todos os acontecimentos.

O dever para com Deus compreende admitir que a consciência é o centro e princípio interior da vida e a concepção de ser indestrutível deste centro ou princípio e sua necessária permanência através de todas as mudanças num local que é denominado de Oriente Eterno, Jerusalém Celeste, Morada da Paz, o Paraíso, local que se supõe a Sua presença visível.

O Maçom deve venerá-Lo como o Supremo Bem.

Para com o semelhante: dirigir seus atos pela Moral e Virtude, fazendo ao seu semelhante o que deseja que lhe fizesse.

Do mesmo modo, o Maçom tem de ser, necessariamente, um padrão de dignidade no meio em que vive. Deve ser um exemplo de boa moral e nunca perder a oportunidade de despertar, nos que o cercam, aspirações para uma vida superior.

Cumprir com zelo os deveres de sua religião, respeitando, porém, as demais crenças que pregam o bem e exaltam a virtude.

Deve dar seu decisivo amparo a todas as obras úteis à coletividade, pois é essa uma das melhores maneiras de amar ao próximo.

Praticar a caridade e fazer o bem, protegendo e respeitando os seus Irmãos.

Formular juízos próprios, mas admitindo as opiniões alheias, sendo, assim, tolerante no sentido de deixar a cada um o direito de escolher e seguir suas opiniões.

Para consigo: evitar toda irregularidade e intemperança que possa destruir as faculdades e abater ou diminuir a dignidade do caráter.

A consciência é o atributo altamente desenvolvido, capaz de formar juízo e ter a faculdade de estabelecer julgamentos morais, das particulares ações e reações, comportamentos e atitudes, podendo, desse modo, projetar e formular uma orientação, com segurança, para a conduta pessoal e existência futura.

Sob o mesmo ponto de vista, o Maçom deve lutar com cuidado e dedicação para conhecer a si próprio. Inegavelmente, não é muito difícil ele atribuir a si mesmo, de boa-fé, qualidades que não possui, como também de se considerar virtuoso. Em compensação é muito embaraçoso ele admitir suas deficiências e defeitos. Os estudos poderão ser a parte essencial de ajuda nessa tarefa.

Deve também combater a ambição, o orgulho, o erro e os preconceitos; lutar contra a ignorância, a mentira, o fanatismo e a superstição, que são os flagelos causadores de todos os males que afligem a humanidade e entravam o processo de evolução.

Enfim, o dever para consigo mesmo é de: ser leal e verdadeiro; combater as injustiças; ser íntegro; ser livre e sem se afeiçoar a opiniões ou ideias fixas; viver com simplicidade; e dar sempre o bom e sadio exemplo.

Para com a família: ter, permanentemente, a maior preocupação no sentido de edificá-la e conservá-la dentro dos princípios morais e no propósito de cuidar com reverência as coisas sagradas.

À família é atribuído o papel de mãe da sociedade, e o Maçom está obrigado a defendê-la e a prestigiá-la, mais do que qualquer outro. É no lar que se forjam as virtudes morais de um povo. Por isso, o Maçom tem três deveres fundamentais para com o seu lar: priorizar os interesses da família em detrimento dos benefícios pessoais; conceder à família ampla liberdade religiosa; e guardar fidelidade conjugal.

Para com a Pátria: obediência às leis, sem as quais não pode haver ordem nem progresso.

O Maçom, por sua natureza e formação, deve ser um cidadão pacífico, jamais conspirar contra a paz e o bem-estar da Pátria, nem agir de forma indevida frente às autoridades constituídas.

Deve acatar as leis vigentes e querer a aplicação e prática em todos os campos econômicos, jurídicos e sociais, quando visam à evolução ou melhoria, enfim ao progresso.

Deve, portanto, praticar a justiça, como verdadeira salvaguarda dos direitos e dos interesses de todos, sempre aceitar de bom ânimo as ordens legalmente emanadas, sustentar em todas as ocasiões os interesses da comunidade e zelar para promover a fortuna para a prosperidade da Pátria e para a defesa e garantia da dignidade e da liberdade.

Entretanto, não deve submeter-se aos atos e ordens arbitrários das autoridades, ante a evidência de que são falhos, prejudiciais, injustos ou ilegais. Nessas hipóteses não pode ser omisso nem se sujeitar sem o devido protesto.

Portanto, os deveres do Maçom para com Deus, com seu semelhante, consigo mesmo, para com a família e a Pátria estão relacionados com a obrigação de incutir em seu ânimo e condição humana de prosseguir num ritmo inflexível que o leve a cultuar a virtude. Na sua ascensão contínua em busca da verdade e do aperfeiçoamento, quanto às qualidades morais, tem ele esses deveres a cumprir: primeiro no âmbito da moral íntima e a doméstica que subsegue, e, também, os de caráter cívico e os da ordem social.

O símbolo material e espiritual do avental

O avental simboliza a nobreza do trabalho e indica que o Maçom deve ter uma vida ativa ao serviço e fugir da ociosidade. É a vestimenta e a mais importante insígnia ou distintivo da Maçonaria, sem o qual o Maçom, independentemente de seu estágio de aprendizado ou cargo que ocupa, não poderá participar dos trabalhos litúrgicos em Loja, significando que deve estar continuamente trabalhando para a evolução pessoal e em prol da humanidade.

Trata-se de uma peça de proteção a fim de se livrar dos maus influxos que possam atingir o Maçom e perturbar a harmonia das suas emoções. Significa a pureza e a conduta, e o poder de decidir e agir, segundo atos e pensamentos construtivos.

Nesse sentido, as antigas civilizações acreditavam que a sede das emoções humanas era a parte superior do abdome (o epigástrio), razão pela qual o avental do Aprendiz, estando com a abeta levantada, cobre exatamente essa parte do corpo. Isso significa que ele ainda não sabe trabalhar e precisa proteger-se, e, por isso, deve ter o seu epigástrio coberto, para que essas emoções não possam perturbar os trabalhos da Loja e para que não influam, prejudicialmente, no caráter místico das sessões.

Estando mais apto à afeição sobrenatural, após cumprido o tempo necessário a sua evolução, o Aprendiz chegará ao grau de Companheiro quando, já mais bem formado e capaz de controlar suas paixões, poderá usar a abeta abaixada.

O vestuário completo de um Maçom

Os Maçons, praticantes no Rito Escocês Antigo e Aceito, obrigatoriamente nas Sessões Magnas estarão trajados de terno, sapato, cinto, gravata e meias na cor preta, camisa branca. Nas demais Sessões, é admitido o uso do balandrau preto, com gola fechada, comprimento até o tornozelo e mangas compridas, desde que usado com camisa branca, calça, sapatos, cinto e meias pretos. Em todas as Sessões o traje deverá ser composto com o imprescindível Avental.

Já para os Maçons da Maçonaria Adonhiramita, o vestuário completo de um Maçom compreende: o avental, um terno preto liso, sapato, cinto e meias também pretos; são brancas a camisa, as luvas e a gravata, sendo do tipo corrida nas Sessões ordinárias e borboleta nas magnas. O balandrau só é permitido, ritualisticamente, para o Terrível, nas sessões magnas de iniciação.

Telhamento

Telhamento é o vocábulo moderno que designa a maneira pela qual, através de perguntas, a Loja visitada verifica se uma pessoa é realmente Maçom e se está no Grau requerido, cuja forma de agir era tradicionalmente denominada Trolhamento.

Em outras palavras, trata-se da fórmula de reconhecimento que se constitui nas perguntas e respostas para identificar um Maçom de outra Loja. E é assim procedido para saber se o visitante, por exemplo, é um Maçom bom, legítimo e fiel. É comum, também, o mesmo procedimento com aquele que chega atrasado para o seu ingresso na Loja.

Tradicionalmente, há a relação do fenômeno que pode se traduzir na particularidade de uma construção, em que o teto é parte essencial, pois é a proteção da obra; quando a chuva consegue contornar a parte de proteção, provoca infiltração de água e goteiras. Em Maçonaria é o nome dado ao "intruso", ao "estranho". Tanto que, quando Maçons se agrupam, em qualquer lugar, e de forma natural e inesperada um estranho se aproxima, alguém já anuncia "tem goteira".

Talvez seja a origem do vocábulo.

Por outro lado, diz-se que todos os sentidos e sentimentos devem ser providos de telhamento, ou seja, de um filtro, e que os Maçons devem sintonizar somente energias positivas. *Não sabeis vós que sois o Templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?*[128]

Por isso que o telhamento também deve ser executado continuamente junto à construção do *templo humano*. O *templo humano* pode operar tanto como um receptor, como um transmissor de ondas de caráter espiritual. Essas ondas possuem comportamento e características similares às eletromagnéticas, que podem sofrer influência do meio em que se propagam.

O processo de sintonia dessa onda está intimamente relacionado com o ajuste do *templo humano* para a mesma frequência em que ela é transmitida. O receptor só absorve a energia de uma onda se seus componentes, que funcionam como um filtro, estiverem em vibração com a mesma frequência de transmissão.

Sob esse propósito, o telhamento pode ser representado somente com a sintonização de energias positivas.

O ideal é que os objetivos e sentimentos sejam providos dessa capacidade de telhamento, a fim de ajustar a frequência apenas com ações construtivas. A simples reprodução de mensagens sem o devido telhamento pode resultar na propagação de intenções e/ou emoções que contrariam a indicação do melhor rumo para uma realidade segura e aprazível.

---

[128] Ibid. 1 Corintios. 3:16.

Onde fica situada a porta do Templo

Segundo o imaginário Maçônico, a porta do Templo fica no Ocidente, no centro da parede que faz frente ao Oriente ou o Altar do Venerável.

> Na Grécia antiga, *em geral, a orientação dos templos seguia a direção oeste-este; mas, se entre os dórios* (uma das três principais divisões dos gregos e que habitavam o Peloponeso) *a entrada ficava a Ocidente, na Ática ela ficava a Oriente: a estátua do Deus estava voltada de frente para o levante.*
> *Os templos da antiguidade não tinham janelas; a luz só entrava pela porta de entrada, mas seu interior era iluminado por lâmpadas.*[129]

Citando Plantageneta, Jules Boucher, de acordo com o que se lê no Livro I de Reis, 6.4, da Bíblia, narra que:

> *O Rei Salomão fez para a casa três janelas fixas. Ignora-se tudo a respeito do número dessas janelas e de sua disposição. Sabe-se, apenas, com certeza, que o Templo se abria para Leste e para Oeste, como na maioria de nossas igrejas catedrais; desse modo, o Templo era iluminado pelo Sol ao nascer. A orientação geral era a mesma que a das igrejas, isto é, a construção estava orientada, em seu comprimento, no sentido Leste-Oeste, mas o Sol é que ia ao encontro do Santo dos Santos.*[130]

Adiante, sob o exame do Quadro de Aprendiz, ensina o mesmo autor:

> *A porta do templo é designada pelo nome de "porta do ocidente", o que deve fazer-nos lembrar que é em seu limiar que o sol se põe, isto é, que a luz se extingue; fora dali, reinam, portanto, as trevas e, consequentemente, o mundo profano.*[131]

Como se vê, a porta do Templo tem seu caráter não só em fundamentos meramente arquitetônicos, mas, principalmente, simbólicos e filosóficos; por isso que os Maçons construtores sempre orientaram os Tem-

[129] Loc. cit. 34. p. 99.
[130] Ibid. p. 171-2.
[131] Id. p 196.

plos, de acordo com o curso do Sol, com a entrada para o Ocidente, sob a ideia de que a Luz Inefável da Verdade vem do Oriente, ou seja, a sabedoria, o sol, representados pelo Venerável Mestre, iluminam a todos.

E, tal como ensina Plantageneta, após a sua rota invariável, o sol se põe e, desse modo, se extingue a luz. Assim, sob a forma figurada, a partir da porta de acesso ao exterior do Templo prevalecem as trevas, o que exige a aplicação de forças e atividades de caráter intelectual para que a harmonia, a paz e a concórdia reproduzam, fora do Templo, a luz brilhante, refletida, como efeito dessas ações.

A Orla dentada

A Orla dentada é o contorno marchetado nas cores azul celeste e branca que orna o Pavimento de Mosaico e cujo formato lembra os dentes de uma engrenagem, cada um em formato triangular; indica o princípio da atração universal figurada no amor. Representa os povos reunidos em torno do *Ser Supremo*, os filhos reunidos em volta dos pais, os Maçons reunidos no seio da Loja, onde obtêm ensinamentos e lições de moral para espalhar aos habitantes deste mundo em sua generalidade.

Na altura de seus eixos principais, consta a inicial dos quatro pontos cardeais.

O Pavimento de Mosaico

O Pavimento de Mosaico é o formoso assoalho que ocupa o seu espaço no centro da Loja, ao Ocidente, composto de quadrados alternados brancos e pretos que, apesar da diversidade e do antagonismo de todas as coisas da natureza, demonstram que em tudo reside a mais perfeita harmonia. Suas quadrículas alternadas, que nele figuram, possuem grande riqueza em simbolismo. Veja-se:

É essencial que se anteceda, para observação, o princípio da polaridade, dado a conhecer pelos Três Iniciados em “O Caibalion”. *“Tudo é duplo; tudo tem dois polos; tudo tem o seu oposto; o semelhante e o desseme-*

lhante são uma só coisa; os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em graus; os extremos se tocam; todas as verdades são meias-verdades; todos os paradoxos podem ser reconciliados.[132] As regras citadas também se ajustam ao Pavimento de Mosaico; aliás, em interpretação inversa, o ornamento denota a dualidade do que se relaciona com a vida material.

Vários outros autores, tais como: Ragon, Plantageneta e Wirth, citados por Jules Boucher, assim como Nicola Aslan, oferecem numerosos conceitos a respeito.

Resumidamente, podem-se referir os seguintes pensamentos dos citados escritores sobre o Pavimento Mosaico.

Ragon: *emblema da variedade do solo terrestre, formado de pedras brancas e pretas unidas por um mesmo cimento, simboliza a união de todos os Maçons do globo, apesar da diferença das cores, dos climas e das opiniões políticas e religiosas; elas são uma imagem do bem e do mal de que o chão da vida está semeado.*

Plantageneta: *tem como significado, segundo velhos rituais, a união íntima que deve reinar entre os Franco-Maçons ligados entre si pela verdade.*

Wirth *diz que nossas percepções resultam de contrastes. Elas é que criam o constatável, no sentido de que, sem elas, a uniformidade escaparia à nossa percepção e se confundiria com o nada. O Piso Mosaico, composto de lajes pretas e brancas que se alternam, é, na Maçonaria, a imagem da objetividade.*

O próprio Boucher *conclui ser o simbolismo do Bem e do Mal inerentes à existência terrestre. Mas é também o Corpo e o Espírito, unidos mas não confundidos.*[133]

Ante tais ensinamentos, pode-se considerar que os ladrilhos brancos simbolizam a alma pura do iniciado e os ladrilhos pretos simbolizam os vícios e as paixões. Nesse sentido, podem-se destacar, ainda, a luz e as trevas; o positivo e o negativo; o amor e o ódio, a razão e a emoção, a ordem e a desordem. A verdade é que todos são idênticos em natureza, mas são diferentes em grau. Disso se conclui algo muito importante: a real conciliação ou enlace do espírito com a matéria, isto é, da vida com a forma, revelando a dimensão dessa grande verdade da natureza. Desse modo, compreende-se que não há vida sem matéria nem matéria sem

---

[132] Loc. cit. 18. p. 85.

[133] Loc. cit. 34. p. 166.

vida. Assim, para todos, tudo é de modo mais perceptível com os contrastes, e estabelecem-se as constatações. Ao contrário, a uniformidade passaria despercebida, confundindo-se com o nada.

Em sendo o Pavimento de Mosaico a imagem da objetividade, serve, também, para se observar a divergência no cumprimento dos princípios que regem os diversos povos e, em especial, a oposição de ideias forçadas à adesão e a aceitação das doutrinas nas religiões, o que é lógico porque segue a mesma ordem regular das coisas antes mencionadas.

Acima dessa visão dualística da vida, formada por pares de opostos, levanta-se a Ara ou Altar (etimologicamente "altura" ou elevação), símbolo da elevação de nossos pensamentos, por meio dos quais percebemos a realidade transcendente que se esconde sob a aparência contraditória, e atingimos o conhecimento da palavra, ou melhor, da Verdade, que é o propósito intimamente benéfico de toda experiência, sempre compreendida como útil ao nosso progresso e benefício mais legítimo.

De outro modo, porém, o Pavimento de Mosaico se apresenta apenas como uma exterioridade de manifestação, porquanto toda a humanidade foi criada para viver na mais perfeita harmonia e na mais íntima fraternidade. Manifesta, assim, tal como é em qualquer aglomeração de materiais que se juntam por um ligante, a união que deve existir entre todos os homens, de dedicação uns aos outros com amor fraternal, envolvendo a totalidade das almas e corações, mesmo tendo em conta as suas diferenças de cor, de etnias, e das opiniões políticas e de credo religioso.

Contudo, se surgir a indagação quanto à origem do vocábulo, se é ligado a *museu* ou *Moisés*, como também, se assim era o Templo de Salomão, há que se esquecer os Rituais Maçônicos e voltar os olhos para a história e o conjunto de livros do Antigo e do Novo Testamentos.

Na Bíblia Sagrada a palavra *pavimento* aparece nos seguintes Livros: Ezequiel 40:17; Ezequiel 41:8; Ezequiel 42:3; Ester 1:6; Jeremias 43:9; II Crônicas 7:3; João 19:13; II Reis 16:17. *Mosaico* é citado apenas uma vez em Ester 1:6; *As cortinas eram de pano branco verde e azul celeste, atadas com cordões de linho fino e de púrpura a argola de prata e a colunas de mármore; os leitos eram de ouro e prata sobre um pavimento* ***mosaico*** *de pórfiro, de mármore, de madrepérola e de pedras preciosas.*

No entanto, de modo convencional concebe-se imaginar que no *Sanctum Sanctorum*, propriamente na sala central do Templo de Salomão, era colocada a Arca da Aliança, ou a arca do testemunho, por ser o lugar santíssimo, onde a Luz se manifestava.

Historicamente, há quem afirme que os mosaicos passaram a ser conhecidos no tempo de Vitrúvio (Marcus Vitruvius Pollio: 70 a.C. – 25 a.C., arquiteto romano), porque do apogeu da arquitetura romana apareceram nas ruínas de Pompeia, em 1748, cidade que fazia parte do Império Romano, na Itália, destruída pela erupção do vulcão Vesúvio em 79 d.C.

Por outro lado, Rodrigo Peñaloza, Ph.D. em Economia pela University of California, Los Angeles, 2002, em trabalho aprovado para publicação na revista *Ciência e Maçonaria*, em 2.12.2013, sob o título *Pavimento Mosaico: uma Incursão Simbólica pela Cabala Medieval*, sustenta que a associação do Pavimento Mosaico ao Templo de Salomão é de caráter puramente maçônico e que o Pavimento Mosaico refere-se exclusivamente a Moisés, mediante a Lei Mosaica.

Refere ele que a evidência documental não está nos rituais do século XIX nem nos catecismos **britânicos** do século XVIII, mas em manuscritos relativos às Antigas Obrigações (*Old Charges*). Aliás, no *MS Dumfries* n.º 4, *circa* 1710, encontramos a seguinte obrigação:

Servirás ao verdadeiro Deus e cuidadosamente manterás seus preceitos em geral e particularmente os Dez Mandamentos entregues a Moisés no Monte Sinai, como te foram plenamente explicados no pavimento do Templo.

Sob esse enfoque conclui o autor que nesse trecho evidencia-se *não só uma explícita conexão do Pavimento Mosaico ao Templo de Salomão, mas também uma conexão com a Lei Mosaica.*[134]

Outra questão sobre o Pavimento Mosaico é quanto ao seu formato. O correto é aquele pequeno retângulo no centro do Templo, ao Ocidente ou todo o piso da Loja? No Rito Escocês Antigo e Aceito prevaleceu o entendimento de que todo o piso do Templo de Salomão era um Pavimento de Mosaico, baseado nas antigas ilustrações, razão pela qual todo o piso é alvinegro e a Orla Dentada que circunda todo o Pavimento é representada pela "Corda de 81 Nós".

---

[134] C&M | Brasília, Vol. 1, n.2, p. 137-156, jul.-dez., 2013

Já nos Ritos em que o Pavimento Mosaico tem o seu formato de um pequeno retângulo, e é elemento fundamental da Planta do Templo, em seu centro, não deve ser pisado, porque é o lugar ou o espaço da Loja que, no imaginário dos Maçons que os praticam, recebeu consagração ou o ritual de dedicação à divindade.

Nas circunstâncias da Maçonaria Adonhiramita, por exemplo, levando em conta que a circulação é no sentido do infinito, tal condição torna propício aos Maçons o referido impedimento, porque, desse modo, o movimento contínuo é tomado como adequado para contornar o ornamento.

Trata-se, pois, do lugar que não deve ser pisado, salvo nas passagens ritualísticas previstas, tais como: a colocação do Painel do Grau e na realização da Corrente Fraternal ou da Cadeia de União. Assim é o princípio adotado com convicção, tal como ocorria no *Sanctum Sanctorum*, no qual apenas o sumo-sacerdote, e ainda assim uma vez por ano, no designado *Yom Kippur*, ou Dia do Perdão, quando a Luz de *Shekiná* se manifestava, entrava no lugar santíssimo do Templo para realizar um ato específico relacionado ao G.A.D.U.

Porquanto, são os motivos que devem ser contornados quando o Maçom se movimenta em Loja.

Como se constata, o Pavimento Mosaico é um símbolo maçônico com várias e profundas interpretações, entendendo-se que os opostos são necessários para o desenvolvimento e a evolução do indivíduo. O significado mais acurado do Pavimento Mosaico é, portanto, a transcendência do plano existencial-material em busca da religação com a esfera Criadora e bem compreender que os opostos são idênticos em natureza e que formam uma só coisa.

Com essa clara situação e representação de dualidade / bipolaridade, o Pavimento Mosaico é o símbolo do equilíbrio e da coesão universal. Todavia, essa harmonia pretendida depende da capacidade de intimamente se convencer de que existe esse mundo visível, independente de intervenção consciente e saber aproveitar essa realidade.

Partindo-se dessa premissa, e a certeza de que em todas as áreas de pensamento há varias verdades, mesmo assim é possível viver na mais perfeita harmonia, paz e concórdia, desde que se consiga equilibrar os

opostos e se respeitem as divergências e os mínimos padrões de legalidade e as regras de convivência, por uma Justiça maior.

A ordem das colunas na entrada do Templo

Na entrada do Templo as Colunas são da Ordem Coríntia e designam, principalmente, o lugar que deve ser ocupado na Loja, pelos Aprendizes e Companheiros, respectivamente identificados como "J" e "B".

Ainda não é pacífico o entendimento de serem colocadas dentro ou fora do Templo.

Entende-se, no entanto, que a disposição dessas colunas, seja interna ou externamente em relação ao Templo, incluindo os nomes a elas atribuídos, só vem a ampliar as opiniões e, logicamente, seu hermetismo.

> *Depois levantou as colunas no pórtico do templo; levantando a coluna direita, pôs-lhe o nome de Jaquim; e levantando a coluna esquerda, pôs-lhe o nome de Boaz.*[135]

O simbolismo das Colunas é imenso e, quando são consideradas juntas, representam a sabedoria e a estabilidade do conhecimento, dando a entender que aquele que quiser viver uma vida mais plena e mais elevada deverá passar por esse portal, ou seja, adquirir conhecimentos, pois encontrará os maiores prazeres da mente.

Representam, ainda, os dois pontos solsticiais.

Há entendimentos diferentes quanto à criação da ordem coríntia. Há a teoria de que as características foram importadas do Egito. Lá havia colunas semelhantes e erigidas há tempos mais antigos. Outra teoria diz que a ordem coríntia surgiu do enriquecimento da ordem jônica, pela quantidade de características em comum entre elas. E outra teoria diz que pode ter sido uma mistura das duas primeiras.

A ordem coríntia apareceu no século IV a.C. e se caracterizou sobretudo pela forma do capitel. Há uma lenda que explica a origem desse estilo. Diz a lenda que certa vez uma bela jovem coríntia fora enterrada

[135] Loc. cit. 8. 1 Reis. 7:21.

em campo aberto; sua ama colocara sobre o túmulo um cesto coberto de telhas, contendo objetos que a jovem mais queria. Na primavera seguinte, brotaram no lugar alguns pés de acanto; encontrando os obstáculos das telhas, as folhas dobraram-se, formando volutas incompletas. Inspirado nesse motivo – continua a lenda –, um arquiteto grego chamado Calímaco teria criado a nova ordem, segundo relato de Vitrúvio em *De Architectura* (Livro IV). Eis a controvérsia.

O significado da letra "J"

A letra "J" gravada numa das Colunas, na Maçonaria Adonhiramita, é a primeira letra da Palavra Sagrada do Grau I, e lembra Jaquim, o quarto filho de Simeão, filho de Jacó e pai dos jakinistas (neotemplários).

Por esse motivo, cumpre registrar que jakinistas ou neotemplários é a sociedade que teve por objetivo desenvolver e propagar os ideais da chamada Ordem do Templo e que provavelmente originou a evolução de diferentes outras sociedades, tais como os maçons e rosa-cruzes, obviamente distinguindo as diferenças e semelhanças entre elas, o que é necessário, porque são termos usados quase como sinônimos.

Em hebraico o sentido da palavra *Jaquim* é "Ele estabelece".

Deus Estabelece – quer dizer: fará estável, firme, estabilizado, organizado, determinado, disponibilizado, ordenado, instalado, permanente. Resumidamente, significa que "a Sabedoria está em Deus" e que a Sabedoria é um atributo dEle.

A palavra *Boaz* é escrita em hebraico com as letras:

BETH, que significa AÏN (o "b" é de difícil tradução, senão pela inspiração sonora, pelo espírito forte do grego), ZAÏN (Z). Ela é pronunciada na língua hebraica como "BO'HAZ" e seu significado pode ser entendido como " na força" ou "nele a força".[136]

Portanto, a Coluna "B" representa a força, a execução, a existência (a partir da ideia, do poder inventivo, da criatividade, da imaginação – do Princípio, da Virtude, da Sabedoria). Porquanto, tem a função de tornar real, com a concepção, o nascimento, a manifestação, enfim, a que

[136] Loc. cit. 34. p. 156.

faz aparecer. Por dedução lógica, pois, a coluna "B" simboliza o conjunto de Forças e Causas Primárias que a Natureza necessita para o seu desenvolvimento e a sua permanência. Também é compreendida como o poder de firmeza e coesão que sustentam a gravitação universal.

O que existe sobre as Colunas

Sobre as Colunas existem três Romãs maduras entreabertas e que são os símbolos da perfeição com que é feita a união dos Maçons em perfeita fraternidade e com a mais absoluta liberdade e independência de cada um, tal como os grãos da romã que, ajeitados e dispostos simetricamente dentro do espaço limitado pela casca do fruto, são separados entre si pela delicada película que os envolve e os separa ao mesmo tempo, e, nem por isso, deixam de ser todos iguais e de terem o mesmo agradável sabor.

Significam, também, por suas divisões, os bens produzidos pelas estações, e representam as Lojas e os Maçons espalhados pela superfície da terra.

Abertas pela maturação, deixando ver escarlate da perfeita organização interna, simbolizam os corações dos Maçons, sempre abertos aos místicos ideais da perfeição, da beleza e do amor fraternal.

As dimensões das Colunas

As dimensões das Colunas referidas são: a altura de cada uma era de dezoito côvados (27 pés ou 8,2 m); doze côvados (6 pés ou 1,8 m) era a medida da sua circunferência; e era a sua espessura de quatro dedos; e era oca. E havia sobre elas um capitel de bronze com cinco côvados (2,4 m) de altura com uma rede e romãs sobre o capitel ao redor, tudo de bronze.[137]

---

[137] Loc. cit. 8. Jeremias 52:21.22.

A corda que contorna o Templo

A corda que contorna o Templo compreende 81 Nós.

A Corda de 81 Nós, para alguns, é considerada como um Ornamento da Loja, tal como o são o Pavimento de Mosaico, a Orla Dentada e a Estrela Famígera. A corda não é imprescindível para o funcionamento regular de uma Loja.

Quanto a sua origem, não há consenso; aliás, encontram-se controvérsias; provavelmente a Corda de 81 Nós tem procedência nos antigos templos hebraicos, egípcios e gregos. Alegoricamente, ela separa o recinto sagrado do terreno profano.

Na Maçonaria, predominantemente, ela simboliza a universalidade da Ordem e lembra que os Maçons, todos os verdadeiros, seja qual for a sua Pátria, formam um ente uno, uma cadeia mundial, uma grande família, um grande acampamento.

Em valor equivalente pode ser convertida na Loja Branca, constituída por uma poderosa Fraternidade Transcendental, composta de grandes Mestres invisíveis, denominados Grandes Filósofos, como, por exemplo, Jesus Cristo, e que, em essência, são diligentes do Amor e da Sabedoria, com a estrutura de uma Loja Maçônica, que a representa como uma miniatura simbólica. Essa Fraternidade vela pela humanidade, interagindo a partir dessa outra dimensão existencial, e vem exercendo o poder mental sobre o gênero humano e, assim, conduzindo-a nos caminhos para a sua evolução.

Por fim, observe-se que os Nós não são propriamente nós, mas sim laçadas, curvadas em forma de um oito deitado que representa o símbolo do infinito, o permanente, o eterno. Tais laçadas, os “laços de amor”, “laços fraternais”, representam a “cadeia de união” de todos os Maçons.

O teto da Loja

O teto da Loja Maçônica representa a Abóbada Celeste ou o firmamento, predominantemente azulada, no Oriente, que, gradativamente, escurece em direção ao Ocidente, entremeado de nuvens, sendo, assim,

de cores variadas. Ao Oriente, próximo ao Altar do Venerável, há a representação alegórica do *Sol*; além da estrela *Spica*, da constelação da Virgem.

Sobre os Altares dos Vigilantes, veem-se a Lua e a Estrela de Cinco Pontas.

No Centro do teto, vee-se as três estrelas de *Órion*. Entre estas e o Nordeste, ficam *Aldebaram*, sete estrelas das *Plêiades*, e cinco de *Hyadas*, todas da constelação de Touro. E a meio caminho entre Orion e o Noroeste, está *Regulus*, da constelação do Leão; e, ao Norte, as sete estrelas da constelação da Ursa Maior.

A Noroeste fica a representação de *Arturus* (*em vermelho*) da Constelação de Boeiro; e, ao Sul, *Fomalhaut*, da constelação Peixe Austral. Vê-se, ao oeste, a estrela *Antares*, da constelação do Escorpião.

Encontram-se, ainda, os planetas *Júpiter* e *Mercúrio*, no Oriente, ladeando o *Sol*; e *Vênus*, no Ocidente e, ainda, *Saturno*, com seus satélites, próximo a *Orion*.

Cumpre observar que para o Rito Escocês Antigo e Aceito os pontos cardeais indicados têm posição invertida dos antes citados.

Independentemente da designação Norte ou Sul, a Loja Maçônica representa o espaço infinito e a universalidade da Maçonaria e que a prática do bem pelo Maçom não tem limites, exceto os ditados pela prudência.

O firmamento decorado simboliza a autoconsciência do Maçom e o desejo de seu espírito transcender os limites da experiência possível, para alcançar o Princípio Supremo ou aquilo que lhe é Sagrado. Sob esse aspecto, a abóbada celeste atende às necessidades básicas para a introspecção, mas, num íntimo finito plausível, limitado ao alcance da imaginação.

Entende-se que a transcendência é colocada para o alto porque, normalmente, é onde o homem se dirige em busca de sua espiritualidade, ou seja, o hemisfério celeste, visível sobre sua cabeça, equivale ao seu interior. Assim, quando contempla o céu, o homem está olhando para dentro de si próprio.

Pode-se inferir dessa análise que, ante a miniatura do teto da Loja, é concedida a possibilidade de olhar, observar e imaginar o universo e perceber a rota invariável e regular dos movimentos do Sol e de todos os demais Astros.

Nessa representação do transcendental e de sua dimensão limitada e transitória, os corpos celestes ajudam o Maçom a construir a escalada celeste, que se traduz no conjunto de atos que o homem deve cumprir para completar o seu destino, ser sociável e progressista e depositário da irradiação que os astros guardam de verdadeiro e justo, e, assim, pode elevar-se às alturas incomensuráveis e descobrir os segredos vedados à compreensão humana.

A posição do Sol

Na antiguidade, o homem vivia em meio à natureza, e dela participava intensamente e, por isso, padecia dos rigores de suas variações ou das situações adversas que ela apresentava e ainda oferece. De modo que os sentimentos e pensamentos do homem relacionavam-se diretamente com esses fenômenos.

O Sol, por certo, era o elemento da natureza mais observado.

Sim, pelo movimento rotatório da terra, ele desponta todos os dias em linha diferente daquela considerada em paralelo com a do equador; é a causa dos ciclos dos dias e das noites, como também das estações que ainda afetam as culturas de sobrevivência; por isso a grande importância de saber a ordem dessa série de fenômenos que se sucedem, a fim de poder compreender a dinâmica da natureza, para produzir os bens de consumo e permitir a reprodução dos ecossistemas que sustentam a vida. Tomando a defesa daquilo que se deteriora em determinados ciclos e, ao contrário, dar como proveito ou rendimento em outras épocas favoráveis, são fatores essenciais obedecidos para a manutenção da vida.

Além dos períodos de climas alternados que ocorrem em nosso planeta, o domínio da subjetividade ou essa suposta entidade imaterial, pertencente a uma ordem sobrenatural, é a razão pela qual o Sol influencia sensivelmente a vida das pessoas.

O culto ou adoração ao Sol era um costume comum entre os povos antigos. Isso ocorreu com os caldeus, os sírios, os persas, os egípcios, os fenícios, os gregos, os romanos, bem como os incas e os astecas, que o

tinham como a divindade suprema. Assim, sob o nome da língua dominante local, o Sol era considerado uma poderosa divindade.

Por outro lado, na antiguidade, monumentos astronômicos foram erigidos para melhor compreensão dos mistérios celestes. Sob esse ponto de vista pode-se citar a Torre de Babel, na Babilônia; como também Stonehenge, na Inglaterra; a grande pirâmide de Gizeh, no Egito; Chítzen Itzá, no México; Machu Pichu, no Peru.

Na Bíblia Sagrada encontram-se algumas citações acerca desses cultos. Destaca-se o constante no Livro de Ezequiel: "E levou-me para o átrio interior da casa do Senhor; e eis que estavam à entrada do templo do Senhor, entre o pórtico e o altar, cerca de vinte e cinco homens, de costas para o templo do Senhor, e com os rostos para o oriente; e assim, virados para o oriente, adoravam o Sol".[138]

Deduz-se daí que, para as construções Sagradas, ou para determinados Templos, incluindo os Maçônicos, busca-se não só celebrar, mas representar a Natureza, com base no princípio da correspondência entre o binômio macrocosmos e microcosmos, mantendo a harmonia e a beleza nela existente.

Em Maçonaria, a liturgia dos Graus Simbólicos, que vem por última, tem um esoterismo envolvendo a alegoria do Templo de Jerusalém, grande obra construída pelo Rei Salomão que começou no quarto ano de seu reinado, seguindo o plano arquitetônico transmitido por Davi, seu pai. A execução deu-se pelo trabalho dos artífices fenícios, com destaque especial, das representações de Hiram, Rei de Tiro e do arquiteto Hiram Abiff, ou Adonhiram. Esse mistério lendário simboliza o grande trabalho que o Maçom deve realizar, visando ao seu aperfeiçoamento, que representa a própria construção de si mesmo.

A Maçonaria, portanto, preservou essa tradição da remota e trabalhosa evolução do espírito humano. Mas como, originalmente, surgiu e se desenvolveu no hemisfério norte, de lá foram herdadas as tradições; inclusive, de lá se originaram as observações astronômicas, porquanto a transmissão de que o Sol nasce no leste e percorre inclinado pelo sul, para se pôr no oeste, e, essencialmente, que o norte é a parte menos ilu-

---

[138] Ibid. Ezequiel 8:16.

minada e a Coluna das Trevas são os motivos pelos quais o Aprendiz deve se aplicar para avançar no conhecimento e adquirir a capacidade de apreciar lições de maior complexidade, enfim, buscar a luz, que para ele deve ser real.

De modo figurado, o tempo dos trabalhos é do meio-dia à meia-noite, sendo mais uma alusão ao princípio da Luz e das Trevas, que está sob a influência solar. Essa orientação provém de duas doutrinas: da tradição chinesa e da escola de Zoroastro ou Zaratustra, as quais consideravam o período do meio-dia à meia-noite o mais indicado para o desenvolvimento intelectual e espiritual, sob a concepção de que nesse ciclo horário o ar é passivo.

Por fim, a posição do Sol no Templo Maçônico é no Oriente, um pouco à frente do Trono do Venerável, representando, no panorama do sistema celeste, o astro-rei, que indica também o seu poder de iluminar a sabedoria, representada pela retidão de ação e de caráter da autoridade máxima existente dentro do Templo.

A posição da Lua

É bom observar, inicialmente, que a Lua é representada em seu quarto crescente, e, assim, indica ao Maçom o dever de aumentar o conhecimento que recebe e, além disso, na sua condição natural de refletir, indica ao Maçom o dever de retransmitir esse conhecimento adquirido.

Também a Lua, sob o símbolo da mãe universal ou em sendo o princípio feminino, que fertiliza todas as coisas, representa o conjunto das funções psíquicas e dos estados de consciência do ser humano. Suas forças têm a qualidade de atrair, de seduzir, de fascinar, de encantar, isto é, são de caráter magnético.

A posição da Lua deve estar representada na parte ocidental do teto dos Templos, em meio às trevas. A rigor, à esquerda da entrada do Templo, sobre o Altar do Vigilante, que tem a prerrogativa, além de outras, de conservar a ordem em sua coluna, dar instruções e solicitar aumento de salário aos Aprendizes.

A Moral Maçônica

Segundo o Dicionário Aurélio, moral é o conjunto de regras de conduta consideradas como válidas, quer de modo absoluto para qualquer tempo ou lugar, quer para grupo ou pessoa determinada.

Tomando-se por base essa descrição, nota-se, entretanto, que houve alterações nas condições sociais e, por consequência, mudanças significativas de hábitos e costumes. Do que se pode afirmar que as questões que envolvem valores morais pretéritos ficaram enfraquecidas e tendem a impedir a continuidade da proteção da moral e dos bons costumes então válidos.

Observando-se o conceito enunciado por Aristóteles quanto à virtude moral, verifica-se que ela é adquirida como resultado de uma prática constante, isto é, pelo hábito.

A Moral Maçônica não se desvia dessa maneira habitual de ser, referida por Aristóteles, até porque, para ser admitido Maçom, o candidato deve possuir duas qualidades fundamentais: ser homem livre e de bons costumes.

O método de ensino tradicional da Maçonaria, em síntese, é transmitido pelo mandamento que mais atrai a atenção: "eliminar os vícios e praticar as virtudes". Ao mesmo tempo, o sistema permite ao Maçom uma revisão dos modos de agir e do desenvolvimento da personalidade e elevá-lo gradativamente ao aperfeiçoamento.

Demonstrado está, pois, que a Moral Maçônica é o sistema mais apropriado e mais prático para a polidez e a aplicação do amor ao próximo; é uma das melhores maneiras da formação do caráter tanto do ponto de vista social quanto individual; inclusive, desenvolve a capacidade intelectual para a abdicação das vaidades e a necessidade imprescindível de instrução, que são alicerces da própria Moral.

Registre-se, finalmente, que a Moral Maçônica caracteriza-se na doutrina que ela mesma difunde, direcionada para criar, conservar e aprimorar os hábitos, e desenvolver a autodisciplina, seguindo em direção à boa qualidade moral.

Como os Maçons consideram os semelhantes

Sem dúvida, os Maçons consideram seus semelhantes como iguais, seja qual for sua classe social e nível de formação no ensino, dirigindo nossos atos segundo os princípios da moral e da virtude, levando a efeito uma conduta com eles tal como desejamos que eles nos façam, socorrendo-os na medida de suas necessidades e de acordo com nossas possibilidades.

De outra maneira, a pretensão é de um convívio pleno e harmônico com nossos semelhantes, através do qual se consiga a verdadeira fraternidade universal.

Observe-se, igualmente, que a Maçonaria é uma escola em que se procura desenvolver qualidades que possibilitem, cada vez mais, ser úteis à coletividade, isto é, aos nossos semelhantes.

Altura, comprimento, largura e profundidade da Loja Maçônica. E o imaginário significado do Oriente em relação ao Ocidente

Os trabalhos que se realizam na Maçonaria compreendem muito saber e, por isso, tem-se a aceitação de que o Templo é um espaço de caráter fabuloso, por ser um lugar de estudos voluntários que induzem ao caminho do autoconhecimento, da paz espiritual e da própria sabedoria, que favorecem a investigação constante da verdade, por escopo e influência da tradição.

Quer isso dizer: é o local de trabalho em que, alegoricamente, há o propósito de receber a Luz e através desse saber seguir o caminho do aperfeiçoamento pessoal, tornando-se gradativamente mais proficiente à humanidade.

A adoção mítica do Templo de Salomão, que seguiu o plano arquitetônico transmitido por Davi, seu pai, e, principalmente, com a cooperação dos artífices fenícios, Hiram, Rei de Tiro, e do arquiteto Hiram Abiff ou Adonhiram, de forma fictícia, é a imagem e a representação do universo e de todas as maravilhas e perfeições da criação. Esse lugar Sagra-

do não deve ser considerado nem na sua realidade histórica, nem na sua acepção religiosa, mas apenas na sua significação do espaço ideal. A Loja.

Assim, a Loja tem o tamanho do universo, e também uma reprodução do Templo individual, no qual se irradia a energia do princípio construtivo, erigido particularmente, em Glória ao Grande Arquiteto do Universo.

Essas prévias considerações têm a intenção de fixar e amparar a ideia de que o Templo é o corpo e a Loja é a alma. Uma Loja, em caráter simbólico, é o lugar onde se desenvolvem os trabalhos maçônicos, formada pela união livre de Maçons. Por isso, a Loja tem as seguintes dimensões:

A altura da Loja é da Terra ao Céu, ou do Zênite ao Nadir, razão pela qual, simbolicamente, representa a energia ascendente e descendente que percorre cada Maçom.

O comprimento da Loja é do Oriente ao Ocidente, porque é o caminho entre o território espiritualizado e a base geográfica da matéria do homem. Ou melhor, são as partes do hemisfério terrestre que evidenciam a ordem inversa da marcha do Maçom, que vai do Ocidente para o Oriente ou da caminhada do território externo para dentro de si mesmo.

A largura da Loja é do Norte ao Sul, porque o trabalho inicia no ponto cardeal considerado como região das trevas, o Setentrião, a parte menos iluminada do Templo, e segue desenvolvendo-se no hemisfério Sul, região que é iluminada de forma mais direta.

A profundidade da Loja é da Superfície ao Centro da Terra, tendo em conta que o Maçom começa a percorrer a sua caminhada no horizonte terrestre até chegar ao centro de si mesmo.

A extensão da Loja assim definida, representa o conjunto de preceitos, princípios, leis ou normas de proceder, e o complexo sistema de ensino da Maçonaria, que servem de base para a formação e o aperfeiçoamento moral do homem.

Feitas essas observações, compreendendo as dimensões da Loja, acerca do significado do Oriente em relação ao Ocidente, pode-se ponderar, igualmente, que tal configuração permanece nos Templos Maçônicos, tendo em vista o conjunto de práticas consagradas e firmadas nos cerimoniais compilados, observadas e usadas desde a sua proveniência. A estrutura física desses é, basicamente, sempre igual, com adaptação aos

indicativos Oriente e Ocidente, ou este e oeste, ladeados pelos pontos cardeais simbólicos norte e sul.

Correlacionado a evolução progressiva na arte da construção, os homens passaram a representar na arquitetura a natureza e seus fenômenos, como também, nas civilizações mais avançadas, incluíam essa figuração em seus Rituais. Mais precisamente, nas construções Sagradas, tal como se pode constatar no velho mundo, procuravam exaltar, representar e manter as referidas obras com a harmonia e a beleza da natureza, respeitando suas leis e princípios. Esses grupos especiais de construtores detinham os conhecimentos das leis naturais e sabiam aplicá-las em tais obras.

Tomando por modelo esse padrão de homens sábios e iluminados, a Maçonaria Especulativa compilou seus ritos e cerimônias, notadamente, apoiada na alegoria da construção do Templo de Salomão antes referida, que, de maneira ficcional, a atividade relacionada à construção do Templo individual, é a constante preocupação no que diz respeito à grande obra que o Maçom deve realizar.

Por outro lado, a orientação do Templo está relacionada com os pontos cardeais, e tem correspondência com o nascer e o pôr do Sol. O Venerável Mestre e os Vigilantes representam as Luzes da Sabedoria, da Força e da Beleza, imagens do Sol, e estão postos nos pontos cardeais correspondentes ao nascer, no Oriente ou Leste; no ocaso, no Ocidente ou Oeste.

Oriente é o lugar mais alto e sagrado do Templo; é de onde provém a sabedoria. Representa o plano espiritual, o lugar do Venerável e símbolo da Luz e da Divindade.

O Ocidente, por sua vez, é o mundo das trevas, do materialismo, e, por isso, reflete o lugar onde ainda não se alcançou a plena Luz.

Por esse motivo, o caminho de um Iniciado na Ordem Maçônica vai das trevas do Ocidente à Luz do Oriente, onde nasce e brilha o Sol.

O acesso ao Oriente é viabilizado somente ao Mestre de Cerimônias e ao Hospitaleiro para o cumprimento de suas funções. O Mestre de Cerimônias constitui a condição inicial do desenvolvimento da inteligência que percorre o universo e é, essencialmente, um princípio de ligação, de intercâmbios, de movimento e de adaptação. O Hospitaleiro, não só

representa o sentimento mais sublime, mas a sua circulação é por amor e pelo amor, porque recolhe o óbolo a fim de atender os necessitados.

De igual modo, é permitido o acesso ao Oriente aos Mestres Instalados para tomar suas posições e participar dos trabalhos; e aos Mestres somente para receberem, diretamente do Venerável Mestre, algum cartão, comenda ou homenagem, porém sempre acompanhados do Mestre de Cerimônias.

Na hipótese de a homenagem ser dirigida a um Aprendiz ou Companheiro, quem deve fazer a entrega é o respectivo Vigilante.

Em suma, a Loja guia-se do Oriente ao Ocidente, porque tomou por versão exemplar as mais antigas civilizações, que, na congregação para o Culto Divino, em seus antigos e tradicionais Templos, assim também era a disposição em obediência aos fenômenos da natureza, motivo pelo qual o seu portal encontra-se direcionado ao Oriente. Para esse efeito, importa repetir que se lê no Livro de Ezequiel:

> *E levou-me para o átrio interior da casa do Senhor; e eis que estavam à entrada do templo do Senhor, entre o pórtico e o altar, cerca de vinte e cinco homens, de costas para o templo do Senhor, e com os rostos para o oriente; e assim, virados para o oriente, adoravam o sol.*[139]

O portal está situado no Oriente, pois indica a procedência da Luz e, também, a direção em que é recebida essa energia cósmica que gera a vida, razão pela qual deve tomar a posição referida, e mais com o acréscimo dos seguintes fundamentos:

a) o Sol, ao qual se atribui a maior significação da natureza, de ser a obra mais esplendorosa da Criação, ou do Senhor; aparece no Oriente, para principiar sua carreira; é a causa do romper do dia quando se põe ou se oculta no Ocidente;
b) a sociedade marcada por certo grau de desenvolvimento científico, tecnológico, econômico, intelectual e moral, veio do Oriente, espargindo suas benéficas influências para o Ocidente;
c) Deus, nas suas múltiplas revelações, e por meio dos Grandes Mestres ou Vozes Eternas, a exemplo do Homem de Nazaré, trans-

[139] Id. Ezequiel 8:16.

mitiu lições de amor ao próximo e de convivência fraterna, ensinamentos que também provieram desses Iluminados, e das luzes do Evangelho, do Oriente para o Ocidente.

Ademais, de acordo com a Bíblia Sagrada, a edificação do Tabernáculo, destinado ao Culto Divino, também era de Leste para Oeste sua orientação, e serviu de modelo para a planta e a posição do Templo de Salomão, cuja construção, por seu esplendor, riqueza e majestade, foi considerada como a maior maravilha da época.

São as razões pelas quais as Lojas Maçônicas, representando simbolicamente o Templo de Salomão, são orientadas do Oriente para o Ocidente.

Em que se apoia a Loja e por que é sustentada pelas Três Grandes Colunas?

A Loja apoia-se e, também, é sustentada por três grandes colunas / pilares, a saber: Sabedoria, Força e Beleza, representadas pelo Venerável Mestre, 1.º Vigilante e 2.º Vigilante, respectivamente. Primeiramente, porque a Sabedoria é o estímulo ao pensamento ou à atividade criadora; a Força anima e realiza, e a Beleza adorna.

O Venerável é a manifestação perceptível da Sabedoria porquanto abre a Loja, ajuda e dirige os Obreiros com seus conselhos e os ilumina com as suas luzes, imitando o verdadeiro Autor da obra de criação; o 1.º Vigilante representa a coluna da Força, que está na energia, na persistência e na determinação de dominar os obstáculos, superar as dificuldades e realizar os bons projetos, além de participar com o pagamento dos salários aos Obreiros, e despedi-los contentes e satisfeitos; o 2.º Vigilante representa a coluna da Beleza que se evidencia na destinação de adornar ao marcar as medidas exatas e harmônicas de todo e qualquer tratamento final de trabalho, revelado na ordem e na simetria do conjunto da criação.

A Sabedoria, a Força e a Beleza são pressupostos de tudo que se realiza de construtivo, qualidades ideais essas sem as quais nada será íntegro e de excelência, pois oferecem a criação, a existência e o adornamento.

Por que a Maçonaria combate a ignorância?

A Maçonaria preconiza o hábito do estudo com a intenção de que todos os Maçons tenham o domínio sobre o necessário saber para um comportamento digno, reconhecido e aceito em toda e qualquer circunstância. Mais especialmente combate a ignorância porque ela é a maior de todos os vícios, a qual se manifesta no homem através do pleno desconhecimento, falta de instrução, falta de saber. Em suma, a ignorância classifica-se em três espécies: ou por nada saber; ou por saber mal o que se sabe, ou por saber coisa diversa da que se deveria saber.

Assim o ignorante não pode ser comparado com o sábio, que tem por princípios essenciais a tolerância, o amor fraternal e o respeito a si mesmo.

É essencial compreender, também, que a ignorância arrasta o homem a propósitos prejudiciais, isto é, na constante e permanente contradição à verdade, ao bem e à perfeição. Eis por que os ignorantes são grosseiros e perigosos; assim como perturbam e desmoralizam a sociedade.

Há outros ignorantes que se posicionam como inimigos do progresso, que, para dominar, afugentam as luzes, intensificam as trevas e, com isso, evitam que os seus semelhantes conheçam seus direitos e, por ilação, se sujeitam à escravidão.

O combate à ignorância, portanto, é uma imposição porque, como se viu, exige um trabalho incessante para conseguir a emancipação progressiva e pacífica da humanidade, com os propósitos favoráveis à felicidade de todos.

A Maçonaria combate o fanatismo

A Maçonaria combate o fanatismo porque o efeito da exaltação, irracional e persistente por qualquer coisa ou tema, é de tornar perversa a razão e de conduzir esses agentes insensatos e arrebatados a praticarem ações condenáveis.

De regra, o fanatismo é o estado psicológico de fervor excessivo, historicamente, associado a motivações de natureza religiosa, político-ideo-

lógica e, entre outros cenários, de torcidas de futebol e ídolos da música, em que promotores desses atos têm um comportamento baseado em rejeição de qualquer outra ideia que não a da sua interpretação particular, e, sempre, consideram a quem diverge como adversários.

São as razões pelas quais a Maçonaria é declaradamente inimiga do fanatismo e tem plena noção de que alguns dirigentes ou guias espirituais, pertencentes a doutrinas que constituem determinados cultos religiosos, dependem exatamente da ignorância de seus fiéis. Nada mais sensato, portanto, que estimular seus membros a estudar e a pensar, bem como mostrar-lhe o ideal de comportamento acerca da convicção íntima de fé religiosa, mas, avocando-se a atribuição de garantir a proteção e efetivação dos direitos estabelecidos na ordem mundial, especialmente ao domínio detido sob o ponto de vista do fanatismo.

A fraternidade na Maçonaria

Primeiramente, é preciso assinalar que o significado de fraternidade está relacionado com o parentesco de irmãos. Do latim *frater*.

Desse modo, fraternidade tem por fundamento o amor ao próximo, a convivência como de irmãos, na mais perfeita harmonia, paz e concórdia. Implica, portanto, sentimento afetuoso refletido na bondosa e permanente familiaridade.

O implemento da fraternidade tem sido ponto essencial de todas as escolas filosóficas, em especial nas religiões. Têm, pois, várias procedências os princípios básicos a ela relacionados:

No Judaísmo: *"O que é odioso para ti não o faças ao teu próximo. Essa é toda a Lei; todo o resto é comentário"*.

No Islamismo: *"Nenhum de vós será crente, enquanto não desejar para seu irmão o que deseja para si mesmo"*.

No Bramanismo: *"Esta é a súmula do dever: Não faças nada a outrem que te causaria dor se fosse feito a ti"*.

No Budismo: *"Não ofendas os outros por formas que julgarias ofensivas a ti mesmo"*.

No Confucionismo: *"Existe máxima pela qual devemos reger-nos durante toda nossa vida? Sem dúvida, é a máxima da bondade e do amor: Não faças aos outros o que não quererias que eles fizessem a ti"*.

No Taoismo: *"Considera o ganho do próximo como teu próprio ganho e a perda do próximo como tua própria perda"*.

No Cristianismo, *"Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo"*.[140]

A Fraternidade na Maçonaria constitui-se pelo pensamento e ação de laços recíprocos entre os seus integrantes, lojas e potências. Em sua essência, essa afinidade mútua tem a forma de fraternidade, na Maçonaria, quando há a sensação geral de seus membros se acharem e se considerarem verdadeiros *fráteres* entre si, e, por efeito, esse propósito ou motivo é de viver em perfeita igualdade, intimamente unidos por uma relação de recíproca estima, confiança e amizade, estimulando-se uns aos outros, na prática das virtudes.

É importante referir, também, que a Maçonaria reúne todas as condições de fraternidade universal, quer por suas particularidades, S. T. P., quer pelos deveres de seus membros, quer pela afirmação solene de cada um, dentre todos os Maçons no mundo existentes é difícil encontrar o que não se empenhe para a união referida e até para prestar auxílios em qualquer circunstância.

Ninguém nega haver alusões históricas de que a Maçonaria participou efetivamente da Revolução Francesa, inclusive, que se atribui a um integrante desta, a frase: "Para a prática da vida, procuramos uma fórmula capaz de reunir todas as condições desejáveis – Liberdade, Igualdade, Fraternidade – é a que melhor corresponde às aspirações dos Maçons".

A fraternidade, pois, está ligada à tríade que caracterizou, em grau bastante elevado, o pensamento revolucionário ou os ideais promovidos pelo citado movimento histórico.

A Fraternidade na Maçonaria, portanto, consiste nesse sentimento e se fortalece através de atos praticados sob a aplicação da justiça e da equidade, o que inspira seus integrantes a serem livres e de bons costu-

---

[140] Talmude, Sabbat 31a – Livro de Susan – Livro Mahabharata, 5,1517 – Udanavarga 5,18. – Livro Analecto, 15,23. – Bíblia Sagrada. Mateus. 22:37.39.

mes e aceitar o semelhante no seu direito de escolher e seguir suas opiniões obviamente obedecendo aos princípios antes referidos.

A joia do 2.º Vigilante

A joia confiada ao 2.º Vigilante é o prumo. É o instrumento constituído de uma peça de metal ou de pedra, suspensa por um fio, e serve para verificar e determinar a direção de um plano na direção vertical. Usado pelos pedreiros no levantamento de paredes para que as mesmas não resultem inclinadas.

Esse artefato, como símbolo maçônico, simboliza a profundidade do conhecimento e da retidão da conduta humana, segundo o critério da moral e da verdade. Incita o espírito a subir e a descer, já que leva à introspecção, que nos permite descobrir nossos próprios defeitos, e nos eleva acima do caráter ordinário. Indica a direção para o domínio das paixões de qualquer espécie e o caminho mais curto para chegar à perfeição. Com isso, ensina-nos a marchar com firmeza, sem desviar da estrada da virtude, conscientes de não se deixarem influenciar pela avareza, injustiça, inveja e perversidade e valorizando a retidão do julgamento e a tolerância. É considerado como o emblema da estabilidade da Ordem.

Maçonaria

A Maçonaria é uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista. Proclama a prevalência do espírito sobre a matéria. Pugna pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, por meio do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência e da investigação constante da verdade. Seus fins supremos são: ***LIBERDADE, IGUALDADE*** *e* ***FRATERNIDADE.***[141]

Maçonaria era uma sociedade secreta, na atualidade discreta, de origem remota, espalhada por todo o mundo, cujos membros, que professam os princí-

[141] *Constituição do Grande Oriente do Brasil*, artigo 1.º. 1991, e Ritual do 1.º Grau – *Aprendiz-Maçom* – Adonhiramita, GOB, 2009.

pios da igualdade e fraternidade, se dão a conhecer entre si por meio de sinais esotéricos. [142]
A Ordem Maçônica é uma associação de homens sábios e virtuosos que se consideram irmãos entre si e cujo fim é viver em perfeita igualdade, intimamente unidos por laços de recíproca estima, confiança e amizade, estimulando-se, uns aos outros, na prática das virtudes. É um sistema de Moral velado por alegorias e ilustrado por símbolos.[143]

A Loja (os Irmãos) também é uma associação de homens que se reúnem uma ou mais vezes por semana para trabalhar, de acordo com o Ritual, ou além da realização de ritos, trocam informações. São pessoas que têm profundo respeito pelo outro, são amáveis e, por isso, todos querem permanecer, prosseguir e progredir nesse fraterno convívio.

Maçonaria – Instituição secreta

A Maçonaria, absolutamente, não é uma instituição secreta. O caráter secreto, atribuído a ela, deve-se a perseguições, à intolerância e à falta de liberdade demonstrada pelos regimes dominantes na época do seu surgimento e tempos próximos posteriores. Discreta, privativa ou reservada aos seus membros, é a definição mais adequada. Muitos livros têm sido editados sobre a maçonaria, difundindo, portanto, sua doutrina. Tais obras podem ser facilmente encontradas e consultadas nas livrarias e nas bibliotecas públicas. Mas tem segredos que não podem ser conhecidos pelo mundo alheio ao conjunto de suas práticas consagradas e especiais ensinamentos.

Maçonaria no Brasil

Tal como ocorre com a maior parte das associações constituídas, não há exposição cronológica de fatos que figurem na história e que registrem

[142] Enciclopédia Delta Larousse, 1962.

[143] Rizardo da Camino, *Simbolismo do Primeiro Grau – Aprendiz*. Ed. Aurora, 6.ª ed.

os primeiros encontros de Maçons no Brasil. Obviamente que a Maçonaria no Brasil, no início, desenvolveu-se com a união de imigrantes portugueses, diplomatas e estudantes que foram iniciados em países europeus, especialmente em Portugal. No final do século XVIII, supõe-se que, também com a admissão de brasileiros natos, em domicílios dispersos formaram-se pequenos núcleos maçônicos.

Segundo Dom Frei Boaventura Kloppenburg**,** os Maçons de origem antes referida, **fundaram Lojas** em algumas cidades do Brasil, tais como: Olinda, Salvador, Rio de Janeiro, Campos e Niterói, subordinadas aos Grandes Orientes: de Portugal, da França, e outras, ainda, independentes.[144]

De acordo com o Manifesto do Grande Oriente do Brasil, datado de 1832, através do qual o seu Grão-Mestre dirigiu-se aos Maçons de todo o mundo, transcrito por José Castellani em seu Livro *A Maçonaria na Década da Abolição e da República*, consta que em 1801 fora instalada a primeira loja simbólica regular na cidade de Niterói, debaixo do título "Reunião" e filiada ao Grande Oriente da França. Pela sua origem, provavelmente, os Maçons praticavam o Rito Moderno ou Francês, reconhecido como laico e inclinado ao materialismo.[145]

> *No ano seguinte, em 1802, encontramos na Bahia a loja "Virtude e Razão", funcionando também no mesmo Rito Francês. Escreve por isso, e com razão, o maçom gr. 33, Adelino de Figueiredo Lima: "A Maçonaria Brasileira é filha espiritual da Maçonaria Francesa. Da França veio o Rito Moderno com que o Grande Oriente atingiu a maioridade".*
> *Quando o Grande Oriente de Portugal soube da existência, no Brasil, de uma loja regular e obediente ao Oriente francês, enviou, em 1804, um seu delegado a fim de garantir a adesão e a fidelidade dos maçons brasileiros. Mas não foi feliz o delegado lusitano no modo como impôs suas pretensões. Assim resolveu deixar fundadas duas novas lojas, submissas ao Oriente do Reino: eram as lojas "Constância" e "Filantropia". (...)*

---

[144] D.F. Boaventura Kloppenburg, *A Maçonaria no Brasil, Orientação aos Católicos*, Editora Vozes Ltda., Petrópolis – RJ, 1956, p. 13.

[145] CASTELLANI, José. *A Maçonaria na Década da Abolição e da República*, Editora Maçônica "A Trolha", 2001, p. 133 e seguintes.

Mais felizes foram as iniciativas na Bahia. A já mencionada loja "Virtude e Razão", fundada em 1802, constituiu outra em 1807, com o nome de "Humanidade", e mais uma em 1813, a "União". Completo assim o quadro mínimo de três lojas, foi criado, no mesmo ano de 1813, o primeiro Grande Oriente. Mas devido à desastrosa Revolução de 1817, este Oriente e suas lojas "adormeceram" também.
Em 1809 fundou-se outra loja em Pernambuco, que, por sua vez, serviria de núcleo para outras três, sendo também estabelecida uma Grande Loja Provincial. Mas como tinham fins pronunciadamente políticos, tiveram que suspender, também em 1817, suas atividades.
No Rio, entretanto, fez-se nova tentativa com a fundação das lojas "Distintiva" e "São João de Bragança". A primeira no ano de 1812, em São Gonçalo da Praia Grande, ou Niterói, e a segunda no próprio paço real da corte de D. João VI, mas sem conhecimento do monarca. Também estas duas lojas tiveram mui efêmera existência.
Com a fundação da loja "Comércio e Artes", em 1815, no Rio, à qual se filiaram numerosos maçons da antiga loja "Reunião", iniciou-se uma era mais sólida para a Maçonaria no Brasil. Mas esta loja, que existe ainda hoje (nos quadros do Grande Oriente Unido do Brasil), conseguiu firmar-se definitivamente apenas em 1821, depois de passar pela prova de fogo de 1818.[146,147]

Sobre a Loja "Comércio e Artes", consta da Instrução de Aprendiz do Excelso Conselho da Maçonaria Adonhiramita:

Lutando contra todas as forças da perseguição desencadeada pelo Conde dos Arcos, foi fundada, em casa do Dr. João José Vahia, a Loja "Comércio e Artes" a qual ficou estagnada até 4 de junho de 1.821, quando novamente reergue-se, sob o malhete do Capitão-de-Mar e Guerra, José Domingos de A. de Moncorvo.
Face ao elevado número de obreiros que a compunham o seu quadro, estes resolveram fundar em 1822, mais duas lojas: "União e Tranquilidade" e "Esperança de Niterói".

[146] Loc. cit. 144, p. 14 e 15.

[147] Karl Josef Bonaventura Kloppenburg, conhecido como Dom Frei Boaventura Kloppenburg OFM (Molbergen, 2 de novembro de 1919 – Novo Hamburgo, 8 de maio de 2009), foi um bispo católico brasileiro nascido na Alemanha, sendo o segundo bispo da Diocese de Novo Hamburgo. Em seus livros, propunha o esclarecimento do que é a verdade cristã e o esclarecimento dela em contraposição a outros segmentos diversos.

Após o regresso do Rei João VI, verificou-se acentuado desenvolvimento da Maçonaria brasileira, com o ingresso em lojas de estadistas de alto prestígio, oficiais de altas patentes, e mais figuras de destaque, entre os quais José Bonifácio de Andrada e Joaquim Gonçalves Ledo.
Em trabalho conjunto dessas três lojas, foi possível a realização, a 28 de maio de 1822, da histórica assembleia geral, presidida pelo Venerável Mestre da Loja "Comércio e Artes" João Gonçalves Viana, cuja assembleia fundou o Grande Oriente do Brasil, com o que desvencilhou-se a Maçonaria Brasileira, do Grande Oriente Lusitano, para ficar completamente independente até os nossos dias.[148]

Do resumo histórico trasladado, é possível afirmar que:

A introdução da Maçonaria no Brasil ou a Primeira Loja Maçônica teria sido fundada no ano de 1801 por um grupo de brasileiros e portugueses.

O nome da primeira Loja instalada no Brasil é "Reunião" e que foi fundada em município fluminense, no Estado do Rio de Janeiro, sob os auspícios da Grande Loja da França.

As duas primeiras Lojas fundadas na atual capital do Rio de Janeiro foram "Constância" e "Filantropia e Emancipação" e pertenciam à obediência ao Grande Oriente de Portugal.

O nome das Primeiras Lojas fundadas em Salvador são: "Virtude e Razão"; "Humanidade" e "União".

No Estado da Bahia foi fundado o Primeiro Grande Oriente do Brasil. Mas teve pouca duração, devido à Revolução Pernambucana.

O nome da Loja fundada na casa do Dr. João Valia foi com a denominação de "Comércio e Artes".

Em 1822 surgiram as Lojas "União e Tranquilidade" e "Esperança de Niterói".

Em 28.05.1822, no Rio de Janeiro, deu-se a reunião que fundou o atual Grande Oriente do Brasil.

João Gonçalves Viana, no desempenho do cargo de Venerável Mestre, foi quem presidiu a assembleia que resultou na fundação do Grande Oriente do Brasil.

[148] *Instrução de Aprendiz* – Excelso Conselho da Maçonaria Adonhiramita.

Com o ingresso nas Lojas de pessoas ligadas ao Estado e de alto prestígio, como o próprio Príncipe Regente D. Pedro I, incluindo oficiais de altas patentes e outras figuras de destaque, foram os fatos que ocasionaram o acentuado desenvolvimento da Maçonaria brasileira e a fundação do Grande Oriente do Brasil.

Maçonaria Adonhiramita

Em 1758, o Rito ou Ordem de Heredon (*Kilwinning*), criou o Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente, o qual, na tentativa de encontrar uma solução para a multiplicidade de formas ritualísticas, constituiu comissões, que apresentaram as conclusões, gerando vários Ritos, entre os quais a Maçonaria Adonhiramita. Esta, inicialmente, se desenvolveu preservando as generalidades litúrgicas reformuladas estruturalmente e compiladas por Barão Henry Théodore Tschoudy (Metz 1730 – Paris 1767) e, logo depois, um eminente historiador da época, que, usando o nome histórico de Louis Guilleman de Saint-Victor, tornou público em 1781 a *Recueil Precieux de la Maçonnerie Adonhiramite* ou Compilação Preciosa da Maçonaria Adonhiramita, e no ano seguinte publicou os quatro (4) primeiros graus. A coletânea foi completada com a publicação da segunda parte, em 1785, compreendendo 12 (doze) Graus, com a seguinte hierarquia:

1.º Aprendiz, 2.º Companheiro; 3.º Mestre; 4.º Mestre Perfeito; 5.º Primeiro Eleito ou Eleito dos Nove; 6.º Segundo Eleito ou Eleito de Pérignan; 7.º Terceiro Eleito ou Eleito dos Quinze; 8.º Aprendiz Escocês ou Pequeno Arquiteto; 9.º Companheiro Escocês ou Grande Arquiteto; 10.º Mestre Escocês; 11.º Cavaleiro da Espada ou Cavaleiro do Ocidente ou da Águia; 12.º Cavaleiro Rosa+Cruz.[149]

Na mesma ocasião, incluiu a versão do alemão para o francês de um Rito chamado de Noaquita ou Cavaleiro Prussiano, de autoria de um Maçom de nome *Berage*. Passando, daí, a ter 13 Graus.

---

[149] JURADO, Jose Martins. *Maçonaria Adonhiramita – Apontamentos*. Madras, São Paulo. 2004. p. 128 e 129.

Cumpre assinalar que a Maçonaria Adonhiramita foi gerada, em suas particularidades, sob a lenda de Adonhiram, que era o nome do personagem mais importante encontrado nas lendas da Maçonaria de então. A verdadeira palavra é *Hiram*, composta do prenome *Adon* (*dóminus*), que os hebreus usavam ou usam frequentemente quando falam de Deus; este prenome agregado à palavra *Hiram*, faz-se Adonhiram, que significa o Consagrado ao Senhor, o bom Senhor ou o divino Hiram, donde foi derivado o título da Maçonaria Adonhiramita.[150]

Dessa forma, expandiu-se na Europa e, através de Portugal, a Maçonaria Adonhiramita chegou ao Brasil com a fundação da Loja Comércio e Artes, de forma regular, em 15 de novembro de 1815, que passou a congregar as mais fortes lideranças políticas da época, sob os auspícios do Grande Oriente Lusitano.

Em 1951, o Grande Oriente do Brasil, transformado em Potência Simbólica, deixou os Altos Graus para Obediências dos Ritos. Assim, o Grande Capítulo Adonhiramita organizou os Ritos e a partir de 1953 passou a se denominar Muito Poderoso e Sublime Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas para o Brasil. Em 1973 resolve modificar a estrutura administrativa e da graduação do Rito para 33 Graus, já que ficara sendo apenas no Brasil. E em 2 de junho de 1973 o Sublime Grande Capítulo passou a se chamar Excelso Conselho da Maçonaria Adonhiramita, que, de acordo com artigo 2.º da Constituição, de junho / 2000, adotou a nomenclatura de Graus Filosóficos, para o Rito Adonhiramita.

Da síntese do histórico acima, resumidamente, é possível registrar que:

Com a designação Maçonaria Adonhiramita e com base na lenda e em comemoração de Adonhiram, desenvolveu-se o Rito a partir do primitivo Rito de Héredom, reformulado por Barão de Tschoudy e pelas publicações de Louis Guillemain de Saint-Victor.

A Maçonaria Adonhiramita era composta ao todo por 13 (treze) Graus. Em primeiro momento com 12 (doze) Graus e a esses foi acrescentado o Cavaleiro Noaquita. Foi assim praticado por quase 200 anos, isto é, até a data de 2 de junho de 1973.

---

[150] Loc. cit. 145.

A primeira Constituição do Grande Capítulo Adonhiramita foi proclamada em meados de 1817, em Salvador, então Capital do Brasil. Necessário se faz referir ainda que, em 1973, nas dependências do Instituto Maçônico Conselheiro Macedo Soares, foi promulgada outra Constituição, oportunidade em que adotou 33 graus e, também, reivindicou a sede do Rito para o Brasil, sob o Malhete de Aylton de Menezes. E a última foi proclamada em 2000.

A reunião de Sagração da Sede do Rito Adonhiramita foi presidida por José Domingos de A. de Moncorvo.

Adonhiram significa Adon, igual a (*dóminus*). Os hebreus usavam quando falavam ou falam em Deus. Trata-se de uma palavra composta de *Adon*, de *Adonai*, que em hebraico significa "Senhor meu Deus", e o nome próprio *Hiram*. A tradução mais usual é "Consagrado ao Senhor", o bom senhor ou Divino Hiram.

Rito Escocês Antigo e Aceito

O Rito Escocês Antigo e Aceito também deriva do Rito de *Heredom* e a designação provém de integrantes de vários Ritos, incluindo os Cavaleiros Templários, da época que fugiram para a Escócia. Ligados ao Antigo Testamento e à lenda de Hiram (lenda base da Maçonaria Simbólica), supõe-se que alguns dos Ritos referidos eram praticados por outras ordens secretas existentes na França, como os Martinistas; na Alemanha, como os Iluminati ou os Rosa+Cruz; e na Escócia, como os Templários (estes refugiados nesse país depois da sua perseguição nos Grêmios ou Lojas da classe profissional dos Pedreiros Livres aí existentes).

O rito é composto de três graus simbólicos e trinta filosóficos.

Existe muita controvérsia sobre a influência templária no R.E.A.A., mas os estudos feitos por Nicola Aslan e José Castellani, em seus diversos livros, ensinam que o templarismo não influenciou o R.E.A.A., mas sim o Rito de Perfeição ou de Heredom, sob a ideia de Andrew Ramsay, cavaleiro escocês que protagonizou a criação desse rito em solo francês, ocasião em que proferiu dois discursos de grande repercussão a respeito do assunto. O Rito de Perfeição ou de Heredom foi por esse motivo

o ponto de partida para o R.E.A.A., mas este sofreu vastas modificações até se tornar no que é hoje.

Geridos pelas Obediências Maçônicas, cada um dos três primeiros graus apresenta de forma paulatina ensinamentos básicos simbólicos aos iniciados maçons no almejado aprimoramento moral e espiritual. Quando os Maçons atingem o 3.º Grau, diz-se que estão em pleno gozo de suas prerrogativas maçônicas, uma vez que originalmente a Grande Loja Unida da Inglaterra trabalhou sucessivamente com dois (Aprendiz e Companheiro) e depois com três graus, que ensinavam a parte da filosofia-base da simbólica maçônica.

Os Altos Graus são em número de trinta, e são geridos por vários Supremos Conselhos existentes no mundo, onde a filosofia e a moral são estudadas simbolicamente, em cada grau, com lendas ou mitos a eles associados.

Os Altos Graus foram levados a efeito no Brasil, em razão de que Francisco Gê Acayaba de Montezuma, depois Visconde de Jequitinhonha, então no exílio, em 12 de março de 1829, recebeu do Supremo Conselho dos Países Baixos, hoje Bélgica, uma carta de autorização para instalar um Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito, no Brasil. De volta ao nosso país, em 12 de novembro de 1832, Montezuma instala o Supremo Conselho usando a autorização mencionada.

De 1832 a 1927 – durante noventa e cinco anos – o Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil era, ao mesmo tempo, o Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho. Por isso que as histórias de ambos, nesse período, confundem-se em sua grande parte.

O nome Rito Escocês Antigo e Aceito foi anunciado para o universo maçônico após a criação do primeiro Supremo Conselho em Charleston, Estados Unidos, em 31 de maio de 1801.

Atualmente, no Brasil é o Rito mais praticado.

Ornamentos de uma Loja

Ornamentos de uma Loja é o conjunto das partes acessórias que entram na composição para ela se formar. Embora não sejam elementos essenciais, compõem a sua decoração. São os elementos que servem para

enfeitar, abrilhantar, realçar, decorar, enfim ornar a Loja. Possuem valor evocativo maçônico, ou seja, uma vez conhecidos ou percebidos pela visão vêm à lembrança ou à imaginação na Maçonaria.

O Pavimento de Mosaico, a Estrela Rutilante e a Orla Dentada são os Ornamentos da Loja. Incluem-se, ainda, a Corda de 81 Nós, as Faixas, Aventais.

Já vimos que o Pavimento de Mosaico representa a variedade do solo terrestre e a união de todos os Maçons apesar das suas diferenças de cor, de etnias, e das opiniões políticas e de credo religioso. E a Orla Dentada expressa a espiritualização dos Maçons, que, partindo da individualidade unem-se de forma indissolúvel em torno de um ideal.

A Estrela Rutilante representa a sublimidade da luz que ilumina o discípulo dos Mestres, reproduzindo a imagem da luz do Sol e da Lua, criações gloriosas de Deus. A Estrela Rutilante traduz a luz ou o fogo interno do próprio homem, dotado de inteligência, de sabedoria e de amor. A referida luz ocupa o lugar mais sagrado e faz lembrar o coração, símbolo de interiorização, de intuição ao conhecimento, emblema do poder e da vontade.

A Corda de 81 Nós lembra a união fraternal dos Irmãos Maçons, e uma vez colocada no alto significa a força mental e espiritual que forma um ente uno, uma cadeia mundial, uma grande família, um grande acampamento, constituindo, assim, uma energia, em conjunto com a Loja Branca, para que os fluidos construtivos atinjam os objetivos de nossas aspirações.

O avental simboliza o serviço, a nobreza do trabalho e indica que o Maçom deve ter uma vida ativa e fugir da ociosidade. A faixa é cingida para a proteção e embaraçar o caminho do erro e da perversidade. Tratam-se, pois, de peças de resguardo a fim de se livrar dos maus influxos que possam atingir o Maçom e perturbar a harmonia das suas emoções. Significa a pureza e a conduta; o poder de decidir e agir, segundo atos e pensamentos que visam ao aperfeiçoamento.

Paramentos de uma Loja

Paramentos são as alfaias representadas por objetos, porém são o efeito de uma ideia definida sobre eles, isto é, representam a matéria e, ao

mesmo tempo, a impressão de uma relação mental com quem o interpreta. Isso é feito segundo a lei ou a convenção social. Na hipótese, pelas tradições maçônicas. A interpretação ou a informação não é a imagem em si, mas a ligação entre o paramento e o pensamento.

No interior da Loja, designados como Paramentos e denominados também como Grandes Luzes, há um Livro da Lei, um Esquadro e um Compasso.

As Escrituras Sagradas ou o Livro da Lei representa o código de moral que cada um respeita e segue, a filosofia que cada pessoa adota, a fé que governa e anima. Compreende a Palavra e a Lei de Deus.

O Esquadro é o símbolo da retidão, conceito a ser examinado no item seguinte. É a parte material que os sentidos distinguem.

O Compasso, no que lhe diz respeito, simboliza a parte imaterial do estado do homem. É a consciência que se esparge segundo a capacidade cognitiva dele. Em outras palavras, o raio ou diâmetro do círculo do Maçom será de acordo com a perspicácia ou a graduação de sua destreza mental. O esmero e o tempo são as condicionais para o aperfeiçoamento; naturalmente, o Aprendiz ainda se encontra em circunstâncias de preparação para essa conquista, razão por que não está habilitado para a utilização desse instrumento.

O Esquadro sobre o Compasso representa a medida justa, que deve presidir todas as ações, as quais não podem se afastar da justiça e da retidão que seguem os atos de um verdadeiro iniciado. É o emblema da Maçonaria.

O Esquadro oculta as pontas do Compasso, porque o aprendiz, trabalhando somente na pedra bruta, não pode fazer uso do Compasso enquanto a sua obra não estiver perfeitamente acabada.

Joias da Loja

De modo geral, todos os objetos que constituem as insígnias e distintivos são Joias da Loja. O exemplo está quando da cerimônia de investidura dos oficiais eleitos e nomeados, que, ao serem empossados, são revestidos com a joia do próprio cargo.

Entretanto, as Joias da Loja são as que compreendem o rigor dos utensílios que fazem parte do Painel do Grau. Nele se condensam os símbolos basilares do aprendizado. No referido painel constam somente seis joias: três móveis e três fixas.

As joias móveis da Loja, em seu caráter estrito, são pequenos adornos de metal destinados para uso dos Maçons sob a compreensão de valores figurados, pelos quais se distingue o grau ou o cargo por eles exercido.

São denominadas joias móveis porque devem ser transferidas, periodicamente, aos novos Veneráveis e Vigilantes, com a passagem da administração, que são: o esquadro, o nível e o prumo.

Como joia do Venerável Mestre, o esquadro tem o sentido de que a vontade do presidente da Loja é subordinada às leis e aos regulamentos da Ordem e que pode, somente, agir com inteireza de caráter moral.

Ao mesmo tempo, ele é o símbolo da retidão, equidade e justiça, lembrando, também, ao Maçom o seu dever de ter sempre um comportamento direito, correto, produtivo e sábio. É a joia do cargo que representa a fraternidade; por um lado, recorda a ação do homem sobre a matéria e, pelo outro, a ação do homem sobre sua individualidade metafísica. É pelo esquadro que o homem deve sujeitar todas as suas ações, lembrando que deve harmonizar a conduta de acordo com a virtude, trazendo a ideia da disposição firme da prática do bem, e jamais agir irrefletidamente.

O nível é o símbolo da igualdade genuína, base do direito natural, sem implicar o nivelamento dos padrões sociais aceitos. Lembra o dever de considerar as coisas com igual serenidade, representando o equilíbrio entre os extremos, e, dessa maneira, denota que se relaciona intimamente com o plano deste mundo, suscetível ao interesse direto do ser humano. Assim, partindo de bases estáveis e de princípios bem definidos, o Maçom deve trabalhar objetivando sua ascensão espiritual.

Sendo a joia do 1.º Vigilante, é atribuída a ele a responsabilidade pela conservação da perfeita igualdade que deve preponderar na Loja, através dos serenos princípios da equidade e da justiça, lembrando a todos que são filhos da mesma natureza, dignos de igual respeito e que ninguém é mais que ninguém nem deve dominar os outros.

O Prumo é a joia confiada ao 2.º Vigilante. Tradicionalmente designado de perpendicular, dá a ideia da busca minuciosa para averiguação da verdade, tanto que é considerado como o sinal distintivo do conhecimento e da retidão, que deve se notabilizar na conduta e em todos os juízos do Maçom, o que determina um modo de viver pleno de elegância, de estilo e de beleza.

É o instrumento que induz o Maçom a descer para subir. O espírito deve ser elevado com a finalidade da introspecção, a qual permite descobrir os próprios vícios e defeitos que degradam o homem e o tornam escravo dos seus desejos. É preciso que o Maçom pratique o exercício de descer para subir a fim de que no curso dos dias possa atingir a parte mais difícil de sua intimidade.

As joias fixas, que, como as joias móveis, figuram obrigatoriamente em todo Templo, são chamadas dessa maneira porque permanecem imóveis em Loja, como um código de moral, aberto à compreensão de todos os bons Maçons. São elas: a Prancheta da Loja, a Pedra Bruta e a Pedra Cúbica.

A prancheta da Loja serve para o Mestre desenhar e traçar. Simbolicamente exprime a concepção de que o Mestre guia os Aprendizes no trabalho indicado pela Maçonaria, traçando o caminho que eles devem seguir para o aperfeiçoamento, a fim de poderem progredir nessa tarefa. Ainda que o estudo sobre a prancheta pertença a Grau superior, o Aprendiz deve começar a decifrá-la, já que ela revela o plano do Mestre para a construção do edifício espiritual, isto é, como referido antes, o ensinamento de gerir a si mesmo ou a conduzir o Maçom à perfeição.

A Pedra Bruta é o material retirado da jazida no estado natural, até que, pela constância e trabalhos do obreiro, fique na devida forma, para poder entrar na construção do edifício. Ela representa, portanto, o homem sem instrução, com suas asperezas de caráter, devidas à ignorância em que se encontra e às paixões que o dominam.

Localizada em frente ao altar do Vigilante, representa o caráter e o sentimento do homem primitivo, despolido e que assim se conserva, até que, por sua inteligência e pelas instruções dos seus mestres, desperta para a virtude, que o guia para nela trabalhar em busca do aperfeiçoamento.

Mais precisamente, pela benignidade da Iniciação Maçônica ou pelo seu "novo nascimento", o Aprendiz consegue livrar-se dos embaraços e defeitos originários e encontra a liberdade de pensar e, com os instrumentos que a ele se oferecem, talha por si mesmo a "sua pedra", tornando-a mais perfeita possível, desbastada e transformada em Pedra Cúbica ou Polida, e, logicamente, torna-o culto e capaz de apreciar aquilo que tem todas as qualidades adequadas a sua natureza, dando-lhe, assim, o caráter da própria personalidade.

Mais ainda, através do exercício de retornar para dentro de si mesmo, recebe a luz que lhe oferece o discernimento para o domínio das paixões, a eliminação dos vícios e o aperfeiçoamento do espírito.

A pedra cúbica é a obra quase concluída; demonstra, pois, a matéria já trabalhada que contém linhas e ângulos retos. O Esquadro já se pôs em ação e denota, de forma alegórica, a lapidação da substância de acordo com as melhores convenções sociais, norteadas por uma elevada ética, que tornou a individualidade melhor, sendo, também, mais útil para a humanidade.

Este processo de aperfeiçoamento está simbolizado pelo desbaste da pedra bruta, tarefa fundamental ao Aprendiz, a transmudá-la em Pedra Filosofal.

Representa, também, o saber do homem no fim da vida, quando aplicou sua existência em atos de amor e respeito, verificáveis pelo Esquadro da Palavra Divina e pelo Compasso da própria Consciência Esclarecida.

Que são *Landmarks*?

Os *landmarks* não são um símbolo ou uma alegoria, mas uma regra. Eles são definidos e considerados como os princípios de conduta mais antigos que regem a Maçonaria, seja através da tradição oral ou, mais recentemente, na forma de lei escrita.

O vocábulo *landmark* surgiu na compilação dos Regulamentos Gerais de 1721, incluídos na Constituição de Anderson, onde o XXXIX e último regulamento estabelece:

Cada Grande Loja anual pode, pois tem autoridade para isso, fazer novos regulamentos, ou alterar os antigos para o bem da confraria, contanto que os ***landmarks*** *sejam rigorosamente observados e que essas alterações nos regulamentos sejam propostas e aceitas por ocasião da terceira sessão da Loja que proceda à Festa anual(...)*[151]

A palavra *landmark* é de origem inglesa e composta das palavras *land*, que significa solo, terra ou terreno, e *mark,* significando marco ou limite. Assim, a tradução literal de *landmark* seria limite da terra ou marca na terra, com o sentido de ponto de referência, e em linguagem maçônica adquire o sentido de **regra básica**, ou antigas obrigações, cuja imemorial origem reveste tais princípios de um caráter quase sagrado e inquestionável. Citam-se três regras como exemplo:

14.° O direito de todo Maçom visitar e tomar assento em qualquer Loja...
19.° A crença no Grande Arquiteto do Universo...
22.° Todos os Maçons são absolutamente iguais dentro da Loja...

É entendimento da maior parte dos escritores que a classificação constituída de *XXV Landmarks*, de autoria de Albert Galletin Mackey, maçom norte-americano de Charleston, é a que se apresenta de maneira melhor adaptada e resumida e, por isso, melhor aceita.

O que simbolizam as luvas brancas

Ao revestir as mãos com as luvas, o Obreiro demonstra já conseguir perceber a igualdade genuína, que implica o nivelamento completo, porque a maneira peculiar de agir, para todos os efeitos, está na mesma condição para todos os Maçons e, assim, as mãos calejadas do operário tornam-se tão suaves quanto as mãos do intelectual, do advogado, do médico, do engenheiro. Tal como estes, igualam-se pelo uso uniforme das outras peças do vestuário.

---

[151] Loc. cit. 62. p. 205.

Pelo princípio analógico, o uso das Luvas Brancas está contido nas palavras proferidas previamente ao ingresso no Templo, para que os Obreiros iniciem os trabalhos.

Se desde a Meia-Noite, quando se encerraram nossos últimos trabalhos, conservastes as mãos limpas, calçai as vossas luvas.

Essa proposição lembra o ato praticado pelos Mestres Eleitos na lenda da construção do Templo de Salomão, quando eles calçaram luvas de peles brancas, para demonstrar que suas mãos estavam limpas e puras, ou que eram inocentes do fato punível, narrado na mesma lenda.

A simbologia das luvas também é apresentada na Cerimônia de Iniciação, quando é feita a entrega das Luvas Brancas ao Neófito, com a seguinte orientação:

Nunca mancheis a brilhante alvura dessas luvas, mergulhando as vossas mãos nas águas lodosas do vício; elas simbolizam a candura que reina na alma do homem de bem e a pureza de suas ações.

Portanto, as luvas simbolizam a pureza e a candura, virtudes que envolvem o caráter do Maçom. Por isso que este deve carregar consigo sempre a pureza de pensamento e na intenção, nas palavras e na atuação em todas as causas. Pela mão direita se dá com finura, correção e perfeição, e pela esquerda se recebe com a mesma inocência de sentimento.

Quais são os instrumentos do Aprendiz

O Maço e o Cinzel são os instrumentos do Aprendiz.

No trabalho em conjunto ensinam que a habilidade sem o emprego da razão será de pouco valor. Seria inútil que o espírito ou mente conceba e o cérebro projete, se a mão não estiver pronta para executar o trabalho.

O Maço simboliza importante instrumento, sem o qual nenhuma obra manual poderá ser acabada. É o símbolo da inteligência, da força

dirigida e controlada. O maço significa a decisão com o qual cortamos nossas imperfeições. Identifica o 1.° Vigilante.

O Cinzel é o símbolo que aperfeiçoa. O instrumento indica que a educação e a perseverança são indispensáveis para chegar à perfeição e que a Virtude só é alcançada pela precisão no desbaste das arestas e no polimento da Obra, que resultará na iluminação da inteligência e na purificação da alma. Representa o princípio cósmico relacionado à ação, à criação; é ativo, penetrante, positivo. Representa a decisão tomada que o Malho da vontade coloca em execução.

É o emblema da escultura para alcançar a beleza. Identifica a beleza, o sentido. Consiste, pois, em dominar as paixões, eliminar os vícios, aperfeiçoar seu espírito. Identifica o 2.° Vigilante.

Por que o número 2 é fatídico?

O número 2 (dois) é um número terrível e fatídico porque produz confusão. A respeito disso, uma lição consistente está na Aritmética, a qual revela que dois mais dois é igual a dois vezes dois. 2 + 2 = 2 x 2.

Estritamente sob esse ponto de vista ele é assim considerado porque, além da confusão, representa a dualidade ou os extremos. É o símbolo dos contrários que trazem a dúvida, a hesitação, o desequilíbrio, a contradição. Dá-se como exemplos o Bem e o Mal; a Verdade e a Falsidade; a Luz e as Trevas; a Inércia e o Movimento; enfim, ele representa todos os princípios antagônicos, adversos.

Em acepção diferente, apesar de produzir fadiga em sua análise, não se lhe atribui tanta terribilidade nem de ser muito trágico, porque, se na manifestação da qualidade atribuída às ações aparecem geralmente os contrários, para confirmar a regra, tal como o bem e o mal, há de se admitir que tanto um quanto o outro servem para ressaltar os méritos ou os deméritos do seu oposto.

Veja-se que, se não fosse assim, não saberíamos o que é o bem, se não conhecêssemos o mal! Não conheceríamos o justo se não entendêssemos o que é injusto! Não apreciaríamos a luz se não provássemos as trevas! Não exercitaríamos o movimento se não estacionássemos na inércia! E assim por diante.

Não há, portanto, que se imputar somente a condição de número fatídico. Antes, há que se compreender os perigos que envolvem o aspecto negativo dos contrários, e para essa compreensão necessário se torna conhecer seu aspecto positivo.

O Aprendiz não deve se aprofundar no seu estudo porque ainda não possui conhecimentos suficientes para manter o equilíbrio entre os extremos ou os princípios antagônicos.

São as razões pelas quais o Aprendiz é guiado pelo Mestre em seus trabalhos primários a fim de que ele possa vencer todas as dificuldades, sem inclinações ao precipício da temeridade da dúvida, do qual somente retornaria com o auxílio de um acompanhante sábio.

A importância do número 3 no Grau de Aprendiz

No Grau de Aprendiz, a importância do número 3 está associada à simbologia e à hermenêutica maçônica acerca do próprio Grau, porque, por excelência, é o número do Aprendiz e porque identifica a Bateria, a Marcha, a Idade, as Saudações, as Luzes e as Viagens.

É o número da perfeição e está presente em todas as culturas abundantemente; Deus Pai, Filho e Espírito Santo no Cristianismo; Brahman, Vishnu e Shiva no Hinduísmo; Kether (coroa), Chokmah (sabedoria) e Binah (inteligência) na Cabala, (da qual são tiradas as palavras de passe da Maçonaria); Princípio, Verbo e Substância da primitiva Gnose; Archeu, Azoto e Hylo do Hermetismo; Pai, Mãe e Filho da Família; Nascimento, Existência e Morte da Vida; Nascer, Zenite e Ocaso do movimento diurno do Sol; Presente, Passado e Futuro como medidas do tempo.

É, também, o emblema da manifestação, pois a natureza requer duas fontes para qualquer manifestação: positivo e negativo para a energia elétrica; próton e elétron para o átomo; homem e mulher para o filho; claridade e escuridão para um dia; criação e vontade para a execução.

Ainda, lembra o Lema da Ordem, que é definido em três princípios: liberdade, igualdade e fraternidade.

A partir daí, o três é empregado em várias facetas dos trabalhos, dos emblemas e dos escritos maçônicos:

- o aprendiz faz três saudações endereçadas às três luzes;
- três são os Pilares da Loja: Sabedoria, força e beleza;
- três são as Joias Fixas da Loja: Prancheta da Loja, a Pedra Bruta e a Pedra Cúbica ou Polida;
- três são as Joias Móveis da Loja: o Esquadro representando o Venerável, o Nível – 1.º Vigilante, e o Prumo – 2.º Vigilante;
- após três pancadas de malhete, o neófito enxerga a luz divisando três altares com três luzes em três lugares no Templo;
- a Bíblia Sagrada, o Esquadro e o Compasso (no altar dos juramentos);
- três são as batidas da bateria;
- três são as aclamações;
- três são as luzes do cerimonial do fogo;
- a marcha do aprendiz é de três passos;
- o neófito realiza três viagens simbólicas;
- demanda três degraus, que simbolizam imaginação, investigação e pensamento.
- três são os graus simbólicos: Aprendiz, Companheiro e Mestre;
- três são as pontas do Delta;
- três são as esquadrias quando de pé e à ordem;
- três são as virtudes teologais: fé, esperança e caridade;
- é o número da luz (fogo, chama e calor).
- do Tempo: Presente, Passado e Futuro;
- da Vida: Nascimento, Existência e Morte.
- da Família: Pai, Mãe e Filho;
- da Trindade Cristã: Pai, Filho e Espírito Santo;
- da Constituição do Ser: Espírito, Alma e Corpo.

Depreende-se, pois, que a interpretação esotérica do número três consolida tudo o que se espera que aconteça na Maçonaria dentro dos seus Templos. Os ensinamentos das proposições demonstradas estão sintetizados nos princípios da Justiça, da Sinceridade e da Perseverança.

O Ternário que simboliza a Maçonaria

Ternário é um termo usado na Maçonaria para designar um todo constituído de três princípios ou elementos. O número três, por sua vez, é o símbolo da perfeição, e é considerado o número da luz, da expressão da eterna estabilidade das leis divinas.

O Delta Sagrado é a mais importante representação do Ternário. Formado por um triângulo equilátero, contém no seu interior o Olho-Que-Tudo-Vê, simbolizando a onipresença da Divindade, o Fogo Sagrado, a Ciência, a Sabedoria, que observa e que prevê. Em sentido amplo, é o emblema do espírito inspirador que conduz o homem à prática de nobilitantes ações.

No grau de aprendiz, o ternário é encontrado em muitas situações: na idade que é três anos, na marcha, que comporta três passos; na bateria, que é feita por três golpes; enfim, nos degraus do templo, que são em número de três, os quais o aprendiz deve escalar para chegar ao Venerável depois de atingir o Oriente, sinalizando os esforços para alcançar o grande conhecimento, primeiro para se libertar do plano físico, ultrapassar o plano mental, e, por fim, sua ascensão ao plano espiritual.

Outro símbolo ternário importante são as três Colunas (Pilares) que sustentam a Loja. Sabedoria (Venerável – Jônico), Força (1.º Vigilante – Dórico) e a Beleza (2.º Vigilante – Coríntio), porque são executores de todos os trabalhos e ninguém sem eles pode levá-los adiante. A sabedoria é o guia em tudo que se faz; a força ajuda na luta contra os obstáculos e a superar as dificuldades, e a beleza adorna as ações.

Para concluir, lembre-se: três são os pontos que o Maçom adota para apor após a sua assinatura, porque esses representam não só o Delta Sagrado, mas todos os demais ternários, e, especialmente, as três qualidades indispensáveis ao Maçom, a saber: o ponto do lado de cima, a **vontade**; e os inferiores da esquerda para a direita, **sabedoria** e **inteligência**; absolutamente inseparáveis porque a sua ação deve ser em perfeito equilíbrio.

O Tetragrama

O Tetragrama Sagrado YHVH (יהוה, na grafia original, hebraica), refere-se ao nome do Deus de Israel em forma escrita já transliterada, enfim latinizada, como de uso corrente na maioria das culturas atuais.

Já naqueles tempos os hebreus foram proibidos de pronunciar o Nome Sagrado, que era representado pelas consoantes YHVH. No Livro de Êxodo, Capítulo 20, Versículo 7, assim é o texto Sagrado: *Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão.*[152]

A respeito, consta também da Sagrada Escritura: *... disse Moisés a Deus: Eis que quando eu for aos filhos de Israel, e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi?*[153]

Segue a conversação: *Respondeu Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos olhos de Israel: EU SOU me enviou a vós.*[154]

Logo, na tradução sobrenatural significa: "Eu sou o que Sou".

Lembre-se que o próprio Jesus Cristo foi fiel a essa tradição porque é provável que nunca pronunciou o Nome de Deus, tendo se referido ao *Criador* dezenas de vezes por *Pai*.

Da composição das letras YHVH ou YOD – HE – VAU – HE, do Tetragrama, constata-se que nele há, apenas, três letras diferentes, ou seja, o YOD, o HE e o VAU. Por isso que o conjunto das letras simboliza, no Plano Material, as três dimensões dos corpos, ou seja: o comprimento, a largura e a altura e no Campo Espiritual significam a Grande Evolução do "que existiu", do "que existe" e do "que existirá".

YOD, pois, é a letra inicial do Tetragrama, que simboliza o criador, o primeiro e o último, ou seja, alfa e ômega, raiz e geração do universo.

Na Cabala, YOD é o símbolo da Unidade, da Unidade Suprema, a primeira letra do Nome Sagrado; é, também, um símbolo das Grandes Tríades Cabalísticas.

No centro do Delta, fixado na parede de fundo do Oriente do Templo, e sobre o Altar do Venerável Mestre, tem em seu centro a letra YOD, ainda que invisível, a inicial do Tetragrama.

---

[152] Loc. cit. 8. Êxodo 20:7.

[153] Ibid. Êxodo 3:13.

[154] Id. Êxodo 3:14.

Examinada com atenção e minúcias em seu significado, concebe-se a assertiva de que se trata da Energia Criativa da Divindade, e que é representada como um ponto, esse ponto no centro do Círculo da imensidão. Portanto, nesse Grau de Aprendiz, simboliza a Divindade não manifestada e que não tem nome. Há de ser visto como emblema da Onisciência, ou o Olho que Tudo Vê.

Por meio de uma resumida composição, sobre o Tetragrama Sagrado YHVH (IEVE), pode-se dizer com segurança que:

Lembra o nome Inefável ou o nome de Deus que não deve ser pronunciado em vão e que os sacerdotes Hebreus ousavam pronunciar apenas no Sanctum Sanctorum do Templo.

Da reunião das letras YOD – HE – VAU – HE, (IEVE) verifica-se que nele há só três letras diferentes, que significam a Grande Evolução do "que existiu", do "que existe" e do "que existirá".

YOD é a letra inicial do Tetragrama, que simboliza a Energia Criativa, o Primeiro e o Último, ou seja, Alfa e Ômega, base e formação do universo.

O número quatro, na Loja, por seu turno, está simbolizado no Pavimento de Mosaico composto de quadrículos. Os quatro cantos do mundo. Traz a memória que o Aprendiz passou pelas quatro provas dos Elementos: Terra, Água, Ar e Fogo. A prova da terra na Câmara de reflexões, da Água, do Ar e do Fogo nas Viagens Iniciáticas.

O valor da letra VAU é o número seis. Indica as seis faces dos corpos; apropriadamente de um cubo, que é o símbolo do aperfeiçoamento que todo Maçom deve buscar.

As três principais qualidades de um Maçom

As três principais qualidades de um Maçom são: Vontade, Amor ou Inteligência e Sabedoria.

Tratam de qualidades inseparáveis umas das outras porque a sua ação deve ser em perfeito equilíbrio. Ao contrário, se uma delas agir isoladamente, poderá revelar insensatez e ter um efeito inconveniente.

Vamos às confirmações da regra:

O homem dotado apenas da vontade, sem ser terno, meigo ou carinhoso, e privado da inteligência, será um indivíduo incivil, inculto, grosseiro, enfim sem educação.

Aquele que tem o dom da inteligência, sem as qualidades da vontade e da sabedoria, que são a predisposição do amor, será plenamente tomado pelo egoísmo e, consequentemente, um imprestável.

E, a pessoa que é amorosa, não possuindo sabedoria e estando afastada da vontade e da inteligência, aquele sentimento a desejar o bem de outrem, é inteiramente inútil, além de os almejos dessa individualidade não alcançarem o objetivo, porque jamais serão postos em ação por uma vontade vigorosa e sob o controle do que é racional.

Do mesmo modo, o sujeito que goza dos atributos da vontade e da inteligência, mas sem o elemento básico da afetividade com os semelhantes, tende a desaparecer ou ser ignorado pelo seu próximo.

Também, a pessoa que é extremamente bondosa e inteligente, ainda que com sua competência e, em especial, com sua bondade não pratique nenhuma perversidade, por ser bem-intencionada, sem vontade e energia, os seus projetos jamais se efetivarão.

A energia conjugada ao amor terá sempre um resultado razoável, porém acrescido da inteligência terá efeitos harmônicos e nas proporções adequadas; reconhecidamente contém todas as boas qualidades. Diversamente, se o trabalho for realizado e a consequência for prejudicial a outrem, converte-se numa ação de um servidor do mal, demonstrando, assim, carência da faculdade de arbítrio claro e sensato.

Das concepções sobre as principais qualidades do Maçom, conclui-se que se ele está no dever incessante de nunca desprender uma qualidade das outras, a fim de que o equilíbrio da emoção e razão sigam sempre juntas em todas as suas realizações.

A quem o Maçom reverencia?

O Maçom reverencia o G.A.D.U.

Contudo, a Maçonaria não ensina e não propaga nenhum credo nem evangeliza os seus filiados, porquanto as opiniões religiosas são Sagradas

e, de modo muito peculiar a cada um dos Maçons, os princípios de fé a eles pertencem. São admitidos, evidentemente, somente aqueles que acreditam na existência de um ser Supremo. Sob essa convicção disseminada, instrui com o propósito de que os seus adeptos não esqueçam a santidade da Fé, a beleza da humilde e predicação segura acerca da bondade e revelação de Deus.

Verdadeiramente, a humanidade respeita mais o modo de pensar daquele que possui intensa convicção religiosa, que fala com franqueza, e que tem firmeza no conjunto de suas atitudes. Isso porque o já descrito indivíduo porta-se de acordo com os códigos de moral, baseado na certeza de que todas as benesses do universo provêm da graça de Deus.

Recomenda a Maçonaria, inclusive, aproveitar o máximo da companhia dos devotos às coisas divinas, todavia, mais precisamente, praticar os seus ensinamentos em todas e sucessivas realizações, a fim de que tudo que está ligado por afeto concorra para a paz, a harmonia e a concórdia universal.

Por fim, é importante ressaltar que o estudo daquilo que se encontra oculto no íntimo da alma apresenta, também, os meios para o conhecimento de Deus.

O simbolismo do número 1

A pluralidade das civilizações da antiguidade fez uso emblemático dos números e das fórmulas, como também teve um sistema numérico ligado intimamente à religiosidade. A partir dessa causa primária foi definido que a matéria é inseparável do espírito, inclusive da crença sobre a revelação divina.

Com efeito, há números que prevalecem sobre os demais e passam a conservar essa influência ocupando o seu ponto de observação no espaço e subsistindo no tempo com a referida notoriedade, propriamente quanto a certos fenômenos da natureza.

Nos subtítulos anteriores viu-se que:

– O número dois é um número fatídico.

– O número três é o primeiro número perfeito e completo.

O número sete é verdadeiramente sagrado, misterioso, e é considerado o mais importante de todos os números e o máximo de excelência dentre eles. Compreende os sete centros magnéticos do corpo; rege o desenvolvimento do homem em todas as circunstâncias da vida; contém em si as sete antigas ciências, as sete notas musicais, as sete virtudes, os sete dias da semana, os sete sacramentos, os sete pecados capitais. É o número que representa a expressão da ordem e da inteligência, exprimindo a própria divindade.

O número 1 (um), no entanto, é o princípio dos números, e assim é compreendido e comprovado por efeito da continuação dos demais.

De acordo com as doutrinas filosóficas, tendentes para a um sistema singular, ou melhor, que por intuição se percebe compreender a universalidade, conduz ao raciocínio de que a unidade é imaterial, infinita e que não pode ser conhecida e, assim, é indistinguível com a divindade.

Sob esse entendimento, a unidade parece residir no âmago das pessoas, particularmente naquelas que pensam por que estão convictas e sentem que são **UM**. Isso se manifesta quando combinam em seu espírito um todo harmônico que faz nascer a noção do verdadeiro.

> *(...) o Reino de Deus não vem com aparência exterior; (...) pois o reino de Deus está dentro de vós.*[155]

O Reino de Deus dentro de cada **UM** se dirige ao coração, ou ao espírito deste. Ainda que seja apenas a Sua Lei, atua manifestando-se naquilo que habitualmente é chamado de consciência. Logo, a unidade deve ser sentida antes de ser retida na memória, mediante estudo. De maneira que ouvir a voz que vem de dentro, do silêncio do próprio ser, é um ato de reverência natural, realizado com o seu próprio Mestre, guiando para a escolha das boas maneiras e a prática do bem.

Em resumo, o número um é o princípio, a origem e o elo entre todos os números. Trata-se, portanto, de uma medida pertencente a todos os números. É o número que simboliza a unidade que, por sua vez, torna presente a Divindade. O todo. Exemplarmente, apresenta-se no

[155] Id. Lucas 17:20.21.

centro do Delta ou no Olho que Tudo Vê, e pode ser expresso por apenas uma letra "Yod".

Por que a inteligência é suficiente para discernir o bem do mal

O Maçom, em especial, crê na existência de Deus e está certo de que Ele criou todas as coisas do universo e que todos os acontecimentos e indulgências provêm da graça d'Ele.

Sob essa convicção íntima, o Maçom tem certeza que, além dos órgãos do seu ser material, o Ente Supremo o dotou de inteligência, capaz de discernir o bem do mal, especialmente torna-se suficiente quando dirigida por uma moral sã.

Moral diz respeito à conduta que notoriamente em qualquer tempo ou lugar tem aprovação. Obviamente, evidencia-se sã quando tem relação com um comportamento reto, íntegro, justo, moderado, imaculado, franco, verdadeiro e sincero.

Afora o que é objeto da fé, a inteligência consiste na faculdade mental capaz de selecionar informações recebidas através dos sentidos, além de selecionar e tomar decisões rápidas e adequadas quando surgem novos dados que devem ser comparados com aqueles já armazenados na memória.

Entretanto, a inteligência mais aguda, mais refinada, está sempre relacionada com a eficiência no processamento das informações percebidas, combinada com capacidade de compreendê-las e facilmente adequá-las para pô-las em prática.

Infere-se, pois, por intercessão e à mercê de Deus, que o homem é dotado de sensibilidade e de inteligência, não tendo esta o sentido de ser uma extensão daquela porque deriva da razão; contudo, decorre do processo de cognição, e, principalmente, é utilizada para coordenar o pensamento, ideias, propósitos e objetivos, nos limites e caracteres estritamente particulares.

Ao mesmo tempo, percebe-se que para discernir o bem do mal a inteligência é suficiente porque a capacidade de compreender consegue distinguir as situações que se apresentam duvidosas.

Entende-se por bem os atos que beneficiam ou ajudam os semelhantes e por mal tudo o que for prejudicial. E, por isso, a facilidade para distinguir um do outro.

O simbolismo do Candelabro de três luzes no altar do Venerável Mestre

O Candelabro de três luzes, no altar do Venerável, é um dos mais preciosos talismãs de que pode desfrutar o Maçom. Tal consideração e prerrogativa é porque exprime o ideal para o qual tendem todas as aspirações humanas, que consistem no justo, no belo e no verdadeiro.

Por meio do simbolismo dos números na Maçonaria, pode-se verificar o quão é agradável ao intelecto o conteúdo da representação alegórica do Candelabro de Três Luzes, porque constitui a sucessão de facetas e emblemas literários da Maçonaria.

Ainda que nele ocorra o acendimento de apenas uma vela, razão pela qual sob aspecto externo essa unidade não deve figurar como sinal distintivo, mas somente em conceito abstrato, o Candelabro de três luzes aclara o sentido de que se manifesta pelo Ternário e que se acha no íntimo de cada Maçom.

Dessa maneira, o Candelabro de três luzes, no altar do Venerável, simboliza o Livro da Lei, o Esquadro e o Compasso, que compõem as três grandes luzes emblemáticas da Maçonaria. Em outras palavras, o código de moral que compreende o Verbo e a Lei de Deus, a retidão e a consciência ou a justiça, respectivamente. Os dois últimos, portanto, um sobre o outro, representam a medida justa.

Cumprir as obrigações do estado em que a Providência o colocou

Em todas as Sessões ordinárias regulares, ou de instrução, nas Lojas em que é praticado o Rito Adonhiramita, por ocasião do Interrogatório,

isto é, anteriormente a sua Abertura, são trazidos à lembrança os principais deveres de um Aprendiz Maçom, com a seguinte assertiva:

> *Cumprir as obrigações do estado em que a Providência o colocou, fugir do vício e praticar a virtude.*[156]

Na hipótese, apenas por vocábulo diferente, Providência significa o próprio Deus. Assim, o principal atributo designado pelo termo, é de ter como boa e de se conformar com a condição pessoal, porque é obrigação que se impõe e que se aceita, oriunda do Princípio Supremo que tudo provê, melhor dizendo, no estado em que Deus nos colocou. Tal circunstância, que é pessoal, aparece de forma segura e misteriosa.

Sob essa premissa, toda e qualquer pessoa é chamada para viver neste mundo a cumprir uma missão que lhe é própria, segundo a condição, os dons e os desígnios de Deus. Naturalmente com a sua vocação particular. Para esse efeito, lembre-se de que há vários gêneros e ocupações nesta vida: pastores, clérigos, esposos, solteiros e os que não estão mais casados. Por outro lado, há as mais diversas profissões: professor, médico, advogado, funcionário público, empresário, operário e muitos outros. O critério de conceber a situação não é o estar em si, mas é a forma de viver os desígnios de Deus.

Logo, a originalidade e o caráter exclusivo que nos distingue há de ser compreendido e desempenhado com afeição e, unicamente, as aspirações, anseios e coragem são os sentimentos que inspiram a atingir os fins aos quais nos propomos, pela faculdade ditada pela razão.

Virtude e vício

Fazendo-se o exame da virtude começa-se a trabalhar profunda e intimamente o "Eu interior". Através dessa análise, aliada ao estudo dos vícios, distinguem-se os sentimentos de pensamentos. Separa-se aquilo que é puro do que é prejudicial.

---

[156] Loc. cit. 29. p. 97.

A memória, lamentavelmente, é frágil e intermitente. Não se conserva tão viva como os batimentos do coração nem se atém, veementemente, aos ensinamentos litúrgicos. Por isso que é usado o recurso da repetição visando à boa e oportuna compreensão de qualquer enunciação de pensamento desse sistema cerimonial. E, daí, a necessidade de que seja conservada na reminiscência, senão todos, mas os principais textos.

Virtude

Virtude tem conexão com o conjunto de atitudes e reações propensas para a prática do bem. Portanto, é o comportamento, de caráter moral, constante, habitual, proveniente de um estado de espírito, sempre ativo e presente na consciência, levado a efeito em todos os momentos em que é exigido.

Para o Maçom, virtude é tudo quanto possa dispor a alma para a prática do bem; tudo que possa levá-lo a evitar o mal; é a força moral que homologa todas as ações louváveis associadas à pureza, quer por atos, quer por intenções postas em prática; é um atributo do espírito, do mais profundo significado filosófico que proporciona sua preparação progressiva nos princípios da inteligência Suprema, da Luz, do conhecimento; é o sentimento íntimo, que, tornado efetivo, demonstra a percepção de que se evoluiu e que é necessário persistir nessa prosperidade, visando à elevação em dignidade perante o semelhante e Deus.

A virtuosidade é a melhor credencial do homem pelo motivo de fazer sentir a todos os convivas o respeito devido. É a qualidade aplaudida em todos os campos de ação social, de outro modo, à generalidade das situações imagináveis, em razão de que dignifica e honra qualquer cidadão.

Enobrecido pela virtude, por hábito, o seu possuidor é bondoso, e, assim, jamais será arrastado a agir mal ou com planos maldosos contra outrem. Racionalmente, a maior preocupação dessa pessoa será a de observar os defeitos dos outros e, concomitantemente, munir-se de defesas contra os vícios.

Além disso, a virtude atrai a simpatia, que, por sua vez, gera a confiança entre os que estão envolvidos nesse sentimento caloroso e espon-

tâneo, o que poderá dar origem a uma concordância perfeita de duas vontades formadas pela semelhança de caráter, e, daí, a realização de outros atos benévolos. Em suma, virtude é uma das mais sublimes qualidades morais das pessoas.

Realmente, a vida parece manifestar-se tranquila quando orientada com pensamentos puros, sem malícias, ornada nos moldes da virtude. É a prova segura do triunfo do homem inclinado para a prática do bem na esfera social onde vive.

Os atos virtuosos, exclusivamente, podem causar momentos de felicidade a quem os pratica e torná-los mais numerosos para os beneficiários. Inclusive, estimula a continuar no combate contra as conspirações ocultas a esses elevados esforços direcionados a promover o bem-estar social.

O virtuoso é o perfeito e brioso juiz de si mesmo. Quanto maiores as condições adversas que o circundam, tanto mais é a sensação de bem estar, aliás cada atitude dessa pessoa será um ensinamento aos que devem e podem imitar.

Os mencionados exemplos nada mais oferecem que a maneira de difundir a causa daquilo que favorece o progresso da beneficência e, simultaneamente, desviar o caminho ou o pensamento dos circunsdantes, inclinados para as ações nocivas, exclusivamente, as dos vícios.

Daí a justa e admirável razão da definição inserta no Ritual de Aprendiz quanto à virtude: "É o sublime impulso da alma imortal, já desperta, apontando à criatura a prática do Bem".[157]

Completamente legítimo, o homem virtuoso figura num dos padrões mais enaltecidos, quer pela excelência da bondade, quer pela confiança que inspira, na esfera da sociedade em que vive, quer por servir de edificante exemplo.

Vício

O vício é o defeito que atinge e domina a alma carente de força moral e de ser fortalecida, a fim de ganhar ânimo e dar mais ativação às suas ten-

[157] Ibid. p. 220.

dências enobrecedoras. Traduz uma falta de raciocínio mais aprimorado, tal qual aquele que ainda não descobriu a verdadeira finalidade da vida.

Trata-se, portanto, de conduta condenável, seja pela inclinação para o mal, seja pela prática de atos que compreende todos os elementos da definição legal de um delito, isto é, tipificados na lei penal, seja pelos hábitos que incitam a alma a realizar atos contrários às virtudes, ou que levam à transgressão de preceitos religiosos, tais como as faltas graves catalogadas pela Igreja Católica, em vícios capitais. Estes podem ser gravíssimos, porque são a fonte de vários outros, ainda que não sejam necessariamente e sempre, pecados capitais.

Há sete vícios que podem ser tidos como graves, quer quanto à sua natureza, quer quanto às suas consequências. Esses sete vícios capitais são: soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça. Cinco desses têm relação com a desídia do intelecto, são mais especialmente pecados do espírito. A luxúria e a gula, pelo contrário, são pecados do corpo.

Os vícios capitais, antes referidos, são vencidos com a prática das virtudes opostas. Assim, a soberba vence-se com a humildade; a avareza, com a liberalidade; a luxúria, com a castidade; a ira, com a paciência; a gula, com a temperança; a inveja, com a caridade; a preguiça, com a diligência e fervor no serviço para o bem.[158]

Há diferença entre pecado e vício, porque o pecado é um ato que passa, enquanto o vício é o mau hábito contraído de cair em algum pecado.[159] A fim de esclarecer, assentam-se os conceitos abaixo:

Pecado original é aquele com o qual todos nascemos, contraído pela desobediência à Palavra de Deus no início do mundo, por Adão e Eva. Pode ser perdoado pelo Sacramento do Batismo. Pecados veniais são aquelas **leves** transgressões da lei divina, pela qual se falta a algum dever para com Deus, para com o próximo, ou para com nós mesmos. São perdoáveis através de obras de penitência. Pecados mortais são as transgressões da lei divina, pelas quais se falta **gravemente** aos deveres para com Deus, para com o próximo, ou para com nós mesmos. Eliminam a graça divina da nossa alma, rompendo a relação com Deus.[160]

[158] Catecismo São Pio X, *Terceiro Catecismo da Doutrina Cristã*. p. 145.

[159] Ibid. p. 145.

[160] Id. p. 143.

Assim, ainda que, às vezes, possa ser definido como um hábito isento de malícia, jamais poderá ser tido como justificável.

Sob um ponto de vista não muito diferente, os vícios, mesmo aqueles qualificados como "sociais", dentre os quais se pode apontar o beber, por exemplo, são traiçoeiros inimigos dos viciados, porque, quando os que sofrem desse grave problema do alcoolismo, tolhe-os do convívio agradável de seus familiares, priva-os da assiduidade aos seus ofícios e, particularmente, da companhia dos amigos de maior apreço, e passam a ser considerados num nível de inferioridade, dignos de compaixão.

Esse clássico exemplo traz à lembrança aquelas pessoas que, em razão do vício, lutam para vencer as dificuldades naturais do existir, sobre as quais recai a depreciação dos bons conceitos: moral, social e comercial. Mas não é só, desajustam e também danificam o orçamento doméstico e até as economias acumuladas, à custa de intenso trabalho. Ademais, é muito difícil elas servirem de exemplos edificativos para com seus semelhantes, porquanto enfraquecidas das suas possibilidades intelectuais para as suas melhorias morais.

Em geral, e não muito raramente, as pessoas se reúnem a fim de entretenimento, participando de um jogo de baralho ou de sinuca ou de dardos, e até mesmo para um karaokê, e, obviamente, são servidos de ponches de rum ou aguardentes, copos de coquetéis, vinhos, cervejas, e outras bebidas, que transformam as ações de fidalguia do anfitrião, e o ambiente festivo, em vergonhosas atitudes que terminam perturbando a consciência, a lucidez de ânimos, a razão e o bom-senso.

Por outro lado, todas as pessoas almejam alcançar o mais elevado ideal da moral. Em particular, o Maçom é instruído sobre os perigos dos vícios e da prevalência do espírito sobre a matéria. Nessa lógica ilação, há de ficar persuadido no sentido de que não poderá fracassar diante do ímpeto dessas manifestações de comportamento censuráveis, e, ao contrário, terá que aprender a praticar a autoimposição contra esses impulsos viciosos, sob pena de jamais atingir a posição de Perfeito e Sublime Maçom.

Eis por que, relativamente ao vício, a Maçonaria transmite esse notável valor imaterial através da definição inserta na cerimônia de iniciação: "O vício é o oposto da virtude. É o hábito que arrasta para o mal (...)".[161]

---

[161] Id. p. 221.

Somente pela inércia do cérebro, órgão que raciocina, o Maçom não irá se preparar, com obstinação, para enfrentar o desconhecido, e, se assim não proceder, reduzirá a nada a correção do bom-senso, e o evidente efeito será o afastamento das virtudes.

É a razão pela qual o lema da Maçonaria de "levantar Templos à virtude e cavar masmorras ao vício".[162]

A Taça Sagrada

A Maçonaria exige do Aspirante um juramento de honra, sob a *Taça Sagrada*.

Nesse instante lhe é apresentado o cálice que é assinalado como fatal aos perjuros, o Aspirante declara que:

> *Se eu for perjuro e trair os meus deveres, se o espírito de curiosidade aqui me conduz, consinto que a doçura da bebida (...) se converta em amargura, e o seu efeito salutar em sutil veneno.*[163]

Ou:

> *Se for perjuro / e trair os meus deveres, / consinto que a doçura desta bebida / (...) converta-se em amargor / e o seu efeito salutar em sutil veneno.*[164]

De imediato o Venerável com exaltação diz:

> *Que vejo, Senhor?! – Alteram-se as vossas feições?! Vossa consciência desmentiria as vossas palavras?! A doçura dessa bebida mudar-se-ia em amargor?! Retirai o profano!*[165]

Em cumprimento à ordem é retirado o candidato.

---

[162] Id. p. 49 e loc. cit. 42. p. 38.

[163] Loc. cit. 42. p. 119.

[164] Loc. cit. 29. p. 225.

[165] Ibid. p. 226.

Para melhor se entender o cerimonial, inicialmente, observem-se as Escrituras Sagradas com os versículos:

> *Não é esta a taça por que bebe meu senhor, e de que se serve para adivinhar? (...) Longe estejam teus servos de fazerem semelhante coisa.*[166]

A transcrição bíblica é porque o imaginário induz ao Santo Graal, quer seja por ser o Cálice da Santa Ceia, quando o Mestre de Nazaré tomou assento à mesa junto com os Apóstolos, dentre os quais havia um traidor, para fazer a refeição, de pão e vinho. Era uma tradição daquele tempo, a fim de comemoração especial. Na época presente, na Igreja Católica é o exemplo de comunhão e fortalecimento espiritual de cada membro. O outro motivo da citação bíblica é a lembrança de que foi colhido o sangue do corpo de Cristo quando *um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água*.[167]

Sobre o ato impiedoso do capitão Longinus, a lenda expõe que, ao cravar a sua lança no peito de Jesus, o sangue e a água que verteram do ferimento espirraram nos seus olhos, cegos devido às cataratas que lhe tolhiam a visão. Como um milagre, o capitão limpou os olhos e imediatamente recuperou a visão. Arrependido do seu ato, mais tarde, convertera-se ao Cristianismo.

Sob esse ponto de vista, a bebida doce é o símbolo do Saber e do Poder e, ao contrário, a bebida amarga é similar à esponja embebida de fel e vinagre do Evangelho. Todo Maçom deve ser cônscio de que o doce da vitória ou do Saber ou do Poder transformam-se, às vezes, em sofrimento e desgosto, reflexão de atitudes tomadas pelo domínio da paixão, tornando presente o amargor da bebida.

É a lição que induz a gozar os prazeres da vida com moderação, equilíbrio e em cumprimento às leis.

Outro mito sobre a *Taça Sagrada* descreve que o Rei Arthur, agonizante, viu o declínio do seu reino. Ante esse acontecimento imaginário, o rei acreditara que somente o Graal podia curá-lo e tirar a região da Bri-

---

[166] Loc. cit. 8. Gênesis 44:5.7.

[167] Ibid. João 19:34.

tânia do Império Romano, das trevas. Sob essa ideia, enviou seus cavaleiros em busca do cálice.

Por outro lado, Oswald Wirth, em sua obra *O Ideal Iniciático*, noticia que Cebes, nascido em Tebas, cidade da Beócia, no Século V a.C., importante filósofo, discípulo de Sócrates, e que figura em vários diálogos de PLATÃO, teria sido autor do livro *Quadro da Vida Humana*. Na referida obra, Cebes transmite um valor espiritual, traduzido por Wirth com o seguinte texto:

> *(...) descreve-nos um vasto recinto onde vivem seus habitantes. Uma multidão de candidatos à vida aglomera-se à porta. Um gênio, representado por um venerável ancião, dirige aos candidatos atilados conselhos. Infelizmente, suas sábias advertências sobre a conduta que se deve observar perante a vida são de pronto esquecidas pelas almas ávidas por viver. Tão logo entram no fatal recinto, sentem-se obrigadas a desfilar diante do trono da Impostura, mulher cujo semblante é de uma expressão convencional e que tem maneiras insinuantes. Ela apresenta-lhes um copo. Não se pode entrar sem beber pouco ou muito. Para viver intensamente, muitos bebem a grandes sorvos do erro e da ignorância; outros, mais prudentes, apenas provam a mágica beberagem e, em consequência, esquecem menos os conselhos recebidos e não sentem tanto apego à vida.*[168]

Diante desse conto, vem a indagação:

A Maçonaria pôs em prática o juramento prestado sobre a *Taça Sagrada*, baseado nessa lenda?

Com base na lição de Wirth, a internet apresenta várias opiniões de autores afirmando tenha sido este o ponto histórico do qual a Maçonaria aproveitou para estabelecer, dentro do seu simbolismo iniciático, o uso da apresentação aos seus recipiendários da chamada *Taça Sagrada*.

A verdade é que as pessoas instruídas, candidatas à conquista da vida, sempre ouvem os sábios ensinamentos e conselhos de seu mestre, seja acerca da conduta, ou no modo de proceder, e, também, noutras prudentes indicações que devem observar. Na descrição modelar antes expos-

[168] Oswald Wirth, *O Ideal Iniciático*. p. 36.

ta, demonstrando a submissão à prova e o triunfo diante da insinuante e linda mulher, é o verdadeiro exemplo de revelação de prudência exigida para a interpretação do grande mistério da vida.

O meio que integramos revela serem poucas as pessoas que não estejam contagiadas com a indiferença; aliás, muitas hesitam diante de qualquer indicação para estudos que tencionam as conquistas imateriais, ou as pertencentes ao espírito. Em qualquer sentido, a moderação é o atributo que deve ser conservado na lembrança para, com ela, conjugar esforços e atividades querendo e continuando com a inexistência de perturbações na vida em grupo, em especial para a firmeza nas realizações, segundo as convicções e os propósitos e, ao mesmo tempo, com a tranquilidade da alma.

A inclusão da cena da *Taça Sagrada*, na iniciação maçônica, tornou-se perfeitamente aplicável porque o egresso do mundo alheio a esse conhecimento, ou melhor, que veio do universo das ilusões e das precariedades, faz o recipiendário refletir sobre a sua realidade, quanto aos princípios sociais aceitos, e a respeito dos acontecimentos nos tempos que hão de vir. Também o faz aquilatar, com exatidão, as vantagens de um método controlado de passar a vida, tornando cada vez mais nítida a compreensão dessa essência animadora.

Para concluir, importa observar que os Maçons são pessoas apropriadas para a antes referida conquista da vida. A contar da iniciação, todos têm acesso à atividade maçônica através da qual hão de advir tempos de maior contentamento. Dedicam-se, portanto, ao desempenho de ações relacionadas ao aperfeiçoamento pessoal e da humanidade.

Somente aceitando a responsabilidade de provar a doçura da bebida e ao mesmo tempo exaurir o amargo dos seus restos, relativamente à *Taça Sagrada* da consciência, quanto aos meios utilizados para superar as variações das coisas que nela se sucedem, é que poderá observar o que realiza segundo a orientação maçônica.

> *Quem pode ser forte e poderoso sem antes haver sofrido cruelmente? A alma que quer conquistar a nobreza e a soberania deve buscá-las nas fragas do sofrimento*.[169]

[169] Ibid. p. 36.

Isto vos lembrará que o homem sábio e justo deve gozar os prazeres da vida com moderação.[170]

Sim, faz lembrar que o amargor da Taça corresponde a um efeito reparador: ou de excessos, ou de abusos, ou de displicência.

Demonstrado está que a alegoria da *Taça Sagrada* está ligada ao batismo. No entanto, faz o egresso do universo alheio ao conhecimento maçônico refletir sobre a sua realidade. Lembra, também, que as contingências do destino, às vezes, transformam a suavidade das alegrias em amargor de tristezas, instruindo para a superação das radicais mudanças com resignação. Sugere, também, que o Maçom deve ser forte contra as situações aflitivas ou penosas, além de jamais dispensar, nessa sua condição judiciosa e com aptidões de observar o seu íntimo, de ter a obrigação pessoal de prestar consolo aos que sofrem.

A Espada Flamejante

A Espada Flamejante é assim denominada por apresentar a lâmina ondulante, imagem das labaredas de fogo. Representa a autoridade moral. É usada pelo Venerável Mestre como símbolo do poder criador do G.A.D.U. Tem justamente o sentido de transmissão desse mistério do poder divino necessário para a formação de um aprendiz. Ela retrata o Poder temporal, a Luz, a irradiação do saber e do compromisso das ações justas e dos nobres sentimentos.

Sua origem é do seguinte versículo bíblico.

E havendo lançado fora o homem, pôs ao oriente do jardim do Éden os querubins, e uma espada flamejante que se volvia por todos os lados, para guardar o caminho da árvore da vida.[171]

Interessante é considerar que a Espada Flamejante só pode ser tocada por um Mestre Instalado porque somente ele pode compreender que

[170] Loc. cit. 42. p. 121.

[171] Loc. cit. 8. Gênesis 3:24.

não é uma arma ofensiva, mas um instrumento de transmissão do vigor divino, que se materializa com o efeito dos eflúvios emanados da própria Espada. A geração dessas influências poderosas ocorre com os golpes do pequeno malho desferidos sobre a lâmina dela, oportunidade em que emitem uma vibração sonora que penetra no corpo do recipiendário, aparentemente renascido, impregnando-se nele para sempre.

A Espada Flamejante simboliza, também, o domínio da natureza e do poder da vontade, e de igual modo a Justiça, que deve punir todos aqueles que se afastam do caminho do bem. Mostra, também, com sua forma estilizada de um raio, que a Justiça deve ser pronta e rápida como essa descarga elétrica.

Lembra, portanto, que a insubordinação, o vício e o crime devem ser repelidos da esfera que compreende a Maçonaria.

As espadas apontadas para o Aprendiz na iniciação

As espadas apontadas para o Aprendiz na iniciação representam o sinal de reprovação dos Maçons na hipótese de ele violar o seu juramento, e que se o fizer encontrará o remorso e o castigo, bem como carregará a vergonha desse crime.

A ação coletiva é levada a efeito e se revela quando o Mestre de Cerimônias retira a venda do Neófito e o Venerável Mestre informa que não é para ele se assustar com as espadas que vê apontadas para si, porque o seu juramento foi acolhido e dado o justo crédito. No entanto, de modo ficcional, isso significa que não deve jamais trair o compromisso assumido, pois poderá colocar em perigo as pessoas que o têm em bom conceito e em alta estima. Ademais, esse princípio moral, que faz uma alusão subliminar a castigos físicos, é inexequível em nossos dias.

Trata-se, enfim, de uma passagem de grande significado simbólico. O semicírculo formado pelos Maçons dirigindo as pontas das espadas na direção do candidato significa que, a partir daquele momento, deve enxergá-los como amigos que o conquistaram, os quais serão defensores de sua vida e honra se vier a ser ameaçada. Tem o sentido também de uma advertência, porque não será sempre que encontrará amigos na su-

cessão de seus dias e que o maior inimigo está seguidamente concentrado nas ideias pessoais, razão por que é preciso vencer as paixões e combater os erros, e não fazer pré-julgamentos.

Entende-se, também, que essas espadas delineiam a figura dos raios da luz da verdade, e a significação fiel dessa evidência é que eles ainda ofuscam a visão intelectual do Aprendiz, porque ainda não está preparado, por sólida instrução, para a sua acepção na proporção adequada.

O que é, para que serve e onde se encontra a Escada de Jacó

> *Partiu, pois, Jacó de Beer-Seba e se foi em direção a Harã, e chegou a um lugar onde passou a noite, porque o sol já se havia posto; e, tomando uma das pedras do lugar e pondo-a debaixo da cabeça, deitou-se ali para dormir. Então sonhou: estava posta sobre a terra uma escada, cujo topo chegava ao céu; e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela.*[172]

A Escada de Jacó, pois, é aquela vista em sonho, por ele mesmo, que estabelece um itinerário, em aclive, de ligação entre o Céu e a Terra. Os anjos, pela subida e descida, evidenciam serem os mensageiros dos pedidos formulados, em oração, pelo gênero humano, e, ao mesmo tempo, a ação de comunicar os desígnios de Deus e a verdade que envolvem a humanidade.

A alegoria, portanto, demostra o caminho para a perfeição e que só poderá chegar até a morada de Deus aquele que obtiver a elevação gradativa (de degrau por degrau) na escada da vida. É encontrada no painel do Grau de alguns Rituais indicando que o Aprendiz colocou o pé no primeiro degrau da escada, iniciando sua evolução mental e espiritual. Outra interpretação a respeito da visão de Jacó, de que os anjos de Deus subiam e desciam por ela, é o testemunho dos ciclos evolutivos e de involução da vida, num perpétuo fluxo e refluxo, através dos sucessivos nascimentos e mortes.

---

[172] Ibid. Gênesis 28:10.12.

O que estava escrito no pedestal da Esfinge Tetramorfa

De acordo com os ensinamentos de Jules Boucher, no pedestal da Esfinge Tetramorfa estava escrito: **Saber**, com a inteligência de um homem; **Querer**, com o ardor de um leão; **Ousar**, com a audácia de uma águia; **Calar**, com a força de um touro.

Sobre esses princípios ou ensinamentos da pirâmide da consciência, o mesmo autor leciona o seguinte:

> *Ao sair do Templo, estará ele (Recipiendário) verdadeiramente de posse desse novo nascimento simbólico? Só o Recipiendário é capaz de responder a essa pergunta, porque só ele é capaz de "querer" sinceramente que isso ocorra.*
> *Que ele se lembre então da divisa inscrita, nas Iniciações antigas, sobre o pedestal de granito que sustentava a Esfinge tetramorfa, de garras de Leão, asas de Águia, corpo de Touro e rosto de Homem, divisa que deve ser — como foi, outrora, para os perfeitos Iniciados: os verdadeiros alquimistas e os grandes Rosa-Cruzes do século.*
> *XVII – a divisa perfeita do Maçom:*
> *Saber, Querer, Ousar, e Calar-se.*
> *Saber com inteligência (Homem); Querer com ardor (Leão); Ousar com audácia (Águia); Calar-se com força (Touro).*
> *Só por um ato absoluto e entusiasmado de sua vontade é que o profano de ontem se transformará num "nascido duas vezes", isto é, o Espírito pelo qual uma nova Vida irá desenrolar os pomposos ciclos de seus esplendores espirituais.*
> *Será preciso, então, uma grande simplicidade. Lembremo-nos das palavras de Jesus, referidas por São Mateus (XVIII, 1 a 6):*
> *"Na verdade eu vos digo que, se não mudardes e não vos tornardes como crianças não entrareis no reino dos céus. Aquele que se fizer humilde como esta criança é o maior no reino dos céus.*[173]

Qual o motivo que induz o filósofo a elaborar tal indagação, para efeito de pôr em prática esse princípio que se inclui na base do sistema Maçônico?

Em verdade, quando o homem atinge o conhecimento, sabe o que quer. E quando compreende a si mesmo, pode ter a percepção do senti-

[173] Loc. cit. 34. p. 60.

do do que conhecemos por Deus e em outras locuções: *Pai, Senhor, Todo-Poderoso, Misericordioso, Supremo.*

Logo, as quatro palavras inscritas no pedestal da Esfinge Tetramorfa estabelecem o elo entre aquilo que se identifica com o plano da matéria, do atendimento ao corpo físico e emocional, que se constituem nos prazeres, do *Ser Natural*, com o *Ser* sublime, celestial, enfim, ao que pertence o espírito. Assim, gradualmente, o Maçom supera essas regras que ocupam lugar menos elevado e se transforma preparado para a tendência ao aperfeiçoamento. No decurso dessa superação e pela transformação, combate, trabalha, padece, remite-se dos tributos a Deus, mas o seu *Eu Sou* começa a brilhar, e dessa iluminação reflete em seu ânimo, no estímulo que fica cada vez maior, instruindo-o progressivamente porque está criando, em seu âmago, a imagem e semelhança de Deus, nele.

Consequentemente, essa prática auxilia o Homem em sua evolução.

O que significam as três viagens iniciatórias

As três viagens iniciatórias apresentam as seguintes alegorias:

Primeira Viagem

(...) representa o segundo elemento, o AR, com os seus meteoros e contínuas flutuações, é o emblema da vida, sujeita a contraditórias variações.
O AR é o símbolo da vitalidade ou da vida; é um emblema natural e próprio da vida humana, com as suas correntes, agitações e estagnações, o seu cansaço e energias, as suas tempestades e calmarias e as suas perturbações e equilíbrios elétricos.[174]

Ou

(...) é a representação da vida humana envolvida no tumulto das paixões, no entrechoque dos interesses diversos, nos obstáculos que se opõem, a cada passo, aos nossos anseios de progresso material e espiritual.[175]

---

[174] Loc. cit. 42. p. 125.
[175] Loc. cit. 29. p. 231.

Segunda Viagem

A Água (...) é uma imagem do vasto oceano (...) símbolo do povo, a cujo serviço dedicam-se os verdadeiros Maçons. Inerte na calmaria, ele é agitado e revolto pelo maior movimento que lhe dão os ventos. Açoitado pela tempestade, as suas vastas ondas vêm atirar-se de encontro às praias.
A sua instabilidade e a sua fúria retratam bem os caprichos vários e as vinganças cruéis de um povo desordenado. As suas correntes são como as da opinião popular, de que as nações são partes (...).[176]

Ou

Destina-se a tornar sensível aos vossos espíritos o efeito da constância em seguir o caminho da virtude. Os tinidos de armas, que se fizeram ouvir, simbolizam os combates que o homem virtuoso deve sustentar, continuamente, no transcorrer de toda a sua existência, para triunfar dos ataques do vício.[177]

Terceira Viagem

O candidato passa *pela prova do Fogo, o último modo de purificação simbólica.*

Purificado pela Água e pelo Fogo, estais simbolicamente limpo de qualquer nódoa do vício.
O Fogo, cujas chamas sempre simbolizaram aspiração, fervor e zelo, vos lembrará que deveis aspirar a excelência e a verdadeira glória e trabalhar com dedicação pelas causas em que vos empenhardes, principalmente as do povo, da Pátria, da Ordem.[178]

Ou

(...) simboliza o ápice da transformação do homem comum em iniciado, aguçando mais os seus sentidos, pois o total silêncio o conduz a uma consciente reflexão,

[176] Loc. cit. 42. p. 127 e 128.
[177] Loc. cit. 29. p. 233.
[178] Loc. cit. 42. p. 129 e 130.

preparando-o para melhor apreensão de ensinamentos mais profundos e elevados, enriquecedores de seu cabedal de conhecimentos, que propiciam o reforço de suas convicções e o fortalecimento de seu estado de espírito, proporcionando-lhe a indispensável segurança para superar, com serenidade, as adversidades da vida e buscar, com perseverança e fé, o aprimoramento imprescindível para a constante evolução espiritual.[179]

Como se vê, as viagens, excetuando a visão, aguçam e tornam mais animados outros sentidos dando, a percepção de que a vida humana traz em si mudanças sob vários pontos de vista: a 1.ª viagem, como emblema da vida, demonstra que o indivíduo está sempre envolvido no tumulto das paixões, sujeito a contraditórias variações, perturbações e estágios de equilíbrio; a 2.ª viagem representa os combates que o homem virtuoso deve sustentar para triunfar sobre os ataques do vício, e a importância de persistir no caminho da virtude; a 3.ª viagem simboliza a sensibilidade do neófito, relacionada ao que provém de Deus, o espírito, o qual põe no coração o verdadeiro amor ao semelhante e que a persistência pelo caminho do justo leva-o a purificação. A terceira viagem é concluída no mais absoluto silêncio, mostrando o estado de paz e tranquilidade resultante da ordem e moderação das paixões do homem que atinge a idade da maturidade e da fé, que acende o entusiasmo para que atue em harmonia com o plano do G.A.D.U.

Exige, pois, a conclusão do trabalho, na essência do neófito, baseado na disciplina necessária para adquirir aumento na habilidade de ouvir, de refletir e de meditar, para se inserir nessa graça de aprender a agir sobre si mesmo.

As três viagens pressupõem a representação mental de percorrer na vereda em busca da luz, do conhecimento, da palavra do Mestre.

---

[179] Loc. cit. 29. p. 236.

A Câmara de Reflexões e as sucessivas provas e o seu simbolismo

O ideal é que, no dia designado para a iniciação, o padrinho busque o candidato em sua casa, e no local previamente ajustado com o Terrível, e representando tenha ocorrido o encontro de maneira casual, deixa-o sob os seus cuidados, o que o conduzirá vendado, ao qual, cegamente, deverá depositar total confiança.

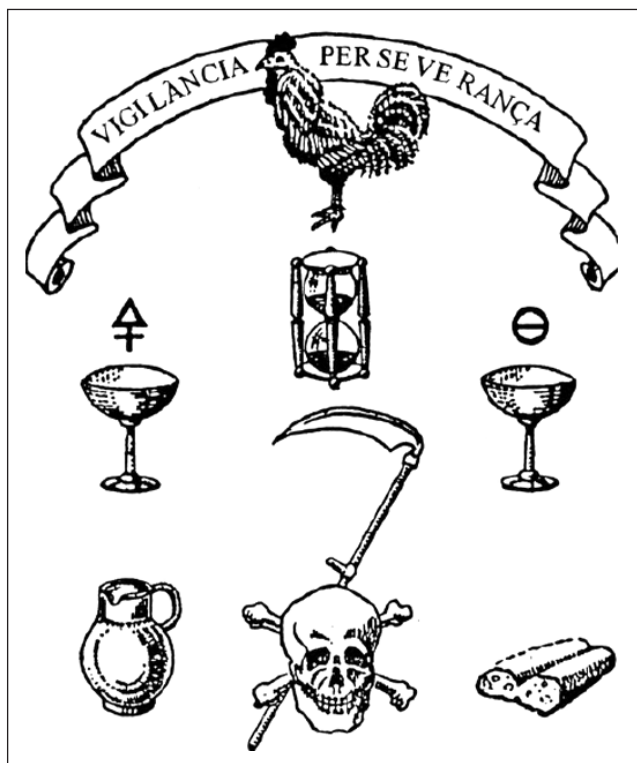
O Terrível fará o passeio e a demonstração do que pode ocorrer com os perjuros, e depois de prestadas as informações necessárias, o introduzirá na Câmara de Reflexões. Trata-se de reduto, secreto e lúgubre, rodeado de desenhos e objetos que inspiram o candidato à reflexão e a querer saber o significado dessas coisas.

Nas paredes estão assentadas sentenças como as seguintes:

Se tens medo, não vás adiante.
Se a curiosidade aqui te conduz, retira-te.
Se fores dissimulado, aqui serás descoberto.
Se queres empregar bem a tua vida, pensa na morte.
Se tens apego pelas paixões e distinções mundanas, retira-te, pois aqui não as conhecemos.
Se receias que descubram os teus defeitos, não estarás bem entre nós.[180]

A sigla V.I.T.R.I.O.L. estampada na parede, que na grafia original, em latim, expressa o processo de transformação relacionado a *Visita Interiora Terrae Rectificandoque, Invenies Ocultum Lapidem,* que na literalidade se traduz: visita o interior da terra e, retificando, encontrarás a pedra bruta, sugere ao candidato que torne efetivas as prescrições da frase gravada no oráculo de Delfos: *conhece-te a ti mesmo*.

A partir disso, depara-se o candidato com os demais símbolos da Câmara de Reflexões, relacionados ao hermetismo do Grau, que aparecem pintados na parede ou colocados numa pequena mesa, dentre os quais destacam-se:

[180] Ibid. p. 157.

A postura do galo, junto e bem próximo, ou que se confunde com a proposição *vigilância e perseverança*, ambas sugerem o dever de estar sempre atento: para com o perigo que oferecem os tiranos, os déspotas e os usurpadores do poder; para combater, sem medir esforços, esses inimigos da humanidade que são a própria ignorância e o erro; para se opor às superstições e aos preconceitos que conservam alijados os espíritos e as consciências de grande parte de nossos semelhantes. Ele noticia, portanto, a vitória da luz sobre as trevas. E o vigor que ele demonstra possuir traduz a superioridade da inteligência sobre os instintos.

A ampulheta ensina como medir o tempo e as ações. Demonstra a necessidade de rapidez nas decisões, associada ao dever de ser prudente no modo de proceder. Alerta que ninguém é detido em seus passos ante o tempo e o espaço, e que a morte não manda aviso quanto à hora da sua chegada.

As taças, uma contendo enxofre e a outra o sal, representam dois princípios herméticos: o espírito e a sabedoria, respectivamente.

O enxofre, além de um elemento químico, é um símbolo alquímico, representando o princípio essencial dos corpos, a força pela qual as moléculas se combinam, dando origem às formas, representa, ainda, espírito ou força vital.

O sal é outro símbolo alquímico; representa os minerais, entre os elementos que compõem o corpo do homem. É um símbolo de equilíbrio e permanência, representando a sabedoria oriunda da ciência.

Para o hermetismo, o galo é o símbolo do mercúrio e este reunido ao sal e ao enxofre formam a tríade de princípios encontrados em todos os corpos.

> *A pedra filosofal é um sal perfeitamente purificado, que coagula o mercúrio a fim de fixá-lo em um enxofre extremamente ativo. Esta fórmula sintética resume a Grande Obra em três operações, que são: a purificação do sal, a coagulação do mercúrio e a fixação do enxofre.*[181]

A bilha ou jarro com água é o símbolo de purificação, de transformação, e, sendo um elemento abundante e essencial nos seres, representa a vida ou energia vital, por extensão à alma.

O pão representa a fraternidade, a beneficência e a partilha das posses, o comedimento e a alimento espiritual e físico, essenciais para o equilíbrio do ser humano.

O recipiendário encontra, também, um tinteiro, uma caneta e folhas de papel, elementos que representam a memória, nas quais estão escritas as questões que têm o dever de responder: Quais são os deveres do homem para com Deus; para com a Humanidade; para com a Pátria; para com a Família; e para consigo mesmo? Além dessas questões, há um testamento filosófico que deve respondê-lo livremente.

O testamento é moral e filosófico. Portanto, diferente do testamento civil, que é uma preparação para a morte e se refere à ordem de bens após o fato. Trata-se, isto sim, de uma afirmação de novos princípios, relacionados à filosofia, segundo os quais o candidato deverá se transfor-

[181] Oswald Wirth. *O Simbolismo Hermético.*

mar e adquirir uma personalidade melhor. Evidentemente, as suas respostas darão as dimensões pelas quais poderão ser julgados seus propósitos.

O procedimento, fundamentalmente, é o testemunho ou reconhecimento dos deveres da relação construtiva consigo mesmo: retidão, decisão e discernimento.

Por meio do testamento escrito, como emblema da morte, o recipiendário é chamado a se converter a fim de executar uma nova condição de vida, através da qual, simultânea e gradativamente, deverá compreender melhor a relação que detém com todas as coisas, ou seja, com mais verdade, conhecimento, ciência, instrução e saber. Com efeito, é convidado a se preparar para prosseguir nas suas intenções filosóficas, com aptidão para as viagens sucessivas que o esperam.

A vela é o único objeto que ilumina a Câmara de Reflexões, isto é, o íntimo do próprio candidato, e simboliza a chama da razão que lhe dá a esperança de um novo meio de ação, e que não faz ideia do que seja, mas no decurso do processo iniciático haverá de descobrir.

Finalmente, a caveira lembra o que somos e o que seremos – *Lembra-te, homem, que és pó e em pó hás de tornar*.[182]

A fim de aquilatar as qualidades morais e intelectuais do recipiendário, a Maçonaria vale-se das provas definidas e ministradas desde os primórdios da civilização, conforme segue:

I – Da Terra, Água, Ar e Fogo – O Rito Escocês Antigo e Aceito põe em prática as quatro viagens através dos quatro elementos.

Cada viagem representa um novo estado de consciência, um período distinto e uma nova etapa de progresso.

A primeira prova, no entanto, é a passagem pela terra, símbolo do domínio subterrâneo onde se desenvolve a germinação da semente. O que na realidade é a entrada que leva a Câmara de Reflexões; a Caverna; a Porta do Templo. Ao sair do Templo, deduz-se já ter transitado e acessado um novo lugar, que gera uma mudança interior.

A primeira viagem representa o ar, a vitalidade, o fôlego, a respiração e o oxigênio, que nutrem a vida. As suas correntes, tempestades, obstáculos representam o progresso de um povo; é o seu avanço coletivo e sua estabilidade.

---

[182] Loc. cit. 8. Gênesis 3:19.

A segunda viagem é a passagem pela água, imagem do vasto oceano. A purificação pela água simboliza a superação do segundo estágio do desenvolvimento interior, o intelectual, tão imprescindível ao homem na busca da verdade. É a libertação do espírito de suas arestas e imperfeições.

A terceira viagem simboliza o último modo de purificação simbólica, a prova do fogo. Ele lembra a necessidade de aspirar a verdade, de ser fiel às metas e aos propósitos, e de trabalhar para a consecução do ideal maçônico. O neófito, depois de mostrar evidências de sua coragem, perseverança e sinceridade nas suas afirmações, sinalizou que atuará para progresso pessoal e da humanidade, ao plano do G.A.D.U.

A Maçonaria Adonhiramita explica que a iniciação gira em torno dos quatro elementos: terra, ar, água e fogo, que o candidato deve dominar.

II – Da Traição – na Maçonaria Adonhiramita, o candidato passa pela *Cena da Traição*. A cerimônia consiste na proposição do traidor em livrar o neófito dos perigos da iniciação e a oportunidade de saber alguns dos principais segredos da Maçonaria, em troca de valores em pecúnia. A cerimônia é conjugada com outra, que vem acontecer depois, encenando uma proporção harmônica na ritualística, tendo ensinamentos quanto à integridade de caráter; honestidade em dirigir os atos, assim como nas convenções com outras pessoas; sinceridade ao afirmar; e fidelidade nas realizações para atingir metas e propósitos. É, portanto, um cerimonial impressionante, de intensa beleza, e de uma dramaticidade que se constitui na intenção de transmitir valores morais e éticos, como especificado antes, e também o quanto é abominável a pessoa de convicções falsas.

Obviamente, na hipótese de o candidato aceitar a proposta do traidor, o alijaria para sempre da possibilidade de ser um dos Obreiros na Maçonaria.

Nas demais provas, tanto no Rito Escocês Antigo e Aceito quanto na Maçonaria Adonhiramita, salvo algumas peculiaridades, todas têm a mesma grandeza.

III – A Coragem – O simbolismo dessa passagem é muito sugestivo. De olhos vendados, o Neófito anda para o desconhecido, ansioso por

melhorar a sua situação e ampliar seus conhecimentos, seguro de que não está abandonado na trilha iniciada, pois sente junto de si o Irmão Guia, ainda que desconhecido, mas nele confia plena e totalmente. É assim que agem os Maçons; embora não conheçam um Irmão, tão logo identificado, prestam-lhe o mais decidido apoio e o conduzem ao porto seguro, discretamente.

IV – A Verdade – A ponta de uma espada sobre o coração é o símbolo da verdade, a qual, por intermédio da intuição, se manifesta diretamente no íntimo do ser do candidato, porque, ao ingressar no Templo, se encontra num estado de devoção receptiva e afastado das influências exteriores, como também de olhos fechados ao mundo profano. Embora não vê, sente, se bem que não sabe explicar o porquê e a razão dos acontecimentos, percebe intuitivamente algo que reconhece como Verdade, que se manifesta em sua consciência nessa forma repentina e violenta da qual a ponta da espada sobre o seu peito constitui o símbolo do remorso que perseguirá o neófito se for traidor à sociedade a que passou a pertencer.

V – A Taça Sagrada – É fatal aos perjuros. Relembra as vicissitudes da fortuna, que muitas vezes convertem as doçuras da alegria em amargores de tristezas, ensinando que o Maçom deve afrontar com resignação os revezes, sendo forte contra as provações, tomando por obrigação estar sempre em condições de levar consolo aos que sofrem.

VI – A Purificação – Estando o Neófito nas trevas e desejando ver a luz, passa pelas chamas da purificação para que o fogo material se acenda para sempre em seu coração. Simboliza o espírito ou alma e que a consciência, persistindo pelo caminho justo, leva à purificação e que a Ordem confia ter acendido no coração do neófito o verdadeiro amor aos seus semelhantes.

VII – A Solidariedade – Para dar uma prova tangível de suas boas intenções, o Neófito é convidado a ofertar, voluntariamente, algo em socorro dos infelizes e necessitados, com o que manifesta e reconhece seu dever de solidariedade para com aqueles sem recursos e de meios suficientes para viver. O maçom não pode ser egoísta e ignorar suas relações e deveres para o bem comum.

Por que os Aprendizes trabalham do meio-dia à meia-noite

O caráter alegórico dessa proposição afirmativa é daqueles que atingem o maior grau do imaginário porque há pessoas que têm bom rendimento nos estudos e trabalho na primeira parte do dia, são matutinas; e outras que trabalham e estudam melhor à tarde ou mesmo à noite são vespertinas. Conclui-se daí que, cada parte do dia, sobre o indivíduo, distintivamente, possui influência real.

Desconsiderando a censura precedente, observe-se que a ideia principal é de que os trabalhos começam ao meio-dia, porquanto é o horário em que o Sol brilha com toda a sua força no Templo.

A palavra *meio-dia* simboliza, na tradição bíblica, a luz em sua plenitude. Veja-se:

> *E ele fará sobressair a tua justiça como a luz, e o teu direito como o meio-dia.*[183]
> *Dá conselhos, executa juízo; põe a tua sombra como a noite ao pino do meio-dia; esconde os desterrados, e não traias o fugitivo.*[184]
> *Ao meio-dia, ó rei, vi no caminho uma luz do céu, que excedia o esplendor do sol, resplandecendo em torno de mim e dos que iam comigo.*[185]

Atente-se que os Aprendizes são colocados na Coluna do Norte, a parte do Templo menos iluminada, motivo por que precisam ser esclarecidos. À vista disso, indispensável é observar que posicionados no Setentrião, na estrita e ordenada disposição do Painel do Grau, *eles recebem toda a luz da janela do Meio-Dia*.[186]

Assim, sob essa maneira de considerar ou de entender o assunto, especialmente quanto à posição dos Aprendizes e o seu provável movimento ascendente rumo à plena luz, Ragon ensina:

---

[183] Ibid. Salmos 37:6.

[184] Id. Isaías 16:3.

[185] Id. Atos 26:13.

[186] Loc. cit. 34. p. 173.

A explicação corrente, apenas aceitável para um homem que tem espírito crítico, é que o homem aprende durante a primeira parte de sua vida e é somente quando chega ao meio-dia de sua existência que ele se torna útil à comunidade. Mas então, meia-noite corresponde à morte, as horas antes do meio-dia são visivelmente mais fecundas e úteis que os anos enfraquecidos da velhice.[187]

Naturalmente, as opiniões divergem sobre esse tema. Nicola Aslan emitiu juízo acerca da matéria nos seguintes termos:

Sem dúvida, em certo período de sua história, a Maçonaria recebeu forte contribuição de elementos místicos e ocultistas. Não estranha, pois, que os seus Rituais contenham palavras e frases que se estratificam, permanecendo como legado daquele período, mas que só podem ser explicadas logicamente quando interpretadas através das ciências ocultas, de que tanto se utilizaram os maçons dos séculos XVIII e XIX.[188]

Muito antes dos séculos referidos, a escola de Zoroastro considerava a metade do dia, de *meia-noite ao meio-dia*, como o período em que o ar é ativo. E do *meio-dia à meia-noite* como período em que o ar é passivo. O último ciclo, em sendo o mais indicado para o desenvolvimento intelectual e espiritual, é a razão por que o citado ramo do saber, bem como a Maçonaria, por conta dessa particularidade, resolveu determinar aos seus obreiros, simbolicamente, a trabalharem do *meio-dia à meia-noite*.

Em conformidade com a mencionada doutrina, pode-se deduzir que há dois ciclos energéticos nas vinte e quatro horas do dia, considerados diferentes como unidade de medida de tempo. De maneira que, na sucessão das horas definidas entre a *meia-noite ao meio-dia* é o ciclo de restauração energética ou de recuperação de energia. E, no tempo determinado entre o *meio-dia à meia-noite* é o período em que a energia está restaurada, isto é, há que se aproveitar toda a energia. São os motivos pelos quais, neste último horário, com a energia recuperada, o trabalho tem resultado mais proveitoso.

---

[187] Ragon. *Da Maçonaria Oculta e da Iniciação Hermética*.

[188] Nicola Aslan. *Estudos Maçônicos sobre Simbolismo*. 1978.

Mediante a compreensão dessa alternância energética, à medida que a sua geração cresce com a influência subjetiva do Sol, assinala que do *meio-dia à meia-noite* é o período mais indicado para o estudo e o desenvolvimento intelectual e espiritual. Aliás, é com base nesse raciocínio que vários estudiosos de Zaratustra ou da escola do Zoroastrismo assim assentam essa concepção.

Por fim, é construtivo ressaltar que ao *meio-dia* é o instante em que o Sol se encontra no ápice de sua elevação, na linha perpendicular, ou é quando está a pino e, por esse efeito, os objetos e, em especial, as pessoas não fazem sombra. De maneira que é o momento da mais absoluta igualdade, pois ninguém faz sombra a ninguém.

Por outro lado, ao *meio-dia* o sol irradia o máximo de luz, e o homem de pé recebe toda a iluminação. Assim, estando em processo evolutivo quanto ao conhecimento e aperfeiçoamento, no decorrer das horas, até a *meia-noite*, poderá resplandecer e, por decorrência, propagar essa luz ou saber aos semelhantes, em qualquer circunstância que precisarem.

O significado da Pedra Bruta

Antigamente, nas edificações, os construtores utilizavam a pedra trabalhada para que as obras ficassem mais sólidas e com melhor acabamento. O desbaste da *Pedra Bruta* visava a um padrão para que normalmente se encaixasse nas outras, de acordo com o projeto arquitetônico. Com essa finalidade, os pedreiros utilizavam três elementos: a pedra em si, o malho e o cinzel, igual à alegoria do Aprendiz[189], tal como consta dos Rituais.

A pedra em seu estado bruto, por óbvio, está tosca, imperfeita, precisando ser lapidada. Analogicamente, esse trabalho de aperfeiçoamento, em geral, impõe-se ao ser humano. De forma imaginária, qualquer massa sólida de pedra pode esconder um belo cubo perfeito, mas, para conseguir isso há que se extrair os excessos, agindo com energia a fim de polir a maciça pedra.

[189] Loc. cit. 29. p. 14 e Loc. cit. 42. p. 10.

Na hipótese, o Aprendiz, quando equiparado à *Pedra Bruta*, tem que aperfeiçoar a si próprio, servindo-se, respectivamente, do malho e do cinzel, instrumentos que representam os polos ativo e passivo da ação. Do ponto de vista intelectual, eles concorrem ao mesmo objetivo. O malho, emblema da lógica, é o símbolo da ação gerada da vontade. O cinzel é capaz de orientar e observar, e sabe discernir o que deve ser destruído e o que deve ser construído.

> *O malho é o símbolo da inteligência que age e persevera, que dirige o pensamento e anima a meditação daquele que, no silêncio de sua consciência, procura a verdade. Visto sob esse ângulo, ele é inseparável do cinzel, que representa o discernimento, sem cuja intervenção qualquer esforço seria inútil, senão perigoso.*[190]
> *Dois instrumentos são inseparáveis para talhar a pedra bruta. O primeiro representa as soluções aprisionadas em nosso espírito: é o cinzel de aço, que é aplicado sobre a pedra, seguro pela mão esquerda, lado passivo, que corresponde à receptividade intelectual, ao discernimento especulativo. O outro representa a vontade que executa: é o malho, insígnia do comando, que a mão direita, o lado ativo, brande, e está relacionado com a energia que age e com a determinação moral, cujo resultado é a realização prática.*[191]

Presente essa ficção poética, da natural condição da *Pedra Bruta*, que representa o Aprendiz sem instrução, com sua rispidez de caráter, em razão da ignorância em que se encontra, e das paixões que o dominam, há de se confiar a forma e as dimensões da "arte" da Maçonaria, cujos fins devem penetrar no próprio pensamento do Iniciado, que o tornarão honroso e útil.

O significado da Pedra Bruta é, pois, a imagem do Aprendiz quando ingressa na Maçonaria. Por efeito, a sua tarefa consiste no estudo em que, na marcha gradativa, adquire conhecimento e segue em direção ao aperfeiçoamento. Designa, em outras palavras, o desbaste da *Pedra Bruta* até dar-lhe a forma de um cubo, ainda que imperfeito.

---

[190] Plantageneta. *Palestras de Iniciação para o Trabalho do Grau de Companheiro*. 1929. p. 123.

[191] Oswald Wirth. *O Livro do Companheiro*. 1931. p. 36.

O Cubo Perfeito

A iniciação Maçônica pretende evidenciar ao "ser natural", que é livre para pensar e descobrir a verdade, sem a dificuldade dos preconceitos, a fim de se tornar melhor. De modo que, quando o Maçom é admitido nos seus quadros, pela sua originalidade, e ele sabe bem que tem similaridade com uma pedra bruta, que há de ser trabalhada. Essa atividade de caráter intelectual é realizada com instrumentos adequados, para se converter, alegoricamente, em um cubo perfeito, capaz de se encaixar na estrutura do Templo do G.A.D.U.

Por sua vez, o cubo é um poliedro regular com seis faces quadradas, e a contar de seu acabamento perfeito pode ser utilizado na construção, sem qualquer preocupação, ou melhor, com plena tranquilidade, porque se entranha facilmente na obra.

Por isso que o Aprendiz deve mobilizar suas forças inclinadas pelas coisas da inteligência ou da moralidade para atingir o modelo do cubo perfeito, que representa a perfeição pessoal, obtida por meio da aplicação do espírito na pretensão de aprender, e, assim, conduzindo-se em estágios de graus de evolução com maior grandeza, comparado aos de caráter comum, razão por que o cubo perfeito representa o ideal do conjunto de todas as qualidades de aprimoramento humano.

Para o Aprendiz Maçom, o cubo perfeito é a sua obra-prima, porque à medida que ele desbasta a pedra bruta segue no seu aperfeiçoamento e, ao conseguir o polimento, com o seu trabalho, surge o hexaedro com as suas faces opostas, paralelas e congruentes e todo lustroso, simbolizando a sua alma harmoniosa, o homem instruído, capaz de dominar as paixões e eliminar os vícios, bem como ter mais aptidões para fazer novos progressos.

A interpretação das pancadas à porta do Templo no dia da iniciação

A porta, *de per si,* constitui o elemento fundamental de toda a construção arquitetônica. Assim, antes de o Venerável franquear o ingresso

no Templo ao candidato, ocorrem duas pancadas fortes que revelam uma mão inexperiente e, por isso, produzem alarme no interior do Templo. As pancadas relacionam-se com as palavras bíblicas: *buscai e achareis* (a verdade), *pedi e vos será dado* (a luz), *batei e abrir-se-vos-á* (a porta do Templo).[192] O Mestre de Cerimônias que conduz o neófito se faz sensível com a sua influência no caminho da verdade sem a qual seria impossível ao candidato preencher as condições que lhe são exigidas para sua admissão. De maneira que, quando é questionado como pode o candidato conceber a esperança de ser admitido nos augustos mistérios, vem a assertiva de que se trata de profano livre e de bons costumes. Livre de preconceitos, de erros, de vícios e das paixões que escravizam e arrastam para o mal. De bons costumes, por haver orientado sua vida pelo justo e ao mais elevado ideal da moral.

O Templo e qual a sua significação

Leia-se na Bíblia Sagrada, no Livro I Reis, 8:13 a 20.

13. Certamente te edifiquei uma casa para morada, assento para a tua eterna habitação. (...) 17. Ora, Davi, meu pai, propusera em seu coração edificar uma casa ao nome de Senhor, Deus de Israel. 18. Mas o Senhor disse a Davi, meu pai: Quanto ao teres proposto no teu coração o edificar casa ao meu nome, bem fizeste em o propor no teu coração. 19. Todavia, tu não edificarás a casa; porém teu filho, que sair de teus lombos, esse edificará a casa ao meu nome. 20. E o Senhor cumpriu a palavra que falou; porque me levantei em lugar de Davi, meu pai, e me assentei no trono de Israel, como falou o Senhor, e edifiquei uma casa, ao nome do Senhor, Deus de Israel.[193]

A rigor, Templo é a realização material de uma construção comunitária, de excepcional importância mística, onde o homem manifesta sua crença a forças sobrenaturais, por meio de doutrina ou ritual próprio, que envolvem preceitos morais e de reverência a Deus ou às coisas Sagradas.

---

[192] Loc. cit. 7. Mateus. 7:7.

[193] Ibid. 1. Reis 8:13.20.

A primeira concepção de Templo surgiu com o Tabernáculo, desmontável e portátil, mas que os Hebreus estabeleciam em locais próprios, para os fins antes mencionados. Mais tarde, foi substituído pelo Templo de Jerusalém, erigido no Monte Moriá.

Atualmente, está essencialmente relacionado e tem orientação com as Igrejas Cristãs. Sob a forma figurada, tem sua entrada voltada para o Ocidente, sob a ideia de que a sabedoria ou a Luz Inefável da Verdade vem do Oriente.

Templo Maçônico é o lugar onde se desenvolvem os trabalhos e em que se reúnem os Maçons em Loja. Em princípio, deve ser um lugar de recolhimento e silêncio; a obscuridade mais ou menos completa favorece a concentração do pensamento e sua elevação até o transcendente, para o que há de menos conhecido e mais misterioso.

O seu significado esotérico pode ser traduzido no ser humano ideal e perfeito, que deve ser edificado pelos construtores da espécie; os verdadeiros iniciados.

> *Não sabeis que sois o Templo de Deus e que o Espírito de Deus o destruirá; pois o Templo de Deus, que sois vós, é santo.*[194]

Na hipótese, essa construção é no íntimo da alma de todos, individualmente, iniciando pelas boas maneiras, com o desígnio e inclinação para a prática do bem, a fim de uma edificação alinhada e perfeitamente vertical, o que revela uma alta escala de valor.

> *O Templo humano guarda dentro de si profundas relações com o Universo. A diferença é que o homem representa um Templo vivo. Possui o homem a inteligência e a percepção que lhe capacitam conceber o mundo ao seu derredor, cria ele modelos abstratos; racionaliza a sua vivência; procura compreender os mecanismos e as leis que regem a vida e se interroga sobre os objetos e o sentimento de existir. O homem encerra em si um universo. É um microcosmo, reflexo do macrocosmo.*[195]

---

[194] Id. 1. Coríntios 3:16.17.

[195] Loc. cit. 9. p. 597.

O que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é igual ao que está embaixo,[196] *para realizar os milagres de uma única coisa.*
O que tem sido, isso é o que há de ser; e o que se tem feito, isso se tornará a fazer; nada há que seja novo debaixo do sol.[197]

Tanto na criação mental de ser o local da Casa de Deus, de culto, de assembleia, quanto no sentido de ser o íntimo humano, esse Templo místico é a imagem e representação do universo e de todas as maravilhas e perfeições da Criação, e que veio a ser como protótipo para ministrar ensinamentos para se viver em harmonia, paz e concórdia, e, especialmente, em permanente afeição da alma em estado de contemplação, de serenidade e sossego, através da qual se manifestam coisas maravilhosas que geram energias e vibrações construtivas, possibilitando, inclusive, a revelação Divina.

A denominação dos 4 (quatro) degraus do Templo do Oriente, que dão acesso ao Ocidente – e dos 3 (três) degraus do Altar do Venerável Mestre

O ensinamento da Maçonaria Adonhiramita preconiza que os degraus do Ocidente ao Oriente significam: Justiça, Prudência, Fortaleza e Temperança. A subida desses quatro degraus deve ser feita apoiando os dois pés em cada um deles o que demonstra a dificuldade íntima de chegar a uma conduta na plenitude da acepção das mencionadas virtudes.

Justiça é a verdade em ação. Estabelece relação a uma atitude construtiva, em defesa do direito natural. Como a retidão, constitui a base de todas as virtudes. Em outras palavras, justiça é dar a cada um o que lhe é devido, de acordo com sua capacidade, obras e méritos.

Prudência é associada com a sabedoria, introspecção e conhecimento. É a capacidade de discernir entre as ações maliciosas e as virtuosas. Ajuda o Aprendiz a escolher o momento certo de agir e a melhor forma de fazê-lo.

---

[196] Loc. cit. 18. p. 21.

[197] Loc. cit. 8. Eclesiastes. 1:9.

Fortaleza é a personificação da coragem e da disciplina. Coragem de ir contra aquilo que é injusto, bem como de ser bom e humilde. Aquele que disciplina sua mente está no caminho da Luz, porque não se sente preso aos vícios e aos menos importantes valores e padrões sociais.

Temperança significa o equilíbrio à ação. É a personificação da moderação e do comedimento. Ajuda ao não exagero e a não perder o vigor nas atitudes.

Em Loja, qualquer circulação do Ocidente para o Oriente exige que os Irmãos sigam o Mestre de Cerimônias, porque é o responsável pela correção dos trabalhos e, principalmente, pela influência ou força misteriosa que emana dos seres existentes no Templo.

E os três degraus para chegar ao Altar do Venerável Mestre são denominados: Fé, Esperança e Caridade. A lição é de que a Fé é a Sabedoria do Espírito, sem o qual o Maçom não levará nada a termo; a Esperança é a Força que traz a Luz ao Espírito, amparando-o e animando-o nas dificuldades encontradas no caminho da vida, e a Caridade é a Beleza que adorna o Espírito e o Coração bem formados, fazendo com que neles se abriguem os mais puros sentimentos humanos.

No Rito Escocês Antigo e Aceito a alegoria induz a atenção de forma que o Venerável Mestre tem assento em seu trono no Oriente. E, para chegar ao trono da "Sabedoria", o Maçom é obrigado a subir e passar os três degraus que simbolizam a pureza (de sentimento), a luz (da verdade), a verdade (cristalina) e, aí, recebe o "Verbo".

A partir dos três degraus do trono de Salomão, conjugando as doutrinas Escocesa e Adonhiramita, é possível deduzir que:

O degrau que simboliza a Pureza é associado à Fé, a qual é cultuada quando se está não infectado de todas as influências malignas, e num estado de conexão com o divino.

Sob a perspectiva da Luz, surge a Esperança de abrir a mente para uma mudança interior e se afastar das trevas da ignorância.

Chega-se até a Verdade somente com o aprimoramento interior. E desse aprendizado compreende-se que a Caridade não é tão somente o que efetivamente se faz para com os menos afortunados, mas, também, é a maior personificação do Amor Sagrado com o próximo e/ou a humanidade.

O que simbolizam os aplausos ao Neófito

O Neófito da Loja é carinhosamente aplaudido após o ato solene de reconhecimento e de felicitação por ter sido admitido como membro ativo, e proclamado Aprendiz Maçom.

Os aplausos são executados pelo número simbólico da bateria do Grau, porque delineia o início do ensino para a formação, e que a realização repetitiva de atos imprime a ideia de uma feição alegre e de consciência em relação aos chamados estados subjetivos, e, ao mesmo tempo, denota a excepcional consideração sufragada ao recipiendário. Em outras palavras, representam as efusivas demonstrações de boas-vindas, num ambiente de confiança e de paz aureolado por vibrações, entusiasmo e contentamento. O que servirá de estímulo para o exercício de sua missão na Maçonaria e no ambiente em que vive.

A cerimônia constitui-se no derradeiro ato litúrgico da Iniciação Maçônica.

Os aplausos, resumidamente, simbolizam a perseverança ou a persistência do Neófito em passar pelas provas a fim de ser recebido Maçom.

O Aprendiz só pode falar "Entre Colunas"

Na transmissão de valores espirituais, a Bíblia cuida do tema, por excelência, no plano da Palavra de Deus e no da Sabedoria:

A máxima bíblica está escrita no Livro de São João Evangelista:

No começo era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava, no começo, com Deus. Tudo era feito por ele e, sem ele, nada se fez de tudo o que foi feito. A Vida estava nele, e a vida era a luz dos homens, e a luz brilhava nas trevas, e as trevas não o receberam.[198]

Firmado está que a palavra sempre existiu em Deus, antes mesmo da criação do mundo. Através da Palavra de Deus tudo foi criado.

[198] Ibid. Evangelho Segundo São João 1:1.5.

Ao formular conceitos, os gregos lecionam que *o logos*, ou a palavra, *significou não só o enunciado, a frase, o discurso, mas também a razão, a inteligência, a ideia e o sentido profundo de um Ser, o próprio pensamento divino*.[199]

Para todas as crenças, presentemente, a palavra ainda simboliza a manifestação da inteligência na linguagem; ela é a verdade e a luz do *Ser* que pensa e que a revela. Isso em nada exclui a fé na realidade do Verbo Divino.

Por sua vez, o Aprendiz, simbolicamente, ainda infante e ignorante dos ensinamentos maçônicos, e mais, dominado pelas paixões da vida comum e carente de esclarecimentos, há que se submeter à Lei do Silêncio, entendida como um estágio de observação, e uma fórmula edificante de disciplina.

A Lei do Silêncio, na Maçonaria Adonhiramita, em obediência ao próprio Ritual, impõe ao Aprendiz que ele só pode falar "entre Colunas".

Veja-se que quando o Venerável Mestre atrai a atenção dos Vigilantes, tanto na Palavra Análoga à Instrução, quanto na palavra a bem da Ordem em geral e do Quadro em particular, para franqueá-la, emite o seguinte verbete:

> *{...} que a palavra {...} é franca aos Mestres Maçons que dela queiram fazer uso {...}.*[200]

Afirmativamente, está anunciando que só os Mestres estão autorizados a falar, e aos Aprendizes, assim como aos Companheiros, não lhes é permitida qualquer manifestação verbal em qualquer das citadas situações. Dessa forma, o Venerável Mestre está salvaguardando um dos mais antigos hábitos das escolas iniciáticas: o Silêncio do homem; que consiste em calar, ver, ouvir, observar, e voltado para si mesmo, para receber e refletir. Os outros sentidos devem dirigir a atenção a tudo que se passa, e a única ação que remanesce é procurar juntar todas as informações que lhe chegam ao cérebro, e tirar as conclusões

---

[199] Loc. cit. 7. p. 680.

[200] Loc. cit. 29. p. 119 e 122.

para que eleve a melhores aptidões, aprimorando o seu caráter e a se tornar mais sensato.

> *Quem fala muito pensa pouco, ligeira e superficialmente a Maçonaria quer que seus adeptos se façam melhores pensadores que faladores.*[201]

Por outro lado, essa tradição não é seguida nessa escala de valor pelo Rito Escocês Antigo e Aceito, uma vez que o entendimento quanto ao silêncio tem o sentido de que calar não se resume somente em nada dizer. Cuida sim, que essa prática é somente quanto aos mistérios da Maçonaria, devendo ser velados aos que não se encontram preparados para compreendê-los e, além disso, o silêncio assinala o progresso e o calar, por sua essência, dá indícios à regressão.

A condição se confirma de modo absoluto quando o Venerável Mestre volve a atenção do 1.º e 2.º Vigilantes para ordenar:

> *{...} anunciai em vossas Colunas assim como eu anuncio no Oriente que a palavra a bem da Ordem em geral e do Quadro em particular será concedida nas Colunas pelos Vigilantes, a qualquer dos Irmãos que dela queira fazer uso.*[202]

Como se vê, o verbete tem o significado que o direito à palavra é facultado, democraticamente, aos Mestres, incluindo os Companheiros e Aprendizes.

Feitas essas considerações quanto a essa acepção diferente, na Maçonaria Adonhiramita as possibilidades de estar ou ser conduzido "entre colunas" ocorre em várias hipóteses. No entanto, restritivamente aos Aprendizes e Companheiros, normalmente, seguem o Mestre de Cerimônias para assumirem essa postura quando:

a) Adentram a Loja atrasados.
b) Apresentam Peça de Arquitetura ou outro Trabalho.
c) Para se submeterem ao questionário para elevação de Grau.

---

[201] *Manual del Aprendiz,* Magister, Editora Kier, Buenos Aires.

[202] Loc. cit. 42. p. 76.

Nesses acontecimentos os Aprendizes e Companheiros, após as saudações, devem estar e se sentir à vontade, num campo neutro, e livre às críticas.

O Mestre, no entanto, afora quando chega atrasado em Loja, na Câmara do Meio já está "entre colunas", a do Norte e a do Sul. Dessa forma, não está obrigado a ser conduzido para se posicionar entre as Colunas "J" e "B".

Mas, pode solicitar ao Venerável o direito de ocupar a posição "entre colunas", "J" e "B", e esse direito sob nenhum pretexto lhe pode ser negado. Entretanto, a recíproca é verdadeira: nenhum Maçom pode se negar a ir àquela posição quando solicitado pela Loja.

Estando "entre colunas", é lícito ao Maçom falar aquilo que bem queira e entenda, porém deve estar cônscio da importância transcendental daquela condição em que está revestido e consequentemente da grande responsabilidade por tudo aquilo que disser ou fizer.

Se faltar com o decoro, a verdade, a moral, e não for justo, poderá ser cominado a penas das Leis Maçônicas. Portanto, deve falar com moderação, prudência e o devido equilíbrio em todas as suas emoções, e não poderá ser interrompido, nem submetido a limitação de tempo de permanência, inerente às circunstâncias em que se encontra, ou obedecer a quaisquer outras condições definidas por alguma das dignidades, ou até da própria Loja.

"Entre colunas" somente a verdade pode ser dita. Obedecido esse princípio, tudo o mais será uma decorrência.

É importante observar que há ainda pessoas que tomam a palavra e não conseguem concluir o assunto ou dar-lhe uma solução final. Admite-se, pois, que saber calar é a essência do bom convívio.

A razão pela qual os Aprendizes e Companheiros só podem falar nas situações antes indicadas, e "entre colunas", estão relacionadas a sua "juvenil idade" iniciática. Assim, por estar ainda na infância, o Aprendiz só fala sob os cuidados do seu Vigilante, e "entre colunas". Trata-se de um comportamento simbólico e tradicional desde a Constituição de Anderson, em seu item XIII, dos Regulamentos Gerais, segundo o qual *o Aprendiz não fala, a não ser que seja autorizado*.

Na cerimônia de Iniciação o Aprendiz é despojado dos metais

O Ritual estabelece que o Candidato se despoje materialmente dos metais.

Ou melhor, o Candidato, antes de adentrar na Câmara de Reflexão, dirige-se ao Tesoureiro, que receberá os metais correspondentes às taxas e o Experto, com a companhia daquele, convida-o para preparar-se e pede-lhe que recolha seu dinheiro em moeda e papel, relógio, corrente, anel, joias, óculos de aros metálicos, enfim, outros objetos dessa natureza ou tudo quanto seja de metal.

Os metais são colocados num recipiente apropriado, numa sacola, por exemplo, para que sejam devolvidos posteriormente.

Ser despojado dos metais é a enunciação que tem dois sentidos: o próprio e o simbólico.

Sob o aspecto restrito, é despojado de tudo que se define como metal, não podendo ficar ou portar qualquer desses elementos brilhantes. E, na acepção figurada, significa o abandono voluntário de todos os vícios e paixões.

Renúncia aos metais é a suposição de um empobrecimento espontâneo, porque essa é a condição, tal como se lê na Bíblia Sagrada:

> *Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! Pois é mais fácil um camelo passar pelo fundo duma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus.*[203]

Porquanto os ricos consideram-se permanentemente satisfeitos e muito apegados àquilo que possuem e, desses bens, jamais pensarão em se desfazer para passarem a se dedicar a um trabalho mais interessante, e começar na aquisição de valores mais efetivos.

> *Em verdade vos digo que se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, quem se tornar humilde como esta criança, esse é o maior no reino dos céus.*[204]

---

[203] Loc. cit. 8. Lucas 18:24.25.

[204] Ibid. Mateus 18:3.4.

Sob esse princípio bíblico, as antigas escolas iniciáticas atribuíram aos metais todas as perversões e, em contrapartida, tinham o firme e decidido empenho de ver o neófito regressar ao estado de candura, de inocência e de pureza; alegoricamente, o ponto de partida se dava pela renúncia aos metais.

Essa ficção sobre o metal lembra aquilo que é de natureza artificial, isto é, não pertencente à natureza original do homem, tendo em vista simbolizar o exagerado encarecimento gerado para os proveitos econômicos e, também, servir para a distinção de certos padrões sociais. O homem de boa formação ignora essas futilidades, inclusive, nesse momento, quanto aos metais, é privado da posse. No entanto, este *Ser* precisa estar ciente de que os metais são mero efeito do desejo imoderado, de atrair admiração, e, consecutivamente, a se dispor a reconquistar as virtudes primitivas.

Compreendida essa formulação de ideia, percebe-se que o estado de cândido trata-se de uma ignorância desejada e que é o começo do verdadeiro conhecimento. O despojamento dos metais, por analogia, faz alusão a esse empobrecimento intencional, e nessa condição o espírito, desembaraçado de todos os falsos bens, prepara-se para a aquisição de incontestáveis riquezas.

Assim, simbolicamente, ao adentrar no Templo, o candidato deverá estar despido de ambição, denotando desprendimento e abnegação desses valores, enfim, estar livre e isento de tudo aquilo que se relaciona com os bens materiais e com as vaidades da vida comum.

Caso contrário, sob essa concepção, seria considerado um estranho que ainda vive nas trevas, estando explicitamente dominado por esses menos essenciais padrões sociais e prazeres materiais, não prezados pela Maçonaria, que, do candidato, somente almeja a pureza de seu coração e o seu caráter franco e honesto.

Despojar-se dos metais, portanto, no plano natural, é a renúncia aos bens materiais e, ao mesmo tempo, se libertar dos pensamentos nefastos e das ideias preconcebidas, inclusive, das qualidades que envergonham, tais como os vícios, o orgulho, o preconceito, as paixões do intelecto, as crenças infundadas, a vaidade; enfim, tudo aquilo que contraria as virtudes.

Em tal circunstância, conjugada com o estado de candura, deve o candidato se convencer do seu estado de fraqueza, motivo pelo qual necessita e deve permitir a proteção e ajuda de um guia, experiente e amigo, que o conduza nos seus primeiros passos à procura da sabedoria e da paz interior.

O que representa o painel do aprendiz

O *Painel* da Loja de Aprendiz contém: instrumentos de trabalho, elementos individualizados do Grau, símbolos, alegorias, que retratam a essência e o resumo das lições ocultas, como se deduz, propagadas por meio de metáforas. Nos primeiros tempos exigiam dos iniciados a capacidade de entender esses ensinamentos esotéricos, "não explícitos", e a obrigação de ajuizar o seu sentido, tal como apresentados no referido painel. Presentemente, é diferente o modo de dar a conhecer, em razão de que, além da sua exibição no painel, sobre eles são aduzidos esclarecimentos, tanto nas instruções internas, quanto nas obras literárias, destinadas aos Maçons.

Mesmo nos dias atuais, é necessário muita dedicação e estudo, especificamente a obtenção de conhecimento e exercício. Sem pôr em ação aquilo que aparentemente parece ser o efeito do que foi aprendido, dificilmente se percebe ou se alcança o sentido desses símbolos.

Em outras palavras, as peças exibidas no painel são o resumo dos ensinamentos simbólicos do grau que o Aprendiz deve estudar e aprender.

Primeiramente, é preciso observar que o *Quadro* tem uma moldura formada por uma orla dentada, que se constitui num contorno realçado em formato triangular. Além disso, destacam-se nesse ornato os quatro pontos cardeais, inseridos em círculo, para indicar a orientação do Templo, quanto ao seu direcionamento.

O painel apresenta-se majestoso tendo em vista que contém considerável quantidade de alfaias e peças relacionadas ao Grau, algumas das quais já examinadas e desenvolvidas anteriormente, comportando, pois, os seguintes elementos simbólicos: Três Degraus – Porta do Templo – Delta Sagrado – Coluna J. *Jachin* e Coluna B. *Boaz* – Romãs – Esqua-

dro e Compasso – Prumo ou Perpendicular – Nível – Pedra Bruta – Pedra Cúbica – Prancha de Traçar – Malho e Cinzel – Sol – Lua – Janela de Grades Fixas – Corda de Sete Nós – Borlas – Pavimento de Mosaico – Estrelas.

Os **Três Degraus** têm o sentido de que a passagem do profano para o sagrado não ocorre sem a intervenção da vontade ou da inteligência, razão pela qual esses três degraus simbólicos são necessários para chegar até os instrumentos que resumem o saber e facilitam o acesso ao conhecer. Representam, também, os três anos de idade do aprendiz, as três primeiras artes: a gramática, a retórica e a lógica, e, por fim, sucessivamente, o plano físico ou material, o plano intermediário, chamado de plano astral, e o plano psíquico ou mental. Esses três planos correspondem à divisão ternária do ser humano em corpo, alma e espírito.

A **Porta do Templo** de modo imaginário deve ser com o pórtico baixo para que o neófito, ao ingressar no Templo, tenha que se curvar para perceber o quão difícil é a passagem do alheio aos conhecimentos Maçônicos para o plano da iniciação.

Delta é a quarta letra do alfabeto grego. Figura um triângulo equilátero. É o emblema da tríplice unidade, significando o Delta Maçônico, a Sabedoria Divina e a Presença de Deus. Contempla no seu centro o Olho Onividente, da providência ou que tudo vê.[205]

Coluna J (Jachin) e Coluna B (Boaz), situadas à entrada do Templo, representando as Colunas de Salomão. Em posição de leitura para o Venerável Mestre e liturgia da Maçonaria Adonhiramita, ao Sul, à esquerda, encontra-se a coluna do 1.º Vigilante, a coluna B, abreviatura de "Boaz", que significa "nEle está a força"; ao Norte, à direita encontra-se a coluna do 2.º Vigilante, a coluna J, a abreviatura de "Jachin", que significa "ele estabelecerá". No Rito Escocês Antigo e Aceito leia-se de forma inversa, sob os fundamentos expendidos no tema Palavra Sagrada, **à página 157**.

As **Romãs** maduras entreabertas simbolizam a perfeita união e fraternidade dos Maçons, com a mais absoluta liberdade e independência pessoal. O interior dessas frutas divide-se em cavidades, que

[205] *http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_grego*

contêm pequenos grãos que, ajeitados e dispostos simetricamente dentro do espaço limitado pela casca do fruto, são separados entre si pela delicada película que os envolve e os separa ao mesmo tempo, e, nem por isso, deixam, de ser todos iguais, ligados em harmonia pelo espírito e princípios maçônicos. A Romã simboliza a multiplicação e a União.

O **Esquadro** é símbolo de retidão, equidade, dever, justiça, lembrando ao Iniciado que deve sempre ter comportamento direito, correto, produtivo e sábio. O **Compasso** é o símbolo do espírito, do pensamento nas diversas formas de raciocínio, e também do relativo (círculo) dependente do ponto inicial (absoluto). É um símbolo de perfeição. O **Esquadro** sobre o **Compasso** representa a medida justa, que deve presidir todas as ações, as quais não podem se afastar da justiça e da retidão que seguem os atos de um verdadeiro iniciado. É o emblema da Maçonaria.

O **Prumo ou Perpendicular** figura como símbolo da pesquisa constante em busca da verdade e que indica o caminho aberto para acesso à *Câmara do Meio*. É tomado como emblema da retidão que caracteriza a conduta do Maçom.

O **Nível** é o símbolo da igualdade social genuína, base do direito natural, sem implicar o nivelamento dos padrões sociais aceitos. Lembra o dever de considerar as coisas com igual serenidade, representando o equilíbrio entre os extremos.

A **Pedra Bruta** é a imagem do Aprendiz que ainda ignora os ensinamentos maçônicos, e que está sem instrução, dominado pelas paixões da vida comum, sobre as quais deve triunfar.

A **Pedra Cúbica** é o objetivo do Aprendiz porque à medida que ele a desbasta segue no seu aperfeiçoamento e, ao conseguir o polimento, com o seu trabalho, surge o hexaedro com as suas faces opostas, paralelas e congruentes e todo lustroso, simbolizando a sua alma harmoniosa, o homem instruído, capaz de dominar as paixões e eliminar os vícios.

A **Prancheta da Loja** serve para o Mestre desenhar e traçar os projetos da obra. Simbolicamente, exprime o Mestre-Guia do Aprendiz com o trabalho nela indicado, conduzindo-o ao caminho a ser seguido para o aperfeiçoamento, para que possa fazer novos trabalhos e progredir na Maçonaria.

Malho e Cinzel são os instrumentos de trabalho do Aprendiz. No trabalho executado com ambos o ensinamento é de que a habilidade sem o emprego da razão é de pouco valor. Seria inútil que o espírito ou mente conceba e o cérebro projete, se a mão não estiver pronta para executar o trabalho.

O Malho simboliza a inteligência, a força dirigida e controlada. Significa a decisão com a qual se combatem as imperfeições. É o emblema do trabalho e da força material; ajuda a derrubar os obstáculos e a superar as dificuldades.

O Cinzel é o símbolo que aperfeiçoa. O instrumento indica que a educação e a perseverança são indispensáveis para chegar à perfeição e que a virtude só é alcançada pela precisão no desbaste das saliências e reentrâncias, que resultará na iluminação da inteligência e na purificação da alma. É o emblema da escultura, da arquitetura e das belas artes; seu uso seria quase nulo sem o concurso do Malho.

O **Sol** é o inesgotável manancial de vida e luz; é quem alimenta e sustenta todas as criaturas; é o centro do sistema solar. É, portanto, a chama, o fogo, o astro que ilumina o mundo. Para a Maçonaria, a luz é a do conhecimento, do esclarecimento mental e intelectual. Representa a ciência que nos esclarece e o fogo sagrado que deve aquecer a nossa alma.

A **Lua** é o reflexo do Sol. Representa o princípio ativo que recebe e reflete a luz. Ela se apresenta em seu quarto crescente, e, assim, indica ao Maçom o dever de aumentar o conhecimento que recebe. Também, na sua condição natural de refletir o brilho do Sol, indica ao Maçom, simbolicamente, o dever de retransmitir esse conhecimento adquirido e, em contrapartida, a docilidade que os ignorantes devem ter em receber a luz da instrução, que os outros lhe comunicam. Em sendo o princípio feminino, símbolo da mãe universal, que fertiliza todas as coisas, suas forças são de caráter magnético e, portanto, opostas às do Sol, que possuem caráter elétrico.

Ambos representam igualmente o antagonismo da natureza – dia e noite, afirmação e negação, o claro e o escuro – que, contraditoriamente, gera o equilíbrio, pela conciliação dos contrários.

As **Três Janelas de Grades Fixas** estão posicionadas no sentido da marcha do sol; e simbolizam as principais horas do dia, nascer, meridia-

no e pôr do sol. No Rito Escocês Antigo e Aceito representam em loja os três principais dirigentes. A primeira janela, ao nascer do sol, está posicionada no oriente, posição do Venerável Mestre, que tem o poder de abrir, dirigir e esclarecer a Loja nos seus trabalhos. A segunda janela encontra-se na coluna do meio-dia, onde tem acento o 2.º Vigilante, para melhor observar o sol no seu meridiano chamar os obreiros para o trabalho e mandá-los à recreação. A terceira janela encontra-se no pôr do sol, no ocidente, tal qual o 1.º Vigilante para fechar a loja, pagar os obreiros e despedi-los contentes e satisfeitos.

Em razão de que os trabalhos do Aprendiz começam ao meio-dia e terminam à meia-noite, ele tem assento na coluna do Norte, porque tem a necessidade de ser esclarecido; recebe, assim, toda luz da janela do Meio-Dia.

Na Maçonaria Adonhiramita de acordo com a orientação do Templo, que se abre de Leste para Oeste e tem sua porta de entrada no Ocidente, as janelas permitem uma iluminação gradual e respectiva receptividade, segundo a posição e a qualidade dos Maçons. Tanto é assim que os Aprendizes precisam ser iluminados, assentados no Setentrião, ao Norte, não podendo suportar maior claridade, recebem a Luz da janela Meridional, do Sul, de acordo com a marcha do Sol. A grade que protege essas aberturas também lembra que o trabalho dos Maçons deve ser subtraído à curiosidade profana, cujo olhar não pode penetrar no Templo.

A **Corda de Sete Nós** são os chamados laços de amor, e terminada por uma borla em cada extremidade. Lembram, também, os sete mestres necessários para o funcionamento da Loja. Esses nós entrelaçados são a imagem da união fraterna que liga todos os Maçons espalhados na face da Terra, sem distinção quanto as suas crenças e as suas condições socioeconômicas. Seu entrelaçamento simboliza também o segredo que deve rodear nossos mistérios.

O painel, portanto, além do seu emoldurado antes referido, próximo a este, contém um cordão ondulado contínuo amarrado nos quatro cantos, e com as suas duas **borlas** penduradas nas extremidades que o adornam.

Acerca das extremidades há duas interpretações: a primeira entende que a corda partida, no frontal da porta de entrada do templo, onde estão mantidas as borlas, simboliza que a Maçonaria está sempre aberta

para acolher novos adeptos que desejem receber a Luz; e a segunda tem a ideia de que não se trata de rompimento, mas significa que a Maçonaria é dinâmica e progressista, e, por conseguinte, está sempre aberta à novas ideias, que possam contribuir para a evolução do homem e o progresso da humanidade, razão pela qual os Maçons jamais deverão ter posições contrárias a novos projetos que têm por objetivo a destruição daquilo que é prejudicial ou a construção do que seja aprovado pela maioria e, presumivelmente, favorável.

O **Pavimento de Mosaico** é o formoso assoalho composto de quadrados alternados brancos e pretos, que, apesar da diversidade e do antagonismo de todas as coisas da natureza, demonstram que em tudo reside a mais perfeita harmonia. Suas quadrículas alternadas, que nele figuram, possuem muita riqueza em simbolismo, tal como o princípio da polaridade.

As **Estrelas** simbolizam a universalidade da Maçonaria e lembram que os Maçons, espalhados por todos os continentes, devem, como construtores sociais, distribuir a luz de seus conhecimentos.

Atente-se que o Painel do Grau de Aprendiz representa o caminho a ser trilhado que, por observação e trabalho, pode-se atingir a conquista da consciência de si mesmo. Aliás, o seu propósito é a progressão na *Grande Obra*, que se empreenderá ao entrar no seu *Templo*.

Os desenhos estampados no Painel estão em situação de superioridade em relação à palavra escrita, tendo em vista que, *de per si*, são esotéricos e não revelam, à pessoa alheia ao conhecimento Maçônico, a sua mensagem. É preciso ser Maçom para interpretar seu significado.

Conclui-se daí que o Painel do Aprendiz tem por objeto despertar nos Aprendizes o seu hermetismo, pois só a contar da concepção do simbolismo, de todos os instrumentos e alfaias individualizadas do Grau, é que estarão aptos ao aumento de salário, o que os converterá em bons Companheiros.

Assim, pela fé e pelo esforço, conseguiram dar forma à *Pedra Bruta*, a de um *Cubo*, símbolo da medida ideal para a construção do edifício. Na condição de Companheiros poderão dispensar o malho e o cinzel, e empunhar outros utensílios que, por consequência, os ajudarão a subir a escada misteriosa da hierarquia Maçônica.

O Painel do Grau de Aprendiz é o constante na página 70 do Ritual do 1.º Grau – Aprendiz Maçom – Rito Adonhiramita, de 2009, e na página 84 do Ritual do 1º Grau – Aprendiz Maçom – Rito Escocês Antigo e Aceito, de 2009.

Instrumentos que resumem o saber e facilitam o acesso ao conhecer

Manifestação do Orador na Iniciação

Prestando a devida atenção ao contexto da cerimônia da Iniciação, de boa parte da Liturgia se consegue perceber o seu significado; por consequência, o Orador fica em estado de constrangimento em se manifestar e prestar informações, além das já proferidas. Mas, é possível, sim, tecer outras considerações.

Primeiramente, importa asseverar: *o verdadeiro truque para a vida não é saber tudo, mas sim querer entender o mistério*.

O primeiro mistério, nessa particularidade, é o de que a Iniciação é de conteúdo obscuro, de difícil compreensão, de qualidade hermética, mas transforma o Iniciado e desperta nele aptidões para descobrir a verdade. A Iniciação, portanto, é a porta pela qual o candidato sai de um estado de vida e entra para a maior de todas as ciências, a do oculto.

No âmbito Maçônico, de modo quantitativo, nota-se com facilidade que não somos muitos; aliás, a própria **Bíblia Sagrada** ensina que *muitos são chamados, mas poucos escolhidos*.[206] Victor Hugo, escritor e poeta francês (26.2.1802 – 22.5.1885), advertiu que há os que – de modo distinto – buscam a fama; a fortuna; e o poder, e que são muitos. Mas que há uma outra categoria que está em busca incessante da verdade, que querem o saber e se aperfeiçoar, e que são poucos. É evidente que nessa classe incluem-se os presentes nessa Sessão.

Por outro lado, os Rituais, sem excluir os atuais, mas mais precisamente os antigos, cujo acesso é possível até pela internet, mostram que os métodos litúrgicos de transmissão dos conhecimentos iniciáticos, não eram e não o são de forma tão explícita ou com uma técnica de dirigir e orientar a aprendizagem claramente, são velados por metáforas ou alegorias, principalmente por símbolos.

Assim, o processo instrutivo, por meio de símbolos, torna a informação mais densa e a sua beleza está na infinita variedade de modos de interpretação e na suposição de que pode ser entendida por qualquer pessoa em qualquer tempo e, por isso, sob o aspecto cultural, ela se adapta a diferentes épocas.

Os símbolos, a fim de representar ideias abstratas, na verdade, foram criados pelos sumérios e babilônicos.[207] A filosofia, o hermetismo e o conteúdo litúrgico da Maçonaria têm origem nas antigas Fraterni-

[206] Loc. cit. 8. Mateus. 22:14.

[207] Loc. cit. 5.

dades Iniciáticas[208] e recebeu essa tradição simbólica, com maior aproximação, das Escolas do Egito e das Pitagóricas,[209] a qual é transmitida até hoje aos seus Iniciados.

Nas Escolas Pitagóricas, por exemplo, os candidatos à iniciação eram selecionados por meio de provas, nas quais eram avaliadas determinadas virtudes e atributos, tais como: coragem, lealdade, inteligência, predisposição à prática do bem, bons antecedentes, bons costumes, capacidade de entender esses ensinamentos esotéricos e simbólicos.[210]

À época presente, no entanto, não mais existe esse rigor quanto à avalição dos candidatos. Do mesmo modo, pelo fato de haver consecutivamente publicações de periódicos e livros que interpretam e comentam as enunciações correlatas às práticas consagradas nos cerimoniais, as instruções são transmitidas com a mesma técnica de dirigir e orientar os ensinamentos nas escolas e universidades, ou seja, as interpretações dos encarregados de ministrar a instrução são expostas verbalmente em toda sua transparência e intensidade.

Lembradas essas realidades de caráter histórico, observe-se que na dramatização da cerimônia de iniciação encontramos elementos valiosos para o crescimento espiritual. Nesse instante, ele já pode ocorrer se ativarmos o sentido da visão, e logo verificaremos que o Templo Maçônico é feito para representar o Macrocosmo, o "Universo"; comprovando isso há a representação do Sol, da Lua, Constelações e Planetas; e o

---

208 As Fraternidades Iniciáticas da antiguidade, conhecidas na História, são em grande número; as principais são: os mistérios do Egito, na grande pirâmide de Quéops e nos vários centros iniciáticos, como Saís, Busíris, Bubástis, Papremes, Ombos, Abidos; os mistérios de Elêusis, na Grécia; os mistérios Órficos, também na Grécia; os mistérios de Mitra, em Roma; os mistérios do druidismo, do povo celta, na Gália e Irlanda; os mistérios dos Essênios, próximos de Jerusalém; as fraternidades gnósticas; a corrente esotérica do Shingon budista, das palavras secretas, denominadas mantras, e da Yoga dos três mistérios; a Ordem dos Drusos, entre o Líbano, a Síria e Israel; a tradição da Cabala Hebraica, movimento esotérico dentro do Judaísmo, que pode ter dado origem ao próprio judaísmo; a confraria dos dervixes dançarinos do Sufismo, o esoterismo árabe; a corrente mística dos cátaros, o esoterismo dentro do Cristianismo; o esoterismo da escola pitagórica de Crotona; os mistérios da Ordem dos Templários; os mistérios da Ordem da Rosacruz Primitiva; A franco-maçonaria, que dizem ser herdeira da sabedoria iniciática do Templo de Salomão e Hiram Abiff.

209 Rituais Maçônicos.

210 Loc. cit. 6. p. 67 a 69.

Microcosmo que é o verdadeiro Templo de Salomão, o Corpo Humano, que sinaliza a "construção" interior, o luzeiro íntimo da alma. Igualmente, são exibidos muitos outros objetos relacionados com o ofício de construtor, propostos para estudo, do que se conclui que há múltiplas maneiras de se obter o aprendizado.

Aqui, portanto, é o lugar onde se busca e se encontra a luz e, por dependência, é apresentada uma pedra bruta para desbastar, que, alegoricamente, é para se obter o conhecimento transcendente, que faz retornar para dentro de si mesmo, elevando o espírito, até conseguir a iluminação.

Antes de o Venerável declarar, com firmeza, faça-se a luz, na Iniciação ocorrem várias ações que se caracterizam nos seguintes símbolos:

As vendas simbolizam o dever de aguçar todos os demais sentidos: sentir e ouvir, principalmente. As vendas são o emblema das trevas em que vive a alma e, por isso, a busca do conhecimento, da Luz. E só se consegue isso deixando de lado as ideias que perturbam. É preciso mudar, pois, a maneira de pensar, a parte que recebe as sensações externas, e a conduta.

A Câmara de Reflexão guia o pensamento do candidato para as obrigações que tem para com Deus, com a Pátria, com a Família, com o Semelhante e Consigo mesmo.

A Postura do Galo, em posição de canto, simboliza a vigilância, o dever de estar sempre altivo e atento em combater as injustiças, a ignorância e o fanatismo. Além de elogiar as boas ações.

A Cena da Traição ensina o dever de ter integridade de caráter, fidelidade aos verdadeiros objetivos, honestidade no trato com as coisas e as pessoas, sob pena de pesar na consciência e na paz de espírito.

A Câmara Ardente é o local onde se encerra a cena da traição, na qual o candidato é desvendado e se depara com a cabeça do traidor exposta num recipiente fúnebre, instante em que são feitas as advertências, quanto à hipótese de se tornar perjuro.

As provas. A primeira viagem representa a vida humana comum envolvida em tumulto das paixões e os obstáculos que se apresentam em nossa evolução material e espiritual. A segunda viagem está relacionada com os valores morais e éticos da vida; representa a importância de

persistir no Caminho da Virtude. A terceira viagem simboliza o espírito ou a alma, ao aspecto divino do homem, simboliza a persistência do caminho do justo.

Assim, o axioma bíblico *Faça-se a Luz*[211] somente poderá ocorrer se houver *a comunicação da luz divina à alma, pelo que a inteligência se torna capaz de atingir um conhecimento verdadeiro*.[212] Quando isso acontecer, chegaremos ao discernimento, dominamos as paixões, eliminamos os vícios e aperfeiçoamos o espírito.

O conceito propício à maior parte dos fins Maçônicos, portanto, resume-se no aforismo que impõe *fugir do vício e praticar a virtude*.[213] Em outras palavras, o ensinamento Maçônico consiste apenas na sabedoria que consegue distinguir o que é preciso destruir e o que é preciso construir.

[211] Loc. cit. 8. Gênesis 1:3.

[212] Loc. cit. 36. A Iluminação. Segundo Santo Agostinho.

[213] Loc. cit. 29. p. 97 e 42, p. 48.